

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Rafael Candeloro Campoi

PATERNIDADES: perspectiva sócio-histórica e expressões em mídias sociais

Mestrado em Serviço Social

São Paulo
2022

Rafael Candeloro Campoi

PATERNIDADES: perspectiva sócio-histórica e expressões em mídias sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Serviço Social**, sob a orientação da Professora Doutora **Eunice Teresinha Fávero**.

São Paulo

2022

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

R136 Campoi, Rafael Candeloro
 PATERNIDADES: perspectiva sócio-histórica e
 expressões em mídias sociais / RafaelCandeloro
 Campoi. -- São Paulo: [s.n.], 2022.
 182p ; cm.

 Orientador: Eunice Teresinha Fávero.
 Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
 Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
 Graduados em Serviço Social.

 1. PATRIARCADO. 2. GÊNERO. 3. MASCULINIDADES. 4.
 PATERNIDADES. I. Fávero, Eunice Teresinha. II.
 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
 Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social.
 III. Título.

CDD

BANCA EXAMINADORA

Dra. Eunice Teresinha Fávero (orientadora)_____

Dra. Graziela Acquaviva Pavez_____

Dr. Benedito Medrado Dantas_____

Dra. Alberta Emilia D de Goes (Suplente)_____

Dra. Carola Carbajal Arregui (Suplente)_____

À possibilidade de ampliar as brechas através das quais o Patriarcado (abraçado ao Capitalismo) vai ruir .

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento
Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) código de financiamento
nº.88887.498988/2020-00

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimento é enorme, e foi uma construção vagarosa e plena de afeto. Porém, minha memória não conseguiu abarcar todos os que necessariamente deveriam estar aqui – a ausência de alguns nomes não significa a falta na vida. Estas palavras estão marcadas pelas condições temporal e material sob as quais as escrevo e, por isso, há incompletude.

A construção deste breve registro pré-textual da Dissertação, uma formalidade opcional, conta uma história, que se mescla com a minha história pessoal, da minha construção até chegar até aqui. E que se faz no caminhar...

Sou grato pela vida, transmitida a mim, materializada em todos os que me antecederam na transmissão dos genes e da cultura, aos quais minha existência foi arbitrariamente submetida. Ao meu pai, João Célio (*i.m*), e à minha mãe, Carmem Lúcia, minha eterna e profunda gratidão. E à minha irmã, Isabela, pelo exemplo de vida e de caminho dentro da Academia.

Sinto imensa gratidão pela família que escolhi, com quem estou em constante construção e com a qual busco ser uma pessoa melhor. Carol, minha companheira de todos os dias e todas as lutas, além de gratidão, tem o meu amor. E Francisco, fruto e expressão de todas as minhas relações, me ensina a ter esperança. Este trabalho é para vocês e por vocês.

Agradeço à querida Fabiana, por me mostrar e indicar que o caminho rumo ao sonho de fazer o mestrado na PUC-SP era possível. A todos com quem fiz contatos para a realização do Projeto de Pesquisa: Leandro (4-Daddy), Leonardo (Balaio de Pais), Guilherme (Papo de Homem), Camila Pires (@furandoabolha), Ivan JAF (o comunista do meu sótão), Gracielle (minha colega de TJSP e NCA), grupos de pais que participo e com os quais observo e faço discussões interessantes (Paternando e Paternidade Supimpa) e à minha terapeuta, Daniela.

A vida após o ingresso no mestrado revelou que tudo o que se faz é coletivo, especialmente a construção do conhecimento, e da própria pesquisa. O caminho é fluido e os encontros, mesmo que virtuais, foram importantes para construir esta Dissertação. Aos colegas que estiveram junto a mim nas disciplinas e núcleos, minha gratidão. Viver com vocês as experiências “no fundão” do chat das salas virtuais foi muito engraçado, deixou a vida mais leve. Meus especiais

agradecimentos à minha “banca” do NCA (Alberta e Mayara) e aos demais colegas que me ajudaram a crescer: Abigail, as Carlas (Martins e Teodoro), Adeildo, Graci Feitosa, Dilza, Bira, Ana Cláudia, Rose, Jú Brito, Iran, André, Lara, Hilkia, Cris, Vanessa, Anna e Anne... Aos professores das Bancas de qualificação e defesa, professora Graziela e professor Benedito.

Aos entrevistados, sujeitos da minha pesquisa, gratidão pelo esforço de divulgar as experiências das diversas paternidades. À(o)s podcasters e toda equipe dos podcasts Mamilos e MEMOH.

À Georgia Oliveira, quem teve o trabalho de revisar todo o trabalho, e Jovana Cestille, pelo trabalho de transcrição.

A todas/os as/os professoras/es do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, especialmente àqueles com quem pude estar nas disciplinas e núcleos nos quais me matriculei — Dirce Koga, Ademir Silva, Maria Lúcia Martinelli, Carola Arregui, Maria Lúcia Barroco, Maria Carmelita Yasbek, Maria Beatriz Abramides, Antonio Carlos Mazzeo e Eunice Fávero. Caminhar, conversar e aprender com vocês todos foi como um sonho, daqueles construídos a partir dos devaneios ocorridos entre uma página e outra dos livros e textos lidos durante a graduação e após ela. Faço uma especial homenagem à Dirce Koga, a professora do sorriso mais aberto, lindo e cativante que cruzei.

Obrigado às instituições que me apoiaram nesse incursão dentro da Academia: Ao TJSP, na pessoa de seus presidentes e dos/a juízes/a de minha Comarca, pela liberação para participar das atividades presenciais, quando ainda aconteciam, e para permanecer nas atividades remotas. E à CAPES, pela Bolsa Parcial de Financiamento de minha Pesquisa.

Não seria possível passar pelo mestrado com tanto orgulho e prazer se não fosse dando a mão e seguindo em frente com Eunice Fávero, minha orientadora. O processo foi menos solitário e menos difícil ao lado dela. Minha admiração por sua trajetória remonta aos textos e livros estudados na graduação em Serviço Social na UNESPAR/FECEA, mas mais profundamente ao meu caminho profissional dentro do judiciário paulista, espaço que ela conhece bem, por ter trabalhado e pesquisado nele. Ter sido selecionado para estar com ela como orientando foi um presente, daqueles que se brilha os olhos ao receber e se leva para a vida toda.

*A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais
Amar e mudar as coisas me interessa mais*

(Belchior, 1976. Alucinação)

*Qualquer pessoa que se recusa a assumir
responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria
ter crianças, e é preciso proibi-las de tomar parte
em sua educação*

(Hannah Arendt, 2001, 239)

RESUMO

CAMPOI, Rafael Candeloro. **PATERNIDADES:** perspectiva sócio-histórica e expressões em mídias sociais.

O presente trabalho analisa as paternidades na perspectiva sócio-histórica, utilizando o referencial da teoria crítica e tendo como base empírica o discurso produzido sobre paternidades em podcasts. Sustentado em pesquisa bibliográfica, apresenta as paternidades como sendo construídas social e historicamente e, por isso, vinculadas a questões de gerações, sexo/gênero, raça/etnia e classe social, as quais atravessam diferentes instituições. Com o objetivo de (re)conhecer o debate sobre as paternidades nas mídias contemporâneas, utilizou-se como campo de pesquisa o podcast, por ser um universo discursivo potente de análise para diversas áreas do conhecimento. Foram selecionados quatro episódios dos podcasts Mamilos e MEMOH, cuja seleção partiu de critérios fundados na PodPesquisa de 2019 — a partir da qual traçou-se o perfil do ouvinte de podcast no Brasil. Do universo de podcasts existentes no país destacam-se aqueles que são voltados para o público paterno, dentre os quais quatro foram selecionados, e cujos produtores foram entrevistados com o intuito de traçar o perfil de quem produz podcasts voltados para pais. Os principais achados da pesquisa evidenciam que (1) o debate sobre paternidades se insere na perspectiva da necessidade de se estabelecer outras relações — não mais aquelas fundadas na desigualdade e opressão; (2) que as parentalidades não são desconectadas das relações sociais e econômicas, de modo que qualquer mudança não virá de iniciativas individuais, ou de um despertar coletivo espontâneo para novos comportamentos; e (3) que as reflexões sobre paternidades encontradas na pesquisa evidenciam a existência de um modelo de homem-pai que, apesar de ainda estar em vigência, sua reprodução não se sustenta na atualidade. E, por fim, esta pesquisa traz a marca da originalidade por inserir o campo da pesquisa, os podcasts, bem como outro viés de discussão sobre paternidades — não mais aquelas que evidenciam apenas a ausência paterna — no arcabouço de produções acadêmicas do Serviço Social, com vistas a incentivar que as/os assistentes sociais repensem suas práticas cotidianas quando atuam com relações parentais.

Palavras-chave: PATRIARCADO; GÊNERO; MASCULINIDADES; PATERNIDADES.

ABSTRACT

CAMPOI, Rafael Candeloro. **PATERNITIES:** socio-historical perspective and expressions in social media.

The present work analyzes paternity from a socio-historical perspective, using the framework of critical theory and having as an empirical basis the discourse produced on paternity in podcasts. Based on bibliographic research, it presents paternity as being socially and historically constructed and, therefore, linked to issues of generations, sex/gender, race/ethnicity and social class, which cross different institutions. In order to (re)cognize the debate about paternity in contemporary media, the podcast was used as a research field, because it is a powerful discursive universe of analysis for several areas of knowledge. Four episodes of the podcasts Mamilos and MEMOH were selected, whose selection was based on criteria based on the PodPesquisa 2019 — from which the profile of the podcast listener in Brazil was traced. From the universe of podcasts existing in the country, those that are aimed at the paternal audience stand out, among which four were selected, and whose producers were interviewed in order to outline the profile of those who produce podcasts aimed at fathers. The main findings of the research show that (1) the debate on paternity is part of the perspective of the need to establish other relationships — no longer those based on inequality and oppression; (2) that parenting is not disconnected from social and economic relationships, so that any change will not come from individual initiatives, or from a spontaneous collective awakening to new behaviors; and (3) that the reflections on paternity found in the research evidence the existence of a man-father model that, despite still being in force, its reproduction is not supported today. And, finally, this research brings the mark of originality by inserting the field of research, podcasts, as well as another bias of discussion about paternity - no longer those that evidence only the paternal absence - in the framework of academic productions of Social Work, with a view to encouraging social workers to rethink their daily practices when working with parental relationships.

Keywords: PATRIARCHY; GENDER; MASCULINITIES; PATERNITIES.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Imagem dos podcasts selecionados	99
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 — Total de Computadores em Uso o Brasil	88
Gráfico 02 — Porcentagem de Dispositivos por habitante	89
Gráfico 03 — Faixa Etária dos ouvintes de podcast	95
Gráfico 04 — Escolaridade dos ouvintes de podcast	96
Gráfico 05 — Renda mensal dos ouvintes de podcast	96
Gráfico 06 — Raça/etnia dos ouvintes de podcast	97
Gráfico 07 — Estado civil dos ouvintes de podcast	97
Gráfico 08 — Modo de inserção dos ouvintes de podcast no trabalho	98
Gráfico 09 — Região do país em que os ouvintes de podcast vivem	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 — Perfis de Instagram com tema “paternidade”	80
Quadro 02 — Podcasts sobre paternidade no Brasil	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 — Acesso à internet nos domicílios brasileiros	90
Tabela 02 — Ouvintes de podcasts conforme sexo/gênero	95
Tabela 03 — Dados sobre os podcasts voltados para pais	104
Tabela 04 — Participantes dos podcasts selecionados e referência ao episódio	108
Tabela 05 — Perfil dos produtores dos podcast selecionados	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
ABPod	Associação Brasileira de Podcasters
CBN	Central Brasileira de Notícias
CETIC	CETIC
CF88	Constituição Federal Brasileira de 1988
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBTQIA+	Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual e mais
MP3	MPEG Layer 3
NCA/SGD	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre crianças e Adolescentes - ênfase no Sistema de Garantia de Direitos
ONU	Organização das Nações Unidas
PEPGSS	Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SMS	Short Message Service (mensagens de texto via serviço telefônico)
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Apresentando o itinerário de nossa pesquisa	23
CAPÍTULO 1. PATERNIDADES: PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA	33
1.1. A construção sócio-histórica das paternidades	33
1.2. Aproximações da perspectiva ontológica do ser social com a temática	38
1.3. Da importância de (ou: é preciso) tratar sobre família e patriarcado	41
1.4. Patriarcado, Capitalismo e como ambos interagem para prejudicar as mulheres	49
1.5. Um pouco mais sobre a luta de mulheres e feminista (e os homens com isso?)	55
1.6. A perspectiva de gênero (Ou: As relações sociais de sexo)	61
1.7. A discussão sobre as Masculinidades	67
1.8. O debate sobre paternidades (nas mídias sociais)	70
CAPÍTULO 2. A MÍDIA PODCAST: PODQUÊ?!?!?	86
2.1. O contexto de avanço da internet	86
2.2. Um pouco da história: uma mídia eminentemente contemporânea	90
2.2.1. O perfil do ouvinte de podcast, conforme a PodPesquisa de 2019	93
2.3. Podcasts e produção de conteúdo sobre paternidades	98
2.3.1. Episódios: Mamilos #36 e #209 e MEMOH#18	100
2.3.2. Podcasts: Entre Fraldas, Paizinho Vírgula, AfroPai e Balaio de Pais	100
2.4. Reflexões sobre a mídia Podcast	104
CAPÍTULO 3. O DEBATE SOBRE PATERNIDADES EM MÍDIAS PODCAST	106
3.1. Paternidades/Masculinidades	107
3.2. Relações sociais de sexo/gênero	114
3.3. Cuidado/Afeto	117
3.4. Relações entre gerações	121
3.5. Raça/etnia	125
3.6. Políticas sociais/Sociedade	128
3.7. Violência	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	153
APÊNDICE A — LIVRO DE CÓDIGOS	155
APÊNDICE B — LISTA DE EPISÓDIOS DOS PODCASTS VOLTADOS PARA PAIS	156
ANEXO A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	164
ANEXO B — PARECER — COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC–SP	166

INTRODUÇÃO

*A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.*

(O Guardador de Rebanhos, Alberto Caeiro - Fernando Pessoa, domínio público)¹

Esta parte do trabalho acadêmico, o elemento textual que é conhecido como a Introdução, tem um papel extremamente importante pelo fato de dizer sobre o trabalho inteiro, realizando a tentativa de cativar o/a leitor/a e explicar como estão dispostos a reflexão e o estudo ora apresentado. Não é à toa que sua redação é feita ao final de todo o percurso — trata-se daquele esforço do autor de se afastar um pouco, ver a obra e admirar o que foi feito.

É semelhante a uma visão panorâmica de uma viagem atemporal, pois suspendemos a realidade, olhamos tudo de cima e vamos de mãos dadas (“uma mão a mim e a outra a tudo que houver”) com o/a leitor/a apontando para os detalhes daquilo que fizemos.

Você, leitor/a, esse/a (des)conhecido/a que tem interesses em ler este trabalho, é meu/minha² parceiro/a nessa viagem, que é minha e é sua. Diversos motivos se abraçam neste nosso encontro, e nós nos abraçamos também, nos acolhemos mutuamente e nos abrimos para o novo desta relação que se inicia (se é que já não existia antes — e, assim sendo, se fortalecerá).

Nesta caminhada, à semelhança daquelas "peripatéticas" gregas, andamos acompanhados de (e orientados por) Eunice Fávero, que dedicou seu tempo e conhecimentos para construirmos juntos/as a materialização desta Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia

¹ Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=15723>

Acesso em 27 mar 2022.

² O/A leitor/a verá que nesta parte do trabalho, e também nas Considerações Finais, faremos uso intencional da primeira pessoa do singular, quando quisermos demonstrar proximidade com o/a leitor/a, ou para tratarmos de temas eminentemente pessoais — pois o uso da primeira pessoa do plural ou de conjugações impessoais não dão conta de expressar o que queremos.

Universidade Católica de São Paulo — PEPGSS/PUCSP. Programa tão importante que dispensa apresentações.

Percebe que não estamos sozinhos nessa travessia? Não sou só eu, a orientadora e o/a leitor/a, somos nós em união com os que nos povoam. Este trabalho é povoado de muitos e busca povoar também.

Ei, Povoada é um-um nome curioso né?
 Porque a gente sempre fala de Povoada
 Em relação à Terra né? A Terra é povoada
 Mas, também sou terra. A gente também é terra de povoar
 “Deus te ajuda. Deus te ajude e te livre do mal
 Te desejo tudo de bom, viu ‘fia’? (Povoada!)
 Eu sou uma, mas não sou só, minha ‘fia’”
 Povoada. Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus. Sou uma mas não sou só
 Povoada. Quem falou que eu ando só?
 Tenho em mim mais de muitos. Sou uma mas não sou só
 Povoada. Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus. Sou uma mas não sou só
 Povoada. Quem falou que eu ando só?
 Tenho em mim mais de muitos (...)
 Eu sou uma, mas não sou só, ‘mermo’!
 (Povoada, Sued Nunes, 2021)

Então vamos todos, "por todas as nossas relações" (mitakuye oyasin³). Fazendo novas relações, novas ligações (sinápticas, afetivas e de vida). O tema discutido em todo o trabalho — paternidades — carrega essa carga das relações, pois trata sobre o passado (o pai que tive), o presente (o pai que sou) e o futuro (a/s criança/s).

Assim, para mim, a paternidade na “modalidade participativa” me parece tão óbvia agora que sou pai do Francisco, que se assemelha a uma espécie de caminho compreendido como certo e único — porém difícil de trilhar, como toda e qualquer parentalidade. Mas nem sempre entendi desse modo.

Quando passei pela infância e adolescência, ou seja, naquele tempo em que ainda nem se pensa em parentalidade, o caminho que trilharia no futuro parecia ter a paternidade como parte de um pacote, incluso uma esposa amorosa, um trabalho digno, uma casa e, como um bom telespectador, um carro do ano. E isso tudo eu imaginava que seria conquistado através de alguma forma que eu relutava (ou não estava preparado) em pensar.

³ Expressão dos Lakota, povo originário na América do Norte, que designa que "somos aparentados com tudo que existe".

Na adolescência mais consolidada, após passar pelos perrengues básicos da revolta, das aventuras desvairadas e dos atos inconsequentes, a rebeldia deu lugar à (ou se transformou em) entrega total ao mundo religioso, franciscano-capuchinho. Então nem pensava em paternidade, afinal os votos da vida religiosa (dentre os quais estava o de castidade) não me possibilitariam vivenciar a paternidade da forma que estou pesquisando.

Foi um período bastante profícuo no trabalho interior — psicológico mesmo — sobre o exemplo de paternidade que recebi de meu pai, e para uma verdadeira aceitação do pai que tive. Em certos aspectos, este não se enquadrava no "modelo" vigente de pai, e, na verdade, muito do que eu sou hoje, enquanto pai, tem tantas características do pai que tive quantas eu tento aceitar.

Pensar sobre o tema paternidade, já dentro da relação conjugal com a Carol, passou a acontecer à medida que ela foi sendo planejada, trazendo junto consigo medos, incertezas, anseios, inseguranças e muitos outros elementos, misturando real e ideal, objetivo e subjetivo. Mas tudo isso vira nada quando estamos diante da grandeza do exercício da paternidade/parentalidade, independentemente de que circunstâncias ela acontece, pois há algo de geral nela, que é a vida gerada e que dependerá de outrem para sobreviver e viver.

No meu caso, existiu a construção de uma paternidade desejada, querida, preparada (em termos materiais) e planejada, e que veio a se materializar numa família nuclear.

Atribuo isso a um acordo realizado de diversas formas, claras e veladas, com Carol, e sei que essa não é a realidade de todas as pessoas que possuem filhos. Porém, isso não me impede de refletir sobre o assunto, ao contrário, me instiga ainda mais. Tanto a minha formação profissional como a minha esposa foram influências para que a reflexão passasse, inclusive, pelo viés do feminismo, e também destaco a figura de minha irmã que desde minha adolescência é uma referência para mim nesse assunto.

Quando ser pai passou a ser uma realidade em minha vida, realizei buscas e contatos para obter informações sobre como exercer uma paternidade que condissesse com o que penso ser a adequada (e de como resolver coisas práticas, como trocar fraldas ou dar banho num bebê recém-nascido). E encontrei mais

opções que imaginei existir e menos do que acredito que a sociedade precisa. Logo adentrei numa espécie de “bolha”, junto a outras pessoas que se identificam com a ideia de que ser pai exige muito mais do que é cobrado dos homens — aquela cobrança de apenas gerar filhos e deixar para outros (geralmente à genitora, mas também às avós, tias etc.) a maior parte da responsabilidade pela educação, formação, afeto, atenção e cuidado.

Nesse processo fui percebendo, reconhecendo e admitindo que sofri muita influência do pai que tive, pois, como é “normal”, foi dele a figura paterna com que convivi. Meu pai foi fruto de sua época e poderia se caracterizar como um pai não muito participativo em alguns aspectos — especialmente aqueles determinados pelo seu transtorno bipolar, porém, em razão dela, após sua aposentadoria ele pode ficar mais tempo em casa, mais presente na vida dos filhos e nos afazeres domésticos. Da mesma forma que a sua doença, o convívio com ele também foi dicotômico.

E isso, juntamente com as vivências que tive em momentos diversos (como quando saí de casa para a vida religiosa, a faculdade e o casamento), possibilitou a maleabilidade que tive para seguir o caminho que sigo. É como se eu tivesse a oportunidade de ver/viver muitas opções e poder escolher aquela que eu quisesse, sofrendo influências de todas, com maior ou menor força, a depender (ora mais, ora menos) do que escolho. Nessas horas sou pego por uma apreensão de estar perseguindo um ideal inalcançável, porém vivendo o que Judith Butler (2019, p. 216) fala sobre nossos corpos serem “uma *materialização* contínua e incessante de possibilidades” (grifo da autora).

E então, o ingresso na bolha dos pais que querem ser mais participativos na vida dos filhos só mostrou como é contraditório o processo de construção dessa modalidade de paternidade que se pretende participativa. Pois as influências são diversas, tanto da sociedade como um todo⁴, como dos pais que tivemos e, ainda, das/os companheiras/os que temos. E, diante disso, não consigo vislumbrar outra forma de ser no mundo. E enquanto eu puder optar por ser assim ou aceitar sofrer essas influências que considero positivas, pretendo agir neste sentido da existência.

⁴ Por um lado, não se espera e não se cobra dos pais tanto quanto se espera ou se cobra das mães, mas, por outro lado, quando um homem é pego trocando a fralda do filho, é elogiado (às vezes com o título de Pai Ativo), e tal elogio às vezes se transforma em uma crítica à mãe que não trocou a fralda da criança.

Daí entramos na discussão sobre a paternidade adjetivada como participativa, questão bastante polêmica, que carrega a contradição que explicitamos nesta Dissertação. A paternidade já foi adjetivada de diversas formas, e nosso contato com elas se deu nos conteúdos de alguns podcasts que acompanhamos. Nasce, assim, o projeto de nossa pesquisa que ora tornamos pública. E isso ocorre num momento crucial para evidenciar novos jeitos e formas de ser pai, pois a tônica atual (na realidade brasileira e em alguns lugares do mundo) é de justamente reforçar o modelo de homem-pai-tradicional, haja vista a existência da figura que ocupa a presidência da nossa república, que defende e representa o escárnio contra as mulheres, a violência armada etc., mesmo que dentro de uma relação de presença na vida dos próprios filhos.

A proposta desta pesquisa é a de (re)conhecer o debate sobre paternidades nas mídias contemporâneas. Para tanto, foi necessário apreender o objeto da pesquisa a partir de sua construção social e histórica, alicerçada em categorias teóricas como patriarcado, relações sociais de sexo/gênero/classe/raça/etnia, feminismo, masculinidades e paternidades.

Buscamos (1) evidenciar que o exercício da paternidade/parentalidade pode se configurar como uma oportunidade privilegiada tanto para a reprodução da dinâmica patriarcalista/machista/racista vigente quanto para a sua superação; e (2) conhecer as diversas transformações socioculturais no sentido de uma igualdade nas relações de sexo/gênero (conquistas importantes dos movimentos feministas ao redor do mundo), que também repercutem na forma de agir de muitos homens, dentre os quais aqueles que se tornam pais (biológicos, adotivos, afetivos, solo etc.), de modo que tais repercussões reverberam na possibilidade de um exercício da paternidade que não seja moldada pelas práticas patriarcalistas.

Falar em paternidades, no plural, é reafirmar, em conjunto com os debates sobre masculinidades, que na discussão sobre parentalidade, e em seu exercício, não há um modelo único de pai. Assim, a paternidade dita “tradicional” é compreendida neste trabalho como aquela com demarcações rígidas de atuação ou comportamento no âmbito do cuidado da prole, e também da casa/do lar. Tais demarcações são determinadas pelas relações sociais construídas em bases

patriarcalistas e machistas, ou seja, nos ditames que definem o que é papel de/do homem e de/da mulher no âmbito doméstico e familiar.

Partindo do pressuposto de que nenhuma pesquisa é neutra (MINAYO, 2019, p. 13), acredita-se que tais questões precisam ser consideradas e analisadas, de modo a, inclusive, servir de fundamento para novas ações (políticas, inclusive), que conduzam ao rompimento da bolha⁵, auxiliando para a superação do modelo tradicional, patriarcal e machista de masculinidade e conseqüentemente⁶ de paternidade. De modo que, com o avanço societário, no futuro, adjetivar a paternidade (de ativa, participativa, responsável, dentre outros adjetivos) já não terá mais sentido.

Como objetivos específicos desta pesquisa, utilizando da Teoria Crítica como fundamento metodológico, queremos (1) contribuir para o registro e sistematização de dados, bem como com reflexões sobre a mídia podcast no Brasil; (2) apresentar as paternidades na perspectiva de que são frutos da construção social e histórica, compreendendo as influências que lhes moldaram para serem como são na contemporaneidade; (3) analisar e compreender quais as características do debate sobre paternidades na mídia podcast; e, por fim, considerando nossa inserção profissional e acadêmica, (4) contribuir com o debate sobre a temática nos meios acadêmico e profissional do Serviço Social.

Apresentando o itinerário de nossa pesquisa

É importante, neste momento do trabalho, apresentar ao/à leitor/a o itinerário percorrido na construção de nossa pesquisa. Isso servirá de pano de fundo para o entendimento de nosso processo, desde o anteprojeto até o projeto.

A base sobre a qual se iniciou a construção do anteprojeto que iria passar pelo crivo da banca de avaliação do PEPGSS/PUCSP foi a inquietação pessoal em

⁵ Justificamos o uso do termo pois, em muitos ambientes, virtuais inclusive, o exercício de uma paternidade menos machista, patriarcalista e tradicional, e mais participativa, é visto como uma prática restrita a grupos limitados, de “nicho”, ou seja, o termo revela a dimensão limitada desse exercício.

⁶ O uso do advérbio conectivo “conseqüentemente” remete à importância de pensarmos na dimensão estrutural do patriarcado enquanto sistema, sendo o padrão de masculinidade ditado por este sistema, e a paternidade e o papel dos homens na família, definido a partir desse modelo de masculinidade, por ser apenas uma de suas dimensões na sociedade.

relação à realidade vivenciada no exercício da parentalidade a partir de experiências pessoais e coletivas de homens-pais exercendo (chamados a exercer) e refletindo sobre o cuidado de seus filhos. A inquietação brotou de nossas reflexões pessoais, mas também a partir do contato com podcasts que promoviam essas reflexões. E estas colocam em evidência o fato de que há limites socialmente impostos no cotidiano para o exercício do cuidado de filhos de forma equitativa entre os envolvidos na relação de cuidado.

Então, o caminho partiu do processo de estudo e identificação da literatura, para estruturar a referenciação teórica abordada na pesquisa, através de leituras que possibilitaram a construção do conhecimento sobre a temática das paternidades — sempre através de aproximações sucessivas. Esse caminho foi percorrido durante todo trabalho de pesquisa e escrita da dissertação.

O mergulho na bibliografia possibilitou apropriarmo-nos da matriz conceitual, o que nos permitiu entender que a noção e exercício da paternidade é uma construção social e histórica que acompanha o desenvolvimento da humanidade, e que hoje sofre e promove influências diversas — a ponto de se verificar na realidade material (na vida cotidiana) o fenômeno de homens-pais que intentam, agem e promovem/divulgam uma participação mais efetiva nas atividades de cuidado dos filhos e, por extensão e conseqüentemente, de cunho doméstico, na perspectiva da divisão dos afazeres que historicamente foram relegados às mulheres.

Uma aproximação importante com o objeto da pesquisa, que foi se moldando durante os percursos acadêmico e formativo, ocorreu através das pesquisas realizadas sobre o tema paternidades no âmbito da produção acadêmica no interior do Serviço Social. Produções acadêmicas auxiliam a categoria profissional na construção de seu embasamento teórico-metodológico sobre os assuntos nelas discutidos, mas nessa fase de nossa pesquisa evidenciou-se que muito pouco se produz sobre o tema paternidades no interior da profissão.

A escassez de material e discussão acadêmicos sobre paternidades (portanto, uma limitação no âmbito da dimensão teórico-metodológica que envolve o assunto) pode refletir negativamente na dimensão técnico-operativa, quando, no cotidiano profissional, durante os atendimentos a homens-pais, assistentes sociais podem encontrar dificuldades em aplicar um direcionamento ético-político que esteja

de acordo com os preceitos do posicionamento hegemônico assumido pela categoria profissional.

Esse itinerário de aproximação com o objeto da pesquisa remeteu diretamente às discussões sobre as categorias: patriarcado, família, relações sociais de sexo/gênero/raça/classe⁷ (interseccionalidades), masculinidades e da própria paternidade participativa como um fenômeno que não se esgota em si mesmo, mas sim, é resultado de uma construção que envolve as demais categorias e se retroalimenta delas.

A participação nas disciplinas selecionadas foi de uma importância ímpar para o andamento da pesquisa e para o direcionamento dado à produção do trabalho, possibilitando o abandono de ideias e discussões teóricas que serviriam mais para embaralhar do que elucidar as reflexões produzidas. Isso tudo embalado pela colocação do trabalho à prova no NCA-SGD e nos momentos de apresentação do projeto de pesquisa no início de cada disciplina. À guisa de autoavaliação, temos ciência dos resquícios de uma formação conservadora e de uma visão idealista da realidade, cujas manifestações muitas vezes escaparam nas entrelinhas da escrita deste trabalho, e que revelam mais a dinâmica de nosso crescimento do que a concordância com certos padrões (patriarcais, machistas, misóginos, classistas, racistas, religiosos etc.) ainda vigentes na sociedade.

A missão de ir além das aparências fenomênicas e evidentes (NETTO, 2011) do debate sobre paternidades, buscando a apreensão da sua essência a partir de sua existência objetiva na mídia podcast, foi perseguida com muito afinho.

No meio do caminho encontramos o material a ser pesquisado, mas precisamos evidenciar que o uso de podcasts como campo de pesquisa é marcado pelo teor da originalidade, especialmente quando usado para pesquisar sobre o tema escolhido e, principalmente, no Serviço Social. Por vezes, isso dificultou a sua construção, pois o caminho era traçado/trilhado a cada passo dado. Em diversos momentos nos pegamos realizando tentativas de justificar seu uso e, por vezes, isso

⁷ Cisne (2018, p. 226) sugere pensar estas relações como um “‘novo’ dialético”, pois o racismo, o patriarcalismo e a opressão sobre as mulheres estão engendrados na lógica do capitalismo, em seu “modo de produção e se espriam no campo da ideologia, da cultura, dos valores, de tal forma que mesmo no interior da classe ou em segmentos da esquerda há relações de poder e privilégios para uns em detrimento de outras(os)”.

dificultou o estabelecimento de reflexões mais críticas sobre a própria mídia e sobre o debate realizado nela.

Nossa aproximação com a mídia se deu, sempre, como ouvinte — daqueles com perfil bastante assíduo, diga-se. Acompanhamos o chamamento e a realização da PodPesquisa de 2019, e, inclusive, a respondemos. Devido ao nosso perfil de ouvinte e dos temas de nosso interesse, já tínhamos ouvido os episódios selecionados para este trabalho.

O processo de escolha dos podcasts, inclusive o processo de delimitar os critérios para esta escolha, possibilitou construir o conhecimento apresentado no Capítulo 2 deste trabalho.

A seleção dos episódios que falam sobre paternidades em podcasts que não são “voltados para pais” se deu a partir da lista dos podcasts mais mencionados na PodPesquisa 2019. Trata-se de uma planilha (arquivo de Excel), contendo os resultados da pesquisa, cujos dados são separados a partir das respostas às perguntas feitas. Um dos dados da pesquisa é o da quantidade de menções aos podcasts que os respondentes ouvem, e foram ranqueados dos mais ouvidos/mencionados aos menos ouvidos/mencionados.

Depois, foi possível realizar buscas no site dos podcasts que estão entre os 20 mais citados, ou por meio de um agregador⁸. Dentre estes vinte, apenas o Mamilos⁹ produziu (até a data de corte da pesquisa) episódios que falam sobre paternidades. Para facilitar o trabalho de definição do/s outro/s podcast/s que tratou/ram sobre paternidades, sem ter que repetir o procedimento realizado entre os 20 melhores ranqueados, realizamos uma pesquisa no agregador Castbox pelo descritor “paternidade”. Com isso, foi possível realizar o levantamento de quais estavam referenciados na PodPesquisa 2019, de modo que o MEMOH¹⁰ se

⁸ Trata-se de um aplicativo de celular (dentro uma infinidade) que armazena e disponibiliza os podcasts para serem ouvidos em streaming ou para serem baixados e ouvidos no modo offline. Isso é possível pois cada podcast possui seu feed próprio, e estes possibilitam que os agregadores ou sites “busquem” os feeds dos episódios dos programas assim que são liberados pelos seus produtores.

⁹ Este podcast é o 3º mais citado pelos ouvintes de podcast que participaram da PodPesquisa 2019 (com 3848 citações), e os episódios que tratam da temática são o de número 36, produzido em 28 de agosto de 2015, e do número 209, de 09 de agosto de 2019. <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-36-nova-paternidade/?highlight=paternidade>> e <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-209-homem-pai/>> Até 11 de novembro de 2020 o Mamilos Podcast produziu 275 episódios oficiais.

¹⁰ Este podcast tem a temática voltada para a discussão das masculinidades, foi o 204º mais citado (132 citações) na PodPesquisa 2019, e o episódio sobre paternidades foi dividido em duas

apresentou na melhor colocação entre os mais citados e que produziram episódio sobre paternidades.

Para ampliar o escopo das possibilidades, realizamos uma busca no Google pela frase “podcasts que falam sobre paternidade”, e curiosamente o site “eu amo podcast”¹¹ publicou, em 10 de agosto de 2018, uma lista de podcasts e episódios sobre paternidades (e também sobre maternidade). Em sua lista apareciam outros dois episódios de podcasts melhores ranqueados, mas que não foram selecionados em nossa pesquisa por terem descontinuado sua programação. Outro podcast dessa lista é o “Sem Choro”, que não aparece nas pesquisas realizadas pelo descritor paternidade (tanto no Castbox como no Spotify).

Assim, foram escolhidos os seguintes episódios: “A Nova Paternidade” e “O Homem Pai”, do Mamilos Podcast; e “Paternidades” (dividido em duas partes), do MEMOH. A seleção foi realizada em 11 de novembro de 2020, seguindo o critério da relevância¹², cuja referência é alicerçada no *ranking* de menções a podcasts da PodPesquisa 2019.

Definidos os episódios cujos conteúdos serviriam de campo de análise, passou-se para a sua transcrição, realizada por uma colega assistente social que presta este tipo de serviço. Do conteúdo transcrito foram retiradas da base de análise as partes nas quais as *hostes* do Mamilos fazem leitura de e-mails recebidos ou mandam beijos/saudações para os ouvintes. Obtivemos um material muito significativo para ser analisado.

O destaque vai para o Mamilos, por todo o seu potencial e solidez dentro da mídia, pois é um podcast que tem alcançado espaços em outras mídias, como as propagandas que são veiculadas na TV aberta (Rede Globo), quando da divulgação dos podcasts da plataforma Globo Play. As duas *hostes* do Mamilos também foram garotas propaganda do Spotify em pontos de ônibus e estações de metrô de São Paulo, quando a empresa realizou campanhas publicitárias para cativar ouvintes de podcasts, e não só de músicas. Atualmente esta é a plataforma de streaming mais

partes, publicadas em 25 de agosto e 01 de setembro de 2020. <<https://memoh.com.br/podcast/>> . O MEMOH produziu, até 11 de novembro de 2020, 19 episódios no total.

¹¹ Cf. <<https://euamopodcast.com.br/podcasts-pais-7d388a5fb04f>> Acesso em 11 nov 2020.

¹² A relevância aqui atribuída é medida pelo número de menções realizadas a esses podcasts. No total, foram citados 11841 (onze mil oitocentos e quarenta e um) podcasts, nacionais e internacionais, na PodPesquisa de 2019.

usada pelo público brasileiro para ouvir podcasts — à frente, inclusive, dos agregadores de podcasts.

Tanto o Mamilos como o MEMOH realizam produções de qualidade em relação ao cuidado do áudio, seleção musical e dinâmica dos episódios — aspectos técnicos. No que se refere ao conteúdo produzido, são bem avaliados — não só em relação aos episódios selecionados, mas quanto aos episódios com outras temáticas.

Nesta mesma esteira, precisamos falar sobre a aproximação com podcasts feitos por e voltados para pais. A primeira aproximação foi pragmática, iniciada a partir da confirmação de que nosso filho estava por vir. Era uma relação afetiva (mesmo que distante) com aqueles produtores, que falavam com tanta naturalidade sobre suas paternidades, trocando experiências, suscitando reflexões e, às vezes, ensinando como proceder.

Acompanhamos o surgimento de um dos podcasts selecionados, quando ouvimos o primeiro episódio na semana que foi ao ar. E acompanhamos — após maratona¹³ — dois deles, ouvindo-os tão logo eram disponibilizados no *feed*. Apenas um que não era acompanhado, porém tínhamos ciência de sua existência.

Era necessário criar critérios que justificassem o fato de tratar sobre podcasts criados por e voltados para pais numa pesquisa acadêmica em nível de mestrado, pois não sabíamos qual seria o tamanho do universo da pesquisa. Partimos, então, do pressuposto de que era necessário estar ativo, já que definimos que iríamos fazer algum tipo de contato/entrevista. Outro critério seria o da relevância, porém, por ser uma categoria muito genérica (o que exatamente define que um podcast seja relevante?), optamos pela quantidade de produção, ou seja, que os podcasts seriam selecionados a partir do número de episódios produzidos. E definimos alguns critérios de exclusão, caso o universo fosse muito grande.

¹³ Termo usado para designar o ato de ouvir os episódios mais antigos (às vezes em ordem cronológica) até chegar no último episódio lançado — fazendo, assim, com que a pessoa esteja acompanhando os episódios “em tempo real”, assim que os novos episódios são lançados. A referência à uma maratona (esporte que exige alta resistência física) remete à dificuldade que existe em ouvir, por exemplo, 200 episódios de um podcast que tem duração de uma hora cada.

No item 2.3 (Podcasts e produção de conteúdo sobre paternidades) deste trabalho tratamos sobre o resultado da seleção dos podcasts voltados para pais, de cujos produtores resolvemos nos aproximar um pouco mais.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética (cujo parecer encontra-se no Anexo B), partimos para o momento de entrevista com os produtores dos podcasts voltados para pais. Foram ricos momentos de encontro afetivo, apesar de ter sido realizado de modo remoto, pela plataforma Meet do Google — em dias e horários pré-agendados. Os sujeitos da pesquisa tomaram ciência e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE, cujo modelo encontra-se no Anexo A, para consulta.

O contato com três deles foi fácil e resultou em entrevistas, porém não foi possível entrevistar o responsável pelo podcast Tricô de Pais, em razão de estar vivendo o período de puerpério de seu quarto filho. Negar entrevistas neste contexto, e sob a ótica da participação na vida dos filhos, demonstra ser uma atitude bastante justa e plausível. Acaba, inclusive, concordando com a defesa de uma paternidade que está balizada na presença ativa e efetiva na vida dos filhos.

Para a entrevista com os demais foi elaborado um roteiro composto por um questionário semi-estruturado com perguntas fechadas e também abertas. Tanto o questionário como o TCLE foram encaminhados previamente para os respondentes, para viabilizar que sanassem as dúvidas sobre o Termo, mas também, para buscarem as informações mais objetivas (dados quantitativos) solicitados no questionário.

Após a realização das entrevistas foram feitas as suas transcrições e, então, foram analisadas dentro do referencial teórico escolhido para este trabalho — conforme desenvolvido no Capítulo 1.

No desenvolvimento da pesquisa qualitativa, quando se realiza a análise e interpretação dos dados obtidos, o objetivo não é o de expor opiniões encontradas ou pessoas, mas sim, como afirma Gomes (2019, p. 72), “a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”. Tal assertiva corrobora com o que Minayo diz sobre o tema: “Quando escolhemos a técnica de entrevistas [por exemplo], sabemos que não é possível apreender

fidedignamente as práticas dos sujeitos, mas as narrativas de suas práticas, segundo a visão deste narrador” (2019, p. 45).

Vale esclarecer que, no caso dos episódios de podcasts que falam sobre paternidades, havia um roteiro estabelecido, ideias a serem transmitidas e a exposição de opiniões, bem como das experiências pessoais e familiares. Tudo isso com um direcionamento claro que vai ao encontro do estabelecimento de outras relações intra/interpessoais e societárias — criticando, dentre outros, os modelos “tradicionais” de homens e pais. Nossa análise considerou essa realidade.

Gomes (2019) afirma que o surgimento da técnica de pesquisa conhecida como análise de conteúdo foi fortemente influenciado por princípios do positivismo, pois ela estava voltada para realizar a descrição “objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (p. 75). No entanto, com o desenvolvimento da técnica, a perspectiva crítica foi incorporada, a partir da abordagem qualitativa na análise — o que possibilitou que, por meio “da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (p. 76).

A partir da transcrição dos áudios dos episódios dos podcasts selecionados (Mamilos — A Nova Paternidade e O Homem Pai; e MEMOH — Paternidades I e II), foi possível decompor o registro da mensagem em categorias temáticas — a partir das quais se possibilitou a discussão dos resultados obtidos — bem como realizar inferências a partir do referencial teórico adotado.

A categorização, inicialmente, esteve relacionada aos achados dos estudos bibliográficos realizados no percurso acadêmico em nível de mestrado sobre a construção social e histórica das paternidades e suas determinações: ontologia do ser social, heteropatriarcado, família nuclear monogâmica, relações sociais de classe, de sexo/sexualidade/gênero e de raça/etnia, influência do movimento de mulheres no debate sobre masculinidades e paternidades.

A partir do que Gomes (2019, p. 79–81) estabelece sobre a análise de conteúdo, nosso critério de classificação do conteúdo foi o semântico, que viabilizou a obtenção de categorias temáticas a partir das quais foram realizadas inferências (o “como algo é dito” nos levará a conhecer “o que é dito”) e interpretações, possibilitando atribuir significação ampliada ao conteúdo analisado.

Foram selecionados 180 (cento e oitenta) trechos das entrevistas, classificados em 7 (sete) categorias temáticas: Cuidado/Afeto; Gênero; Paternidades/Masculinidades; Geração anterior; Raça; Políticas públicas/Sociedade; e Violência. Os critérios de inclusão das unidades de registro nessas categorias temáticas estão expostos no Livro de Códigos constante no Apêndice A.

Isto posto, apresentamos no primeiro capítulo os fundamentos teóricos empregados na pesquisa, realizando a explicitação e discussão sobre a construção social e histórica das paternidades, remontando aos primórdios da organização da humanidade — a partir dos estudos sobre o ser social em Lukács e sobre família em Engels. Quando tratamos do desenvolvimento societário, imprimimos relevância a como o patriarcado e o capitalismo se unem para manter e aprofundar as opressões às mulheres (sem deixar de considerar as relações de opressão de raça), bem como explicitamos as lutas das mulheres para combater as opressões. Essa realidade viabilizou o questionamento do lugar das mulheres na vida doméstica e social e, conseqüentemente, dos homens também, por isso, buscamos apresentar conteúdo sobre as masculinidades e também sobre as paternidades.

Depois, o segundo capítulo desenvolve e apresenta o conteúdo sobre as mídias contemporâneas, com o objetivo de tratar especificamente sobre a mídia podcast. Foi possível tratar — brevemente — sobre o avanço da internet no Brasil e compreender como se desenvolveu e como funciona a mídia podcast. A partir da PodPesquisa realizada pela ABPod em 2019, esboçamos o perfil do ouvinte de podcast no país. Então se apresenta os podcasts que são voltados para o público paterno, bem como os podcasts selecionados que fizeram episódios falando sobre paternidades (estes tiveram o conteúdo analisado em nossa pesquisa). O capítulo é finalizado com reflexões sobre a mídia.

O terceiro capítulo finaliza este trabalho com a apresentação dos resultados da discussão e análise do conteúdo dos episódios sobre paternidades selecionados. Na fase da categorização 7 (sete) temas mais apareceram ou se destacaram nos episódios: Cuidado/Afeto; Gênero; Paternidades/Masculinidades; Geração anterior; Raça; Políticas públicas/Sociedade; e Violência. E sobre eles apresentamos algumas discussões a partir do que foi tratado nos episódios.

As considerações finais selam o trabalho, mas abrem espaço para novas e mais aprofundadas discussões sobre todos os temas abordados, pois não se intenta concluir nada (por isso não denominamos a última parte do trabalho de “Conclusão”), afinal, a realidade está em construção. Porém, o horizonte visualizado é bastante claro: superar relações de opressão — as relações parentais precisam superar modelos de opressão, seja as de um sexo pelo outro, de uma geração pela outra, de uma raça por outra, de uma classe por outra etc.

Ao fim e ao cabo, esta pesquisa tratou de muitos assuntos, que tentamos costurar uns nos outros, em tramas tecidas a partir de reflexões teóricas, práticas, objetivas, subjetivas, ontológicas, pessoais, coletivas etc. Algumas tramas conseguiram ser tratadas com mais profundidade, outras não — e, por isso, transformam-se em meadas (para manter a analogia com o mundo da costura) para mais discussões.

Ao falar sobre paternidades nos desafiamos a costurar temas como: o ser social, patriarcado, capitalismo, família, relações sociais de sexo/gênero/raça/etnia/classe/geração, lutas das mulheres, masculinidades, internet, mídias contemporâneas, podcasts, políticas públicas, legislação, cultura, sociedade, ciência, violência, cuidado, afeto e Serviço Social.

Enquanto pai em construção e ouvinte de podcasts, em certa medida, este autor se transmuta em sujeito da pesquisa. E, nesse caminho, o trabalho foi marcado pela contradição de escrever sobre paternidade com viés da participação na vida dos filhos, e ao mesmo tempo estar inserido numa dinâmica em que, por diversos momentos, eu ficava trancado no quarto escrevendo, ouvindo podcasts, lendo livros, participando de aulas, enquanto meu filho — Francisco — crescia dois anos e meio.

Como autor-sujeito, nesta experiência-viagem, busquei aprender com o esforço e a busca por me tornar um ser humano/homem/pai/marido melhor para o Francisco, para a Carol e para o mundo e, a partir disso, apresentar — em forma de dissertação de mestrado — o que encontrei.

CAPÍTULO 1. PATERNIDADES: PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Os homens fazem sua história, mas não em circunstâncias por ele escolhidas.

(Karl Marx)¹⁴

1.1. A construção sócio-histórica das paternidades

Partimos da compreensão, baseada em Marx e Engels, de que a nossa sociedade é histórica, portanto, formada e constituída a partir de elementos que são fruto e resultado de construções sociais, relacionais, políticas, legais, econômicas, culturais etc. e de transformações ocorridas a partir de sociedades anteriores. Nesta perspectiva de leitura marxista da realidade, é importante considerar que todos esses elementos e transformações são marcados por limites e potencialidades. Pois, no desenvolvimento histórico das sociedades se conservam elementos anteriores e estes são desenvolvidos, construindo-se novos e (também) diferentes elementos a partir dos anteriores.

Marx e Engels (1987) explicam os fundamentos desse desenvolvimento dizendo que

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a História, é que os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos (p. 39).

A partir desse movimento da sociedade humana, que diariamente busca desenvolver os meios para a reprodução material de seus membros, é possível perceber os frutos (positivos e negativos) advindos do desenvolvimento da humanidade. Virgínia Fontes (2021) cita as

experiências indígenas e camponesas, por exemplo, como a experiência da possibilidade de uma sociedade ao mesmo tempo igual e diversa, capazes de enfrentar racismos, sexismos etc (...) mas também conserva as piores cicatrizes e as piores feridas abertas que são permanentemente atualizadas pelo Capital como as atrocidades coloniais, o racismo, o sexismo, os genocídios, as formas de devastação da natureza (13m19s).

¹⁴ In: Lukács, 1978, p. 16.

Isso significa que aquilo que está dado no contexto atual é resultado de contextos anteriores, e, por isso, é passível de ser transformado *pari passu* ao desenvolvimento das habilidades humanas, a partir de avanços e retrocessos, como visto acima. Portanto, a sociedade atual — capitalista, com suas práticas e modos de reproduzir-se — não é o ponto final da história da humanidade. Porém, mesmo que sua superação já tenha sido anunciada como necessária já há muito tempo (devido à existência de suas diversas crises cíclicas) para a vida social, o capitalismo¹⁵ pode pôr fim à história da humanidade na medida em que ele sistematicamente destrói a natureza e, por consequência, destrói a possibilidade da reprodução da vida (FONTES, 2021. 15m35s).

Se no evoluir da sociedade atual¹⁶ — que tem suas bases nas transformações primordiais ocorridas no século XIV (acumulação primitiva e revolução industrial) e depois nas revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII — foi possível identificar possibilidades de desenvolvimento com diferentes conotações (com atendimento maior ou menor das demandas da reprodução da vida social), então, é possível um direcionamento diferente do desenvolvimento e da manutenção da vida humana — sempre dimensionando com a sua relação com a Natureza.

Assim, caso o capital não destrua a humanidade e o planeta em que vivemos, é possível mudar o capitalismo. E só fazendo isso é que será possível evitar que ele destrua a humanidade e o planeta, mas tal mudança não ocorrerá usando as mesmas ferramentas e elementos (dentre eles o patriarcalismo, a divisão sexual do trabalho, o machismo, para citar alguns que envolvem as relações sociais de sexo/gênero) usados pelo capitalismo para se manter e reproduzir (FONTES, 2021).

A característica desse sistema é a expropriação do trabalhador e da natureza, de tal modo que, na realidade brasileira, por exemplo, a Amazônia (enquanto um bioma que abriga espécies das mais diversas e ricas da fauna e flora) é devastada e os trabalhadores (no mundo todo) perdem direitos e seus meios de vida com

¹⁵ Sistema no qual as relações sociais são fundadas "na divisão social e sexual do trabalho, propriedade privada, na exploração da força de trabalho e na disseminação de um *éthos* voltado aos interesses particulares" (CISNE e SANTOS, 2018, p. 38).

¹⁶ Vale lembrar que esta sociedade está organizada na lógica da centralização e acumulação de riquezas, de tal modo que seus detentores não conseguem usufruí-la em sua plenitude. E à medida que essa riqueza cresce, mais ela precisa ser valorizada (através da exploração dos trabalhadores e da destruição da natureza) e esbanjada, ao passo que, neste movimento, cada vez mais pessoas (na ordem dos bilhões de seres humanos) vivem na miséria, e em condições precárias.

jornadas de trabalho intensificadas, precarizadas, controladas e aumentadas, e, também, com a perda do próprio trabalho.

Essa realidade interfere intensamente no modo como as pessoas e famílias se reproduzem materialmente (e “fazem história” — nos termos de Marx, 1987), inclusive no que diz respeito à transmissão da vida — geração, manutenção e educação de filhos. Por isso se diz que o modo de exercer a parentalidade não está circunscrito apenas às relações das pessoas envolvidas na dinâmica parental — pais, mães e filhos —, ele é fruto e sofre influências da realidade social na qual essas pessoas estão inseridas, como a família, a comunidade, as políticas públicas (que podem assegurar direitos sociais às pessoas), a legislação existente etc.. Por outro lado, a dinâmica relacional das pessoas envolvidas no exercício da parentalidade também possui a capacidade de interferir na realidade social — mesmo que esta interferência não tenha a capacidade de mudar a sociedade como um todo, visto que não está inserida na estrutura das bases que sustentam a reprodução societária nos moldes atuais (capitalistas).

A partir dessa reflexão, partimos da noção de que cada indivíduo possui algum entendimento do que seja a paternidade, tanto pela vivência prática por ter tido uma figura que exerceu a parentalidade¹⁷ para o seu cuidado, quanto por ouvir dizer sobre o assunto, formando suas bases de conhecimento (empírico, vivencial etc.) sobre a figura paterna. Muitas vezes esse conhecimento é idealizado, carregado de padrões de comportamento a serem copiados e/ou corrigidos quando há a oportunidade de exercer esse papel na vida de outra pessoa/filho/a.

Por outro lado, aquela noção não é construída somente a partir da vivência individual, mas de um complexo de complexos anteriores, e, também, não é uma noção estabelecida e criada na contemporaneidade, como o querem os pós-modernos. Assim, entendemos a concepção de paternidade, em termos práticos, biológicos, de direito, ontológicos etc. como uma construção social e histórica, que advém de uma processualidade.

¹⁷ Este conceito passou a ser usado no Brasil na década de 1980, e “vem sendo utilizado, em diferentes abordagens teóricas, para designar o processo dinâmico por que passam os pais, isto é, ao processo de tornar-se pai e mãe, que vai além do biológico, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes, que passam pela história da família de cada um dos pais e pelo contexto sociocultural em questão” (GORIN et. al, 2015, p.8).

Como tantas outras concepções sobre questões que (para o senso comum) parecem ser universais, não se pode dizer que o entendimento sobre o exercício da paternidade seja natural (no sentido de que faz parte da natureza do ser humano procriar e cuidar da prole seguindo certos padrões). Quando a humanidade deu o "salto evolutivo"¹⁸, que tornou os homens e mulheres capazes de refletir sobre suas ações, inclusive sobre reprodução da espécie, tal entendimento e vivência passaram a ser diversificados, como foram as tantas culturas existentes ao longo da história.

Vale destacar que estamos tratando o conceito de paternidade — possível apenas com a capacidade reflexiva de pensar sobre o assunto — de forma diversa do ato biológico (em si) de um homem reproduzir-se através do ato sexual. A reprodução humana, entendida como um ato de cunho biológico e orgânico, se desenvolve também com o avanço científico e tecnológico.

No processo de reprodução humana, o "novo ser produzido" (prole, filhos, crianças) é colocado num determinado contexto de criação e manutenção, conforme o tempo histórico, cultura, geografia, economia, sociedade etc..

O ser humano quando nasce necessita e depende de alguém para lhe garantir a sobrevivência, pois, sozinho, é incapaz de fazê-lo. Geralmente esta é uma característica dos mamíferos, cuja prole demora mais para levar uma vida independente — que lhe garanta obter por conta própria os meios necessários para a sua sobrevivência.

A humanidade desenvolveu meios cada vez mais complexos de organização para que os indivíduos conseguissem sobreviver. Esse desenvolvimento (cada vez mais complexo) foi possível pela passagem do ser orgânico para o ser social — "uma nova esfera que se afasta de modo processual das determinações meramente biológicas", nos termos de Cisne e Santos (2018, p.26).

A reprodução da espécie, em termos biológicos, é marcada pela necessidade da junção dos gametas feminino e masculino, formando o zigoto, que se desenvolve

¹⁸ Lukács (1978, p. 15) diz que "o homem deixa a condição de ser natural para tornar-se pessoa humana, transforma-se de espécie animal que alcançou um certo grau de desenvolvimento relativamente elevado em gênero humano, em humanidade". Em outro livro o mesmo autor (2013) diz que: "Engels chama a atenção para a extrema lentidão do processo através do qual se dá essa transição, que, porém, não lhe retira o caráter de salto" (p.45).

no útero materno, de uma genitora¹⁹. O desenvolvimento científico, atualmente, é capaz de realizar este processo, inclusive escolhendo características da prole, através da fertilização *in vitro* sem a necessidade do ato sexual e/ou do envolvimento afetivo entre os doadores dos gametas.

A reprodução humana, enquanto o ato de gerar a prole, para a continuidade da espécie, em termos biológicos, em um dado momento histórico, passa a ser refletida, conhecida, objeto de intervenção e planejamento. Passando por uma diferenciação do estado da natureza — aquele baseado no instinto de reprodução, predominante nas outras espécies de animais — o que não significa que não exista em nossa espécie.

Por isso se diz que o processo de geração de filhos, portanto, não é natural. O mesmo pode ser dito sobre a criação, educação, manutenção etc. da prole. A complexidade envolve, também, as relações de consanguinidade, ancestralidade, linhagem e propriedade. Pois esses aspectos transmitem a ideia de universalidade, passando a percepção (no âmbito do senso comum e do espectro do conservadorismo) de que são naturais.

A existência de diferentes e diversas formas de gerar, criar, manter, educar os filhos mostra que a noção e o exercício da paternidade são construídos social e historicamente. A permanência de um ou de outro modo durante maior tempo na história da humanidade não significa a naturalização deste modo e sua necessidade de predominar sobre os demais.

Ao longo da história da humanidade, após nossa espécie “descer das árvores”, desenvolver suas capacidades (inclusive de teleologia) e viver em grupos, afastando-se evolutivamente dos primatas, foi possível um desenvolvimento ascendente (ou em espiral) em direção ao que a humanidade é hoje.

Atualmente, na sociedade ocidental, é possível identificar um modo de exercer a paternidade considerada hegemônica (hegemonizada) e, portanto, caracterizada como se fosse o modo mais natural/normal de gerar, criar, educar e se relacionar com os filhos. A este modo construído social e historicamente

¹⁹ Até certo momento, "para homens que ignoravam o processo fisiológico da meiose (troca de gens entre os cromossomos), a procriação resultava aparentemente do depósito de um germe masculino no corpo da mulher, da mesma forma que o crescimento de uma planta provinha do depósito de um grão na terra" (DUPUIS, 1989, p. 125)

denominamos de “tradicional”, e é entendido como aquele com demarcações rígidas de atuação ou comportamento no âmbito do cuidado da prole, e também da casa/do lar²⁰. Tais demarcações são determinadas pelas relações sociais construídas em bases patriarcalistas e machistas, ou seja, nos ditames que definem o que é papel de/do homem e de/da mulher no âmbito doméstico e familiar — mas também em âmbito público.

Porém, observamos um outro modo de exercer a paternidade, que também é fruto de uma construção social e histórica, mas que sofre as influências do combate àquelas bases patriarcalistas e machistas, e que hoje se apresenta como um modo mais participativo²¹ de cuidado da prole e do ambiente doméstico — atividades historicamente entendidas como sendo de (e relegadas às) mulheres. Para a compreensão e estudo deste modo, consideramos importante aprofundar no conhecimento dos pressupostos sócio-históricos que o influencia/determina.

1.2. Aproximações da perspectiva ontológica do ser social com a temática

O caminho proposto para ser trilhado na análise do exercício das paternidades passa pelo materialismo histórico dialético, que tem como escopo analisar as relações sociais em uma perspectiva de totalidade, apreendendo as contradições e antagonismos que revelam projetos societários em disputa. Por isso, consideramos importante estabelecer, neste ponto, a relevância de se realizar aproximações da temática das paternidades com a perspectiva ontológica do ser social. Faremos o esforço de apresentar a paternidade na história humana, e não a história da paternidade.

Tal esforço não será no sentido de criar uma descrição hegeliana da paternidade partindo de uma realidade “mais simples” até chegar numa realidade “mais complexa” — onde o exercício da paternidade (que estamos chamando de)

²⁰ Basicamente esse tipo de paternidade divide os custos do bebê com a mãe, mas não divide outras responsabilidades.

²¹ Outros adjetivos podem ser dados, e problematizados: acolhedora, afetiva, afetuosa, alternativa, atenta, ativa, consciente, cuidadosa, efetiva, engajada, envolvida, equânime, esclarecida, esforçada, integrada, integral, interessada, lúcida, nova, positiva, presente, protagonista, responsável, responsiva, sensível, significativa etc.

participativa seria a “objetificação mais complexa da cultura humana” (Lukács, 1978, p. 2) no que diz respeito à geração, criação, educação, manutenção etc. dos filhos. Até porque não há receitas prontas de como ser um pai participativo e porque, no decurso do entendimento sobre a temática, é possível, inclusive, realizar a crítica à noção de família — instituição na qual o exercício da parentalidade tem seu *locus* de existência privilegiado (Therborn, 2006).

György Lukács (2013) considera o trabalho como fundante do ser social, pois sem esta mediação não seria possível ao homem constituir-se como tal — processo de humanização, de diferenciação enquanto espécie *homo sapiens sapiens*. Por isso, podemos refletir sobre o exercício da paternidade como parte do complexo processo histórico e perceber que o debate existente na contemporaneidade sobre o exercício da paternidade participativa tem suas bases fundadas em estruturas bastante sólidas, que sofre influência da realidade e a ela influencia.

Nessa reflexão, a paternidade passa a ser mais do que um ato meramente biológico, de reprodução — ao contrário do que ocorre com outros animais. Como veremos com mais detalhes adiante, há uma construção social e histórica dessas relações familiares, sociais, de sexo/gênero, de raça/etnia, de classe e de geração.

A diferenciação, segundo Lukács (2013, p. 44), é resultado do processo de humanização, que só é possível pela mediação do trabalho.

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é essencialmente, uma inter-relação entre o homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social (p. 44).

Assim, é possível — pelo trabalho e pela mediação entre homem e natureza — formas cada vez mais avançadas de sociabilidades, afastando o ser humano das determinações meramente biológicas. A discussão sobre paternidade se insere no processo de individuação, pois, como mecanismo que interfere na consciência do indivíduo que aprende na história, ao apropriar-se de conhecimentos conquistados pelas gerações anteriores e poder escolher entre alternativas, pode, mesmo que não saiba que está fazendo, oferecer respostas (sob determinadas condições — materiais e de temporalidade histórica) de superação de determinações — como as

relações patriarcais, machistas, heterossexistas etc. — e passar a agir, inclusive no cuidado da prole, em resposta para a superação destas determinações.

CISNE e SANTOS (2018) concordam com Lukács na tese de que o trabalho tem centralidade ontológica na vida social, pois o processo de humanização do indivíduo partiu do trabalho, permitindo, mediante a divisão social do trabalho, "o refinamento de suas habilidades e criatividade; a descoberta de novas possibilidades históricas; discernir e fazer escolhas e, neste movimento, construir a individualidade no espaço-tempo de desenvolvimento da sociedade" (p. 24). E, continuando sua reflexão, com base em Lessa afirmam que

[...] a história humana não é a evolução biológica do *homo sapiens* — é a história de como as relações sociais se desenvolveram para, com um esforço cada vez menor, transformar a natureza naquilo de que se necessita. Este desenvolvimento é, articuladamente, o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades. Como não há sociedade sem indivíduos, nem indivíduos fora das sociedades, também não há desenvolvimento social que não interfira no desenvolvimento dos indivíduos. E analogamente, não há desenvolvimento dos indivíduos que não tenha algum impacto sobre o desenvolvimento social. (LESSA, 2012, apud. CISNE e SANTOS, 2018, p. 32).

As tecnologias da informação e comunicação²², tão desenvolvidas atualmente, por exemplo, são fruto desses avanços, e possibilitam novas formas de comunicação, de relações, que atingem o cotidiano²³ das pessoas (MENDES, 2019a, p. 26).

A análise empregada neste trabalho sobre o tema deste tópico também tem suas bases em Cisne e Santos (2018), que, fundamentadas na concepção teórico-política alicerçada no método marxista, realizam uma análise dos fundamentos do heteropatriarcado, do racismo e da diversidade sexual humana, visando uma análise crítica da sociedade em uma perspectiva de totalidade.

A categoria patriarcado (segundo as autoras, heteropatriarcado²⁴) é importante quando falamos em paternidade, pois, em razão dele, em conjunto com o

²² Trazer à baila o tema das tecnologias de comunicação e informação neste momento cumpre o papel de introduzir o cenário de fundo de nosso objeto de análise, ou seja, o debate sobre paternidades nas mídias contemporâneas, especificamente, na mídia podcast.

²³ Vale destacar que em 2020 e 2021, com a necessidade de afastamento físico e social em razão da pandemia da COVID-19, a comunicação através das redes sociais e/ou mediada pelos aplicativos de encontros/reuniões virtuais, fez avançar grandemente algumas mudanças nas sociabilidades, inclusive no sentido da invasão generalizada do tempo de trabalho sobre o tempo despendido com o que é doméstico, familiar, de lazer etc..

²⁴ Segundo as autoras, o uso do termo se justifica pelo fato de que o heterossexismo é um pilar do patriarcado (p. 18).

racismo e o heterossexismo, na sociedade capitalista, proporcionam obstáculos ao pleno desenvolvimento da individualidade (CISNE e SANTOS, 2018, p.20) e, em consequência, à emancipação humana.

1.3. Da importância de (ou: é preciso) tratar sobre família e patriarcado

Para o desenvolvimento deste tópico, iremos nos basear primordialmente em Engels, mas também em Marx e Lukács, pois eles produziram estudos sobre as bases fundantes da inferiorização das mulheres, construídas historicamente. Esta inferiorização se enraíza nas mudanças das concepções sobre família (ACQUAVIVA, 2020, p. 46).

Engels (1984) descreve o desenvolvimento primitivo da humanidade através de estágios pré-históricos da cultura humana, baseado nos estudos sobre famílias, de Lewis Morgan. Segundo essa descrição, a pré-história é dividida (para fins de compreensão didática) em três estágios: Selvagem, Barbárie e Civilização (e cada uma delas é subdividida em três fases: inferior, média e superior, onde cada uma corresponde aos processos de desenvolvimento dos meios de existência, que são decisivos para o domínio do homem sobre a natureza).

Morgan definia que a cada um desses estados correspondia modelos familiares e tipos de matrimônio distintos — ou seja, formas de se relacionar e se organizar no interior dos grupos humanos primitivos/pré-históricos. Frise-se que não se trata de definições estanques em cada período histórico, os modos de ser coexistiam por maior ou menor tempo. O que será demonstrado é a existência deles no decorrer do tempo e das condições materiais que vão surgindo.

O estágio selvagem corresponde aos períodos Paleolítico e Neolítico da pré-história, ou seja, quando surge o *homo sapiens*²⁵. Neste estágio, o desenvolvimento humano é baseado no nomadismo, na caça e coleta — há, neste período, a articulação da linguagem, o uso do fogo e da pedra lascada, criação de armas como arco e flecha, tecidos manuais, cestas trançadas, habitações rústicas,

²⁵ A partir de cruzamentos entre espécies de homínídeos, onde aqueles que se destacaram (com a produção de artefatos de pedras para caça — pedra lascada — identificados no período do Cro-Magnon) são aqueles que os paleoantropólogos identificam como a mais antiga subespécie do *homo sapiens sapiens*. O homem moderno é herdeiro dessa linhagem (FERREIRA, 2018, p. 49).

pedra polida etc.. Nesta realidade, as relações dentro dos grupos humanos primitivos se davam de modo a evitar que pais e filhos mantivessem relações sexuais entre si. Porém, as relações entre irmãos eram reconhecidas. A esse tipo de família Engels chamou de consanguínea.

As designações de "pai", "filho", "irmão", "irmã", não são simples títulos honoríficos, mas, ao contrário, implicam em sérios deveres recíprocos, perfeitamente definidos, e cujo conjunto torna uma parte essencial do regime social desses povos. (ENGELS, 1984, p. 29)

Essas relações definiam a expressão "das ideias que se tem do próximo e do distante, do igual e do desigual no parentesco consanguíneo" (ENGELS, 1984, p.29).

Depois, as relações sexuais entre irmãos são proibidas. Sendo apenas possível que primos se relacionem, bem como tios e sobrinhas. Possibilitando a existência de linhagens familiares distintas, a partir da linhagem materna — matrilinearidade. A esse tipo de família deu-se o nome de "punaluana".

As famílias consanguínea e punaluana correspondem ao tipo de união por grupos e as relações são endógenas, ou seja, ocorrem dentro dos grupos — a primeira entre irmãos, a segunda entre primos e entre tios e sobrinhas. Numa fase posterior, estas são proibidas, pois as uniões não podiam ocorrer entre pessoas do mesmo grupo, podendo apenas ocorrer entre pares. Neste tipo de família a poligamia e a infidelidade são prerrogativas do homem, de modo que a mulher não tem mais a liberdade sexual que tinha na união por grupos (FERREIRA, 2019, p.49). A este tipo de família é dado o nome de sindiásmica e ocorre no estágio da Barbárie — e corresponde ao período em que se introduz a cerâmica nas culturas, e sua ocorrência no globo terrestre passa a ser desigual, visto que muitas tribos no período das grandes navegações (e posteriormente, quando Morgan realizou seus estudos) ainda se encontravam nesta época de progresso da humanidade.

O período da barbárie tem relevância para a história da paternidade, pois apenas com a domesticação dos animais foi possível à humanidade compreender sobre a participação do macho na reprodução animal (DUPUIS, 1999), visto que, ao separar (ou eliminar) o macho do rebanho, é possível perceber que não havia mais nascimento de filhotes após determinado tempo. Antes dele, diante do fato dos

homens praticarem a poligamia e as mulheres a poliandria, "os filhos de uns e outros tinham que ser considerados comuns" (DUPUIS, 1999, p. 31)²⁶.

Com essa descoberta o estágio posterior, que corresponde ao início do período Histórico da humanidade, ganha os contornos que desenharam a passagem para o Patriarcado. Este estágio é chamado de Civilização e é marcado pela família monogâmica²⁷ (ainda que a monogamia seja imposta apenas à mulher), pela patrilinearidade e pelo poder do homem sobre a mulher, os filhos e os bens. Os estudos sobre as famílias, aqui destacados os realizados por Engels, evidenciam as relações intergeracionais e de gênero e, como estas, essa forma social²⁸ é mutável, flexível e histórica, pois sofre inflexões da vida social e nela interfere, de acordo com uma visão de totalidade.

Em resumo, Engels (1984) sinaliza a existência de tipos de matrimônios em relação a cada período: "Ao estado selvagem corresponde o matrimônio por grupos, à barbárie, o matrimônio sindiásmico e à civilização corresponde a monogamia com seus complementos: o adultério e a prostituição" (p. 81).

A família²⁹, portanto, é um espaço privilegiado de interações entre gênero e gerações, bem como de trocas intersubjetivas. Ela "foi e ainda é responsável pelas primeiras socializações dos seres sociais, em sua esmagadora maioria" (FERREIRA, 2019, p. 50) e, sendo assim, carrega em seu seio a capacidade de propagar papéis sociais por meio daquelas interações e trocas.

Engels (1984, p. 59) afirma que a passagem da matrilinearidade para a patrilinearidade, ou melhor, a mudança do direito materno para o direito paterno, teria sido uma espécie de revolução. E esta só pôde ocorrer após a descoberta da

²⁶ A continuação da referida citação prossegue com: "É esse estado de coisas, por seu lado, que, passando por uma série de transformações, resulta na monogamia. Essas modificações são de tal ordem que o círculo compreendido na união conjugal comum, e que era muito amplo em sua origem, se estreita pouco a pouco até que, por fim, abrange exclusivamente o casal isolado, que predomina hoje" (op.cit, p. 31).

²⁷ Engels demonstra, também, que esse processo da criação da família monogâmica revela a vitória da propriedade privada sobre a propriedade coletiva primitiva, e que se baseou em condições econômicas e não em condições naturais.

²⁸ O Art. 226 da Constituição Federal do Brasil, de 1988, a trata como "base da sociedade" (BRASIL, 1988).

²⁹ Engels (1984, p. 61), a partir de um modo societário específico, a conceitua como "*famulus* [que] quer dizer escravo doméstico e *familia* é o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem" (grifos do autor).

paternidade, e em comunidades pastoris, cuja domesticação dos animais possibilitava o aumento de alimentos, gerando excedentes/riquezas.

Como a responsabilidade pela vida laboral/externa era eminentemente masculina, no caso de uma separação conjugal o detentor dos bens advindos do trabalho era o homem. O mesmo ocorria com os utensílios domésticos, no caso da mulher, cuja parte da divisão do trabalho era doméstica/interna. Porém, com os filhos, a divisão era feita em prol da mulher, cuja linhagem se dava em seu favor — em razão do direito materno.

a divisão do trabalho na família de então, cabia ao homem procurar a alimentação e os instrumentos de trabalho necessários para isso; conseqüentemente, era, por direito, o proprietário dos referidos instrumentos, e em caso de separação levava-os consigo, da mesma forma que a mulher conservava os seus utensílios domésticos (ENGELS, 1984, p. 58)

Utilizando o seu poder no interior da comunidade familiar o homem modificou o direito de herança, tornando a sua linhagem aquela que faria a transmissão dos bens em favor do seus próprios filhos³⁰.

...as riquezas, à medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a idéia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. Esse direito teria que ser abolido, e o foi (Engels, 1984, p. 59).

A referida passagem só pôde ocorrer com uma espécie de garantia da sua linhagem, realizada — na ausência de meios científicos seguros — através da imposição da fidelidade feminina, inclusive com a possibilidade de impor a pena de morte à mulher adúltera (ou melhor, da mulher que põe em dúvida a filiação paterna).

Para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito (ENGELS, 1984, p. 62).

Portanto, as bases sócio-históricas da família monogâmica patriarcal são formadas nessas relações onde o homem se coloca na posição de superior,

³⁰ Esta modificação, segundo Engels (p.59), se dá em proveito dos seus filhos, que passariam a beneficiar-se da herança paterna, conseqüentemente, do poder paterno, adotando-se apenas “o costume de dar aos filhos um nome pertencente às gens paterna, para fazê-los passar a esta, a fim de poderem herdar de seu pai” (p. 60).

designando para si³¹ o direito de vida ou morte sobre seus filhos, escravos e esposas³². Therborn explica esta realidade da seguinte maneira:

O pai de família da lei romana tinha três poderes básicos: *potestas* — incluindo o "direito de vida e morte" sobre seu filho durante toda a vida; o *manus*, sobre sua mulher, e o *dominium*, sobre sua propriedade (Grifos do autor). (2019, p. 30)

Weber (apud Thurler, 2006) destaca o poder desse pai de família, segundo o direito romano

...as crianças se distinguiam, como súditos livres, dos escravos. O capricho do *dominus* certamente determinou a parede divisória. Só ele poderia decidir quem era seu filho. De acordo com a lei romana (...) ele poderia tornar seus escravos herdeiros por testamento, bem como vender seu filho como escravo (p. 686, tradução nossa).

A família patriarcal evoluiu e se desenvolveu, ganhando contornos de naturalização das relações assimétricas, nas quais o homem se caracteriza como sendo a figura central, baseadas na ideia de que ele provê a sobrevivência de todos, bem como, de que é a partir de sua linhagem que se transmite a herança e os bens. Em contrapartida, o espaço da mulher, do feminino, se estabelece e se consolida como sendo o da submissão, do doméstico e com o papel de cuidado.

Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente. (...) A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravidão de um sexo pelo outro (...) A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros (ENGELS, 1984, p. 70-71)

Deste modo, a mudança da família sindiásmica para a monogâmica, de acordo com ACQUAVIVA (2020, p. 46), “seria o grande demarcador político da submissão das mulheres aos homens”. A mesma autora afirma que a família monogâmica

seria consequência da propriedade individual, elemento central da estrutura social e, aí, o exercício da sexualidade das mulheres foi reduzido a sua natureza reprodutiva, agora de herdeiros desse proprietário. A vida delas foi

³¹ Dentro do Direito Romano, por exemplo.

³² Hoje, no plano do direito, tal poder não existe mais, no entanto, homens continuam matando suas parceiras.

sendo encaminhada para a reclusão e o confinamento dos papéis e funções de esposas devido ao controle da sua vida sexual através da monogamia, reclusão e confinamento só e tão somente para o segmento social feminino (op.cit., p. 46).

Para a discussão sobre esta realidade a categoria Patriarcado necessita ser apresentada. Segundo o Dicionário Crítico de Gênero (LIMA, 2019), o termo se origina da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem, comando), remetendo à autoridade do pai. Göran Therborn, sociólogo sueco, em sua obra "Sexo e Poder: a família no mundo (1900-2000)", analisa o patriarcado durante o século passado, e o conceitua como "um agregado de variáveis (...) inspirado pelo feminismo moderno, pela história e pela antropologia comparativas" (2006, p. 30).

Já Aguayo e Nascimento (2016, p. 214) definem o patriarcado como "um sistema de poder de domínio que tem adquirido novas formas de expressão, produzindo mudanças e também resistências" (tradução nossa).

Terezinha Souza (2015, p. 476) define o patriarcado "como o poder que o homem exerce por meio dos papéis sexuais", e este poder é manifestado de diversas formas através das opressões ao longo da história e no dia a dia das relações sociais entre as pessoas — especialmente quando envolve pessoas de sexos diferentes. De modo que o patriarcado se vale das diferenças culturais, históricas e de classes. E como os autores citados anteriormente, Souza também evidencia o caráter reativo intrínseco às manifestações de opressão:

a cada nova forma na qual essa opressão se expressa, novas vozes surgem para combatê-la, às vezes equivocadas, às vezes acertadas; nesse quadro, entre perdas e retomadas, a opressão ganha a maioria das batalhas, embora sempre se levantem vozes, solitárias ou coletivas, de mulheres (e, mesmo que minoritárias, até de homens) para combatê-la (SOUZA, 2015, p.476).

Na análise bibliográfica sobre o tema foi possível encontrar uma variação do uso do termo "patriarcado/patriarcal" e "patriarcalismo/patriarcalista". Por vezes o uso de ambos é tido como sinônimo. Por exemplo, Barreto (2004, p.64), baseando-se em Castells (2000), define patriarcalismo como

uma estrutura [sic] sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade são marcados pela dominação e violência.

Não são sinônimos, por isso, neste trabalho o uso de patriarcalismo será no sentido de um modo de vida patriarcal, o termo é oriundo do patriarcado, sendo este último usado no texto como um sistema social de opressão e "hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina" (SAFFIOTI, 2004).

Trata-se, portanto, de relações assimétricas que privilegiam o masculino, e quando elas não estão no âmbito das relações parentais (envolvendo geração e gênero), então se fala do poder sexual masculino — a falocracia, segundo Therborn (2006, p. 22). Este autor não considera o Patriarcado como "sinônimo de subordinação, discriminação e desvantagem social das mulheres em geral (...) A discriminação e a desigualdade de gênero deveriam ser vistas como conceitos mais amplos" (THERBORN, 2006, p. 22). Acquaviva, com base em Saffioti, observa:

Nessa trama sofisticada entre gênero, inferiorização das mulheres e patriarcado, Saffioti (2009, p. 33) sinaliza o fato de o gênero ser constitutivo das relações sociais desde sempre; haveria diferenças e não necessariamente submissão das mulheres aos homens; e em termos de temporalidade essa condição histórica teria durado em torno de 250.000 anos. O patriarcado, por sua vez, seria um sistema criado, implantado e preservado pelos homens sobre as mulheres há pelo menos 6 ou 7 milênios (ACQUAVIVA, 2020, p. 47).

Deste modo, é possível compreender a construção sócio-histórica das relações que envolvem a paternidade, marcadas pelo patriarcado, e que foram erigidas na instituição familiar, amplamente difundida no Ocidente na sua forma social de tipo monogâmica (e patriarcal/assimétrica).

Este modo consolidou-se no decorrer da história, marcado pelas influências do período da Idade Média, notadamente construídas sob a moral cristã, da igreja católica, e do sistema feudal de produção. Isso evidencia que é no complexo processo histórico que essa realidade desigual se mantém através da produção e reprodução das relações sociais.

No melhor dos casos, a certeza da paternidade baseava-se agora, assim como antes, no convencimento moral, e para resolver a contradição insolúvel o Código de Napoleão dispôs em seu artigo 312: "O filho concebido durante o matrimônio tem por pai o marido". É este o resultado final de três mil anos de monogamia (ENGELS, 1984, p. 73).

A modernidade é repleta de novidades, contradições e antagonismos no que se refere às relações sociais. As legislações se desenvolvem, ampliando ou diminuindo os direitos no interior do matrimônio, forjando uma igualdade formal entre

as partes, porém restrita ao “papel” (da certidão de casamento e das leis). Engels (1984) compara esta realidade àquela pela qual passa o proletariado.

Enquanto dura o contrato de trabalho, continua a suposição de que as duas partes desfrutam de direitos iguais, desde que uma ou outra não renuncie expressamente a eles. E, se a situação econômica concreta do operário o obriga a renunciar até à última aparência de igualdade de direitos, a lei — novamente — nada tem a ver com isso. Quanto ao matrimônio, mesmo a legislação mais progressista dá-se por inteiramente satisfeita desde o instante em que os interessados fizeram inscrever formalmente em ata o seu livre consentimento (p. 79).

Esta desigualdade legal, conforme o autor, é herança de condições sociais anteriores, e também efeito — e não causa — da opressão econômica sobre a mulher. Antes, no antigo lar comunista³³, a direção do lar era atributo da mulher, e tinha importância semelhante à caça, atributo dos homens. Com a organização da família baseada nos ditames patriarcais e na relação monogâmica, aquela direção do lar perde o seu sentido e caráter social. A incumbência pela direção do lar foi relegada a uma espécie de serviço privado — retirando a mulher do domínio da produção social.

Ainda no período contemporâneo vemos essa igualdade formal que esconde a desigualdade na vida real — inclusive nas relações de homens-pais com os filhos e com as mulheres-mães. Por exemplo, no Brasil, o homem pode, a qualquer tempo, suspender o reconhecimento social e afetivo do filho — o que revela como a maternidade, ao contrário da paternidade, é arbitrária para mulheres, pois estas terão de buscar no sistema de justiça a solução para sua demanda (THURLER, 2006, p. 682). Portanto, de acordo com Saffioti (2004, p. 44), "o problema reside na prática, instância na qual a igualdade legal se transforma em desigualdade, contra a qual tem sido sem trégua a luta feminista" — que abordaremos mais adiante.

³³ Segundo o autor (1984, p.80), o lar comunista “compreendia numerosos casais com seus filhos, [e] a direção do lar [era] confiada às mulheres”. Faz referência a um período anterior à família e ao lar patriarcal e também à família monogâmica. Não se trata, portanto, da ideia do sistema comunista — sistema político e econômico.

1.4. Patriarcado, Capitalismo e como ambos interagem para prejudicar as mulheres³⁴

SAFFIOTI (2004) aborda o tema a partir de uma perspectiva histórica, analisando e questionando o papel da mulher na sociedade capitalista. Para ela, a questão da opressão às mulheres é parte constituinte de um sistema baseado na exploração do ser humano pelo ser humano.

Nas sociedades pré-industriais havia a divisão sexual do trabalho, porém as funções eram exercidas no mesmo ambiente, de modo que não se tinha separação entre as funções familiares e as de trabalho. Silvia Federici (2017), intelectual militante da tradição feminista marxista autônoma, afirma que

Na aldeia feudal não existia uma separação social entre a produção de bens e a produção da força de trabalho: todo o trabalho contribuía para o sustento familiar. As mulheres trabalhavam nos campos, além de criar os filhos, cozinhar, lavar, fiar e manter a horta; suas atividades domésticas não eram desvalorizadas e não supunham relações sociais diferentes das dos homens (...) (p. 52).

No âmbito rural, as mulheres exerciam o trabalho na terra, na cozinha e na criação dos filhos; nos povoados, elas conduziam os comércios (familiares) de seus maridos artesãos e lojistas. “Houve um aumento no número das indústrias domésticas para confecção de mercadorias, combinando produção doméstica e de fora de casa, com a participação de todo o grupo familiar”³⁵. Isso possibilitou a diminuição da dependência exclusiva da terra enquanto meio de subsistência, alterando a configuração familiar da população, que, até então, se orientava (era maior ou menor) a partir da extensão e produtividade da terra.

As indústrias domésticas perdem o seu caráter de manufatura familiar quando deixam de suprir as necessidades do capital, e, assim, passam a ter caráter de trabalho executado por mulheres (“obrigações de gênero”). Os homens, ao seu turno, se deslocam para um local de trabalho fora de casa.

³⁴ Parte deste tópico é baseado na apresentação da colega Márcia Cristina Campos, mestra em Serviço Social, realizada na atividade sobre o artigo “Patriarcado e Capitalismo: Uma Relação Simbiótica” de Terezinha Martins dos Santos Souza (2015), no Núcleo de Estudos sobre Criança e Adolescente — ênfase no Sistema de Garantia de Direitos/NCA-SGD, coordenado pela Professora Dra. Eunice Teresinha Fávero, em 25 de setembro de 2020.

³⁵ Anotação literal a partir da apresentação de Márcia Cristina Campos, no NCA-SGD.

No sistema capitalista, com a industrialização acentuada, essa realidade começou a modificar-se. As mulheres foram chamadas a fazer parte da produção social. Inicialmente as atribuições no interior do lar eram incompatíveis com a participação naquela produção. O ordenamento social dificultava uma organização familiar que viabilizasse ao marido e esposa trabalharem em condições iguais.

...se a mulher cumpre os seus deveres no serviço privado da família, fica excluída do trabalho social e nada pode ganhar; e, se quer tomar parte na indústria social e ganhar sua vida de maneira independente, lhe é impossível cumprir com as obrigações domésticas (ENGELS, 1984, p. 80).

Souza (2015) expõe algumas características sobre as modificações ocorridas nas sociedades industriais: mudanças na organização familiar, em direção ao modelo nuclear; divide a classe trabalhadora entre homens e mulheres; exclui as mulheres da economia dominante e do sistema de assalariamento; não remunera as essenciais tarefas de reprodução; reforça a opressão sobre as mulheres (e crianças) ao estabelecer uma relação de dependência econômica.

Segundo a autora (SOUZA, 2015, p.482), pouco a pouco o trabalho feminino perde o *status* de condenável, e passa a ser considerado louvável, pois o salário dos homens não era suficiente para sustentar a família, tornando imprescindível o trabalho de mulheres e crianças, estas com salários ainda menores. Mudanças estruturais e tecnológicas, ocorridas no final do séc. XIX, aumentam as formas de assalariamento das mulheres de modo especial em lojas, escritórios e magistério infantil. Neste último, o capital se aproveita do conhecimento feminino adquirido no cuidado de crianças em casa — aliás, este movimento de apropriação de formação de gênero no trabalho assalariado tem sido recorrente no capitalismo, que economiza na formação dos trabalhadores³⁶.

É o movimento de usar a família como instrumento de subsunção real do trabalho ao capital, de modo que ela passa a atuar — instrumentalizada pelo Estado — na promoção do controle e cuidado em seu interior. Através das necessidades subjetivas de reprodução social, a família não só assume o papel de subordinação, mas também de dependência em relação ao capital.

³⁶ “No magistério, o capital mostra seu interesse pelo trabalho das mulheres motivado pelo barateamento da força de trabalho, visto que como estas eram especialistas em cuidar de suas próprias crianças, não seria necessário investimento em formação de educadores” (SOUZA, 2015, p. 481).

Com o capitalismo, a partir de um dado momento, a família passou a ser pensada de forma nuclear composta por um homem, uma mulher e filhos, porém, assim como na sociedade contemporânea, havia uma multiplicidade de modos de ser família que, desde os primórdios, coexistiam, porém, a partir da cultura dominante, este modelo idealizado, nuclear, perdura na chamada família moderna (FERREIRA, 2019, p. 53).

A sustentação, por tanto tempo, de um modo de exercer a parentalidade tido como tradicional, bem como de se relacionar em família, tem a ver com a forma que as sociedades se organizam. Neste aspecto, as categorias de acumulação e propriedade são importantes, conforme Engels (1984), e, portanto, aquela sustentação se concretiza para atuar na perpetuação de processos ideológicos bem definidos (capitalistas).

Não foi a "descoberta da paternidade" e sim as condições materiais no interior da sociedade que viabilizaram a produção de excedentes que impulsionaram as modificações societárias que viabilizaram relações interpessoais de domínio masculino e subjugação do feminino. Porém, nas entrelinhas da história a paternidade assume um papel relevante quando a linhagem familiar para a transmissão de herança se torna importante para as classes possuidoras/dirigentes.

Como já sinalizado, a perpetuação dessa dinâmica e organização social se deve muito às legislações, que regulamentam as relações interpessoais, familiares, sociais etc.. Aquela igualdade formal, apenas na letra da lei, não se traduzia na vida cotidiana, real. Por isso, contraditoriamente, o chamamento das mulheres ao trabalho fabril, ou seja, fora de casa³⁷, por ocorrer em condições desiguais, em certa medida, deu início à luta das mulheres por direitos iguais.

Fraser (2019) faz reflexões sobre o feminismo e o capitalismo, especialmente sobre a crítica feminista a este a partir de uma visão retrospectiva das lutas, conquistas, perdas e desafios ocorridos a partir da segunda onda³⁸ daquele.

³⁷ Salientamos que o trabalho da mulher camponesa e o trabalho das escravizadas existiu desde há muito tempo, porém, neste excerto estamos evidenciando as condições pelas quais foi possível o surgimento das grandes lutas das mulheres no contexto do desenvolvimento da sociedade capitalista.

³⁸ A primeira onda se caracteriza como o período em que as mulheres conquistaram seus direitos políticos e o sufrágio feminino. A terceira onda corresponde ao momento atual em que a ideia de uma essência feminina passa a ser criticada e outros eixos de opressão como raça, orientação sexual e classe começam a fazer parte das demandas dos movimentos. Esta divisão do movimento por "ondas" é criticado de diversas formas, por exemplo, as feministas negras dizem que ela não dá conta das experiências vividas por mulheres negras, que já participavam da esfera pública antes da "segunda onda" do feminismo (DAVIS, 1983).

Salienta-se que a análise do feminismo a partir das chamadas “ondas” tem sofrido diversas críticas e possui incongruências com a realidade. A manutenção do termo neste trabalho cumpre o papel de evidenciar a existência da discussão sobre ele e como um modo de compreensão pedagógica, de fácil entendimento para os que não possuem muita aproximação com a história do movimento, bem como com sua crítica — pois esta forma “pedagógica” de apresentação do feminismo é limitado, ao passo que esconde elementos e discussões importantes, como as interfaces com a discussão sobre raça, por exemplo.

Nancy Fraser reflete como o feminismo se desenvolve durante o "Capitalismo organizado pelo Estado"³⁹, elaborando críticas contundentes a este, e que se transforma brutalmente em um movimento capaz de revolucionar a cultura, mas que não consegue engendrar mudanças estruturais/institucionais (2019, p. 13). A autora afirma que houve um uso reverso da referida revolução cultural pelo capitalismo em desfavor⁴⁰ do movimento feminista — através da incorporação seletiva.

Separadas umas das outras e da crítica social que as tinha integrado, as esperanças da segunda onda foram recrutadas a serviço de um projeto que estava profundamente em conflito com a nossa ampla visão holística de uma sociedade justa. Em um bom exemplo da perspicácia da história, desejos utópicos acharam uma segunda vida como correntes de sentimentos que legitimaram a transição para uma nova forma de capitalismo: pós-fordista, transnacional e neoliberal (2019, p. 14).

Ela destaca quatro elementos importantes do capitalismo (tanto na versão desenvolvida pelo Estado, como pela versão neoliberal) discutidos pelas feministas

³⁹ A este Fraser se refere ao capitalismo em seu modo de “Welfare State” — quando “a formação social hegemônica na era do pós-guerra [era] uma formação social na qual os estados exerceram um **papel ativo em conduzir as suas economias nacionais**” (grifo nosso)(FRASER, 2019, p 15).

⁴⁰ Vale destacar o que Gama (2014) discorre sobre esta realidade: “O que a luta feminista não esperava ao reivindicar a inserção no mundo do trabalho como um mecanismo de emancipação feminina era que o capitalismo com sua enorme capacidade de mutação e adaptabilidade absorveria a entrada das mulheres no mercado de trabalho de modo a incrementar a exploração do trabalho de todas(os) no processo de acumulação” (p. 240).

na segunda onda: o estatismo⁴¹, o androcentrismo⁴², o economicismo⁴³ e o westfalianismo⁴⁴.

Sem desprezar os outros elementos, destacamos o androcentrismo como a característica do sistema capitalista que mais apresenta componentes que reforçam a paternidade tradicional.

A autora pondera que no interior do capitalismo organizado pelo Estado, a cultura política "visualizava o cidadão de tipo ideal como um trabalhador masculino pertencente à maioria étnica — chefe e homem de família" (2019, p. 16). O salário família (marcado pelo gênero — pois os ganhos financeiros das mulheres eram considerados suplementares), principal ou exclusivo sustento econômico da família, serviu como um ideal/desejo social, que indicava "modernidade e mobilidade ascendente" a quem o recebia e, também, configurou-se como "a base para política estatal em matéria de emprego, bem estar social e desenvolvimento" (p. 16). Também auxiliou na desvalorização do trabalho não assalariado de atenção à família e do trabalho reprodutivo, marcado pelo gênero (executado majoritariamente por mulheres).

Esse tema, durante a segunda onda feminista, foi analisado e manejado de diversas formas pelas diferentes vertentes do movimento (liberais, radicais, socialistas, antiimperialistas, negras etc.), em razão do machismo também existir no interior da Esquerda. Porém, foram capazes de expor a estrutura desigual da sociedade:

descobriram as conexões profundamente estruturais entre a responsabilidade das mulheres à maior parte dos cuidados não remunerados, a subordinação no matrimônio e na vida pessoal, a

⁴¹ Este tema é tratado como o capitalismo estatal organizado dependendo de profissionais especializados para desenhar as políticas, e de organizações burocráticas para implementá-las. Além disso, o Estado tratava cidadãos como clientes, consumidores e pagadores de taxas e não como cidadãos ativos.

⁴² Este tema será mais bem trabalhado a seguir, porém, é possível adiantar que a autora se refere ao androcentrismo como a cultura política do capitalismo estatal que tinha como cidadão ideal o homem trabalhador branco.

⁴³ É a dimensão do capitalismo estatal organizado que implicava o uso do poder político público para regular os mercados econômicos, e ela levou outras características da injustiça à marginalização.

⁴⁴ Fazendo referência ao tratado de Westfalia (1948), um marco para a criação dos países nacionais, esta dimensão trata que o capitalismo estatal organizado era, por definição, uma formação nacional que tinha como objetivo mobilizar as capacidades dos estados nacionais para o desenvolvimento econômico. Essa formação tinha como base uma divisão do espaço político em fronteiras territoriais.

segmentação de gênero dos mercados de trabalho, a dominação do sistema político pelos homens, e o androcentrismo da provisão do bem-estar social, a política industrial e os esquemas de desenvolvimento. De fato, elas expuseram o salário familiar como o ponto no qual convergiam a má distribuição de gênero, a falta de reconhecimento e a falta de representação. O resultado foi uma crítica que integrava economia, cultura e política em uma análise sistemática da subordinação das mulheres no capitalismo organizado pelo Estado. (FRASER, 2019, p. 19)

Não obstante, a autora demonstra que a superação do capitalismo organizado pelo Estado para o neoliberalismo possibilitou que muitas das reivindicações do movimento feminista fossem incorporados de alguma forma ao sistema. Ela diz que o "capitalismo se refaz periodicamente em momentos de ruptura histórica, em parte recuperando as tendências de crítica dirigidas contra ele" (2019, p. 24).

O discurso da igualdade e justiça de gênero e do avanço feminino foi incorporado (juntamente com uma nova visão de gestão — pela horizontalidade de equipes e flexibilidade das redes, por exemplo — que libera a criatividade individual e ambientes criativos e com 'liberdade' de trabalho, como aqueles em que funcionários do Google⁴⁵ trabalham), acabando com o salário família, normatizando e normalizando a "família de dois assalariados" (FRASER, 2019, p. 25), dentre outras realidades⁴⁶. Isso mostra que o sonho pela emancipação das mulheres está subordinado à máquina de acúmulo capitalista.

Por outro lado, foi possível ampliar as análises da realidade, desvelando outros aspectos importantes na luta por igualdade, em todos os âmbitos da sociedade e para todas as pessoas.

O feminismo surgiu como parte de um projeto emancipatório mais amplo, no qual as lutas contra injustiças de gênero estavam necessariamente ligadas a lutas contra o racismo, o imperialismo, a homofobia e a dominação de classes, todas as quais exigiam uma transformação das estruturas profundas da sociedade capitalista. (FRASER, 2019, p. 22)

Ou seja, a autora argumenta que na análise das diversas formas de injustiça social não se pode ficar apenas na crítica economicista do capitalismo — ainda hoje feita por alguns autores da esquerda. Seria preciso integrar a análise econômica à

⁴⁵ Uma pesquisa de 2017 realizada pela Revista Fortune mostrou que, pelo sexto ano consecutivo, o Google é a melhor empresa para se trabalhar (Cf. <<https://fortune.com/best-companies/2017/google/>> Acesso em 18 de março de 2021).

⁴⁶ Notadamente as perdas salariais diante de inflação, declínio dos padrões de vida, aumento de horas trabalhadas em troca de salários maiores, insegurança do emprego, vários turnos de trabalho (triplos ou mais), aumento de lares chefiados por mulheres, etc. (FRASER, 2019, p. 25).

análise política e cultural da sociedade, considerando que essas dimensões não se restringem ao âmbito do território nacional.

1.5. Um pouco mais sobre a luta de mulheres e feminista (e os homens com isso?)

Duarte (2019) compreende o feminismo “em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, por iniciativa individual ou de grupo” (p. 26).

Em uma análise sócio-histórica, como já sinalizado no tópico anterior, o movimento de mulheres em prol de direitos ou contra as opressões é resultado de condições específicas que levam em consideração a historicidade, as relações e as sociedades.

Na realidade brasileira, Heleieth Saffioti (2004) identificou que, desde muito tempo atrás, houve grande resistência de mulheres em aceitar ou encampar as lutas feministas.

Apresentando baixa cultura geral e ínfima capacidade crítica, a maioria das brasileiras pode ser enquadrada na categoria conservadoras, ainda separando mulheres femininas de mulheres feministas, como se estas qualidades fossem mutuamente exclusivas (grifo da autora) (SAFFIOTI, 2004, p. 46).

No entanto, isso não quer dizer que a atualidade ainda carregue com tanto peso aquela resistência das mulheres brasileiras ao feminismo. Na verdade, a resistência acaba sendo outra. Com o avanço, no Brasil e no mundo, da direita conservadora e com o ataque cada vez mais direto aos direitos humanos (e com o desenvolvimento teórico e político das lutas das mulheres), hoje o movimento de mulheres se levanta como resistência aos ataques sofridos cotidianamente, e lutam pela manutenção, defesa, garantia e conquista de direitos⁴⁷. Teles (2020), baseada nas discussões sobre o feminismo marxista de Saffioti, resgata a história das lutas de mulheres, e afirma que

⁴⁷ Flavia Biroli em seu livro “Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil” (2018) defende que as ações organizadas pelo movimento feminista seguem caminhos de fortalecimento das reivindicações através de marchas, dos sindicatos, em protestos, através de greves etc..

As raízes históricas do feminismo, aqui, no Brasil, se encontram em lutas travadas por mulheres populares, as negras nos quilombos e em outros espaços de luta pela sobrevivência, trabalhadoras vinculadas ao mercado de trabalho, mulheres com participação em acontecimentos políticos. Há poucas informações sobre as indígenas que devem ter lutado e ainda lutam muito pela sobrevivência de seus povos. (p. 102)

Realizando suas discussões no interior do debate sobre o desenvolvimento histórico do feminismo no Brasil, Duarte (2019) define quatro momentos (que não se confundem com as ondas do feminismo), considerando a realidade nacional e a aparição de figuras importantes nos registros históricos nos meios jornalísticos, políticos, educacionais, acadêmicos, literários etc., de cada período.

O primeiro deles é descrito como aquele que se inicia com as primeiras legislações autorizando a criação de escolas femininas (1827), para que fosse possível às meninas serem alfabetizadas — neste período (e no próximo), em pleno regime de escravização de negros e negras, a questão de raça era totalmente ignorada.

A autora faz destaque à potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que, segundo ela, teria sido "uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada 'grande' imprensa" (2019, p. 28).

Floresta ridicularizava a ideia de superioridade masculina, e dizia que as diferenças estavam na ordem da educação recebida (que era diferenciada positivamente em favor dos homens) e das circunstâncias da vida. Em seu livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" ela alertava que

se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, estaríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles, homens. (FLORESTA, 1989, apud. DUARTE, 2019, p. 28)

No mesmo período, no exterior, os clamores feministas eram de avanços maiores (revolucionários), e mesmo que as propostas de Nísia Floresta não se enquadrassem no mesmo viés, ela soube adaptar o discurso para a realidade brasileira, de modo que soube (numa primeira análise, contraditoriamente) atenuar o direcionamento das palavras, para não "transformar a ordem presente das coisas" ou "revoltar pessoa alguma contra os homens" (DUARTE, 2019, p. 29). Na

sequência, Duarte justifica dizendo que Floresta entendia que “o momento brasileiro impunha não o clamor por revoluções, mas por pequenas e necessárias mudanças no comportamento masculino em relação à mulher” (p. 29).

No trecho citado acima, Nísia Floresta apresenta uma espécie de convocação pela discussão ou debate sobre diversas situações de injustiça existentes na sociedade. Essa realidade permanece até os dias de hoje, inclusive no que diz respeito às pequenas e necessárias mudanças no comportamento masculino quando se trata do cuidado parental.

Ao menos no Brasil, o engajamento mais efetivo de homens nas lutas por avanços nos direitos e contra a opressão das mulheres ocorreu em um contexto diferente, ou melhor, foi preciso mais tempo para ocorrer.

O segundo momento do feminismo no Brasil ocorreu por volta do último quartel do século XIX. Neste período houve um aumento enorme no número de jornais e revistas com o viés feminista, por isso a autora afirma ter sido um momento "menos literário e mais jornalístico" (DUARTE, 2019, p. 31).

No período, há notícias de mulheres cursando o ensino universitário, editoriais de jornais saudando os avanços da abertura do mercado de trabalho para mulheres, peças teatrais reivindicando o voto feminino etc.. No entanto, as reações masculinas seguiam na contramão desse movimento, e não raras vezes a "literatura, o teatro e a imprensa se manifestavam, encarregando-se de ridicularizar as doutoras e insistindo que seria impossível manter um casamento e cuidar de filhos ao mesmo tempo em que exerciam a profissão" (DUARTE, 2019, p. 34). Porém, a mesma autora reflete que se evidenciava uma questão de classe, pois às mulheres pobres era liberado o trabalho fabril e prestação de serviços domésticos.

Segundo Dulcília Buitoni (1986, apud. DUARTE, 2019, p.35), esse período proporcionou a construção de canais de expressão das "sufocadas vocações literárias das mulheres", exercendo funções "conscientizadora, catártica, psicoterápica, pedagógica e de lazer".

O próximo momento do feminismo no Brasil vem com uma bagagem de acúmulo das lutas anteriores e as mulheres "clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho" (DUARTE, 2019, p. 35). Esse momento compreendeu o período de 1920 a 1970.

A autora relata que o movimento possuía algum apoio de homens, porém carregado de repúdio: conta que, quando um grupo de mulheres conseguiu que um senador (Justo Chermont) apresentasse o primeiro projeto de lei que autorizava o sufrágio feminino, apoiadores deste projeto teriam passado por ridicularização.

Neste período são organizados grupos como a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, de importante atuação política. Esta última redigiu o chamado "Manifesto Feminista" ou "Declaração dos Direitos da Mulher"⁴⁸.

Neste período o cenário internacional carregou grandes avanços no que tange ao crescimento da visibilidade do movimento feminista, a década de 1960 foi especialmente importante para uma globalização feminista — e as brasileiras sofrem grande influência neste sentido. A ONU contribuiu grandemente para isso, principalmente quando da instituição do Ano Internacional da Mulher, em 1975 — seu planejamento vinha sendo gestado na Comissão sobre a Condição Social e Jurídica da Mulher na ONU desde 1972, que, de acordo com Therborn (2006, p. 154), "surgiu da esquerda comunista e da Diplomacia da Guerra Fria"⁴⁹.

O quarto momento do feminismo no Brasil, demarcado pelo período de 1970 a 1990, sofre forte influência do contexto internacional e, contraditoriamente, da ditadura militar no Brasil. As lutas envolvendo esta última estavam ligadas à redemocratização, à anistia e por melhores condições de vida — porém, houve

⁴⁸ "As Mulheres, assim como os homens, nascem membros livres e independentes da espécie humana, dotados de faculdades equivalentes e igualmente chamados a exercer, sem peias, os seus direitos e deveres individuais. Os sexos são interdependentes e devem, um ao outro, a sua cooperação. A supressão dos direitos de um acarretará, inevitavelmente, prejuízos ao outro, e, conseqüentemente, à nação. Em todos os países e tempos, as leis, preconceitos e costumes tendentes a restringir a mulher, a limitar a sua instrução, a entravar o desenvolvimento das suas aptidões naturais, a subordinar sua individualidade ao juízo de uma personalidade alheia, foram baseados em teorias falsas, produzindo, na vida moderna, intenso desequilíbrio social. A autonomia constitui o direito fundamental de todo indivíduo adulto. A recusa desse direito à mulher é uma injustiça social, legal e econômica que repercute desfavoravelmente na vida da coletividade, retardando o progresso geral. As noções que obrigam ao pagamento de impostos e à obediência à lei os cidadãos do sexo feminino, sem lhes conceder, como aos do sexo masculino, o direito de intervir na elaboração dessas leis e votação desses impostos, exercem uma tirania incompatível com os governos baseados na justiça. Sendo o voto o único meio legítimo de defender aqueles direitos à vida e à liberdade proclamados inalienáveis pela Declaração da Independência das Democracias Americanas e hoje reconhecidas por todas as nações civilizadas da Terra, à mulher assiste o direito ao título de eleitor" (Irede Cardoso, Os tempos dramáticos da mulher brasileira. Coleção História Popular, no 2, São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 1981, p. 34.)

⁴⁹ "(...) conseguiram então um delegado oficial romeno para propor a moção. Nessa época, a Romênia, distanciada da URSS, era o país comunista preferido do Ocidente. A comissão adotou a proposta e a submeteu à Assembleia Geral da ONU que a endossou" (THERBORN, 2006, p. 154).

espaço para o debate sobre sexualidade, direito ao prazer e ao aborto, além das discussões sobre a inclusão na agenda pública (no âmbito das políticas públicas) do planejamento familiar e o controle de natalidade.

É destaque o movimento de apoio (e superação das divergências) das feministas às 26 deputadas constituintes, como forma de garantir alguns avanços na Constituição Federal de 1988, no que diz respeito à igualdade perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Outro destaque é dado no âmbito acadêmico, com a institucionalização de estudos sobre mulher. Constância Lima Duarte (2019, p. 44) elenca uma série de importantes iniciativas dessa temática.

Como sinalizado anteriormente, o movimento global iniciado pela ONU repercutiu no mundo inteiro, e depois, foi aprofundado com a instituição da Década Internacional da Mulher (1975–1985).

Muitas discussões passaram a ser incorporadas, como as questões de classe e raça/etnia, amadurecendo as ações, aprofundando e diversificando as bases teóricas — uma discussão que tomou parte significativa dos debates no interior do movimento foi a questão de gênero, que abordaremos no próximo tópico.

Cynthia Sarti (2004, apud. MEDRADO, 2008, p. 813) afirma que o movimento feminista no Brasil, especialmente nas produções teóricas e políticas após a década de 1970, se consolida a partir de duas tendências de atuação: uma que tem como foco o mundo privado (com interesse especial em grupos de reflexão, de estudo e de convivência); e outra, mais expressiva, que buscou atuar na vida pública das mulheres (com foco em questões de trabalho, direito, saúde e redistribuição de poder).

Hoje, o movimento feminista ainda possui diversos espaços de batalhas a serem travadas: direitos reprodutivos, igualdade salarial, ampliação da presença de mulheres (negras — com destaque) em assembleias e em cargos de direção e a "ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física" (DUARTE, 2019, p. 45).

E nisso homens podem participar — algumas vezes até ativamente (refletindo sobre e abrindo mão de privilégios, principalmente), pois, caso contrário, vão reproduzir as injustiças. Para os que são pais, refletir sobre a parentalidade

participativa poderá oportunizar que uma porta se abra para fazer parte desse movimento mais amplo.

Fica evidente, portanto, que os movimentos de mulheres e feministas trouxeram à tona o debate sobre os papéis sociais de homens e mulheres, ou seja, as bases para o debate sobre gênero. Isto implicou discutir (e pôr em cena) o masculino e as masculinidades e, por consequência, as paternidades. Segundo Kaufman (apud.MEDRADO; LYRA, 2000),

o questionamento sobre a mais intensa, em número e qualidade, participação dos homens nas atividades domésticas — incluindo aí o cuidado para com o filho — pode ser considerado uma decorrência mais ou menos direta dos movimentos feministas e de sua crítica aos paradigmas teóricos das Ciências Humanas e Sociais (p. 151).

Uma reflexão importante a ser feita, também, é a de como o patriarcado é nocivo e prejudicial aos homens⁵⁰, longe de pensar numa perspectiva vitimista (visão do homem apenas como vítima do sistema, pois o sexismo afeta homens e mulheres de formas diferentes). Afinal, vivemos em uma sociedade em que se torna muito difícil ao homem escapar dos papéis que lhes são impostos a partir da educação sexista que recebe, da (necessidade de uma) sexualização precoce, do estímulo a ser forte, a não chorar, a esconder seus sentimentos, entre outras determinações de papéis incrustados no ser (fazer-se) homem na contemporaneidade.

Nessa perspectiva/leitura encontram-se as bases do entendimento das expressões da violência de gênero, e também da dificuldade encontrada por homens-pais em abrir-se para as possibilidades de ampliação de afeto em relação aos filhos, como se isso fosse gerar questionamentos sobre sua masculinidade, na perspectiva de que, se não corresponder ao modelo hegemônico de homem/macho, algo está errado. Por isso, torna-se premente discutir sobre gênero e sobre masculinidades, para entender os caminhos possíveis do exercício das paternidades

⁵⁰ Homens são os que mais cometem suicídio <<http://www.generonumero.media/suicidio-violencia-autoprovocada-homens-mulheres/>>. Acesso em 22 abr 2021, e que se envolvem com uso abusivo de álcool e substâncias psicoativas <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/34614/1/III%20LNUD_PORTUGU%c3%8aS.pdf>. Acesso em 22 abr 2021. Essa nocividade se dá ao fato de que a masculinidade “ideal” (materializada no poder masculino de que todos homens individualmente se acham merecedores) é a princípio perdida porque desde sempre é utópica, gerando práticas de violência. Ou seja, estas são reflexos da falta do poder que supõe merecer.

com viés que coaduna com a superação das desigualdades entre os partícipes da relação parental.

1.6. A perspectiva de gênero (Ou: As relações sociais de sexo)

A história da humanidade foi contada a partir da noção de que o homem branco europeu é a medida, e modelo, de "homem genérico", da representação do que é ser humano, humanidade (PINSKY, 2009, p. 160).

Esta racionalidade passa a ser questionada, e diversas áreas das ciências humanas e sociais inserem a discussão sobre a participação feminina na história humana:

A própria experiência masculina passou a ser estudada para além de categorias pretensamente neutras, como classe e etnicidade. O feminino foi visto como reportado necessariamente ao masculino nas práticas concretas e simbólicas, em relações de poder, conflito ou complementaridade, dentro de contextos históricos específicos. As relações sociais de sexo adquiriram o mesmo status de categorias como classe e raça e passaram a ser consideradas imprescindíveis em teorias que se propõem a explicar as mudanças sociais (PINSKY, 2009, 161).

Discute-se a compreensão do sexo fazendo referência à biologia corporal (diferenças sexuais) e do gênero, à cultura (classificações sociais de feminino e de masculino).

A escritora, filósofa e feminista francesa, Simone de Beauvoir (1908-1986), distingue o sexo de gênero, defendendo que este é uma interpretação ou significação cultural daquele, que é uma facticidade biológica. Portanto, ser fêmea, nessa perspectiva, não tem em si qualquer significado.

Assim, a categoria gênero possibilita a compreensão sobre a construção social com base nas diferenças biológicas entre homens e mulheres e permite aprofundar a análise das relações de poder entre esses sujeitos. Daí a importância de refletir sobre gênero enquanto categoria de análise, pois ela

(...) ajuda a pensar nessas questões, escapar ao reducionismo, levar em conta as transformações históricas e incorporar, na pesquisa e na análise, seus entrecruzamentos com etnia, raça, classe, grupo etário, nação, entre outras variáveis (PINSKY, 2009, p. 163).

Em outro excerto a mesma autora reflete sobre a historicidade dos significados atribuídos ao que é masculino ou feminino, possível pela análise desses significados a partir da perspectiva de gênero:

os significados de “ser homem”, “ser mulher” ou de identidades e papéis [relacionados de algum modo a concepções que fazem referência a sexo] como “mãe”, “boa esposa”, “moça de família”, “chefe da casa” são entendidos, na perspectiva de gênero, como situações produzidas, reproduzidas e/ou transformadas ao longo do tempo (PINSKY, 2009, p. 163).

No início das discussões teóricas e políticas sobre gênero (por exemplo, estudos de gênero, violência de gênero⁵¹ etc.), pensava-se exclusivamente na mulher como centro desse estudo — como se apenas a mulher tivesse gênero ou como se este fosse construído apenas na experiência da subalternidade. Porém, gênero está inscrito numa perspectiva relacional, que envolve homens e mulheres.

Cisne e Santos (2018) realizam um apanhado histórico das produções/expressões feministas (do campo teórico e da ação política) que remontam desde o ano 1405 (EC) para evidenciar que

em termos de produção de conhecimento e de luta das mulheres [essas produções] antecedem, e muito, a existência do conceito de gênero. Queremos chamar a atenção para o fato de que **não foi o conceito de gênero que possibilitou a desnaturalização do sexo**. Muito antes dele, já se entendia criticamente a construção social do sexo e se contestava a sua naturalização (grifo nosso. p. 46).

A condução de nossa reflexão sobre a categoria gênero não abarcará os desdobramentos teóricos e discursivos sobre a (des)biologização do sexo, porém, concordamos com a ideia de que há uma construção social, histórica e cultural das relações sociais de sexo⁵². Cisne e Santos (2018) tecem críticas ao uso da categoria gênero, considerando que “os estudos de gênero, quando comparados aos estudos feministas, adquirem, por vezes, um caráter mais ‘neutro’, menos ofensivo, ou seja, mais polido ao gosto das instituições multilaterais e governamentais, além de aparentemente mais ‘acadêmico’ ou ‘científico’” (p. 51). E, ainda, referenciando Safiotti (2004, apud. CISNE e SANTOS, 2018, p. 51), afirmam que esta categoria é

⁵¹ Esta perspectiva merece destaque, ao passo que a “divisão do mundo [valorização do que é masculino/de homens e desvalorização do que é feminino/de mulheres], esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências: violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens à custa das mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 461).

⁵² Cisne e Santos (2018), se baseiam em Mathieu para afirmarem que “o sexo não é um dado biológico, mas deve também ser compreendido como síntese de uma construção social” (p. 40).

deveras “palatável, porque é excessivamente geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro”.

Em analogia a essa reflexão, conclui-se que pensar as paternidades sem considerar sua construção social e histórica, e, portanto, apartada das relações sociais de sexo, de classe e de raça, e que sofrem influência do sistema patriarcal, racista, machista e capitalista, é tornar o fenômeno mais palatável — ainda que as mudanças individuais (homens-pais que, ao participarem mais ativamente da vida dos filhos e atividades domésticas, contribuem para a equalização das relações parentais) sejam parte de outras ações e mudanças mais amplas e estruturais rumo à emancipação humana.

Numa sociedade em que a cultura normaliza a falsa ideia de homem universal, entendida como sinônimo de humanidade⁵³, teorias feministas críticas, com sucesso, têm dado visibilidade às especificidades femininas, reescrevendo a história da cultura, fazendo-se reconhecer a presença, influência e opressão das mulheres.

Neste campo, a heterossexualidade tem sido compreendida como uma imposição natural, pois trata-se de uma experiência hegemônica que é naturalizada (VIEIRA, 2021). Nesta mesma perspectiva, que é natalista, a reprodução é vista como o destino da humanidade, existindo a defesa de que os sexos opostos se complementam: o pênis e a vagina se acoplam nesse destino para fins reprodutivos, o mundo se organiza nessa alegoria das relações heterossexuais (tomada/pino, porca/parafuso, fechadura/chave etc.). E, quando se trata de relações parentais, isso fica ainda mais evidente, pois para uns ainda soa estranho (a ponto de questionar a heterossexualidade alheia), nesse ordenamento sexual — que é machista e patriarcal — que homens assumam atividades tidas como femininas (no âmbito doméstico — como a limpeza e manutenção da casa, e o cuidado dos filhos, e no âmbito profissional — quando assumem cargos profissionais vinculados ao cuidado

⁵³ Os marcadores desse sujeito humano universal correspondem ao homem, masculino, branco, heterossexual, cisgênero, classe média. Tentamos, no decorrer da redação deste trabalho não atribuir ao termo "homem" esse caráter universal, realizando, para isso a substituição por termos mais adequados, conforme o contexto da redação.

do outro, como a enfermagem, o serviço social, a estética etc.) e mais estranho ainda paternidades gays, travestis e transexuais⁵⁴, por exemplo.

Tratar sobre paternidades na perspectiva de gênero tem o risco de reforçar a cultura da binariedade, quando se utiliza do reforço das diferenças entre os sexos biológicos (cada um com disposições de cuidado inerentes, ou ausentes, a cada sexo, por exemplo) sem valorizar a noção de que a parentalidade é mais importante para as relações envolvidas no cuidado da prole do que o fato de um homem ser ou não participativo⁵⁵. Porém, não se pode desprezar o fato de que na contemporaneidade ainda é necessário fazer essa ressalva da urgência de romper com os padrões machistas e patriarcais no exercício da parentalidade por homens e mulheres⁵⁶.

Estudos sobre masculinidades auxiliam neste rompimento, à medida que propõe estudar, pesquisar e superar práticas injustas. Medrado e Lyra (2008), dois estudiosos das masculinidades no contexto da saúde pública, abordam o tema gênero na perspectiva de uma matriz feminista para estudos sobre homens e masculinidades. Eles reforçam as conquistas que as movimentações das mulheres alcançaram no sentido de uma sociedade mais justa, e que levaram a propostas de mudanças nas condições de vida tanto de mulheres como de homens.

Sob o marco conceitual de autoras como Gayle Rubin, Teresita de Barbieri e Maria Jesús Izquierdo, os referidos autores (2008) tratam do sistema sexo/gênero com o viés da necessidade de se “desnaturalizar as prescrições e práticas sociais atribuídas a (e incorporadas e naturalizadas por) homens e mulheres, consideradas marcações masculinas e femininas” (p. 815).

⁵⁴ Em 2020 a empresa de cosméticos e produtos de beleza Natura realizou uma campanha no dia dos pais em que trazia Thammy Miranda, um homem trans, exercendo a sua paternidade e foram (a empresa e o pai-propaganda) alvos de intensas críticas nas redes sociais, por pessoas e setores conservadores. Cf. <https://catracalivre.com.br/cidadania/natura-contrata-thammy-miranda-para-campanha-de-dia-dos-pais-e-web-ataca/> Acesso em 08fev2022)

⁵⁵ Sugerimos que neste aspecto, em sentido semelhante ao que ocorre com algumas críticas ao emprego da categoria “mulher” como uma possibilidade de incorrer ao retorno a um essencialismo que busca a “mulher de verdade”, conceituar a paternidade participativa num sentido de sua valorização, pode incorrer numa busca de definir esse tipo como um ideal de paternidade (criando a paródia do “mito do amor paterno”), e até de homem.

⁵⁶ Sim, por mulheres também, pois, o patriarcado funciona como um sistema, e está presente nas relações sociais, por isso, “também é reproduzido por mulheres, mesmo sem a presença direta de um homem (...) ao reproduzir o patriarcado, as mulheres, diferentemente dos homens, não usufruem de privilégios, ao contrário” (CISNE e SANTOS, 2018, p. 43).

A crítica do uso, e abuso, do conceito gênero empregado nas Ciências Humanas e Sociais perpassa o questionamento da prática de se distinguir, de um lado, o sexo-biologia e, de outro lado, o gênero-cultura. E, também, a própria binariedade (macho-fêmea) é questionada⁵⁷.

Utilizando-se da tese da construção cultural da diferença dos sexos, de Jurandir Costa (1995, apud. Medrado, 2008), eles defendem que a binariedade tem causa política, inclusive. Tal tese afirma que a oposição binária, apesar de parecer natural, teria fundamento político, baseado nos interesses da sociedade burguesa.

Os autores afirmam que relações de sexo/gênero não podem ser pensadas em si mesmas, pois possuem uma dimensão relacional. Citando Barbieri, dizem que não se pode estudar apenas as mulheres como objeto dos estudos de gênero, mas, nas relações mulher-homem, homem-homem e mulher-mulher, realizar uma análise em todos os níveis, âmbitos e tempos — desta forma os resultados dos estudos serão maiores (no sentido de serem mais abrangentes). Porém, dizer que tais relações possuem uma dimensão relacional não significa que sejam complementares, mas que há assimetria de poder.

Com isso, eles apostam que os estudos de gênero devem analisar a “complexa teia que define as relações de gênero, que nos aponta mais para a diversidade do que para a diferença, como resposta à dicotomia e à desigualdade” (p.819).

Essa realidade remete à ideia de dominação (de um sexo pelo outro), porém, é preciso, conforme asseveram os autores, possibilitar uma comunicação capaz de dar conta dessa relação a ser estabelecida não mais entre seres em oposição (eu *versus* não-eu). A proposta é de fugir das lógicas binárias e polarizadas, incluindo um olhar para as intersecções com outros marcadores sociais — como as categorias de raça/etnia, idade/geração, sexualidade e condição socioeconômica.

Fazem, ainda, proposta de complexificação mais ampla do olhar sobre tal realidade, quando afirmam que tais intersecções, especificamente raça, gênero e

⁵⁷ Para fortalecer esta tese os autores citam Barbieri (1992, p. 1140): “Na espécie humana se distinguem vários níveis da diferença sexual: o sexo cromossômico, o sexo gonadal, o hormonal, o anatômico e o fisiológico. Porém, este conhecimento é muito recente na história humana, pelo que se pode supor que os sistemas de gêneros se têm constituído a partir da observação das diferenças anatômicas e fisiológicas para a qual não tem sido necessário o uso de microscópios eletrônicos para se fazerem evidentes”.

idade, “do ponto de vista da história social, e do ponto de vista do ciclo de vida, da trajetória pessoal, não atuam no mesmo momento e na mesma direção na vida das pessoas” (p. 820). Esta proposta se baseia no conceito de “heterosincronia”, de Fúlvia Rosenberg (1997, 2001 e 2002, apud MEDRADO, 2008, p. 820).

Quando se trata da reprodução da binariedade na sociedade, que evidencia relações assimétricas de poder, positivamente favorável aos homens, demonstrada nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, os mesmos autores afirmam que, mesmo havendo contestação a essas doutrinas, “a história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito” (p. 822). Ou seja, o gênero sob a ótica da binariedade, se constrói não apenas no âmbito da família e das relações de parentesco, mas também por meio daquelas doutrinas, instituições e organizações sociais.

Já em nível micro, da vida e do cotidiano, abrem-se múltiplas possibilidades, tanto de reprodução como de subversão da binariedade imposta social e culturalmente, pois é nesses âmbitos que homens e mulheres atualizam concretamente a identificação com um ou outro gênero.

o suposto destino biológico da mulher à maternidade tem sido construído através de símbolos (Maria), de prescrições religiosas, jurídicas, educacionais (regulamentação da contracepção), das organizações sociais (dispor ou não de creche) e das identidades subjetivas (a mediação entre não trabalhar fora enquanto tem filhos pequenos). Em contrapartida, o masculino, ao ser associado à produção e administração da riqueza, é afastado do reino da reprodução, a não ser pelo sêmen fecundante. Se isto confere maior poder aos homens, nem todos os homens vivem harmoniosamente, sem conflitos, sem contradição esta experiência. Intersubjetividades de mulheres e de homens escapam a prescrições, bem como sua organização social em movimentos políticos (MEDRADO, 2000, p. 150).

Neste sentido, discutir masculinidades, a partir da conceituação feminista de gênero — como uma construção social legitimando e construindo poder masculino — é importante para auxiliar na superação de práticas parentais machistas e patriarcais. O caminho a ser trilhado a seguir será o do entendimento de que a paternidade participativa, como agente ativo na economia do cuidado⁵⁸, se insere no

⁵⁸ Neste trabalho o foco é o cuidado de filhos, mas esta dimensão envolve o cuidado em outros âmbitos da vida, como o cuidado de idosos, PCDs, o trabalho profissional vinculado ao cuidado, o trabalho com alimentação etc.

campo da diversidade, pois sua existência questiona a masculinidade hegemônica na medida em que busca superar imposições generificadas — determinadas por biologia/genitalidade e orientadas pela desigualdade de gênero.

1.7. A discussão sobre as Masculinidades

Essas discussões ganham maior espaço (constituindo-se como campo⁵⁹ de estudos sobre masculinidades) após a década de 1980, a partir da ampliação dos debates sobre feminismo e sobre gênero. Em algum momento se percebe que homens deveriam fazer parte da solução, não só das causas dos problemas. Até porque a performance do homem bruto, machista, forte etc. deveria ser superada, possibilitando que outras masculinidades ganhassem espaço.

Os estudos sobre as masculinidades são marcados pela obra *Masculinities*, de Raewyn⁶⁰ Connell, de 1995. Nela, a autora compreende a masculinidade como configurações de prática de gênero, construída social, cultural e historicamente, e a noção de “masculinidade hegemônica” é problematizada.

Esta é moldada, em cada tempo histórico e sociedade, em ações baseadas na fortaleza, na virilidade e na repressão das emoções, por vezes, quando executadas, convertidas em virtude (para o patriarcalismo). Em tempos de feminismo atuante, de acordo com Marin (2020),

(...) a dissonância com a "outra mulher" significa que o machismo não é uma estrutura a ser desempenhada 24 horas por dia, mas sim que o machismo se metamorfoseia em práticas de curta duração dependendo dos contextos, encontros e interlocutores (2020, p. 117, tradução nossa).

Assim, o conceito de masculinidade hegemônica é compreendido como uma construção sócio-histórica que se refere ao homem num lugar de poder e dominação, opondo-se às masculinidades marginalizadas, subordinadas e não-hegemônicas.

Na América Latina os estudos sobre masculinidades já têm mais de 20 anos de existência, e neste período a academia se debruça para analisar e refletir o homem que estava "em cena" (AGUAYO; NASCIMENTO, 2016). Ademais, os

⁵⁹ Que congrega estudos de áreas diversas, como a antropologia (Margareth Mead), a sociologia (Pierre Bourdieu) e a psicanálise (Jack Halberstam), por exemplo.

⁶⁰ Após o falecimento de sua esposa, Robert Willian Connell passou pela transição de gênero, quando passou a se chamar de Raewyn.

estudos sobre homens e masculinidades passam a teorizar sobre a participação dos homens nas desigualdades de gênero, a despeito de sempre haver nos homens uma falta de interesse em mudar o estado das coisas — em contraponto ao interesse das mulheres, que sofrem muito mais os efeitos dessa desigualdade.

Em diversos eventos que discutiram as masculinidades, como a conferência regional "La equidad de género en América Latina y el Caribe: desafíos desde las identidades masculinas" no Chile, em 1998, os temas mais tratados foram: trabalho, sexualidade, reprodução, **paternidade** e violência. Com o desenvolvimento da produção e debates sobre os temas, outros foram surgindo, como saúde sexual, machismo, diversidade sexual LGBTQIA+ etc., em correlação, muitas vezes, com o tema violência — com destaque para as ações de programas de atenção ao homem agressor.

Quando era tratado o tema paternidade⁶¹, as discussões visavam evidenciar a realidade de homens que não participam da vida e criação/cuidado dos filhos, nem das tarefas domésticas de casa. O avanço dos debates ajudou a conhecer mais sobre como o trabalho remunerado e o gênero incidem e marcam a distribuição de tarefas (de casa e com os filhos).

Uma consequência dos debates sobre as masculinidades, para além do desenvolvimento teórico e enriquecimento da produção de conteúdos, é a convocação e o envolvimento dos homens em atitudes e comportamentos equitativos.

Neste sentido, propõe-se que viver a parentalidade possui a potência de oportunizar que as pessoas repensem as desigualdades e de provocar mudanças (GARCIA, 2019, p. 52). Pois, se hoje a sociabilidade hegemônica⁶², em se tratando do exercício parental, tem características que revelam o predomínio de relações ancoradas na divisão desigual de tarefas, na repressão/manifestação de emoções e

⁶¹ No âmbito do Serviço Social as pesquisas sobre paternidade são incipientes, em número e em aprofundamento. Raras são as produções em nível de programas de pós-graduação que fazem o debate sobre paternidades. Um exemplo dessa "raridade" é a dissertação de João Carlos Ferreira (2018), que insere o tema paternidade participativa no debate da categoria profissional, respaldando teoricamente a atuação profissional de assistentes sociais que trabalham com famílias, por exemplo.

⁶² Esta se fundamenta nas características da sociabilidade própria da sociedade do capital, com relações fundadas "na divisão social, sexual e racial do trabalho, na propriedade privada, na exploração da força de trabalho e na disseminação de um *ethos* voltado aos interesses particulares" (CISNE e SANTOS, 2018, p. 38).

de afeto etc., baseadas no que se espera do homem e da mulher, então é possível vislumbrar a construção de outra sociabilidade baseada na igualdade, superando as expectativas baseadas no sexo de quem exerce a parentalidade.

Por certo, ao longo da história, as mulheres têm sido alvo de injustiças sociais de ordens variadas e, por mais conquistas que tenham alcançado, ainda está distante poder-se falar sobre uma efetiva igualdade de gênero. Por outro lado, muitos homens em condições sociais (a)diversas também enfrentam, cotidianamente, a impossibilidade/obrigação de responder ao modelo hegemônico de masculinidade (MEDRADO, 2008, p. 826).

A partir dessa realidade, observa-se que, por diversos motivos (dentre eles o patriarcado e o machismo), homens possuem referências de um exercício da paternidade que os deslocam do cuidado cotidiano dos filhos e os empurram para a função de provedores do lar — estas referências encontram-se na lógica da masculinidade hegemônica.

Albuquerque Júnior (2014) oferece muitos outros elementos dessa masculinidade, pois os homens são

formados para se colocarem em situações de risco, para não cuidarem de seus próprios corpos e das suas vidas, ensinados a buscarem o poder e o sucesso a qualquer preço físico e mental, despreparados subjetivamente para o fracasso, para a dependência, para o afeto, para a convivência emocional, incapacitados para lidarem com suas fragilidades, com seus medos, com seus sentimentos, com a impotência física e social (p. 116).

Porém, apesar dos homens serem criados desde cedo para serem assim⁶³, essa não é a única forma de exercer a paternidade/parentalidade e de participar das atividades domésticas.

Wall, Aboim e Cunha (2010, p. 460, apud CUNHA, 2017) justificam que “se durante tanto tempo, e tão aprofundadamente, se procurou compreender a entrada das mulheres na vida pública, era agora tempo de estudar o movimento inverso: o da entrada dos homens na vida privada, na família” (p.02).

Trata-se de uma realidade da qual emerge a reflexão de que, no plano dos valores, a vida privada, e não mais somente a vida pública, passa a ser objeto de igualdade. Welzer-Lang (2001) traça um esboço para explicar como conseguir a igualdade: “Quando se atribui ao dividir uma torta sete partes aos homens e uma às

⁶³ Aqui estamos nos referindo aos prejuízos que o patriarcado causa aos homens, já sinalizados anteriormente.

mulheres, a luta por igualdade deve significar que se divida a torta em porções iguais. Logo, os homens terão menos!" (p. 461).

Deste modo, idealmente, conclui-se que a mulher participando mais da vida pública corresponderia a uma maior participação de homens na vida privada. "Ao invés de procurar culpados, é necessário identificar como se constroem as relações, possibilitando efetivamente transformações neste campo das relações sociais 'generificadas', ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero" (MEDRADO; LYRA, 2000, p. 147).

Não é à toa que se tem encontrado diversas recomendações para que se reveja a política ou linhas de intervenção para se abrir "canais para pensar a masculinidade, a paternidade e maneiras de encorajar os homens para que sejam responsáveis por seus comportamentos sexuais, papéis sociais e familiares" (MEDRADO, 2000, p. 151). E essa perspectiva balizará o tema paternidades no próximo tópico.

1.8. O debate sobre paternidades (nas mídias sociais)

Partimos do pressuposto de que a análise do tema aqui realizada considera a paternidade e seu exercício como uma construção social e histórica, que sofre influência e interferência objetiva e subjetiva cada vez que um homem vai exercer a parentalidade (biológica, adotiva, socioafetiva). Os temas abordados até o momento revelaram o quanto o fenômeno da paternidade participativa é uma síntese de múltiplas determinações — e que permanece em movimento para o surgimento de novas sínteses.

Tais influências e interferências, como visto nos tópicos precedentes, são profundas, e perpassam a evolução da espécie humana e das sociedades que se formaram sob a égide do patriarcado, em que este se baseia em relações desiguais entre homens e mulheres, configurando papéis a cada um dentro de um tipo "ideal" de família (nuclear, monogâmica, burguesa), moldada para ser uma pequena unidade fabril de reprodução humana, atendendo a demanda por trabalhadores das indústrias capitalistas.

Esse processo, como visto, não foi livre de contradições e gerou resistência — capitaneada pelas mulheres, grandes prejudicadas pela divisão sexual do trabalho, da vida e da história. O movimento de mulheres conquistou e ampliou direitos; viabilizou a ampliação do debate sobre a condição da mulher na sociedade; possibilitou discutir e teorizar sobre relações de gênero; e incitou mudanças nas relações dos homens com as mulheres — em nível pessoal ou social. A masculinidade passou a ser pensada, pesquisada e discutida, questionando a existência do padrão hegemônico de homem, propondo novas relações, comportamentos e um engajamento real dos homens na luta pela equidade.

No início dos debates e nas produções científicas sobre masculinidades, a paternidade era tratada sob a perspectiva da ausência paterna na vida, educação e cuidado dos filhos, bem como nas tarefas domésticas. Portanto, as paternidades sob o viés da maior participação do pai na vida do/a/s filho/a/s só existe como conceito (paternidade participativa) em razão da sua antítese, o pai ausente, inativo, que “só ajuda”, e por aí vai.

Percebe-se, em alguns espaços, uma tendência a produzir resistência a essa figura paterna ausente — reprodutora de relações desiguais. O excerto de Yazbek (2009), que trazemos na sequência, fala da realidade social mais ampla, mas que podemos aplicar a mesma lógica para o debate sobre paternidades, pois está inserido nela.

O processo de reprodução da totalidade das relações sociais na sociedade é um processo complexo, que contém a possibilidade do novo, do diverso, do contraditório, da mudança. Trata-se, pois, de uma totalidade em permanente reelaboração, na qual o mesmo movimento que cria as condições para a reprodução da sociedade de classes cria e recria os conflitos resultantes dessa relação e as possibilidades de sua superação (p.4).

Por isso, pelas condições apresentadas na contemporaneidade, o exercício da paternidade passa a ser refletido numa perspectiva relacional de gênero, e também feminista, que intenta produzir na vida das pessoas elementos que contribuem de alguma forma com a superação das desigualdades existentes nas relações parentais, sejam elas da forma que for (parentalidade biológica, adotiva, entre pessoas do mesmo sexo, racializadas etc.).

Os arranjos conjugais não definem o exercício da paternidade, pois ela pode ser exercida em qualquer configuração familiar, evidenciando a multiplicidade dos modos e formas de exercer a parentalidade. A perspectiva psicanalítica propõe que

a discussão sobre as formas de ser família hoje não se realize apenas em torno do exercício das funções paternas e maternas; mas que, independentemente do arranjo conjugal, a parentalidade se ocupe da estruturação psíquica do sujeito, por meio da troca afetiva e da transmissão dos interditos. Desse modo, o papel das figuras parentais se mostra absolutamente formador, no sentido de preparar os filhos para suas responsabilidades em relação às normas de convívio social.” (GORIN et. al, 2015, p. 12).

Ou seja, o próximo passo será superar a noção da paternidade participativa, avançando para uma realidade de exercício da parentalidade, sem adjetivos, pois os fundamentos desse avanço são mais profundos.

A concepção de paternidade tem se modificado ao longo da história das sociedades ocidentais contemporâneas. A partir da década de 1970, com a ascensão do novo modelo econômico industrial e a consolidação do movimento feminista, os questionamentos das desigualdades de gênero, o avanço dos métodos contraceptivos e o incremento massivo das mulheres no mercado de trabalho fazem emergir a exigência de um pai mais envolvido com sua criança (J. H. Pleck & E. H. Pleck, 1997) (VIEIRA, 2014, p. 37).

Essa realidade é evidenciada em estudos, como o de Zeide Trindade (apud MEDRADO, 2000), realizado em 1991, que já indicavam uma mudança em curso no exercício parental masculino.

Hoje a situação é diferente. Em diversas áreas da atividade humana os pais são reconhecidos não só como afetivamente importantes para os filhos como também aptos para providenciar todos os cuidados necessários para o seu bem-estar, inclusive aqueles antigamente restritos exclusivamente às mães (p. 156).

Como uma tentativa de ampliar o debate sobre o tema, observa-se que em diversos espaços esse "tipo" de paternidade já foi adjetivado de variadas formas (como a Nova Paternidade e Paternidade Ativa). Categorizar as paternidades por tipos de atuação em relação aos filhos se mostra como uma contradição, pois o exercício parental realizado por homens não precisa ser adjetivado, apenas exercido. Com a maternidade esse movimento não ocorre, é apenas maternidade (não se fala em maternidade ativa, participativa etc). Isso mostra como as transformações societárias, neste âmbito, são lentas.

Qualquer tentativa de adjetivar a paternidade vai escamotear a realidade plural por meio da qual ela se manifesta. Por outro lado, a construção social e histórica das paternidades ainda é centrada num exercício que homogeniza a ideia de um tipo ideal tido como mais frequente, normal e, portanto, natural. Esse tipo é baseado numa relação pouco participativa no cuidado dos filhos e da casa, construído a partir de relações desiguais entre homens e mulheres, expressando no cotidiano o patriarcalismo e o machismo. Busca-se, portanto, a superação desse modelo.

Tal modo de ser homem e pai tem sido problematizado para fazer com que haja mudanças nas relações parentais, para que se transformem em relações, no mínimo, mais justas e igualitárias.

Ferreira (2019) identificou que

alguns homens-pais têm ampliado seus papéis sociais para além da dimensão cultural e ideológica que lhes é atribuído por uma função de produção, gerando atitudes e um discurso equitativo sobre responsabilidades domésticas e familiares, compartilhadas na perspectiva da igualdade de gênero, posicionando-se mais próximo e acessível aos filhos, adentrando no espaço da reprodução social (p. 74).

Essa mudança observada no modo de ser homem-pai possibilita a criação de novos desafios, e é reflexo de uma sociedade em constante transformação. Um exemplo disso é como o Direito, através do discurso jurídico, pode produzir paternidades, ao negar ou atribuir a pessoas o título de pai (PERUCCHI, 2008). A Genética, também, quando, a partir do exame de DNA, é capaz de atribuir — com 99,9% de certeza — a paternidade biológica a uma pessoa, gerando outros tipos de discussões sobre se a biologia basta para ser pai (FONSECA, 2004).

Para lançar luzes sobre esses desafios têm surgido, como dissemos, algumas adjetivações que intentam diferenciar a paternidade "tradicional" desse novo modo contemporâneo de ser pai, mais participativo na vida e educação dos filhos, que divide atribuições domésticas (quando a parentalidade é dividida), que, em suma, "está disposto a se vincular, a construir relação de afeto e cuidado, de auxiliar um outro ser humano a crescer e a desenvolver-se" (FERREIRA, 2019, p. 76).

A partir da construção sócio-histórica das relações parentais, por outro lado, a maternidade não segue a mesma lógica, pois é vista "naturalmente" (a partir de ideias fundadas no "mito do amor materno", cf. BADINTER, 1985) como uma prática

essencialmente participativa, ativa, acolhedora, amorosa etc.. Aí se funda toda crítica a qualquer adjetivação da paternidade, pois o homem-pai ainda tem o privilégio da escolha⁶⁴ (THURLER, 2006), ao contrário das mulheres que, ao engravidar, têm a maternidade compulsória — sofrendo todo tipo de consequência ao negar o desejo de ser mãe⁶⁵.

Um estudo realizado sobre paternidade no mundo, publicado em 2015 (LEVTOV, apud FMCSV, 2015, p. 59), observou que "cerca de 80% dos homens, em algum momento da vida, se tornarão pais biológicos e quase todos têm ou terão alguma conexão com criança, vivendo com elas⁶⁶ ou não"; ou como parente, primo, tio, avô, ou bisavô; ou ainda, como técnicos/treinadores, professores, ou membro da comunidade.

Portanto, a participação de homens no desenvolvimento infantil é um tema que precisa ser abordado. Pois os impactos envolvem uma série de âmbitos, desde a própria vida desse homem, passando pelas relações de gênero — as/os companheiras/os, até as crianças, homens e mulheres em geral. Em longo prazo tem efeitos no mundo à sua volta.

Este novo posicionamento do homem-pai, na relação com seus filhos e com as mulheres, pode significar uma antítese a unilateralidade promovida pelas relações capitalistas onde, de acordo com Marx (2010), perpassa a necessidade de superação da alienação com a realização da emancipação completa das qualidades e sentidos humanos (FERREIRA, 2019, p. 84).

O trabalho reprodutivo na vida cotidiana, historicamente, é considerado trabalho das (delegado às) mulheres, e tem como característica a não remuneração, ou a má remuneração. Por outro lado, trata-se de um trabalho fundamental para a produção da mão de obra capitalista e para a própria reprodução no sistema. Assim, no contexto da produção e reprodução das relações capitalistas, a paternidade participativa se mostra como uma forma de enfrentar as assimetrias das relações de gênero, que atualmente se revestem de machismo e patriarcalismo. Mariarosa Dalla

⁶⁴ Segundo a Cartilha “Pai Presente e Certidões”, do Conselho Nacional de Justiça – CNJ, em 2011, haviam 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o nome do pai na certidão de nascimento Cf.<<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f13ea.pdf>>.

⁶⁵ OLIVEIRA-CRUZ & MENDONÇA (2021) organizaram discussões sobre o tema a partir de diversas mídias e redes sociais.

⁶⁶ Segundo o IPEA (2012), 42% dos domicílios brasileiros eram formados por casal com filhos.

Costa (apud. FEDERICI, 2019) fala sobre o trabalho feminino oculto nas relações cotidianas:

A comunidade é essencialmente o lugar das mulheres, no sentido de que é ali que elas aparecem e realizam seu trabalho diretamente. Mas a fábrica é igualmente o lugar onde é incorporado o trabalho das mulheres que não aparecem ali e que transferiram seu trabalho aos homens que lá estão. Similarmente, a escola também incorpora o trabalho das mulheres que aparecem ali, mas que transferiram o seu trabalho aos alunos que retornam todas as manhãs alimentados, bem cuidados e com a roupa passada pela mãe (p. 68).

Em outros termos, Heilman et.al. (2017) dizem que

globalmente, em média, o tempo que as mulheres passam diariamente cuidando do lar e filhos ainda é cerca de três vezes o que os homens gastam [...] Mulheres fazem consistentemente mais trabalho não remunerado de assistência — incluindo cuidar de outros e trabalho doméstico — do que os homens, e mesmo onde os homens estão contribuindo mais do que antes, as lacunas entre as contribuições de mulheres e homens persistem (tradução nossa) (p.18).

Há um descompasso, pois, por exemplo, do ponto de vista do crescimento do novo ser humano que nasce, a criança, estudos demonstram que é importante para seu desenvolvimento emocional e intelectual a existência de uma figura paterna⁶⁷, assim como os contextos e culturas.

Neste sentido, o exercício da paternidade diferente da tradicional ocorre, também, pela busca de informações sobre métodos e modos de assumir as responsabilidades para com os filhos. Pois diversos estudos longitudinais (FMCSV, 2015, p. 28) sugerem a relevância de práticas educativas para a estabilidade psicológica dos filhos.

Estas práticas se baseiam no exercício da parentalidade por pessoas, em coparentalidade ou monoparentalidade. O conceito de parentalidade se define a partir de uma adaptação do termo em inglês *parenting* (que não tem tradução para algumas línguas — dentre elas o português), que tem sido definido como:

o conjunto de atividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, de modo a socializar a criança e atingir o objetivo de torná-la progressivamente mais autônoma (FMCSV, 2015, p. 17).

⁶⁷ Cf. FMCSV, 2015, p. 28, "com uma longa tradição teórica, a importância dos pais na socialização da criança é realçada em diversos estudos" — o termo "pais" nestes estudos não significa que se trata de homens-pais biológicos, mas de figuras que exercem e são referência do cuidado parental dos filhos.

Portanto, trata-se de um contexto eminentemente relacional, cuja participação do(s) adulto(s), independentemente do sexo deste(s), é intencional e objetiva o desenvolvimento da criança. O conceito aqui empregado não se prende a questões de consanguinidade (possibilitando seu exercício em famílias adotivas, por exemplo), ou de determinações sexistas que impõem para um ou outro sexo-biológico um tipo de comportamento ou predisposição inata, e nem mesmo defende um tipo ideal de família.

Neste sentido, mais uma vez, é possível questionar se faz sentido, a partir do conceito de parentalidade, discutir a existência de uma paternidade dita "participativa" (ou qualquer outra adjetivação que o valha), bem como se essa forma de exercer a paternidade seja algo a se estimular — até como uma forma de alcançar e ampliar as discussões mais amplas sobre a parentalidade.

Vivemos em tempos em que o conservadorismo cresce no Brasil e no mundo, e, à reboque, ocorre a reprodução do machismo e do patriarcalismo⁶⁸. Perder espaço conquistado no debate sobre paternidades — ignorando ou ocultando a importância do debate sobre paternidade participativa — é retroceder. Assim, defende-se, aqui, o movimento de se evidenciar o debate para promover a sua ampliação, no sentido de que no futuro não será mais necessário adjetivar paternidade como participativa.

É cada vez mais notória a existência de informações sobre o exercício parental (tanto de maternagem quanto de paternagem, porém com significativa maioria para aquela) nas redes sociais. O termo *pai-de-selfie*⁶⁹ foi cunhado a partir da prática de muitos homens-pais postarem fotos nas redes sociais de momentos felizes com os filhos⁷⁰, porém, num processo de ocultamento da paternidade real — que inclusive pode reproduzir relações desiguais.

(...) é importante destacar a significativa ampliação da discussão sobre paternidades nos últimos anos, através de livros, blogs e páginas em redes sociais, com o intuito de compartilhar a voz dos pais, com seus anseios, medos, desejos e descobertas, funcionando como importantes fóruns de discussão sobre as paternidades (Instituto PROMUNDO, 2019, p.23).

⁶⁸ Federicci (2017) discute que a degradação das mulheres e mais outros elementos "são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época" (p. 27), e que, em tempos de crise do Capital, a referida degradação se agudiza.

⁶⁹ Fazendo alusão ao objeto "pai-de-selfie", usado para tirar fotos.

⁷⁰ Lembrando a máxima popular de que "mãe é mãe, pai é tio".

O fenômeno observado de homens-pais que se propõem a discutir com outros pais sobre o exercício parental é marcado por diversos elementos, como as questões práticas (como trocar fraldas; a temperatura da febre que indica buscar ajuda médico-profissional; como lidar com a fimose do filho etc.) até as mais teóricas (interseccionalidades; relações sociais de sexo/gênero; raça/etnia; deficiências; superação do machismo e do patriarcado; privilégios etc.). O *locus* das discussões e das informações, como visto, são variados: sites, blogs, grupos de Whatsapp, Telegram ou Facebook, perfis no Instagram, canais do YouTube, podcasts etc..

A paternidade, por ter todas as características que temos salientado ao longo do trabalho, é marcada por inseguranças, medos, fantasias e desejos e, por vezes, muitos homens se sentem solitários⁷¹ na jornada. A internet, por meio das redes sociais, tem se mostrado um espaço onde é possível encontrar apoio diverso, como: material, financeiro, emocional, profissional, indicações etc..

Os ambientes de Internet são largamente utilizados por usuárias/os não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de identidade e de individualidade (OLIVEIRA-CRUZ; MENDONÇA, 2019, p. 19).

A partir desta lógica, é possível compreender esses espaços virtuais como ambiente favorável à possibilidade de se configurar redes que extrapolam a lógica individual/personalizada, para, a partir dessas redes, operar em nível coletivo. Configurando-se, por exemplo, o aquilombamento de pessoas negras, como o promovido pelo Coletivo Pais Pretos Presentes⁷².

A depender da configuração dessas redes de apoio que nascem nas redes sociais, realizam-se encontros virtuais ou presenciais a partir de uma mobilização

⁷¹ Por vezes a solidão é marcada pelo silêncio, dada a dificuldade histórica de homens em se abrir e pedir ajuda. O documentário “O Silêncio dos Homens” traz o resultado de uma pesquisa que, dentre outras coisas, mostrou que 7 a cada 10 homens não falam sobre seus medos. In: <<https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/>> Acesso em 30 abr 2022.

⁷² “A necessidade de aquilombamento, ou vida em comunidade entre pessoas pretas que buscam o letramento racial e a compreensão acerca da realidade racial brasileira, deu origem a três outros grupos no WhatsApp (...) e um quarto grupo aberto para mães, pais e educadores não negros aprenderem sobre empoderamento racial, educação antirracista e a aplicação da lei 10.639/03 (...) Através das nossas redes de apoio, diversas mães solo e pais nas mais diversas configurações familiares encontram escuta ativa, afeto, assistência jurídica, encaminhamento psicológico, assessoria pedagógica para a formação de seus filhos e auxílio financeiro emergencial para famílias em situação de vulnerabilidade social”. Cf.:<https://drive.google.com/file/d/11MkzWSjKfYT_9eyHUtYbfipIGrp8ALI-/view>

nos grupos. Tudo isso porque atualmente em uma busca no Google sobre paternidade é possível encontrar informações das mais diversas, e apontar para caminhos que levam a *sites* ou perfis em redes sociais envolvidos com uma paternidade não-tradicional.

Leandro Ziotto⁷³, do site 4-daddy, em suas palestras sobre paternidade conta sua história de como foi buscar no Google informações sobre “como fazer uma criança de 4 anos dormir” e não encontrou nada que remetesse ao pai exercer essa atividade, somente à mãe. E, a partir dessa experiência pessoal, ele pôde perceber o quanto o mundo não estava preparado para que pais cumprissem o papel de cuidador dos filhos. Na sequência, assumiu o papel de produtor e divulgador de conteúdo, bem como de partícipe de ações que buscam modificar a realidade da presença paterna na vida dos filhos.

Em uma pesquisa informal, realizada no decorrer da produção deste trabalho, foi possível encontrar 62 perfis de Instagram de pessoas que produzem algum conteúdo sobre paternidade (conforme quadro abaixo). Grupos de Whatsapp e Telegram que fazemos parte congregam mais de 1000⁷⁴ pais (234 no grupo Paternando do Whatsapp e 781 no grupo Paternidade Supimpa, do Telegram).

⁷³ Participamos (virtualmente) de três palestras ministradas por ele no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, na Escola Paulista da Magistratura — EPM.

⁷⁴ Acredita-se que o número de pais que passaram por esses grupos seja muito maior, visto que o fluxo de entrada e saída de novos e velhos membros é mais ou menos intenso.

Quadro 01 — Perfis de Instagram com tema “paternidade”

@4_daddy	@pai_mala	@paisepanos	@a_pai_xonado	@rompendo_a_bolha
@3abordobr	@piangers	@paiderodinhas	@paicarregadeiro	@paipresente.oficial
@sosendopai	@paidecinco	@papaieduca	@papaibilingue	@eupapaidegemeos
@borapai	@omundodopai	@paidasgalaxias	@papainajogada	@paternidadepositiva
@paieagora	@paidiatra	@papai_pediatra	@umpapaixonado	@paispretospresentes
@eupapai	@paternatal	@papaiemdobro	@papai_da_nanda	@papaidescomplicado
@forcadepai	@paipsicologo	@papai_e_papia	@comonasceumpai	@paternidade_divertida
@paidobalaio	@filhosenos	@simsoupaiblog	@papainocontrole	@paternidadesequitativas
@sejogapapai	@opapaidelas	@entrefraldas	@tudopelomeufilho	@psicologia_da_paternidade
@paizinhonutri	@papaidahora	@sercabramacho	@paideverdade	@papaipeando
@ilustrapai	@institutopapai	@opaidelas	@opaidadupla	@faculdaadedopapai
@perfilpapai	@diario.pai	@paide.dois	@papainatv	@paide2carneirinhos
@paivemca	@paicotidiano			

Fonte: Instagram. Elaboração do autor, 2021.

Esta sistematização poderá ser usada, em pesquisas futuras, para uma análise ou esforço de “tipificação” dos conteúdos produzidos, como o realizado pelas pesquisadoras Ana Luiza de Figueiredo Souza e Beatriz Brandão Polivanov (OLIVEIRA-CRUZ; MENDONÇA, 2021) em relação à maternidade.

Outra realidade observada são os eventos congregadores de homens-pais como o 1º encontro "Força de Pai" que ocorreu em 2017, em Belo Horizonte-MG, mobilizado a partir das redes sociais, e reuniu mais de 200 pessoas para falar de paternidade⁷⁵. O Evento PAI, promovido pelo site Papo de Homem, teve sua primeira

⁷⁵ De acordo com o site do evento, a “principal premissa era ter um ambiente totalmente masculino onde homens pudessem expressar sobre a paternidade sem medo de serem julgados, sendo assim, criamos um evento onde somente homens pudessem entrar. Em um mundo onde a maioria dos homens não compartilham dos cuidados dos filhos com sua companheira, criar um evento tão excludente poderia ser mais um entre milhares de programas que, novamente sobrecarregaria a mulher com os cuidados dos filhos. Assim que o Força de Pai foi lançado, as críticas chegaram com tudo. Frases como “Homem fazendo homisse” ou “Bela iniciativa promover a paternidade e vetar a entrada de crianças e mães”. As críticas não eram infundadas já que, o “normal” é a mãe sempre sobrecarregada com as atividades de cuidar dos filhos <<http://www.forcadepai.com.br/>> Acesso em 20 abr 2021.

edição em 2019, em São Paulo, e em 2020 e 2021 realizou três dias de encontro virtual, pelo YouTube.

Esses são exemplos de como o debate sobre as paternidades encontra espaço na sociedade, inclusive como um tema que tende a mobilizar cada vez mais pessoas. O fato é que homens-pais (ainda que privilegiadamente de uma determinada classe social⁷⁶) estão abrindo diálogo, apresentando alternativas, produzindo e compartilhando conteúdo e, talvez o mais importante, ampliando o alcance do debate, que perpassa por temas que provocam mudanças não só no modo de ser pai, mas também de ser homem, e de se relacionar com outras pessoas (considerando aí realidades de gênero, geração, raça/etnia, território, classe, políticas sociais, legislação etc).

Muitas das buscas e dos conteúdos produzidos são no âmbito da prática cotidiana de como ser pai. E esta sempre diz respeito à superação da falta de "capacitação voltada ao cuidado" que as pessoas tiveram (ou não) na infância — ao contrário do que ocorre com as meninas, que são criadas sendo condicionadas a se atentarem para o cuidado do outro (brincar de boneca, fazer comidinha, cestinha na bicicleta etc.).

Quando ocorre de um pai assumir esse papel de cuidador, situações corriqueiras do dia a dia passam a ser objeto de reflexão, atenção, incômodo e, às vezes, verdadeiras trocas de experiências. Um exemplo disso é quando os homens-pais são alvos de comentários de terceiros, tanto de homens como de mulheres, ao trocar as fraldas do filho em locais públicos. Por vezes tais comentários são carregados de elogios dúbios ("olha como ele é bom, até ajuda a esposa"), ou direcionam uma depreciação à mãe da criança ("cadê a mãe dessa criança que deveria estar cuidando do filho?").

Este aspecto da realidade nos remete à reflexão de que o exercício dessa paternidade também sofre inflexões negativas, ou barreiras, por parte das mulheres, pois, mesmo que conquistado, ou delegado, à base de muito sofrimento, há um poder feminino na esfera doméstica, que é "ameaçado" por esse novo tipo de homem-pai.

⁷⁶ Cabe, por isso, pesquisas sobre paternidades exercidas por homens trabalhadores, em situação de pobreza.

O poder social feminino nessas esferas foi construído, sacralizado e naturalizado, sob a forma do “amor materno” inato, de modo que é culturalmente mais aceito que o campo da reprodução social seja de responsabilidade feminina (e não remunerada). Sua superação implica compreender que este trabalho é uma necessidade social, e como tal deve ser compartilhada pela sociedade e não assumida por apenas uma parte dela⁷⁷, e também invisibilizado.

Tal superação passa, também⁷⁸, pela mudança de compreensão sobre o cuidado feminino ser qualitativamente melhor do que o masculino, como se aquele intrinsecamente possuísse a potencialidade de ser mais afetuoso, esmerado, atencioso e, por consequência, melhor do que este. Tal visão, calcada na sociedade pela cultura, é reforçada, inclusive, por mulheres que criticam, a partir de seus critérios, o que o homem faz no trabalho doméstico ou de cuidado do filho. Essas visões são aprendidas, desde a infância, ou em qualquer outra fase da vida.

Não é a toa que muito do que é procurado por homens-pais sobre paternidade na internet diz respeito às coisas do dia a dia, do cuidado cotidiano — tanto para simplesmente aprender, como para (e conseqüentemente) não sobrecarregar as companheiras-mães de terem que, além de toda carga de cuidado que elas carregam, ensinar o homem-pai como fazer o que deve ser feito.

Estas realidades são grandemente marcadas pela normalização da noção das diferenças entre os sexos/gênero, que impõe a homens e mulheres certos tipos comportamentais rigidamente construídos ao longo da história. Modificar esses papéis, sob o argumento de que existe um tipo de masculinidade ruim (tóxica), por exemplo, pressupõe a ideia de que existiria uma masculinidade boa (não tóxica). O mesmo se pode dizer da paternidade quando opomos a dita paternidade tradicional à participativa. O que existe são as relações de sexo/gênero tal e qual elas se apresentam no mundo/realidade, e o que se pode fazer é buscar que nessas

⁷⁷ Quando uma pessoa se coloca no mercado de trabalho, teve alguém que cuidou dela, a educou. O mercado de trabalho se aproveita desse trabalho que alguém desempenhou há 25-30 anos atrás. “Mas o pensamento econômico atual não considera esse trabalho, que não tem nada a ver com produtividade, como algo de valor: não tem valorização salarial, não tem prestígio, não tem condições”. Paulo dos Santos, Economista, em entrevista para o The Intercept Brasil in: <<https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>>

⁷⁸ Outro exemplo é a noção de que “pai ajuda”, pois ele não ajuda, ele é parte, ele participa, e o que ele faz não é ajuda, é cuidado, é trabalho reprodutivo.

relações a diversidade seja respeitada considerando elementos de outros marcadores, inclusive, como classe, raça/etnia, geração etc..

Ao mesmo tempo, temos a figura de uma masculinidade adorável, como a do ator Rodrigo Hilbert, que faz tudo: caça, cozinha, constrói, costura, cuida dos filhos e da casa, faz crochê. E ainda é másculo e de boa aparência (bonitão). Esta figura possibilita colocar homens e mulheres que não são como ele em um local perigoso também. Pois a maioria das pessoas não se assemelha em nada com a imagem que é transmitida dele na televisão⁷⁹. O movimento é de transmitir e dar visibilidade a uma figura idealizada relativamente diferente da figura tradicional, que invisibiliza outras paternidades participativas “não hegemônicas” (no imaginário social), como a paternidade preta, solo, homoafetiva, interracial, com deficiência, socioafetiva, adotiva, enlutada etc..

E pensar sobre uma nova paternidade passa pelo reconhecimento de quem são as pessoas que podem exercê-la, afinal, modificar comportamentos e visão de mundo, em estreita relação com novas atitudes dentro de relações sociais, nos remete a compreender as possibilidades disso acontecer, considerando a sociedade como um todo. Por isso, positivar direitos é importante, bem como ampliar acesso à políticas sociais públicas (ou criar novas políticas) que qualifiquem o cuidado. Pois, em se tratando de cuidado, estamos falando em atividades rotineiras de garantir alimentação em quantidade e qualidade suficientes para o desenvolvimento da prole, a higiene e limpeza do ambiente e das pessoas, dedicação exclusiva nos primeiros meses de vida (para recém-nascidos a quantidade de contato é de extrema importância), tempo para brincar e se relacionar afetivamente com os filhos etc..

⁷⁹ A professora Helena Vieira em sua aula introdutória sobre masculinidades no Youtube diz que o “sujeito neoliberal que emerge é um sujeito masculino. Ele é a atualização do herói em ‘*self made man*’ (...) que consegue ser uma reelaboração do príncipe. As masculinidades adoráveis sempre estiveram aí. E aí é importante notar como é que esses modelos de masculinidade são nocivos para homens e mulheres. O ponto central é que as normas de gênero nos violentam de parte a parte”. In: <<https://www.youtube.com/watch?v=wmOwITb4tLQ>> Acesso em 22 abr 2021.

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a História, é que os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos (MARX, 1987, p. 39).

O “fazer história” diz respeito à produção e reprodução social, que vínhamos tratando, e é um tema primordial. Afinal, essas dimensões possuem características específicas, pois a inclusão na sociedade contemporânea — fundada nos princípios capitalistas — é carregada de diferenças que dependem de marcadores sociais como classe, raça/etnia e sexo/gênero. Pensar numa parentalidade diferente, considerando tais marcadores, é pensar em uma “parentalidade possível” no interior dessas condições sociais. Adriana Braga (2021) evidencia a realidade vivida por muitas mães das classes média e alta no Brasil que delegam (às vezes sem necessidade — considerando que algumas mulheres de classe alta não trabalham) o “cuidado de crianças e do trabalho doméstico a empregadas, mulheres, muitas vezes mães, de uma classe social mais baixa” (p. 28).

É preciso pensar em todas essas realidades, perpassadas pelas interseccionalidades, para não reduzirmos o exercício de uma paternidade diferente a uma realidade ideal (todos os homens deveriam se tornar um Rodrigo Hilbert?), que tenderia a resolver todos os problemas da sociedade — da exploração de uns por outros. Isso seria um reducionismo⁸⁰.

A flexibilização dos papéis de gênero/generificados nas relações parentais, através do exercício de uma paternidade participativa, seria um dentre tantos outros aspectos necessários das mudanças societárias almejadas. Trata-se, portanto, de uma transformação marcada pela incompletude. A realidade contemporânea, quando analisado o cuidado, mostra que mulheres cuidam dos homens, negros cuidam dos brancos e a periferia cuida do centro.

A paternidade pode despertar no homem-pai diversas questões que têm a potencialidade de gerar novas atitudes, a começar pelas que envolvem o cuidado da

⁸⁰ Inclusive, que pode (re)afirmar que tão somente pais e mães (na perspectiva familista) teriam a responsabilidade pelos cuidados/proteção, isentando o Estado pela falta de políticas sociais públicas.

prole, e não pode estagnar-se na individualidade da realidade familiar, pois, assim, as grandes mudanças estruturais não acontecerão. Neste sentido, é possível entender esse processo como parte de uma luta maior, pois não basta alterar as relações interindividuais, é preciso mudar as relações sociais de modo geral (CISNE e SANTOS, 2018, p. 53). O horizonte não é individual, é coletivo, pois as lutas são coletivas. É necessário que a discussão, que pode partir da realidade individual, perpassa pelas questões que justifiquem uma mudança mais geral, societária.

Quando mulheres-mães se mostram cansadas, não se trata de um cansaço individual iniciado no cotidiano com o filho e atividades domésticas, exercidos após as obrigações com o trabalho fora de casa (na famosa tripla jornada), mas revela o quanto o trabalho desempenhado na reprodução da vida é uma atividade desprotegida, às vezes solitária — sem companhia, sem rede familiar e comunitária de apoio e sem políticas públicas que minimizem o desgaste. Por isso, a participação paterna é só um aspecto (com sua importância) do que é necessário para uma real mudança.

Não são poucas as citações que remetem (e já expusemos algumas neste trabalho) ao fato de que a paternidade precisa ser participativa e que é um fenômeno derivado da luta de mulheres, mostrando o quanto a maternidade é política, e o quanto a paternidade precisa seguir o mesmo caminho.

Neste sentido, observamos que o debate sobre paternidades se mostra como a materialização de novas possibilidades, fundadas em princípios emancipatórios.

A ideia é pensar como a paternidade participativa contribui, ainda que de forma germinal, como uma fagulha na construção de uma nova ordem societária através da radicalização da democracia e da luta por liberdade, equidade e autonomia, de forma coerente na eliminação de privilégios e racismos, concretizando relações horizontais e equânimes, com respeito à diversidade, ainda que isso não seja a emancipação humana, pode ser o início de uma trajetória teleológica (FERREIRA, 2019, p. 08).

Este caminho perpassa pela ideia de que a participação do homem-pai na vida de sua prole, complementada com a mulher-mãe nas prerrogativas da parentalidade (e para isso as relações generificadas perdem força), contribui com a formação integral do filho, que vê na prática cotidiana familiar as alternativas à sociabilidade capitalista, alienante e alienadora.

Neste sentido, o exercício da paternidade participativa demonstra, na vida materializada e nas relações vividas, que “mais importante do que o conceito, por exemplo, do direito à saúde, à educação é a correspondência disso na vida real, do contrário só teremos idealismos” (FERREIRA, 2019, p. 89). Rompendo-se com a ideia de cidadania abstrata (vinculada à emancipação política), caminharemos para a emancipação humana.

As paternidades exercidas de forma mais participativa, como uma transformação das relações parentais em que homens-pais fazem parte, passa pelo fazer o caminho caminhando. Conforme Ianni, na analogia que faz com uma viagem, “cada viajante abre seu caminho, não só quando desbrava o desconhecido, mas inclusive quando redesenha o conhecido” (2003, p. 29).

CAPÍTULO 2. A MÍDIA PODCAST: PODQUÊ?!?!?

Nós tendemos a superestimar o efeito de uma tecnologia a curto prazo e a subestimar seu efeito a longo prazo.
(Roy Charles Amara)

2.1. O contexto de avanço da internet

A contemporaneidade tem como uma de suas marcas o rápido desenvolvimento das tecnologias e a inovação acelerada destas — tais processos são repletos de contradições e possibilidades. Assim, entende-se a internet, de modo geral, e a integração das mídias e o uso das redes sociais, de modo específico, como uma modalidade bastante difundida para integrar⁸¹ pessoas, ideias e ações.

Neste aspecto, o podcast, concebido no início do século XXI, também é uma mídia carregada daquelas contradições e possibilidades, pois é usado para a criação e divulgação de conteúdo dos mais diversos, e cresce a cada ano em número de produtores de conteúdo (podcasters⁸² e programas) e consumidores/ouvintes.

A mídia podcast tem ampla capacidade de atingir diversos segmentos sociais, especialmente pela popularização do acesso à internet e dispositivos portáteis (tablets e smartphones).

O podcast, como uma mídia inscrita no campo da comunicação, sofre as refrações do poder ideológico impresso neste campo. Os meios de comunicação de massa fazem parte da chamada "indústria cultural", e exercem poder (inclusive econômico) na sociedade. Em princípio, os podcasts nasceram à margem desta lógica, visto que sua criação e produção eram realizadas por indivíduos isolados, e não no interior das grandes empresas privadas e públicas de comunicação.

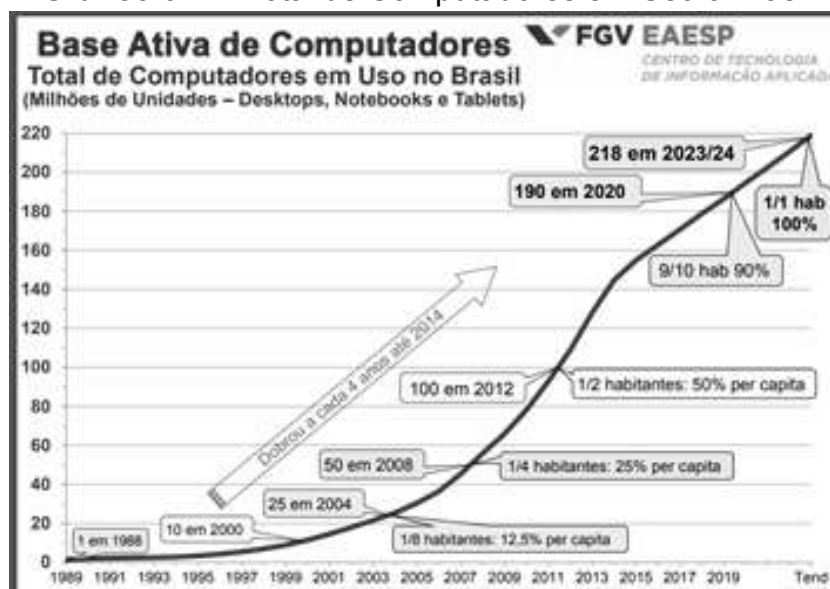
⁸¹ Apesar que, na atual conjuntura, por vezes é difundida e utilizada para desintegrar.

⁸² Podcaster é a pessoa que produz conteúdo no formato podcast, ou seja, é o autor de algum podcast. Numa comparação simplória, a mídia podcast se compara com uma Estação de Rádio, cada horário dessa estação tem seus programas com dinâmicas, temas e radialistas diferentes, assim também são os podcasts. Assim como os programas de rádio, cada podcast produz seus episódios periodicamente (diário, semanal com um ou mais episódios, quinzenal, mensal etc.). O que muda é a forma de acessar o conteúdo dos episódios: na rádio a pessoa tem que sintonizar em algum aparelho e esperar chegar a hora do seu programa favorito; já na mídia podcast é necessário acessar por meio de um agregador de podcast ou no site do próprio podcast, à qualquer hora ou lugar. Atualmente muitas rádios transformam o conteúdo de seus programas em episódios de podcast e disponibilizam no formato de podcast, de modo que o programa de rádio possa ficar disponível durante mais tempo. Como exemplo dessa dinâmica temos a Rádio CBN que já realiza esse procedimento, ao menos, desde 2016 — inclusive com um programa voltado para o debate sobre paternidades: “Conversa de Pai, com Ilan Brenman”.

As redes sociais digitais têm sua estrutura concentrada e controlada pelos países que gerenciam a internet em nível mundial, porém, em um primeiro momento, não havia interferência mercantil significativa. Os podcasts, devido à sua relativa facilidade de produção e distribuição, ainda são capazes de produzir e fazer circular informações à margem das interferências mercantis, podendo promover ações mais democratizadoras na produção e uso de informações e conteúdos.

No Brasil, o acesso às redes sociais e às informações é realizado de modo desigual, revelando o quanto a desigualdade marca todas as esferas da vida. O gráfico abaixo⁸³ mostra a evolução do número de computadores (desktop, notebook e tablets) em uso no Brasil, mostrando a série histórica, desde 1989, e projetando a tendência até 2023/2024. Em junho de 2020 a pesquisa demonstrou que existem nove computadores para cada 10 habitantes brasileiros.

Gráfico 01 — Total de Computadores em Uso no Brasil



Fonte: Pesquisa da FGVcia/2020, p.5.

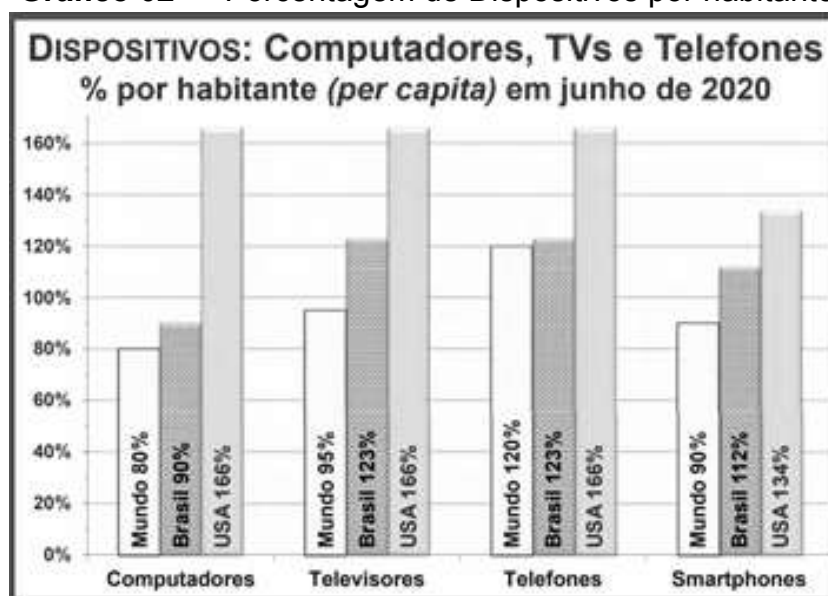
O gráfico a seguir revela em que estado encontrava-se a popularização dos *smartphones* em junho de 2020 no país: existem mais *smartphones* ativos do que habitantes. A mesma pesquisa (FGVcia/2020) mostra, também, que existem dois dispositivos digitais (*smartphone* e computador, somados) para cada habitante. Frise-se que a desigualdade também marca esta realidade, pois, na prática, tanto o

⁸³ Retirada da 31ª Pesquisa Anual do Uso de TI nas Empresas, realizada em 2020, pelo Centro de Tecnologia da Informação Aplicada da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas — EAESP/FGVcia.

acesso à internet como a disponibilidade dos dispositivos são desiguais — inclusive dentro de um mesmo domicílio. A exclusão também é uma realidade que evidencia a desigualdade, pois, por exemplo, na cidade de São Paulo parte da periferia da cidade não tem acesso a sinal de internet em razão da localização em que foram instaladas as antenas/torres de comunicação⁸⁴, que, na lógica mercantil, privilegiam regiões com população de maior poder aquisitivo.

O contexto da pandemia da COVID-19 evidenciou essa realidade desigual, ao passo que membros de uma mesma família precisaram se revezar no uso do/s equipamento/s para participarem de aulas e outras atividades que aconteceram na modalidade remota.

Gráfico 02 — Porcentagem de Dispositivos por habitante



Fonte: Pesquisa da FGVcia/2020, p.6

O IBGE realiza, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua — PNAD Contínua⁸⁵, sempre no 4º trimestre de cada ano, o levantamento de dados sobre o acesso à internet nos domicílios brasileiros. A tabela abaixo, com dados de 2016 a 2019⁸⁶, revela que o acesso à internet da população brasileira tem se ampliado ano a ano.

⁸⁴

<<https://www.seade.gov.br/periferia-de-sao-paulo-sofre-com-a-falta-de-acesso-a-internet/>>

⁸⁵ Cf. IBGE:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=resultados>> Acesso em 25 mar 2022.

⁸⁶ Não localizamos os dados sobre os anos posteriores.

Tabela 01 — Acesso à internet nos domicílios brasileiros

Acesso à internet nos domicílios - em % - Comparativo por ano				
	2016	2017	2018	2019
Havia acesso à internet	70,9%	76,4%	80,6%	84,0%
Não havia acesso à internet	29,1%	23,6%	19,4%	16,0%

Fonte: IBGE — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua — PNAD Contínua 2016/2019. Elaboração do autor, 2022.

O CETIC⁸⁷ analisou as mudanças ocorridas no contexto de pandemia em relação ao acesso à internet, que, no período, se ampliou. “A Internet tem sido ferramenta indispensável para o enfrentamento dos efeitos da pandemia COVID-19, e gerou mudança nos hábitos dos brasileiros nesse período”.

Para tratar sobre a mídia podcast é importante trazer os dados elencados acima, pois, para utilizá-la, congrega-se a necessidade de acesso à internet (para realizar o download do episódio, ou para ouvi-lo por meio de *streaming*⁸⁸) e um aparelho físico (computador, *tablet* ou *smartphone*) capaz de reproduzir em áudio o episódio desejado. Saliente-se o fato das camadas mais populares serem as mais prejudicadas no que se refere ao acesso à internet e à disponibilidade de dispositivos, afinal, nem mesmo dentro dos domicílios as pessoas fazem uso igualitário do acesso, e, ainda, as pessoas não fazem uso da mesma forma.

Matéria do jornal Correio Braziliense, de 02/11/2019, afirma que “de acordo com pesquisa do Ibope, 40% de usuários da internet no Brasil são também ouvintes de podcasts. E o país já é o segundo maior consumidor do formato, segundo dados do Spotify⁸⁹, atrás apenas dos Estados Unidos”⁹⁰. Segundo o site We Are Social⁹¹,

⁸⁷ Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), cf: <<https://cetic.br/pt/noticia/painel-tic-covid-19-aponta-aumento-do-comercio-eletronico-e-das-atividades-culturais-on-line-durante-a-quarentena/>>.

⁸⁸ Trata-se da tecnologia de transmissão de dados pela internet que permite ouvir músicas ou assistir vídeos sem a necessidade de fazer o download do conteúdo no computador ou smartphone. Atualmente os serviços de streaming mais famosos são a Netflix e o Youtube para vídeos e o Spotify e Deezer para músicas.

⁸⁹ Segundo a própria empresa: “O Spotify é um serviço de streaming digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de artistas de todo o mundo.” <<https://support.spotify.com/br/article/what-is-spotify/>>

⁹⁰ <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/11/02/interna_tecnologia_803272/brasil-se-consolida-como-o-segundo-maior-mercado-de-podcasts-do-mundo.shtml> Acesso em 11nov2020.

⁹¹ <<https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>> — aba número 37.

com dados mais atualizados, 44,4% dos usuários de internet no Brasil (entre 16 e 64 anos) fazem uso para ouvir podcasts. Por outro lado, a estrutura operacional da mídia podcast (necessidade de acesso à internet e de um aparelho de reprodução de áudio) revela seu limite de alcance numa sociedade tão desigual, como a brasileira. Quando tratarmos sobre o perfil do ouvinte de podcast, bem como dos produtores dos podcasts selecionados, mais considerações serão levantadas sobre a realidade posta no que envolve esta mídia.

2.2. Um pouco da história: uma mídia eminentemente contemporânea

Em alguns lugares encontramos referências à radiodifusão quando se fala sobre o podcast, chamando a este como uma espécie de programa de rádio possível de fazer *download*⁹². Esta referência revela as bases sobre as quais o podcast foi criado: a lógica de um programa de rádio, sua distribuição pela internet e a escuta através de um dispositivo físico.

A radiodifusão já tem mais de 100 anos de história, e passou por diversas adaptações a fatores políticos, sociais e econômicos. Os rádios evoluíram de tamanho, passando de verdadeiros móveis domésticos, em torno do qual a família se reunia para ouvir notícias, rádio novelas e músicas, para pequenos dispositivos móveis, que cabiam no bolso.

Já a internet é mais recente para o público massificado, apenas em 1991 nasceu a *World Wide Web* (*www*⁹³) e vem se desenvolvendo rapidamente no mundo todo — 59.5% da população mundial tem acesso à internet e 53,6% faz uso de alguma rede social⁹⁴. Até mesmo as rádios se adaptaram e passaram a fazer a transmissão de sua programação por meio dela.

A internet viabilizou a troca de informações e conteúdos, alterando a noção de tempo e espaço, pois as informações são trocadas em tempo real e ficam guardadas para serem acessadas quando e onde quiser/puder.

⁹² No link a seguir encontramos uma explicação sobre o que é um podcast, disponível na internet, feita em 2009, e que faz referência à dinâmica de rádio: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Papo_BJPnet_15.ogg> Acesso em 12jun2021

⁹³ Trata-se do modo que os computadores e dispositivos são interligados, viabilizando a troca de dados entre eles.

⁹⁴ Conforme o site *We Are Social*: <<https://wearesocial.com/digital-2021>> Acesso em 12jun2021

Nos anos 2000, houve um avanço nos dispositivos de armazenamento e reprodução de dados, de modo que, por exemplo, os *walkie talkies*⁹⁵ foram substituídos por versões bem menores e com capacidade de armazenamento de dados muito maiores, como os *media players* móveis da *Apple* — os *iPods*. Atualmente os *smartphones* congregam as funções de telefonia, de reprodução e gravação de áudio e vídeo, de troca de mensagens (SMS) e de funções encontradas em computadores.

Neste período houve um incremento no desenvolvimento das mídias de áudio, impulsionado pela criação do formato “MP3”⁹⁶, onde arquivos de áudio passaram a ser mais facilmente transferidos entre aparelhos e também na própria internet. Isso viabilizou o surgimento da mídia podcast.

Podcast é a junção das palavras “*iPod*” (dispositivo reproduzidor de áudio da marca americana *Apple*) e “*broadcast*” (palavra em inglês que significa radiodifusão — “transmissão”)⁹⁷. O *podcasting*, portanto, é o ato de transmitir uma mídia pela internet de um modo específico. Este modo, inicialmente, se dava através de assinaturas de *feeds*⁹⁸.

O termo podcast foi usado pela primeira vez num artigo do jornal britânico *The Guardian* em 12 de fevereiro de 2004 para descrever a seguinte dinâmica

Em 2003, Dave Winer criou essa técnica para que pudesse disponibilizar uma série de entrevistas na internet produzidas pelo jornalista Christopher Lyndon. Esse sistema só foi utilizado de forma como entendemos hoje como *podcasting* em 2004, quando Adam Curry e Kevin Marks criaram/desenvolveram uma forma de transferir o áudio disponibilizado através do RSS para o agregador iTunes, programa da *Apple*. Essa forma de transferir o áudio foi chamada de RSStoIPod, pois transferia o arquivo do software direto para o iPod (FREIRE, 2015, p. 37).

A partir daí houve uma popularização da prática. No Brasil

Em 21 de outubro de 2004 surge aquele que é considerado o primeiro podcast brasileiro, o Digital Minds, criado por Danilo Medeiros. Esse fazia

⁹⁵ Aparelhos de reprodução de áudio por meio de fitas K7s ou CDs — tecnologias cada vez menos usadas.

⁹⁶ Este formato possibilitou a compressão dos dados de um arquivo de áudio — uma música, por exemplo — num formato que fosse de baixa perda de qualidade de som, mas principalmente de tamanho bastante reduzido, em termos de quantidade de espaço de armazenamento.

⁹⁷ Sua origem também é atribuída ao termo em inglês: Personal On Demand broadCAST (livremente traduzido como “difusão pessoal e sob demanda de algo”).

⁹⁸ Feeds (traduzido do inglês — alimentar) são um formato de comunicação de conteúdo, para evitar que o usuário da internet tenha que sempre acessar o site, blog, canais etc, para atualizar as informações disponíveis nesses locais. O usuário “assina” um agregador de feed que irá disponibilizar os conteúdos novos toda vez que haja uma nova atualização das informações.

parte do blog que detinha o mesmo nome. Pode-se dizer que este blog não foi pioneiro na disponibilização de áudios para download, mas sim que foi o pioneiro a fazê-lo via podcasting. Após o Digital Minds, houve novos adeptos exponencialmente (CARVALHO, 2018, p.38).

Aos 18 anos de existência, a mídia podcast passou por momentos diversos, como o “*podfade*”⁹⁹ em 2005, com a descontinuidade de programas pioneiros. A partir de 2006 a mídia passou por um processo de crescimento que, no Brasil, se mostrou sustentável até os dias de hoje. Os modos de acesso aos conteúdos de podcast atualmente variam — o que não ocorria no seu início.

O consumidor de podcast, ou melhor, o ouvinte, poderá ouvir o arquivo transmitido através de um aplicativo de *smartphone/tablet* ou de um site no computador/*notebook*. Poderá, também, fazer uso de um agregador para realizar o *download*¹⁰⁰ do episódio ou ouvir por meio de *streaming*¹⁰¹.

O universo de programas e episódios perpassa por diversos temas (cultura pop; humor e comédia; ciência; história; política; TV e filmes; sociedade e cultura; tecnologia; educação; games)¹⁰². Dentro desse universo existem alguns episódios de podcasts voltados para o tema das paternidades na perspectiva de uma maior participação do homem-pai na vida dos filhos/as e, também, podcasts inteiros cujos episódios tratam de conteúdo de interesse do público paterno (e simpatizantes).

Reflexo do movimento ascendente de crescimento da mídia é a entrada das grandes empresas brasileiras de comunicação de massa para este nicho da comunicação, como é o caso da Rede Globo, que em 2019 investiu fortemente em programas próprios e também passou a disponibilizar podcasts em seu aplicativo de *streaming* (a Globo Play — inclusive com conteúdo exclusivo). Outra gigante que passou a produzir podcasts exclusivos em seu aplicativo foi a empresa Spotify¹⁰³.

⁹⁹ Termo cunhado para descrever o desaparecimento (*fade*, em inglês) de podcasts.

¹⁰⁰ Significa “baixar” os dados virtuais para o dispositivo (smartphone, tablet, computador etc).

¹⁰¹ Trata-se da tecnologia de transmissão de dados pela internet que permite ouvir músicas ou assistir vídeos sem a necessidade de fazer o download do conteúdo no computador ou smartphone. Atualmente os serviços de streaming mais famosos são a Netflix e o Youtube para vídeos e o Spotify e Deezer para músicas.

¹⁰² Segundo a PodPesquisa 2019 esses são os 10 temas mais procurados em podcasts. O tema “maternidade e paternidade” ficou na 47ª posição, de 58 opções disponíveis, e teve uma queda de 1,1% em relação à pesquisa realizada no ano anterior.

¹⁰³ Segundo a própria empresa: “O Spotify é um serviço de streaming digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de artistas de todo o mundo.” <<https://support.spotify.com/br/article/what-is-spotify/>> Acesso em 18 jun 2021.

Este movimento revela que as tecnologias — como um todo — estão a serviço do capital, pois, enquanto observa-se o crescimento de uma mídia, como o podcast, que atinge cada vez mais ouvintes, torna-se atrativo às empresas investirem nela para auferir lucro e, em nível da comunicação de massa, dominar discursos.

Porém, a realidade contraditória que existe no âmbito das tecnologias revela que é possível usá-las a favor da almejada emancipação humana, utilizando-as para difundir o discurso que viabiliza a alteração das relações sociais vigentes.

2.2.1.O perfil do ouvinte de podcast, conforme a PodPesquisa de 2019

No Brasil, desde 13 de maio de 2006¹⁰⁴, existe a ABPod – Associação Brasileira de Podcasters como “órgão de associação, coordenação, orientação e representação dos produtores, locutores, comentaristas e veiculadores de podcast, em todo o território nacional” (ABPod, 2006).

A associação é responsável pela realização da PodPesquisa. Sua primeira edição ocorreu em 2008, com a intenção de conhecer a comunidade e o ouvinte de Podcast no Brasil. Após 10 anos, em 2018, foi realizada uma pesquisa com a parceria da rádio CBN, o que ampliou enormemente seu alcance. Esta obteve mais de 22 mil respostas, sendo até o momento a maior pesquisa sobre o universo de podcasts já realizada no país.

Em 2019, foi lançado um novo modelo de pesquisa, com duas partes, uma focada no levantamento do perfil do ouvinte de podcast nacional (seus resultados foram apresentados em 14 de março de 2020) e outra parte para conhecer dados sobre produtores de podcasts (seus resultados foram divulgados em 05 de dezembro de 2020).

A pesquisa sobre os ouvintes é de suma importância para nosso trabalho, por isso, os dados compilados a seguir são baseados nela, referente à pesquisa mais atual de 2019, que obteve 16.496 ouvintes respondentes.

Todas as pesquisas mostraram que o público ouvinte é majoritariamente masculino. O comparativo entre as duas últimas pesquisas mostra uma queda na

¹⁰⁴ O estatuto de criação está disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/05/01_Estatuto_ABP_2006.pdf.

proporcionalidade, porém os ouvintes do sexo masculino continuam sendo a maioria.

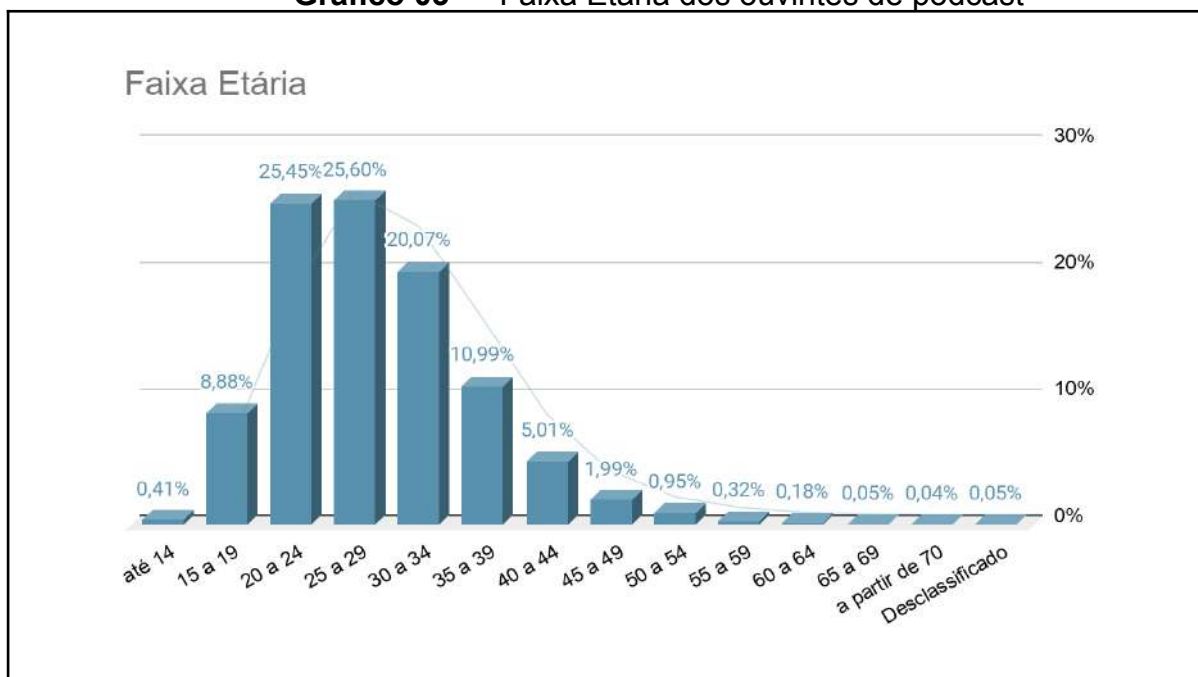
Tabela 02 — Ouvintes de podcasts conforme sexo/gênero

Sexo/Gênero - Comparativo por ano		
	2018	2019
Masculino	84%	72%
Feminino	16%	27%
Outros	0,39%	0,76%

Fonte: Dados das PodPesquisas realizadas em 2018 e 2019. Elaboração do autor, 2021.

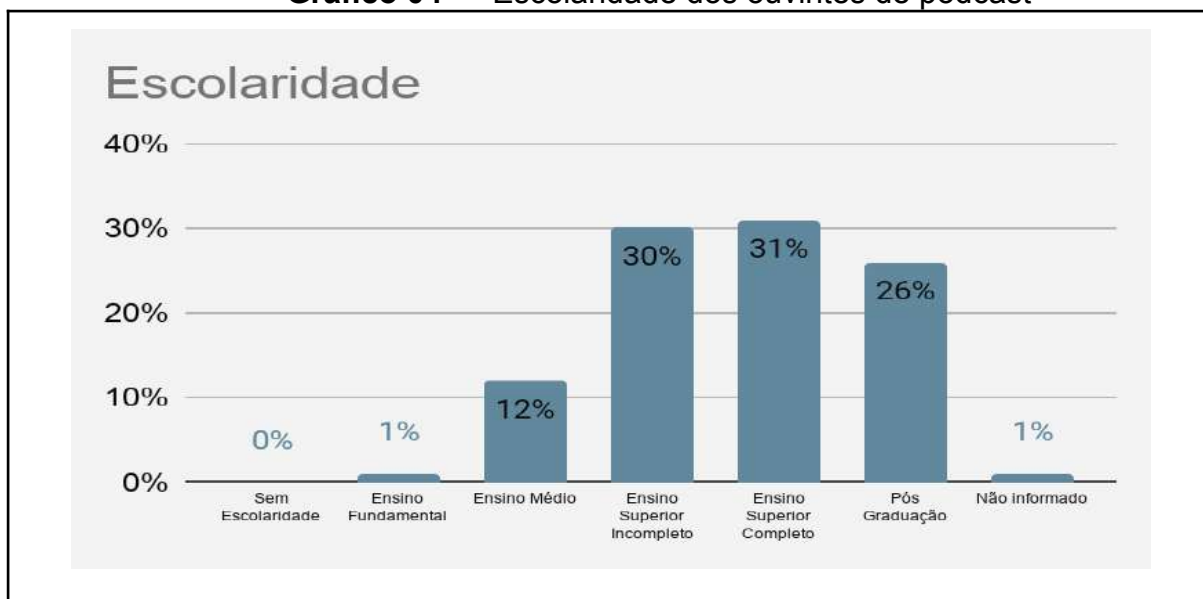
Pouco mais da metade dos ouvintes tem entre 20 e 29 anos. E cerca de 30% têm entre 30 e 39 anos.

Gráfico 03 — Faixa Etária dos ouvintes de podcast



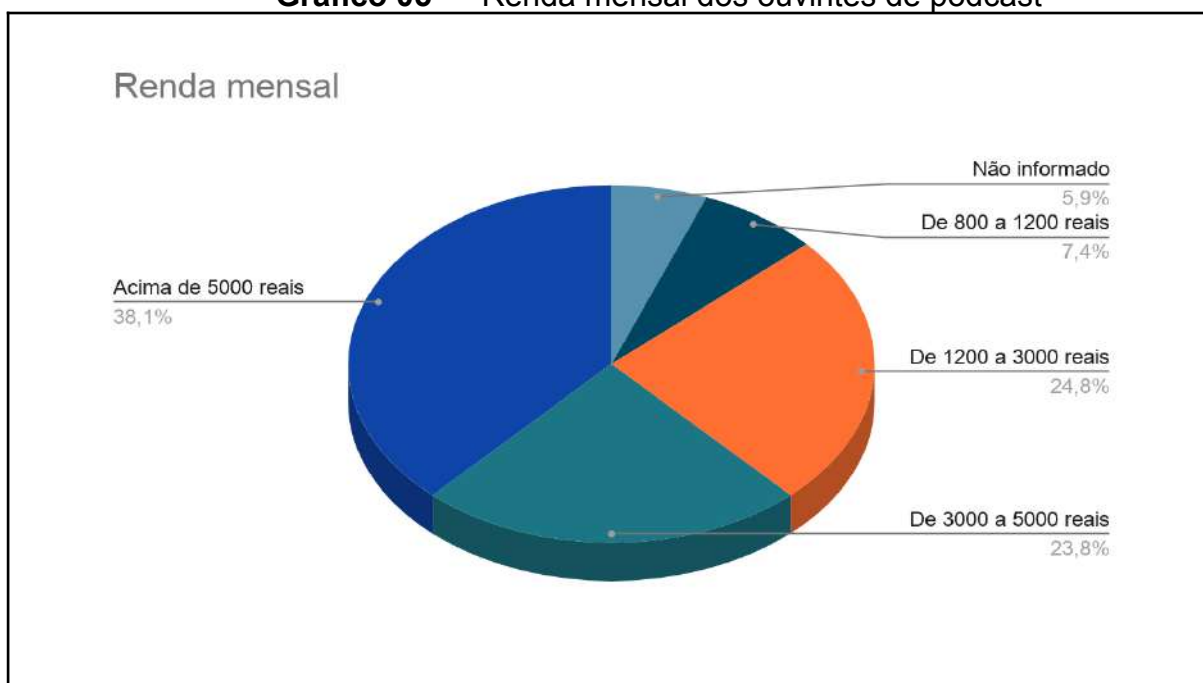
Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

A escolaridade dos ouvintes de podcast é alta, pois 30% deles já iniciaram ou estavam cursando um curso de graduação (ensino superior incompleto) na época da pesquisa. Os que já tinham terminado a graduação somavam 57% dos ouvintes, destes, 26% tinham pós-graduação.

Gráfico 04 — Escolaridade dos ouvintes de podcast

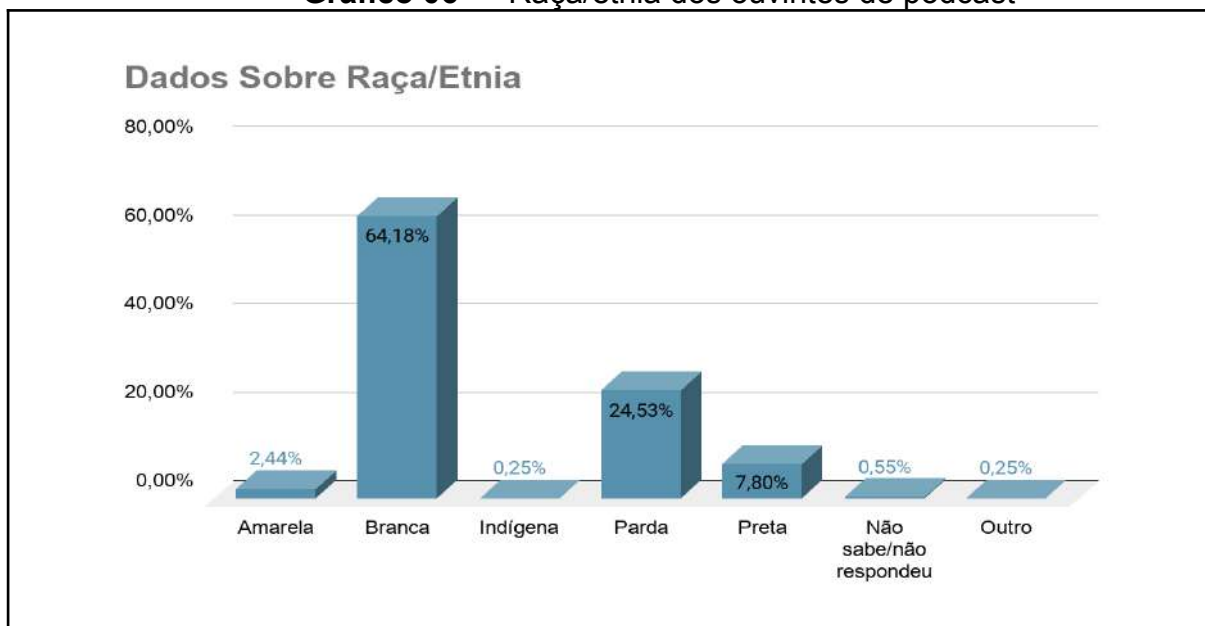
Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

Os dados sobre renda mensal dos ouvintes são limitados, visto que não revela valores parciais acima de R\$ 5.000,00. Mais da metade tem renda acima de R\$ 3.000,00.

Gráfico 05 — Renda mensal dos ouvintes de podcast

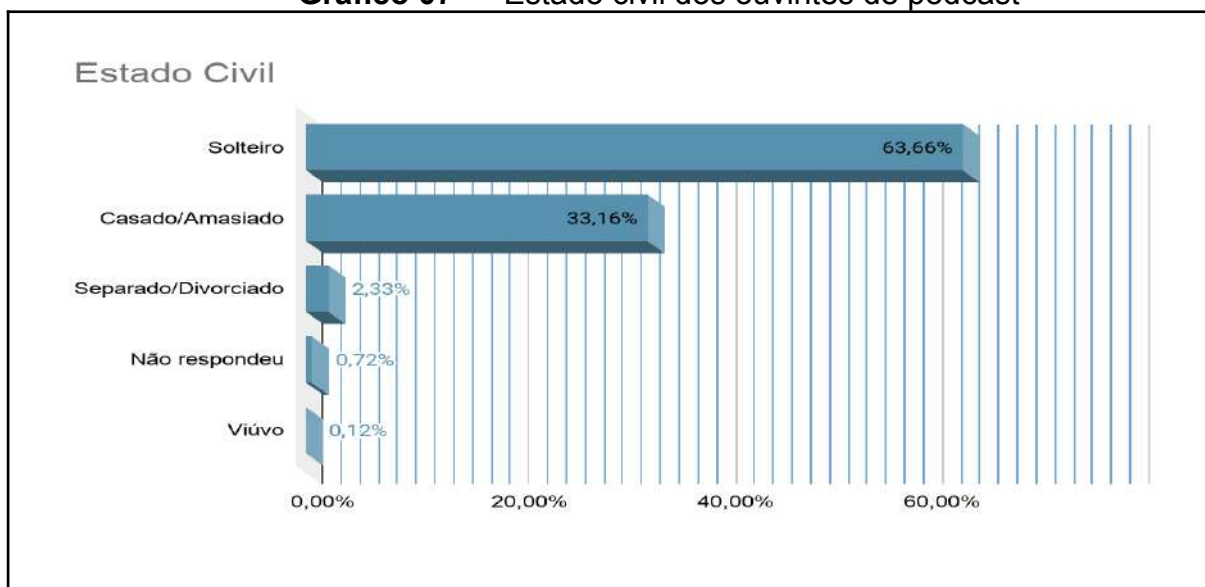
Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

Quase 65% dos ouvintes se declaram brancos. Enquanto pretos e pardos somam cerca de 32%.

Gráfico 06 — Raça/etnia dos ouvintes de podcast

Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

Em relação ao estado civil dos respondentes, as opções eram: Solteiro, Casado/Amasiado, Separado/Divorciado, Viúvo e não respondeu. O gráfico abaixo revela que a maioria dos ouvintes era solteiro. Não havia opção de indicação se os ouvintes possuíam ou não filhos.

Gráfico 07 — Estado civil dos ouvintes de podcast

Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

A inserção dos ouvintes de podcast no mundo do trabalho se dá em sua maioria por meio de trabalho assalariado formal ou informal (mais de 42%), em

trabalhos autônomos ou como profissional liberal (mais de 13%) e no serviço público (quase 10%). Quase 1/4 dos ouvintes são estudantes, dentre os quais aproximadamente 5% são remunerados através de estágios ou bolsas de estudo. Pouco mais de 7% estavam sem emprego quando responderam a pesquisa.

Gráfico 08 — Modo de inserção dos ouvintes de podcast no trabalho



Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

Quanto ao local onde vivem os ouvintes, temos que mais da metade vem da região Sudeste. O Estado de São Paulo é a origem de 34% dos ouvintes, o Rio de Janeiro, é 10% e Minas Gerais, 8%. Paraná e Ceará somam 6% cada. Cerca de 3% dos ouvintes vivem fora do Brasil.

Gráfico 09 — Região do país em que os ouvintes de podcast vivem



Fonte: Dados da PodPesquisa realizada em 2019. Elaboração do autor, 2021.

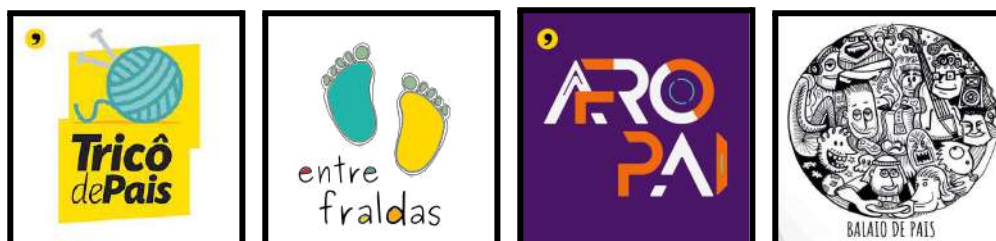
A pesquisa mostrou que a maioria (64%) dos ouvintes ouve podcasts há cinco anos ou menos, e que cerca da metade das mulheres ouve há menos de dois anos. Com base nos dados expostos na pesquisa como um todo, podemos dizer que o ouvinte médio de podcast é homem, heterossexual, cis gênero, branco, solteiro, com idade próxima a 25 anos, possui ensino superior completo, com renda acima de R\$ 5.000,00 e mora no estado de São Paulo.

2.3. Podcasts e produção de conteúdo sobre paternidades

A PodPesquisa 2019 revelou que existem mais de 2000 podcasts ativos no Brasil. Como já sinalizamos, os temas são os mais variados e, dentre eles, existem aqueles que tratam sobre paternidades.

Quatro podcasts produzidos por pais e voltados para o público paterno foram escolhidos para nossa pesquisa, pois são os que mais produziram episódios sobre o tema. A seleção se deu a partir do número de episódios produzidos, com a data de corte definida no dia da pesquisa em agregadores e aplicativo de *streaming*:

- **Tricô de Pais** (117 episódios principais; 75 episódios do seus *spin offs* — Tricô Talks; episódios de leitura de mensagens de ouvintes; e episódios de recados diversos);
- **Entre Fraldas** (200 episódios principais e mais episódios dos *spin offs*: Histórias de pai, Dad Talks e Paternidades; e também episódios de *replay*);
- **AfroPai** (31 episódios principais e mais dois teasers e seis de leitura de *e-mails*)
- **Balaio de Pais** (30 episódios principais e cinco complementares).



A definição desses podcasts se deu a partir de uma pesquisa realizada no agregador Castbox, pelo descritor “paternidade” no campo de pesquisa denominado “Descobrir” do aplicativo. Como resultado foram 144 podcasts, onde 32 foram

filtrados a partir dos critérios: ser brasileiro, não religioso e que no título (ou em outro campo determinado pelo agregador — que desconhecemos) fazem referência direta à paternidade. Ou seja, os critérios de exclusão dos outros 112 programas foram: não ser brasileiro; ter cunho religioso (falar sobre a paternidade divina ou ser produzido por igrejas ou figuras religiosas, por exemplo); não ser voltado exclusivamente para o público paterno (programas voltados a mães e à família de modo geral); e não aparecer nos resultados mais de uma vez, por ter duplicidade de *feed* (por motivos de mudança no *feed* ou por agregar vários *feeds* em um terceiro).

No Apêndice B deste trabalho trazemos, a título de curiosidade e de consulta, uma lista com os episódios produzidos por esses podcasts selecionados.

Como dito, a seleção se deu pela determinação dos mais atuantes e ativos na data de corte, a partir do universo de podcasts sobre paternidade no Brasil, conforme informações abaixo.

Quadro 02 — Podcasts sobre paternidade no Brasil

AfroPai	Mais um Pai (+1Pai)	PapCast
Amor de Pai	Não sei, pergunta ao pai	Papo de pai
Balaio de Pais	O Pai Empreendedor	Paternidade Sem Vergonha
Canta e Conta (grandes pequeninos)	Os Papaias	Paternidade.doc
Com Viver - a vida com as crianças	P.a.p.i. Cast	Paternitalks com Rafael Lessa
Conversa de Pai com Ilan Brenman	Pai Total	Podpai
Dojo de Pais	Pai, Papai, Painho	Sem choro
Entre Fraldas	Paicast	Só Sendo Pai
Força de Pai	Pais, Filhos e Família	Sobre Paternidade
Fresco Pai	Papai Atípico	SOS Família
Guia do Pai das Galáxias	Papai Comédia	Tricô de Pais
Mais Paterno (+Paterno)	Papai eh Rock	

Fonte: CastBox, Spofy e blog “Eu amo podcasts”. Elaboração do autor, 2021.

Além destes, existem os podcasts que abordam outras temáticas e abrangem outros públicos, mas que produziram algum episódio sobre o tema paternidades. Entre os 20 maiores podcasts elencados pela PodPesquisa de 2019, apenas o Mamilos produziu conteúdo sobre o tema (Episódio #36 — A Nova Paternidade, de

agosto de 2015 e Episódio #209 — Homem Pai, de agosto de 2019). Seguindo o *ranking*, o 204º podcast mais citado na PodPesquisa-2019 que produziu episódio sobre paternidade foi o MEMOH (Episódio #18, dividido em duas partes, disponibilizadas em agosto e setembro de 2020).

2.3.1. Episódios: Mamilos #36 e #209 e MEMOH#18

O Mamilos é um podcast produzido pela mineira Cris Bartis e pela gaúcha Juliana Wallauer (ambas vivem em São Paulo), e tem viés jornalístico¹⁰⁵. Faz parte da “Rede B9” de podcasts. A B9 Company é uma empresa de mídia produtora de podcasts. Os episódios #36 e #209, que tratam sobre paternidade, foram produzidos em 28 de agosto de 2015¹⁰⁶ e 09 de agosto de 2019¹⁰⁷, respectivamente. O primeiro foi produzido sem a participação das *hostess*, apenas com os convidados (dentre os quais, os maridos delas).

O MEMOH se descreve como um negócio social que oferece a homens a possibilidade de refletirem, em conjunto, sobre seu comportamento por meio de Grupos Reflexivos, Produção de Conteúdo e Serviços de Consultoria voltados para o ambiente corporativo. O podcast é produzido por Pedro de Figueiredo e trata sobre masculinidades. O episódio #18 tratou sobre paternidades, e foi dividido em duas partes, uma foi publicada em 25 de agosto de 2019 e outra em 01 de setembro de 2019, com participantes conhecidos na cultura midiática¹⁰⁸.

2.3.2. Podcasts: Entre Fraldas, Paizinho Vírgula, AfroPai e Balaio de Pais

O Entre Fraldas se propõe a ser um podcast semanal para troca de informações, opiniões e experiências sobre paternidade/parentalidade. É apresentado pelos mineiros Marcelo Cafiero e Rodrigo Cornélio, tem variadas

¹⁰⁵ Segundo o site: O Mamilos é um podcast semanal que discute os temas polêmicos apresentando diversos argumentos e diferentes visões para que os ouvintes formem sua opinião de maneira crítica. De forma colaborativa recebemos especialistas inspiradores para falar de economia, política, comportamento, educação, ciência, saúde e muito mais. Nossa busca, com curiosidade e humildade, é desenvolver um jornalismo construtivo, de soluções, não violento, com narrativas restaurativas. Um jornalismo de peito aberto, mais interessado em construir pontes do que em provar pontos. <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>>

¹⁰⁶ <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-36-nova-paternidade/>>

¹⁰⁷ <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-209-homem-pai/>>

¹⁰⁸ Contou com figuras como Babu Santana, Marcelo Adnet, Marcos Piangers, Joel Luiz Costa e Leandro Melquiades. <<https://memoh.com.br/podcast/>>

formatações, para apresentar conteúdos relacionados à criação de filhos: O “Fralda Cheia” traz especialistas para debaterem sobre determinados temas; o “Mamada ou Cagada” tem formato editorial, dando opinião sobre as últimas notícias; “Hora do Recreio” faz indicações de atividades e produtos culturais para as famílias; “Entre Vista” convida artistas que produzem conteúdo para crianças, para falarem de suas obras; “Histórias que contaremos” cria releituras das histórias clássicas de princesas, com as versões que querem contar para as suas filhas; e “Paternidades” mostra, através de outros olhares, como é criar filhos em culturas diferentes (da dos autores). O podcast está hospedado no site do Portal Desaprender, que congrega podcasts sobre educação.

O podcast Tricô de Pais surgiu em 2016 e diz ser o primeiro podcast sobre “paternidade supimpa”¹⁰⁹ do Brasil. Os *hosts* cariocas Thiago Queiroz, Victor Ourives, Thiago Berto e Bruno Vilas Boas conversam descontraidamente sobre tudo o que vivem em suas paternidades. Realizam entrevistas com convidados eminentes da podosfera e do mundo pop. O podcast é hospedado no portal Paizinho Vírgula, que começou como um blog, com textos sobre paternidade, onde Thiago Queiroz relatava suas experiências como pai que buscava uma vivência mais afetiva e mais conectada com os seus filhos. O portal possui podcasts voltados para mães e para crianças, além de divulgar o canal do Youtube homônimo do portal.

O AfroPai é considerado o primeiro podcast sobre paternidades negras no Brasil e faz parte do portal Paizinho Vírgula. É produzido por Leandro Ferreira, que no site descreve seus objetivos: “falar das nossas crias, das nossas experiências, das nossas angústias e medos e, principalmente, da nossa negritude”¹¹⁰.

O Balaio de Pais é um podcast fruto de debates produzidos a partir das rodas de conversa entre pais que se conheceram por meio do grupo de Facebook “Paternando”¹¹¹. As discussões versam sobre a paternidade e todos os seus

¹⁰⁹ Termo usado para designar-se positivamente, e que, a paternidade que eles defendem se assemelha às práticas da paternidade participativa.





¹¹⁰ <<https://paizinhovirgula.com/category/podcasts/podcast-afropai/>> Acesso em 12 jun 2021.

¹¹¹ O grupo do Facebook se descreve como um apoio à paternidade ativa, que surgiu da vontade de compartilhar informações, experiências, dificuldades, dúvidas, alegrias, vitórias, realizações, enfim, compartilhar com outros pais esse maravilhoso universo que se abre com o nascimento dos nossos pequenos e daqueles que ainda estão por vir, apoiando o parto humanizado, a criação com apego (attachment parenting) e amamentação por livre demanda. Vamos juntos fazer deste um espaço para nos conhecermos, tirar dúvidas, nos apoiar, ensinar, aprender, nos divertir... ‘O

desafios, erros e acertos. As rodas de conversas são gravadas e publicadas em formato de um podcast.

Esses são os quatro podcasts voltados para pais que selecionamos com o objetivo de conversar com os seus produtores. Como produto dessa intervenção foi possível elaborar uma tabela contendo informações sobre os mesmos, que apresentamos a seguir. Em relação ao conteúdo produzido, compilamos os dados dos episódios e os apresentamos no Apêndice B, para consulta.

Tabela 03 — Dados sobre os podcasts voltados para pais

	AfroPai 	Entre Fraldas 	Balaio de Pais 	Tricô de Pais¹¹² 
Quando começou	junho/2018	junho/2016	agosto/2016	junho/2016
Episódios produzidos	52	210	36	145
Nº de downloads	~50.000	~212.000	~30.000	-
Episódio mais acessado	#33. Ancestralidade africana 734 downloads (entre 01/10/2020 e 19/10/2021)	#93. Steven Universe 1730 downloads	#23. Eu sei o que é melhor pra você - 1741 downloads	-
Episódio menos acessado	#05. E-mails e reações 124 downloads	#137- Mamada ou Cagada: Momo, Pulseira do sexo e masturbação 137 downloads	#31. Saúde do homem 168 downloads	-
Média de Acesso/episódio	1000	780	800	40.000/mês
Títulos dos Top 3	#33. Ancestralidade africana #34. Sankofa #30. Abandono paterno	#93. Steven Universe #68. Vacina pra quê? #01. Quando nos tornamos pais	#23. Eu sei o que é melhor pra você #06. Agressividade #01. Toma que o filho é teu	-
Perfil do ouvinte	89% brasileiros 53% homens 80% Pretos	Iniciou feminino, agora é masc. Maioria de SP e MG Maioria de brancos	86% brasileiros Maioria homens	50/50 homem/mulher 47% entre 28-34 anos
Redes sociais	Instagram (+movimentado); Twitter; Site Paizinho Vírgula	Portal Desaprender; Twitter; Facebook; Instagram	Facebook; Instagram (+movimentado)	Instagram; Twitter; Site Paizinho Vírgula; Youtube

Fonte: Dados coletados a partir de entrevistas com os podcasters. Elaboração do autor, 2022.

¹¹² Os dados referentes ao Podcast Tricô de Pais foram coletados a partir do site <<https://paizinhovirgula.com/>> pois não foi possível realizar entrevista com seus produtores.

2.4. Reflexões sobre a mídia Podcast

A mídia podcast é marcada por ser uma mídia eminentemente contemporânea, e por isso é repleta de potencialidades, mas também por desafios e limites, quando pensada para além das relações capitalistas, pois é uma mídia em disputa.

As disputas acontecem em diversos âmbitos: político-organizativo, das plataformas, das relações etc..

No que diz respeito à disputa político-organizativa, podemos mencionar o ocorrido no interior da entidade representativa dos podcasters, a ABPod, em 2019. Um ex-presidente da associação teve de renunciar ao cargo "sob pressão da comunidade após publicar conteúdo de cunho político e pessoal na página do Facebook" da entidade¹¹³. Atualmente a direção manifesta como plano de trabalho: "estruturação da associação; transparência permanente; escuta ativa dos associados; apoio às pessoas que produzem podcast e crença na pluralidade e diversidade para realizar os trabalhos"¹¹⁴.

O âmbito das plataformas de transmissão dos podcasts também passa por disputa ainda mais ampla, pois estão inseridas na lógica capitalista, principalmente após a entrada das grandes plataformas de *streaming* de áudio e vídeo na busca pelos ouvintes/consumidores de podcasts. Isto gerou o fenômeno da produção de conteúdo exclusivamente nessas plataformas (um modelo de negócio que conquistou muitos podcasters que, antes, produziam seus conteúdos apenas "por amor" ou por um retorno financeiro que somente cobria parcialmente os gastos com produção, edição, distribuição, hospedagem do site e áudios etc.). Esta questão reflete na discussão sobre a autonomia dos podcasts. O mesmo se pode pensar sobre as implicações da existência ou não de patrocínios para a produção de episódios ou de podcasts inteiros.

Observa-se, também, que há a construção de relações entre podcasters e ouvintes (pelas redes sociais ou através de encontros virtuais ou presenciais), mas também entre os podcasts/ers (especialmente quando realizam os chamados

¹¹³ Cf. <<https://abpod.org/about-2/>>

¹¹⁴ Cf. <<https://abpod.org/about-2/>>

*crossover*¹¹⁵). Muitas vezes essas relações configuram as chamadas bolhas, no sentido de que o conteúdo dos podcasts, os *crossovers* e as relações circulam e se retroalimentam apenas entre as mesmas pessoas que possuem interesses e afinidades semelhantes/convergentes. Fenômeno que ocorre na lógica dos algoritmos¹¹⁶ das redes sociais, onde estes direcionam o conteúdo a ser consumido a partir do perfil da pessoa ou do próprio podcast. Já participamos de diversas discussões informais sobre a existência de uma “bolha da paternidade participativa”.

Evidencia-se o fato desta mídia ser um instrumento potente de disseminação de informações. E como instrumento, tem sido utilizado por diversos setores da sociedade, inclusive no interior do Serviço Social, com destaque de menção ao podcast do CRESS-RJ, o "PodCRESS"¹¹⁷, o podcast das assistentes sociais e pesquisadoras Pri Lira, Dani Augusto e Aila Santos, o "Práxis Preta"¹¹⁸ e o recém lançado “Serviço Social Cast”¹¹⁹, dos assistentes sociais Eduardo Moraes e Élon Santos.

Com essas reflexões queremos evidenciar as diversas facetas desse meio de comunicação que carrega a marca do novo — enquanto uma mídia recente, que evoca e reflete os avanços tecnológicos do atual estágio de desenvolvimento da humanidade. E é utilizada e produzida para diversos fins e sob diversos matizes ideo-políticos, consumida por pessoas cujo acesso é limitado (assim como os outros meios de comunicação) e produzida através de iniciativas mais ou menos profissionais, com maior ou menor (às vezes nenhum) retorno financeiro.

¹¹⁵ Termo utilizado para designar o “cruzamento” (tradução para o português da palavra *crossover* do inglês) realizado entre dois podcasts que, além de produzirem um episódio em comum, publicam nos feeds individuais esse encontro.

¹¹⁶ Para saber o que é um algoritmo, cf. <<https://www.tecmundo.com.br/programacao/2082-o-que-e-algoritmo-.htm>>

¹¹⁷Cf. <<https://www.cressrj.org.br/tag/podcress/>>

¹¹⁸ Podcast que busca “denegrir o Serviço Social”, cf. <<https://www.facebook.com/praxispreta/>>

¹¹⁹ Disponível no Spotify <<https://open.spotify.com/show/2vTTD3dIEZhFzdluRT8aiw>>, com o primeiro episódio lançado em 14 abr 2022.

CAPÍTULO 3. O DEBATE SOBRE PATERNIDADES EM MÍDIAS PODCAST

O objeto percebido é aquele que se apresenta aos nossos sentidos pela forma de imagens, é o que vemos e sentimos e que, na maioria das vezes, se apresenta como “real”, natural e transparente. Em pesquisa social sabemos o quanto estas percepções sofrem influências das nossas visões de mundo, possuidoras de uma historicidade, portanto, em nada “naturais”.
(Maria Cecília Minayo)

Neste capítulo serão apresentadas as discussões realizadas nos episódios dos podcasts selecionados, estabelecendo um diálogo com o referencial teórico adotado em nossas pesquisas. As categorias temáticas foram levantadas a partir da repetição dos assuntos durante as conversas entre os convidados e *host(e)s*, e foram separadas¹²⁰ para facilitar a análise e apresentação das discussões.

Tal medida não indica a intenção de cindir os temas, como se eles ocorressem isoladamente na realidade, na vida — ao contrário, eles ocorrem (e apareceram nos episódios) de forma mais ou menos caótica. Por isso, em diversos momentos dos próximos tópicos, deixamos explícita a correlação de uma categoria temática com outra(s).

A categorização condensou os 7 (sete) temas que mais apareceram ou se destacaram nos episódios, considerando as reflexões estabelecidas no Capítulo 1: Paternidades/Masculinidades; Gênero; Cuidado/Afeto; Geração anterior; Raça; Políticas públicas/Sociedade; e Violência.

Com o objetivo de favorecer uma melhor compreensão do modo que os participantes dos podcasts serão mencionados, a tabela a seguir é elucidativa. Todos serão reportados pelo nome, seguido do local da fala dos participantes, ou seja, o nome do podcast, com indicação do número do episódio, e a parte (no caso do MEMOH).

¹²⁰ A Ciência e a Filosofia se desenvolveram à base de muita divisão — para análise minuciosa das partes, dos conceitos e dos conhecimentos, para compreendê-los isoladamente, inclusive dividindo/separando as áreas do conhecimento, para — inclusive — compreendê-las mais aprofundadamente.

Tabela 04 — Participantes dos podcasts selecionados e referência ao episódio

Nome do participante	Podcast	Nº Episódio	Parte do Ep.
Age	Mamilos	36	-
Carlos Merigo	Mamilos	36	-
Léo Gianetti	Mamilos	36	-
Rico Mendonça	Mamilos	36	-
Alexandre Coimbra	Mamilos	208	-
Renato Kaufmann	Mamilos	208	-
Márcio Black	Mamilos	208	-
Juliana Wallauer	Mamilos	208	-
Cris Bartis	Mamilos	208	-
Joel	MEMOH	18	I e II
Babu Santana	MEMOH	18	I e II
Marcelo Adnet	MEMOH	18	I e II
Marcos Piangers	MEMOH	18	I e II
Benedito Medrado	MEMOH	18	II
Pedro de Figueiredo	MEMOH	18	I e II
Nana Lima	MEMOH	18	I e II
Daniel Costa Lima	MEMOH	18	I
Leandro Melquiades	MEMOH	18	I e II
Isabela del Monde	MEMOH	18	II
Rodrigo Moura	MEMOH	18	II
Renato	MEMOH	18	II
Marcos	MEMOH	18	II

Fonte: Podcasts selecionados. Elaboração do autor, 2022.

3.1. Paternidades/Masculinidades

Na análise dos conteúdos dos podcasts foi possível observar a existência de reflexões sobre a necessidade de superação da masculinidade tradicional (tóxica), que, como vimos, é imposta social e culturalmente, e é fruto de uma construção social e histórica. Discutem que, na atualidade, este modelo de homem — vastamente criticado nos episódios — parece uma espécie de prisão, onde até o conteúdo das conversas com outros homens, por exemplo, assim como o vocabulário usado, é limitado, e isso empobrece os diálogos e as relações. Em tom de cansaço de viver essa realidade em conjunto com os amigos, um deles aponta: “(...) falar, falar, e ouvir um ‘tá foda’. [Eu, com] quase 32 anos na cara, pai de duas crianças, num tempo que eu quase não tenho, não dá, sabe? Eu quero falar de tudo...” (Joel — MEMOH 18 II).

Essa discussão remete à necessidade de modificar padrões de comportamento e de entendimento do que é ser homem hoje em dia, no sentido da diversidade, da possibilidade de homens serem mais sensíveis, de terem a chance de aprenderem, desde cedo (a partir do pai que tiveram, inclusive), os modos de ser capazes de romper com os padrões patriarcais e machistas.

Para falar de superação de um modelo e apresentar outro, a realidade demonstra que ainda é necessário pôr em evidência os resquícios daquilo que se quer superar — tanto em termos do “padrão” de masculinidade, como também de paternidade. Encontramos, na pesquisa, várias tentativas de conceituação desse homem-pai, sempre na perspectiva da comparação entre o modelo tradicional e o participativo.

Quando, na vida adulta, a pessoa se depara com a possibilidade do exercício da parentalidade, planejada ou não, as reações são diversas. E fica evidente como as preocupações dos homens-pais, em certa medida, revelam os padrões machistas. As preocupações identificadas nos episódios são as que trazem à mente o imaginário sobre a sua responsabilidade na manutenção daquela criança que está por vir (ou que já veio):

Legal, estou super feliz, vou ser pai. A sensação na minha cabeça, passou um filme em questão de segundos: caramba, agora eu preciso juntar dinheiro, eu preciso comprar um apartamento, eu preciso... ! A gente não tem plano de saúde, fudeu (...) passei a noite inteira pensando nisso. (Carlos Merigo, Mamilos 36)

Quando eu soube que ia ser pai e foi uma surpresa, a moça não era minha namorada na época, então, assim, eu fiz o quê né? Eu reagi da forma que os homens reagem: com pânico, pavor e aflição (Renato Kaufman, Mamilos 209)

Tem dois sininhos que vão tocar muito alto: do “faz o corre” e arruma dinheiro, porque você tem um filho pra criar. Aí vai para esse lugar do trabalha-trabalha muito, tenha coisas, a melhor escola, dê o melhor, que é um jeito de dar afeto, mas que não é presença, não é vínculo, não é toque (Juliana Wallauer, Mamilos 209)

Eu embarquei nesse lugar do macho provedor, e anulei completamente [a companheira], ela ficava ali, sei lá, dias trancada em casa com uma bebê, o que não é fácil (...) (Marcio Black, Mamilos 209)

Nessa perspectiva das preocupações que surgem ou que se intensificam, as relações sociais envolvendo raça também acabam interferindo no modo de reagir diante da paternidade.

Pra gente que é preto, que é periférico, essa perspectiva de que o cavalo selado passa outra vez [no sentido de que outras oportunidades de trabalho com melhor remuneração surgirão em breve], é muito difícil pagar pra ver (...) é muito difícil você abrir mão de uma oportunidade de emprego (...) [e] desse lugar do homem provedor, sobretudo em periferia (...) sobretudo pra gente que é preto (Joel, MEMOH 18 p. I).

Nessa dinâmica das relações, que são construídas e sofrem influência do patriarcado, revela-se que esse sistema — que impõe aos homens papéis rígidos e definidos — além de oprimir mulheres, prejudica os homens. Contraditoriamente, mesmo sendo beneficiado por esse sistema, o homem, ao não dar conta de certas “obrigações”, sofre com a nocividade desse sistema — em nível pessoal e subjetivo, mas também, em nível das relações interpessoais, quando não consegue pagar as contas de casa ou pagar Alimentos (pensão alimentícia) ou, no extremo, quando vive em situação de rua, por exemplo.

Tudo isso remetendo ao papel de homem dominante, provedor, responsável, forte etc., que deveria ter sido cumprido e não foi, aparentando que a culpa seja deste “homem menos homem”, escamoteando, assim, uma realidade mais ampla, até estrutural: a reprodução social da vida está imbricada nas determinações capitalistas (de emprego/desemprego, trabalho precarizado, inseguro etc., além das des-proteções sociais em geral, vividas pela população).

Uma reflexão de destaque foi realizada por Pedro Figueiredo (MEMOH 18 II), quando ele contou sobre sua experiência de vida e contato com seu pai. Predomina, quando não se reflete sobre as relações sociais de sexo/gênero — especialmente a naturalização da opressão que ocorre sobre as mulheres —, aquela admiração filial pelo pai-herói-homem-modelo:

um homem mesmo sem participar em nada da minha criação e que diferentemente da minha mãe não tinha que se preocupar com que eu estava comendo ou deixando de comer, como eu estava me sentindo, deixando de sentir, que não assumiu nenhum compromisso de pagar a pensão obrigatória, **ainda assim pode ser visto e percebido como um pai legal** e eu sou a prova disso, eu achava ele legal, não percebi a falta de responsabilidade como uma questão, o ponto para mim ficava nessa nossa conexão ou na falta dela que não era das melhores mas era OK, só que o que estava por trás mesmo era coisa do “tirar o corpo fora” de praticamente todas as situações centrais no meu desenvolvimento, aí é que está o problema, meu pai era bom de trocar ideia, contar as viagens dele de moto pelo Brasil, mas foi um cara muito babaca com a minha mãe (Pedro, MEMOH 18 II)

Ou seja, sob a ótica das relações de cuidado do filho, existem homens que podem não fazer nada, e ainda assim acabam sendo admirados, pois, provavelmente, é visto como uma figura masculina padrão/tradicional (“era bom de trocar ideia, contar as viagens dele de moto pelo Brasil”, etc). Ser um homem assim é socialmente aceito, mesmo que, nas relações com a mãe de seu filho, ele tenha sido “um cara muito babaca” — então, aquela criança cresce observando as injustiças contra a mãe-mulher, valorizando esse pai-homem.

Em algum momento é necessário ocorrer o rompimento dessa dinâmica relacional que é desigual e sempre em prejuízo às mulheres (negras — incluindo a perspectiva racial). Fazer comparações, adjetivar, evidenciar as diferenças e marcar os pontos de inflexão entre os modos de ser pai talvez cumpra com a função de romper com os padrões de comportamentos atribuídos, na contemporaneidade, à masculinidade e paternidade “normais”.

o pai no máximo chegava no dia, à noite, dava um oi pro filho e sei lá, no fim de semana ia levar o filho para pescar, era isso que o pai fazia. (Carlos Merigo, Mamilos 36)

(...) a questão do papai 2.0 né, que é o pai participativo que não deixa tudo pra mãe (Carlos Merigo, Mamilos 36)

O homem “novo” que aparece é aquele que se abre com os amigos, que demonstra e conversa sobre suas fragilidades e dificuldades, inclusive relacionais — as conversas passam a tratar de assuntos mais profundos, das “dores da alma”, e a pessoa passa a ser um “homem mais feminino” (Adnet, MEMOH, 18 II). “A gente quer pensar e fazer pensar, refletir, conversar sobre tudo o que a gente quiser, sem medo de ser julgado como menos homem por isso” (Pedro de Figueiredo, MEMOH 18 I).

O Arnaldo¹²¹ dizia, né? “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Acho que esse é o lema dessa nova paternidade em que não está querendo só entrar como provedor financeiro, acumulador patrimonial, né? Ele está querendo é viver essa experiência de desconstrução... é... desse ideal das emoções travadas e deixar que os filhos desentupam o canal emocional... e que ele passa a ser esse homem “tão à flor da pele que qualquer beijo de novela me faz chorar”¹²² (Alexandre Coimbra, Mamilos 209)

Ser um homem-pai mais participativo pode remeter — por parte do meio social — a uma ideia de “fracasso”, no sentido de que esse homem que “tem” que cumprir com os ditames do padrão dominante de gênero está se aproximando da imagem da mulher/cuidadora — situação que, considerando a educação sexista que predomina na atualidade, é rechaçada e, por isso, afastar-se do mundo feminino é colocado como um objetivo a ser alcançado.

A gente não é educado a cuidar, a gente é educado a se aventurar, a gente tem a educação masculina, educada para sair. Quando a educação do feminino, é educado para ficar e cuidar da casa, cuidar da criança. (...) a gente homem não ser educado para cuidar, de não ter boneca, por exemplo. (Leandro Melquiades, MEMOH 18 II)

A gente não é educado a isso, e até parece meio que o fracasso para a gente né? A gente acha que ficar em casa com os filhos, cuidando dos filhos, ou ficar em casa cuidando da nossa mãe que está velha — talvez esteja precisando de um auxílio — é um símbolo de um de um homem fracassado, assim, e isso é muito triste: a gente não se colocar nessa posição de uma pessoa que também pode ser cuidador, cara! Pode ser simplesmente uma pessoa legal que diz assim: “não, eu quero ser referência para os crianças que estão meu redor!” (Marcos Piangers, MEMOH 18 II)

Há um “tipo ideal” de masculino, construído a partir de uma valorização do que foi definido como “de homem” e da desvalorização daquilo que foi definido como “de mulher”. Essa construção se deu em diversos níveis, mas com mais intensidade a partir da perspectiva burguesa, após a sua ascensão (OLIVEIRA, p. 72). Como consequência dessa dinâmica, o que há de feminino nos homens, e masculino nas mulheres, passa a ser mal visto, como a um “outro a ser destruído” ou tratado (como a “cura gay”, por exemplo).

Por outro lado, a ideia de estar mais próximo do filho, verdadeiramente implicado em sua vida como um todo, tem sido colocada como um objetivo a ser

¹²¹ Faz referência a Arnaldo Antunes, que escreveu a música “Comida” com Marcelo Fromer e Sérgio Britto, quando estava na banda Titãs, em 1987.

¹²² O trecho entre aspas faz referência à música Flor da Pele, de Zeca Baleiro, composta em 1989, mas gravada pela primeira vez em 1997 (no álbum “Por onde andaré Stephen Fry?”).

alcançado — e é isso que encontramos na pesquisa com os podcasts. Essa implicação acaba por ser considerada revolucionária, pois, a partir da reflexão sobre a condição do exercício pessoal da parentalidade, haverá incômodos:

esse homem naturalmente vai ganhar incômodos, incômodos que transformam o mundo, incômodos, por exemplo, com a falta de creche, o incômodo com a falta de preocupação com a primeira infância, o incômodo com a cidade — como ela não é acolhedora para crianças, não é colhedora para pais e para as mães que criam efetivamente seus filhos, esse homem implicado nisso pode ser muito revolucionário (Isabela del Monde, MEMOH 18 II)

Um dos incômodos que acontece é o questionamento sobre o entendimento que as pessoas, individual e coletivamente, têm em relação a como se relacionam com as crianças. A paternidade pode auxiliar na possibilidade de se refletir sobre as relações adultocêntricas vigentes em nossa sociedade. Houve avanços nas legislações, que passaram a reconhecer a infância e adolescência como fase de desenvolvimento peculiar (como ocorre com o Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil), e, por isso, objeto de proteção. Crianças e adolescentes passaram a ser tratados como sujeitos de direitos, e não mais como objeto de intervenção (como ocorria com o Código de Menores — Lei 6.667, de 10 de outubro de 1979).

Porém, esses avanços ainda não foram suficientes para modificar a centralidade dos adultos no planejamento e execução das políticas sociais e econômicas. No âmbito das relações parentais, o adultocentrismo também pode ser questionado, quando a criança pode manifestar-se como uma pessoa em condições de direitos iguais, assim como seus pais.

o cantinho do pensamento¹²³ ali foi uma coisa tão rica, tão sensacional, **o filho poder te botar no canto do pensamento, isso para mim é revolucionário**, isso que o Leandro¹²⁴ colocou aqui hoje para gente é mais rico do que qualquer carro, qualquer casa que um pai possa dar para um filho, muito mais, então tudo isso me interessa (Marcelo Adnet, MEMOH 18 I)

Deste excerto é possível pensar que a paternidade desperta reflexões sobre as relações a serem construídas com as crianças de modo que, desde cedo, se

¹²³ Prática de colocar a criança em um canto da casa para ela pensar, refletir sobre seu ato, como forma de dar uma consequência à criança quando ela age de um modo “errado” (sob a ótica do interlocutor — adulto — da criança).

¹²⁴ Leandro contou no episódio que colocava seu filho no “cantinho do pensamento” quando ele cometia alguma “besteirinha”. Porém, quando ele mesmo falou um palavrão na frente do filho, e como a regra da casa é proibido falar palavrão, o filho “colocou” o pai no cantinho do pensamento.

possa assumir a igualdade como princípio relacional. Ser “punido” pelo filho por ter cometido um erro é impensável em relações baseadas no patriarcalismo, onde o poder do pai é absoluto e dotado de infalibilidade¹²⁵.

Esse homem, quando se torna pai, tem a potencialidade de passar por uma revolução — usando o termo dos participantes dos podcasts — em sua vida, sendo ela a possibilidade de abertura para a modificação de padrões de comportamento, de visão de mundo, da vida como um todo.

Acho que a paternidade seja o primeiro momento em que a gente se depara com a possibilidade de se **transformar** através do amor, né? Porque em geral a gente, homem, vai se transformar quando leva um murro na cara da vida né? Quando passa por um luto, passa por um divórcio, quando perde a mãe querida, quando ouve “quero me separar” — “você é um cafajeste”. Você começa a pensar um pouco (...) “me ensinaram que era assim para ser”. E aí, a gente aprende muito na dor. Mas um filho, é a chance da gente aprender no amor! (...) explode o nosso coração de alegria, e que nos permite fazer essas reflexões meio que de trás para frente: você ama tanto aquela criancinha ali, que você diz “vou ser o melhor pai”. E aí você começa a perceber que não dá para ser o melhor pai se você não for melhor marido, véio! (...) depois de fazer esse caminho de “eu quero ser o melhor pai e eu quero ser o melhor marido ou melhor ex-marido”, aí você diz: “caraca irmão, não é o suficiente! Eu tenho que ser o melhor homem! Tenho que ser melhor porque meus filhos estão crescendo e estão vendo meus exemplos”. (...) só na hora da paternidade que eu disse: “caraca irmão! Tem uma realidade muito diferente, muito mais dura para as mulheres e eu preciso fazer esse caminho de trás para frente aí!” (Marcos Piangers, MEMOH 18 I)

Outras perspectivas atravessam o exercício da parentalidade, e auxiliam na geração daqueles incômodos e transformações: quando envolve adoção, alguma deficiência (do pai ou da criança), relações interracialis e homoafetivas, assim como o exercício das paternidades solo e socioafetiva.

Tanto o Mamilos como o MEMOH trouxe para a discussão essas relações, seja por meio de comentários, seja em razão do participante vivenciar algumas delas. Em todos os casos, a perspectiva visava enriquecer o debate, e sensibilizar (e informar) sobre os temas.

¹²⁵ A igreja Católica, (re)produtora da cultura patriarcal, conferiu, por decreto, o dogma da infalibilidade papal, quando se trata de manifestações sobre a fé cristã. Cf: <<https://www.dw.com/pt-br/1870-papa-%C3%A9-declarado-infal%C3%ADvel/a-319592>> Acesso em 30 mar 2022. Por semelhança, a ideia é de que o pai/papa é infalível quando educa seus filhos.

3.2. Relações sociais de sexo/gênero

Trata-se de um tema que atravessa todos os demais, pois é o mais evidente quando se analisa as assimetrias existentes nas relações entre as pessoas envolvidas no cuidado das crianças. O professor Benedito Medrado foi um dos convidados do MEMOH (episódio 18, parte II) para falar sobre as conquistas da luta das mulheres, dentre elas a ampliação da participação masculina nas ações relacionadas ao cuidado infantil. Ele afirma que o cuidado, “em nossa cultura, é tradicionalmente associado ao feminino” e isso acaba sendo “restritor da liberdade das mulheres”, e atribui, ainda, ao movimento feminista, que ao questionar o lugar da mulher, questiona, também, o lugar dos homens nas atribuições domésticas. E, por consequência, atinge as questões afetas ao exercício da paternidade.

Os participantes contaram muitos exemplos sobre as diferenças existentes no modo que as pessoas os enxergam quando em comparação com suas companheiras.

Como é que concilia essa vida profissional com a paternidade né? Porque é muito difícil a gente ver um homem desacelerando na sua carreira, nas suas produções, nas suas coisas e tal... Quando a gente vê um monte de mulher, quando vai encarar a maternidade, dando uma desacelerada e tudo mais... (Pedro de Figueiredo, MEMOH 18 I)

Pô eu levo o meu filho pra cortar o cabelo e as pessoas falam que eu sou um paizão, e a Bruna está com ele todo dia, aí tipo cara, sabe é muito, é um problema social mesmo (...) porque que eu faço o mínimo e sou considerado um paizão sabe? E por quê que as meninas carregam o piano, e fazem a obrigação? (Joel, MEMOH 18 p II).

Tem a ver com as definições dos papéis né, a gente ainda vive o eco dessa coisa né, era uma coisa muito bem estabelecida né, o pai é o cara que provê financeiramente e a mulher que fica em casa cuidando da casa e da cria (Age, Mamilos 36)

(...) é tão fácil para o homem receber elogios no exercício da sua paternidade (...) enquanto as mulheres que exercem a maternidade, elas acabam recebendo sempre aquelas palavras de que não fez mais do que sua obrigação (Rodrigo, MEMOH 18 II)

As discussões, por vezes, giraram em torno da definição dos papéis de gênero, entendidos como construídos social e historicamente, e que, por isso, as pessoas podem reproduzi-los no cotidiano sem refletir. Porém, os chamados papéis de gênero (aquelas divisões de atribuições conforme o sexo biológico da pessoa), quando circunscritos na dinâmica do exercício da parentalidade, não encontram

mais suporte para a separação do que é atribuição da mulher ou atribuição do homem — a não ser que seja dentro de um contexto de diálogo e entendimento entre as pessoas envolvidas¹²⁶.

(...) [se] isso tenha sido pré-arranjado, e todo mundo está bem assim, ok! Quem somos nós pra dizer que deve ser diferente? Só que a gente está vivendo uma quebra de paradigma, né? E aí, tem essa redefinição, esse ressignificado, de papéis. Qual é o papel do pai e o papel da mãe? E o casal tem que se ajeitar. (Age, Mamilos 36)

A despeito de haver, ainda, uma visão na sociedade atual de que existem coisas que são de/para homens e outras coisas que são de/para mulheres, muitas vezes impulsionadas, reproduzidas e mantidas pela educação sexista vigente (NASCIMENTO, 2015), e de, no âmbito do senso comum, a parentalidade ainda estar imersa nesta lógica, as atividades de cuidado de crianças não deveriam ser entendidas pela dualidade sexista, pois as pessoas são capazes de exercer o cuidado, independente do sexo biológico. Com exceção do ato de gestar (que depende de uma pessoa biologicamente preparada com um útero sadio para esse fim), os demais atos parentais não dependem da constituição biológica¹²⁷ do indivíduo para serem executados.

As diferenças nas relações são colocadas em evidência quando envolve o machismo, que, sendo uma relação de opressão às mulheres, precisa acabar. Porém, em razão do avanço do conservadorismo, tem aparentado ficar cada vez mais forte.

(...) o homem vai trabalhar fora de casa, e por isso ele merece ir ao bar e às vezes um prostíbulo, enquanto a mulher está em casa fazendo faxina e cuidando das crianças, por que isso é coisa de mulher. A gente ri disso e tal, assim como se fosse algo absurdo, mas é muito real! Isso é muito do Brasil profundo, muito popular... o nosso presidente atualmente conseguiu unir as pessoas que são muitas, com pensamentos muito atrasados, e com tradições muito antigas, das quais nós já estamos desprendidos aqui e tal... Mas isso é muito presente ainda, já que o homem não tem que fazer nada — na cabeça tradicional — quando você vê um homem fazendo o mínimo ele já é um paizão... um puta pai e tal... então eu acho que é mais um desses braços aí do machismo (Marcelo Adnet, MEMOH 18 II)

As mudanças podem vir de várias formas, a normalização e o incentivo da participação dos homens em atividades de cuidado são alguns exemplos. Este

¹²⁶ O que não significa que, mesmo havendo consenso sobre quem vai realizar ou não algumas atividades, não haja a reprodução de relações desiguais.

¹²⁷ Até a amamentação no seio materno, apesar de não ser recomendável a substituição do leite materno até determinada fase da vida da criança, pode ser substituída por fórmulas alimentícias.

incentivo e normalização são parte das consequências do movimento de mulheres, como dito acima, quando citamos Benedito Medrado, porém, o próximo passo é fazer com que isso seja uma atitude tida como natural, pois “as mulheres não precisam ficar nos ensinando sobre o nosso comportamento, a nossa postura” (Pedro de Figueiredo, MEMOH 18 p II).

(...) um pai que vai aprender a desonerar a mãe da responsabilidade quanto à qualidade da relação com o filho, né? Muitos pais esperam que as mães criem as pontes, especialmente os pais que não convivem na mesma casa. Esperam que a mãe ligue, que a mãe tenha atitudes ativas, que a mãe fale bem do pai, que a mãe crie uma imagem muito bacana naquele pai... mas aquele pai sendo ausente, né? (...) é fundamental que os homens reflitam que a qualidade das suas relações com seus filhos é responsabilidade deles, não é responsabilidade da mãe dos filhos. (Isabela del Monde, MEMOH 18 II)

Como se não bastasse ter toda a carga de pensar e agir em relação ao cuidado dos filhos, a mulher ainda teria que pensar e agir em relação ao pai da criança? Isso cansa, física e mentalmente, a mulher — a relação é desigual. O podcast Gerando Novas Histórias (GNH), no episódio 31, tratou sobre a chamada “carga mental”, que seria a tarefa de planejar e deixar preparada toda a dinâmica de funcionamento da rotina doméstica (lista de compras, medicação, limpeza, organização da casa, cardápios das refeições, contas a pagar, vaga na escola etc., para o bem estar de todos que habitam a casa).

Aludindo à realidade mais ampla, da influência da luta das mulheres por igualdade, e da fala de Benedito Medrado no episódio do MEMOH (18 II) de que esse “despertar” dos homens para uma paternidade mais presente é resultado do movimento feminista, pode-se dizer que, no âmbito da realidade mais local do cotidiano familiar, essa presença também se dá a partir de estímulos das companheiras¹²⁸ (remetendo à ideia de carga mental): “mãe quando sai de casa e deixa o filho com o pai, ela pega ali uma folhinha, ela escreve tudo que tem que fazer e tal” (Carlos Merigo, Mamilos 36) .

O engajamento de homens-pais no cuidado e rotina dos filhos irá diminuir o peso da carga mental das mulheres-mães se eles não agirem como se fossem filhos delas. Lincoln Tavares de Melo, em seu perfil do LinkedIn, publicou um texto que

¹²⁸ A partir do levantamento sobre os ouvintes de podcasts voltados para pais, que pode ser visto na Tabela 03 (Dados sobre os podcasts voltados para pais), muitos deles têm, ou teve, como maioria de ouvintes as mulheres.

identifica esse comportamento como “paternidade sob demanda¹²⁹”. Ele defende que, sob a égide do patriarcado e reproduzindo comportamentos sexistas, homens-pais só agem quando demandados por suas companheiras, como se fossem, segundo ele, mais um filho delas, o que gera mais “desgaste, irritação, cansaço e estresse emocional” — ou seja, amplia ainda mais a sua carga emocional.

Ao tratarem sobre as paternidades a partir da perspectiva das relações sociais de sexo/gênero, busca-se pela superação das desigualdades tanto em nível societário (macro), como das relações mais individualizadas/familiares (micro).

A busca por essa superação das desigualdades pode surgir de diversas formas, inclusive pela via da reflexão sobre as relações machistas existentes na sociedade quando um homem se torna pai de menina e começa a refletir quais serão os obstáculos que a sua filha possivelmente irá enfrentar na sociedade como ela está constituída.

3.3. Cuidado/Afeto

Este tema é aqui tratado como o envolvimento dos homens-pais nas ações cotidianas que dizem respeito ao suprimento das necessidades dos/as seus/suas filhos/as, no que se refere à alimentação, higiene, sono, vestuário, toque carinhoso, atenção, educação etc..

Esse tema também foi bastante atravessado pelas outras temáticas (até agora ou que serão tratadas). Por vezes, ao entenderem que são um tipo diferente de homem-pai (do tipo que cuida, que é presente e afetuoso), os convidados dos podcasts se colocavam na condição de “privilegiados”¹³⁰ ou até mesmo de “sortudos”. E esse entendimento de que são um tipo diferente de homem-pai, em alguns momentos, é colocado como um comportamento, para eles, natural:

¹²⁹ Cf.

<<https://pt.linkedin.com/pulse/paternidade-sob-demanda-e-o-mindset-da-acomoda%C3%A7%C3%A3o-lincoln>> Acesso em 30 mar 2022.

¹³⁰ A discussão sobre a paternidade ser um privilégio, tem uma outra faceta, que é aquela de que o privilégio se manifesta até na possibilidade de não exercê-la.

(...) você participa ativamente em absolutamente tudo da educação do teu filho... e é o que o Merigo falou... algo que é absolutamente natural: não é algo pensado. Não é [dizer assim]: “deixa eu fazer uma moral, deixa eu colocar uma fraldinha”. Não! Não é assim (risos). **Você vai lá pra fazer uma conexão com o teu filho.** (Leo Gianetti, Mamilos 36)

Quando se fala em paternidade e cuidado, ou que alguns homens "despertaram" para o cuidado, seria no sentido de que em algum momento há uma espécie de superação de toda a tendência desse homem-pai em ser desatento, inafetivo e ausente — pois, como dito, homens são criados para não se assemelharem às mulheres. Esse despertar muitas vezes acontece no sentido de uma preocupação — inicial — em relação ao cuidado financeiro, de provisão material e de sustento daquela criança. E então, só depois, acontece o despertar pelo “algo a mais”, pelas relações de afeto, de cuidado, de envolvimento etc.. O que gera preocupação também, pois este passo não será dado sem esforço, porque envolve um aprendizado do cuidar (as ações práticas diárias mesmo) e uma abertura emocional (para novas emoções e afetos).

Porém, isso não significa que todos os homens vivem essa experiência de forma homogênea, pois diversos homens com certas condições de vida já exercem o cuidado há muito tempo — no cuidado, por vezes compulsório, que ocorre entre os irmãos, por exemplo (OLIVEIRA, 2004). Isso acontece por condições impostas pela ausência parental (seja por morte de um dos pais ou porque ambos trabalham em tempo integral etc.), pela falta de políticas públicas de apoio e proteção, pelo grande número de irmãos, dentre outros elementos que marcam a população que vive do trabalho.

Para além dessa realidade, há uma espécie de movimento inercial, que leva ao exercício de uma paternidade pouco ou nada responsável, participativa ou de cuidado. Isso ocorre em razão de existir uma expectativa muito baixa da sociedade em relação ao homem-pai, vide a legislação e a cultura, que engessam o comportamento masculino num padrão de homem que não é incentivado a cuidar de crianças e se envolver nas responsabilidades cotidianas delas.

Dentro dessa realidade contraditória, em que a ideia de uma “nova paternidade” embasa a busca e o incentivo do exercício do cuidado por parte dos homens-pais, e estes não encontram estímulos no âmbito da cultura (que é

patriarcalista e machista) para agir diferente, aquela inércia, mencionada anteriormente, age em função da reprodução do comportamento que a cultura lhes impõe.

Muitos homens, ao se darem conta da paternidade (em potência ou já em ato), despertam para (ou passam a se preocupar com) aquele mundo da responsabilidade e da obrigação provisional da família que se amplia — pois há uma pressão social para se colocarem “nesse lugar”. Esta questão foi tratada no item 3.1 (Paternidades/Masculinidades) deste capítulo, e conforme Medrado & Lyra (s/d), referindo-se a um comentário¹³¹ de um jornalista sobre uma matéria veiculada num jornal, em que pais adolescentes seriam obrigados a se responsabilizar por seus filhos, em termos de pagamento de pensão, sob pena de sofrer consequências penais, dizem que

essa estratégia de pressão social resolve muito parcialmente, ou de modo mais preciso, economicamente o problema. A paternagem e o cuidado com o bebê não parecem constituir foco do interesse de medidas como essa cristalizando o lugar do pai como exclusivamente chefe provedor material. (grifo dos autores) (p. 10)

Existe essa pressão social para proverem materialmente os filhos, e um estranhamento social quando se colocam no papel de cuidadores ou quando ofertam algum afeto. Um movimento, portanto, contraditório.

Muitas das falas expressas nos podcasts pesquisados se baseiam nas reações das pessoas que olham os pais exercendo o cuidado dos filhos e expressam surpresa/espanto, na perspectiva da incongruência entre cuidado e paternidade, como se fossem incapazes de cuidar (se referindo a cuidados básicos, como trocar uma fralda, por exemplo), só pelo fato de serem homens-pais. Esta discussão é claramente perpassada pelas questões envolvendo as relações de sexo/gênero, como foi apresentado no tópico anterior.

Os participantes evidenciaram que a relação com a criança é uma construção, e no caso do homem-pai (para além das diferenças de expectativas e cobranças sociais já apontadas), quando se trata da filiação biológica, é diferente do como ocorre com a relação da mulher-mãe, pois o período gestacional e toda a implicação

¹³¹ “Se não tomar cuidado e fizer besteira, o rapaz vai ter que **assumir a criança e pagar pensão para a mãe adolescente**. Nem que para isso ele **tenha que trabalhar nos fins de semana para não sair da escola**”. (grifo nosso). (MEDRADO & LYRA, s/d, p. 10)

materna (modificação corporal, hormonal etc.) imprimem características diferentes na relação.

Eu me considero cada dia mais pai do que eu era antes, sabe? Uma coisa que o Age falou é muito verdade, essa roubada de jogo da natureza [referindo-se ao período gestacional no útero materno], que a gente não passa por isso, a gente vai passando e aprendendo a ter esse sentimento que a mãe tem desde o início, com o tempo né. (Carlos Merigo, Mamilos 36)

(...) nas relações familiares é esse homem que vai embora, que não se preocupou se você comeu, se você dormiu, se você vestiu, que não velou a sua doença, que não..., e aparece para dizer “mas eu te amo tanto né” (Juliana Wallauer, Mamilos 209)

(...) em geral o bebê ele não te dá agradecimento né? O bebê ele... os primeiros meses (...) é cocô, xixi e vômito, é DR [discutir relação, com a companheira] uma atrás da outra... complicado, mas aquilo é que nos forja o pai de verdade né? Aquilo que nos transforma realmente numa pessoa que se desprende dos seus orgulhos, dessas visões antigas e dizer assim pô (...) melhor coisa do mundo! (Marcos Piangers, MEMOH 18 II)

Portanto, enquanto uma construção, o afeto é moldado, construído e exercido nas ações de cuidado. Então, esse homem-pai mais atuante passa a ser um outro tipo de referência para os filhos, não mais de ausência, mas de relações mais humanas. Os reflexos desse novo tipo de referência parental são diversos e passam pelas relações sociais de sexo/gênero, presentes e futuras.

(...) o fato dela ter um relacionamento tão positivo com o pai, [que] vê no pai uma referência, um abrigo, um lugar para onde correr e esse farol... que ela tenha relacionamentos mais positivos com homens quando ela crescer... porque vem de um lugar de saber o que é bom, que aí tenha uma referência do que que é um amor bom, né? Que é o se sentir bem na companhia de outra pessoa, né? Se você não se sente bem na companhia de outra pessoa tem alguma coisa errada! (...) o único voto que eu tenho é esse: que saindo de um ambiente da bolha de amor, que ela aprenda a reconhecer o que não é bom. (Juliana Wallauer, Mamilos 209)

Enquanto homem, eu sei que eu acabo sendo também referência para as crianças que estão ao meu redor... (Renato, MEMOH 18 II)

Tem um provérbio africano que diz que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. (Joel, MEMOH 18 II)

Nesse sentido, dentro desta lógica da implicação no cuidado dos filhos — não só dos próprios, mas dos outros também — a consequência é uma (possível) mudança que tende a ser positiva, extrapolando o âmbito pessoal, passando pelo comunitário, alcançando — idealmente — o âmbito societário. Lembrando que tal mudança nunca será suficiente, pois a estrutura do sistema capitalista no qual estamos inseridos é promotora de desigualdade e se utiliza da divisão social, racial e

sexual do trabalho para se manter. Por isso, afirmamos que tratar das paternidades sem considerar esta realidade sistêmica pode criar a analogia, ou a paródia, masculina do “mito do amor materno”.

3.4. Relações entre gerações

A importância desta temática se revelou nos diversos comentários encontrados nos episódios selecionados, bem como em nosso entendimento e vivência pessoal da paternidade. Assim como os pais se propõem a ser referência para seus filhos, ao refletirem sobre isso, parece um caminho natural pensar na referência que tiveram em relação aos seus próprios pais.

Silvia Federici (2019) reflete sobre essas relações geracionais/intergeracionais enquanto uma construção cultural:

As relações intergeracionais, em verdade, são uma construção cultural, que se inicia antes mesmo do nascimento, quando os pais criam expectativas para o desempenho de papéis e responsabilidades socialmente atribuídos a crianças/ adolescentes, jovens, adultos ou idosos. A identidade geracional é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais, especialmente no âmbito da família, da escola, da comunidade vicinal. Assim se cria, a partir dessas relações, uma verdadeira "ordem ou sistema geracional", com práticas preestabelecidas e um discurso ideológico justificador dessas práticas, do modo semelhante ao das relações de gênero, quanto aos papéis e responsabilidades do homem e da mulher, bem como das relações raciais e étnicas. Por esse motivo, todas essas relações interpenetram-se, transformam-se, influenciam uma na outra. (p. 22)

Portanto, as relações existentes (ou que existiram) entre as pessoas de gerações diferentes vão influenciar, de algum modo, o exercício da parentalidade desse homem-pai, especialmente o pai que teve — que foi um dos focos dos comentários dos participantes. Tal influência poderá ser no sentido da reprodução ou da superação das práticas patriarcalistas, machistas, racistas, lgbtqi+phóbicas, violentas etc..

Nesse sentido, a reflexão sobre a própria paternidade possibilita que o homem-pai pense, entenda e reflita sobre o pai que teve e, a depender de como era sua relação com seu pai, possibilita, inclusive, que o perdoe. Esse processo todo pode levar em consideração as outras relações sociais que interferem/interferiram e influenciam/influenciaram suas relações (as de sexo/gênero, raça/etnia, etc.).

(...) eu demorei a entender em relação meu pai, o cara é meu herói, mas é um ser humano, é um cara que vai errar, então eu aprendi a conviver e amar os defeitos do meu pai, eu falo para os meus filhos: “ó papai tem os defeitos dele, vocês vão ter que aprender e conviver com meus defeitos” (Babu, MEMOH 18 I)

Meu pai foi educado por um homem de começo de século, imigrante que chegou no Brasil com uma mão na frente e outra atrás, com valores muito rígidos... então meu pai, assim como o homem que se fez sozinho, e ele sempre tentou garantir que nunca faltasse nada, né? Educação, saúde, alimentos... mas ele sempre teve muita dificuldade de expressar os sentimentos. Então era uma situação muito diferente. Quando a Luci ia nascer, né? Me deu um choque tremendo... então a primeira coisa que eu fiz quando ela nasceu foi ligar para os meus pais e pedir desculpas, né? (...) porque o que a gente começa a perceber, porque a gente cresce o tempo todo, os pais usando o argumento de autoridade: porque eu sei, eu sou o pai, não sei o que... e você vai naquele conflito... aí depois você descobre que é tudo café com leite, que ninguém sabe nada, está todo mundo despreparado, cada um está tentando fazer o melhor que pode dentro dos poucos recursos que tem. E quando você tem essa visão, você humaniza os seus pais, você começa a entender assim: tadinhos eles estavam desesperados, eles não sabem... (Renato, Mamilos 209)

E nesse caminho de análise sobre as relações construídas com os próprios pais, numa sociedade em que as influências para a construção dessas relações tendem a ser de afirmação daquele padrão de homem-pai-provedor-ausente, muitas vezes de reproduzir as relações que os homens-pais tiveram com seus próprios pais, a tendência é pensar que não há saída para que se construa relações melhores com os filhos, superando aquele padrão existente. Porém, refletir e pensar sobre essas relações geracionais possibilita a construção de algo diferente.

(...) essa imagem que a gente traz do pai na nossa história, ela é uma amálgama. Mas é importante a gente dizer que ela não é determinista, né? A carência gera competência. (...) é muito falsa aquela frase de que ‘você só dá o que você recebeu’, é muito falsa essa frase porque essa frase nega toda a resiliência humana, toda a capacidade que a gente tem de fazer o que a vida não nos oferta. A gente inventa né? Então todo mundo que não tenha tido um pai, que tenha investido contra-culturalmente, na qualidade de presença, pode sim se reinventar e ser um pai. (Alexandre, Mamilos 209)

As mudanças esperadas podem demorar gerações, pois não existem manuais de como ser um bom pai. Porém é bom pensar e ler (e ouvir, no caso dos podcasts) sobre o que pode ajudar nas mudanças que queremos que aconteça:

(...) ele não sabe fazer diferente, para mim é tão dramático que assim, a gente via a tristeza dele quando ele sabia que ele tinha passado do ponto, de espancar meu irmão embaixo do chuveiro. Ele sabia porque meu irmão quebrou o brinquedo... então, a raiva que ele vinha, vinha de gerações, não era raiva daquele momento... e ele apanhou daquele jeito, e o pai dele apanhou daquele jeito, e o vô dele apanhou daquele jeito... e ele consegue se conectar depois da surra com um menino chorando que ele (emoção) e ele consegue saber o horror que é... ele ser o pai dele, então, então, ver ele quebrado depois da surra, também era muito triste pra gente, porque a gente sabia que aquele homem dava tudo que ele tinha, a gente conhecia a história, entendeu? Então, eu acho que é isso, que é, é um pouco redentor para a gente, para as próximas gerações, para quando a gente está falando que a gente vai fazer um outro modelo... não é desse lugar, vaca julgadora, de... não... meu pai fez tudo errado! Meu pai, a gente entende que tem uma história que está sendo construída, a gente entende que tem um porquê, de onde que isso vem... e que não necessariamente até a gente como pais vai fazer um manual... o que está no PPT [apresentação de power point]... o que eu li no livro do Renato... que é o que eu quero fazer, não é isso! Às vezes a gente age de acordo com que o nosso corpo até foi programado não é? A gente tem uma memória corporal de como é que a gente reage a situações. (Cris Bartis, Mamilos 209)

E por ser fundado em relações, construções, o exercício da parentalidade amadurece com o tempo, assim como ocorre com o amadurecimento pessoal pela idade e pela experiência de vida.

(...) para além do aprendizado e tal, tem essa questão de construção também, mas tem a maturidade né? Você amadurece as suas funções, as suas formas de fazer (...) o tempo que eu gasto com eles [referindo-se aos filhos] é muito mais produtivo, muito mais intenso, muito mais gostoso, as coisas que a gente faz junto é mais ampla, é mais plural. Eu acho que isso é maturidade da paternidade. Eu até fiz um post no Twitter, acho que ontem, sobre isso, para pais e mães: que a gente [tem que] entender que a nossa relação de paternidade, maternidade, ela vai amadurecer e ela vai melhorar. E eu por ter duas crianças, eu consigo fazer essa leitura do comparativo, acho muito importante, para que as pessoas que cobrem menos também. (Joel, MEMOH 18 II)

Muitas vezes as propagandas do dia dos pais fazem referência à figura do pai-herói. Este estereótipo de pai também foi encontrado em algumas falas dos participantes dos podcasts, merecendo destaque uma narrativa que, por estar impregnada de contextos que aludem às relações sociais de classe e raça/etnia bem marcadas, traz uma imagem de uma espécie de pai anti-herói:

(...) pai preto presente a gente já sabe que é difícil (...) num contexto de favela, ainda mais difícil porra. Eu acho que as nossas mazelas sociais, sobretudo das relações humanas, são muito intensas pela vulnerabilidade que nos é jogado, mas caralho, meu pai foi traficante de drogas durante 20 anos cara. Um cara que durante 20 anos foi traficante, está 30 anos com a mesma mulher, é um cara que, assim, tipo, porra, dentro desse contexto, vamos analisar dentro do contexto: é uma história muito gigante, e para além disso tudo, cara, ele foi pai de quatro filhos né? Cinco — eu tenho um irmão mais velho por parte de pai que mora com a mãe dele (...) ele nessa realidade do trabalho que ele levava pra nos manter, aí eu falo mano, eu só tive colégio particular, a faculdade particular, me formei em direito, e tive todas as oportunidades de trabalho, estudo, que tive na vida, foi porque meu pai escolheu essa forma de ganhar a vida! E foi a forma que ele conseguiu bancar a família, porque se não, não iria conseguir! E aí assim eu tive o básico para quem é branco, e muito para quem é preto, sabe qual é? Isso é muito peculiar na minha vida, e, assim cara, meu pai foi andar de metrô primeira vez aos 46 anos, porque ele viveu uma vida enclausurado, ou ele estava dentro do Jacarezinho, ou ele estava na nossa casa, que a gente morava no interior do estado, porque não podia ficar transitando pela cidade, o medo e tudo mais. E, assim cara, para além do debate sobre o comércio varejista de drogas, hoje é um debate muito mais profundo, porque eu gosto muito da história do meu pai, para além de um exemplo do meu herói, também porque eu acho que é uma puta oportunidade da gente debater o que é o tráfico de drogas, e que é um comércio varejista, aqui tem o Fernandinho Beira-Mar, tá ligado? Tem um cara da Barra, tem o cara que está em Miami e tem o moleque no morro segurando uma sacola de 10, 15 papalotes de cocaína, que vai ganhar 700 contos na semana, que vai gastar 500 no final de semana, tá ligado? Vai dar 200 pra mãe, vai dar 100 pra gata, vai comprar uma roupa, vai tomar copão de uísque com Red Bull no baile, esse moleque não é o problema. Não é ele que faz um tráfico girar, enfim, eu gosto do meu pai como exemplo, é um cara que saiu do tráfico sem nenhum processo criminal, sem nenhuma condenação, sem nenhuma passagem [pela polícia], sem nenhuma grana, vive hoje com a minha mãe, cada um trampa, faz as suas paradas, era um cara que ganhava simplesmente para manter sua família, é assim, não é pauta, mas eu acho que é sempre um bom, um bom debate, falar sobre isso, nesse contexto cara, porra, ele sempre teve presente na nossa vida, sabe? Era buscar no colégio, era, porra, eu e meus irmãos, o projeto de vida dele era criar a gente! Porque, assim, é um cara que tem 55 anos, uma paternidade que não foi construída, porque, assim, eu não tenho nenhum relato do meu pai com meu avô, eu sei que ele foi morar em colégio interno com 5 anos, então assim, qual foi o pai que criou meu pai? Não sei quem foi, né? Não houve, né? Mesmo com toda essa desestrutura, né, com esse desarranjo familiar, ter morado em colégio interno, o caralho, ele conseguiu ser um pai presente e amoroso, sabe? Tanto é que o nosso combinado em casa era que ele ia sair do tráfico quando eu me formasse na faculdade de direito. E assim foi, no ano que me formei, foi o ano que ele abandonou tudo e foi viver a vida dele, que o projeto dele era basicamente fazer um neguinho virar doutor, graças a Deus ele conseguiu, por isso que ele é meu herói! (Joel, MEMOH 18 II)

De todo o conteúdo analisado, depreende-se o entendimento da importância das referências que os homens-pais tiveram, sejam elas positivas ou negativas, pois é a partir delas que poderá haver uma construção da própria parentalidade,

refletindo naquilo que se construirá como referência para a geração futura que está em seu convívio.

3.5. Raça/etnia

O tema é presente nas discussões sobre como a paternidade também sofre influência quando se trata das relações sociais de raça/etnia. Alguns dos participantes relataram suas vivências nesse sentido, seja enquanto filho ou pai negro, seja vivendo uma parentalidade interracial — sendo pai negro com filha/o branca/o, ou pai branco com filha/o negra/o.

De todo modo, evidenciou-se, nas discussões, o quanto o racismo é uma preocupação, e que os participantes pretendem proteger seus/suas filhos/as desse problema existente na sociedade.

(...) A gente precisa conversar com as crianças brancas sobre o que é racismo, as crianças negras para reconhecer as brancas, para não praticar e para acolher os amigos quando necessário, a conversa sobre racismo é com crianças brancas: “olhe, isso existe, isso acontece dessa forma, isso é muito ruim”. Então a única coisa, o único voto que eu tenho é esse: que saindo de um ambiente da bolha de amor, que ele aprenda a se reconhecer. (Cris Bartis, Mamilos 209)

Ao falar de sua experiência enquanto pai que adotou uma menina negra, o participante coloca a dificuldade em lidar com a questão etnico-racial, maior do que a que envolve relações sociais de sexo/gênero:

(...) já me perguntaram: “por você ser pai de menina, mudou alguma coisa para você?” A forma como você vê a mulher, de forma nenhuma, não mudou absolutamente nada! Agora, ter uma filha negra sim! Isso mudou muita coisa! Porque é um outro universo que se abre, é uma outra coisa, é uma outra perspectiva... a gente não é ensinado a ser negro, a gente é ensinado a ser branco... existe um choque sim! (Age, Mamilos 36)

A busca por atitudes que evitem ou diminuam o sofrimento dos filhos é explicitada na seguinte fala:

(...) eu estou em um relacionamento inter-racial. A Estela é fruto disso. Em alguns lugares ela vai ser vista como negra, em outros lugares ela vai ser vista como branca... eu vou ter que também...é... como que você trabalha isso para que ela não sofra? (Marcio, Mamilos 209)

Assim como as outras relações sociais que também são construídas histórica, social e culturalmente, a questão etnico-racial também desperta discussão e reflexão quando envolve o exercício da parentalidade. O coletivo Pais Pretos Presentes foi

citado como uma iniciativa que ajuda a discutir as paternidades e masculinidades pretas. Abordagem que seu fundador, Humberto Baltar,

(...) tem feito esse movimento junto com a esposa, (...), ele fala a partir do lugar de masculino preto dele, pai, falando e discutindo vários lugares pertinentes à paternidade para que a gente possa começar esse movimento, (...), falar sobre isso, se vulnerabilizando, se colocando no lugar de homem cuidador, de homem que... que faz as vezes do carinho, que tem afeto, e chora e tudo isso... (Leandro Melquiades, MEMOH 18 II)

Ou seja, o debate sobre as paternidades está envolto pelas discussões mais gerais, e é considerado como parte desse movimento dinâmico de interferir e sofrer interferências. Não é possível que as experiências e vivências de homens-pais pretos não estejam presentes no debate sobre paternidades¹³² em geral.

Quando, no debate sobre paternidades, se questiona o perfil do pai-tradicional-provedor como um modelo a ser superado, a discussão sobre as paternidades pretas aparece como um elemento de crítica à crítica do modelo — questiona-se o próprio modelo e afirma que um modelo de “paternidade participativa” não existe e, existindo, visaria apenas à reprodução do padrão de Homem¹³³ baseado no homem-branco-hetero-cis gênero-burguês.

Essa realidade é abordada no episódio 18 — II do MEMOH quando um dos participantes questiona a reflexão feita por um outro participante (branco) de que as oportunidades de emprego com mais horas de dedicação ao trabalho ou de qualificação salarial (em troca de mais horas trabalhadas) deveriam ser descartadas em prol do tempo de dedicação aos filhos, pois outras oportunidades surgem com o tempo, mas o tempo com os filhos passa e “só o pai vai ser pai” (e isso demanda tempo e dedicação).

Por óbvio que as realidades são diferentes, ainda mais quando as relações sociais de raça (e classe) vigentes determinam o modo de uma família subsistir/existir. E, por isso, conforme o excerto a seguir, existem alguns homens-pais-pretos que precisam se moldar como um pai-provedor, para que nem seus filhos e, como ele disse, nem outros “pretinhos e pretinhas” tenham que passar pelas dificuldades que passou.

¹³² A partir de uma observação pessoal em eventos sobre paternidades foi possível notar a presença marcante e sempre incentivada de homens-pais pretos.

¹³³ A história da humanidade foi contada a partir da noção de que o homem branco europeu é a medida, e modelo, de “homem genérico”, da representação do que é ser humano, humanidade (PINSKY, 2009, p. 160).

(...) não que eu concorde com isso, né? [apenas] trazendo informações, mas tudo que está em torno da vida da pessoa preta, e aí pensando que as pessoas pretas elas são 1% dos advogados dos grandes escritórios do país, enquanto somos 56% na população... então, assim, se amanhã o grande escritório fala: “olha, eu vou te dar 20 mil pra você morar aqui em São Paulo, vem trabalhar com a gente?” Eu falar que a não, talvez daqui a pouco, não vou ter outro... então eu construo a minha trajetória ou não... então, assim, eu realmente não estou aqui também trazendo a solução para isso, é ruim demais você apontar o problema e não trazer solução, mas assim, mas de fazer provocações, (...) é muito difícil porque eu realmente estou num momento de muita subida profissionalmente, sou muito grato por isso, e sei que também é uma construção coletiva, sobretudo na minha casa, eu divido isso com as minhas companheiras, indiretamente minhas companheiras que são as mães dos meus filhos, então se está bom pra mim [então] está bom pra todo mundo... mas para a gente que é preto, é muito difícil abrir mão de uma oportunidade profissional (...) quanto a paternidade ativa com a figura do homem provedor, sobretudo em periferia que a gente ganha mais, então assim, eu sou formado em direito, as mães dos meus filhos, elas têm um trampo legal mas não são formadas, então assim, dentro da situação patriarcal, a tendência que logicamente eu ganho mais do que elas, infelizmente, então assim, dentro de tudo isso é muito difícil você abrir mão desse lugar do homem provedor, sobretudo pra gente que é preto, (...) quando a gente é preto, se dar bem na vida é ter condições de abrir oportunidade para quem vem depois que, hoje são os meus filhos, mas também não são só os meus filhos, porque algum nível com toda a modéstia do mundo, eu já me tornei uma janela dentro do mundo jurídico, então assim eu tenho que estar, passar e segurar ela aberta, sabe qual é? Para que outros pretinhos e pretinhas venham depois de mim (Joel, MEMOH 18 II)

Falar em paternidades, considerando as relações sociais etnico-raciais, é falar em privilégios — dos brancos — pois, o homem-negro morre mais cedo e de causas violentas¹³⁴, em comparação com homens brancos. A existência desse ponto de discussão evidenciado no episódio do MEMOH se mostrou de grande relevância para explicitar que o debate sobre paternidades deve ser atravessado pelos diversos “nós” (ou marcadores, ou interseccionalidades) das relações sociais, sob pena de reproduzir opressões e privilégios.

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio. (RIBEIRO, 2019, p.32)

A despeito dos limites dos programas, e suas propostas, algumas discussões abordaram, porém não se aprofundaram no questionamento ou apontamentos das

¹³⁴ O estudo do IPEA apresenta dados sobre violência contra negros: <https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=730> Acesso em 19 abr 2022.

causas do racismo no Brasil, ou sobre ele ser estrutural, muito menos sobre as bases das relações raciais/étnicas terem sido moldadas pelo processo de escravização¹³⁵ a que a população negra foi submetida no país.

3.6. Políticas sociais/Sociedade

Sob a perspectiva do provérbio africano citado por um dos participantes que fala que “é necessário uma aldeia inteira para criar uma criança”, este tópico revela a importância de se pensar a parentalidade permeada por todas as condicionantes do cuidado e criação das gerações futuras. Assim, o local (geográfico e social) onde os filhos são criados interfere e até determina como será sua vida.

A sociedade brasileira atual é capitalista, e isso imprime o modo como as famílias se constituem, tanto em termos de número de filhos, como em relação à inserção (ou não) de seus membros no mercado de trabalho. De acordo com Andréa de Souza Gama (2014, p. 21), houve uma ampliação do contingente de famílias que precisam “dar conta das demandas relativas ao trabalho e às responsabilidades familiares”, visto que aumentou o número daquilo que Fraser (2019) chamou de “famílias de dois assalariados”.

A pesquisa de Gama envolvendo o conflito entre trabalho e responsabilidades familiares demonstrou que

As famílias brasileiras encontram-se no interior de uma lógica de custo-benefício para o cuidado às crianças pequenas, seja através da inserção feminina em empregos precários e de tempo parcial na tentativa de "conciliar" esses trabalhos, seja ainda se utilizando dos recursos da empregada doméstica, da família ampliada e/ou de redes sociais de apoio, ou mesmo diminuindo o número de filhos, como mostram as estatísticas demográficas. (GAMA, 2014, p. 239)

Realizando as discussões a partir das relações sociais de sexo/gênero, a autora entende que a alternativa para a superação do conflito entre trabalho e responsabilidades familiares seria bastante ampla.

¹³⁵ Ao falar sobre os privilégios, Adnet (MEMOH 18 I) comenta que “você constrói tudo aquilo em cima de dor, **em cima de grade**, em cima de medo, em cima de indiferença, invisibilidade” (grifo nosso). Tal reflexão evoca o modo que a escravização atuou no Brasil, sendo ela uma característica primordial para o entendimento das relações etno-raciais no país.

O acesso a trabalho digno para todos junto à ampliação da cobertura pública e universal da Educação Infantil como um direito social são reivindicações que compõem um quadro mais favorável para o enfrentamento do conflito entre trabalho e responsabilidades familiares, entre produção e reprodução social. (idem, 239)

Nessa perspectiva, a busca pela implicação dos homens-pais nas atividades de cuidado dos filhos cumpre a função de garantir igualdade nas relações sociais de sexo/gênero no interior das famílias. Assim, quando homens estão inseridos nas atividades de cuidado, podem perceber o quanto a dimensão da reprodução social deve ser compartilhada (reivindicações dos trabalhadores e trabalhadoras) — e na realidade/sistema em que vivemos atualmente, o Estado e a sociedade civil são incluídos nesta dinâmica — afinal, a garantia de relações igualitárias entre os membros da família seria apenas uma solução focalizada, que não tem a potencialidade de realizar grandes transformações societárias.

(...) para pensarmos alterações nas relações sociais de sexo são insuficientes mudanças individuais, **ainda que necessárias**. A organização política coletiva é compreendida como indispensável para alterar as relações estruturantes. Em outras palavras, nós, individualmente, por exemplo, podemos estabelecer uma alteração na nossa vivência familiar, podemos dividir igualmente as tarefas domésticas, mas essa alteração não implicará em transformação na estrutura social da divisão sexual do trabalho. Outras mulheres continuarão sendo exploradas. Assim, ainda que sejam fundamentais as mudanças no nível das relações (relations) que estabelecemos no cotidiano, para pensarmos na emancipação da mulher é preciso atingir as relações (rapports) antagônicas que estruturam as desigualdades, para nós: as relações sociais de classe, sexo e raça (...) (grifo nosso) (CISNE, 2018, p. 53)

Dentro desse escopo, o debate sobre as paternidades está circunscrito pela ideia do quanto a sociedade ainda não está preparada para que homens-pais exerçam seu papel de cuidador, principalmente em ambientes públicos, visto que os espaços não estão equipados para as finalidades de cuidado por homens.

(...) no próprio Parque da Água Branca [São Paulo - SP], que é um parque muito bem estruturado, que a gente adora e tal, era a primeira vez que eu estava sozinho com ela... a gente passeando e tal, lindo, maravilhoso, tudo bem! “Papai quero ir no banheiro”... vamos no banheiro, beleza... cara e agora? Que banheiro que eu vou? Banheiro feminino? Banheiro familiar, tem? Oi? “O banheiro é ali ó... do senhor é a porta dali, à esquerda... e o da mulher, à direita... e [o funcionário do parque] virou e saiu andando... e isso [acontece] direto em lugares, assim, de diferentes níveis sociais e tal... isso é complicado... levá-la ao banheiro, quando estamos só nós dois, é tenso... não posso entrar no banheiro feminino por um motivo óbvios... Filho menino, eu passei por isso ao precisar trocar o filho, você vai no banheiro masculino e não tem como, não tem trocador... É... **a gente está passando por uma adaptação de um mundo que não estava muito preparado para a gente, né?** (Age, Mamilos 36)

Tirando o Dia dos Pais, você não é lembrado o ano inteiro... as marcas não falam com você... é engraçado isso! (...) um exemplo de que o mundo não está muito preparado... não está muito pronto (Intervenção de Merigo: é... vai um bom tempo ainda) para esse novo papel que a gente tem, né? (Leo Gianetti, Mamilos 36)

São verdadeiros obstáculos existentes no cotidiano que dificultam o exercício do cuidado. E isso molda os homens e estes são moldados pelos obstáculos, confirmando, no dia a dia, aquilo que está estabelecido na cultura e na sociedade em geral de que homem e cuidado não combinam.

a gente parou num posto na estrada e tal... ela falou: “papai”! Tipo, já sei, né? [que ela quer ir ao banheiro] era um posto grande, bem estruturado, tal. [falei:] “vocês, por acaso, vocês tem fraldário ou banheiro familiar?” “Não, não tem! Mas eu posso chamar uma funcionária e ela vai com sua filha ao banheiro”... por 3 segundos, assim, me pareceu uma ótima ideia! E que num quarto segundo eu falei: “nem a pau vou deixar”, “deixa que eu me viro!” Aí isso realmente é um problema e, pô, é complicado, também, você pensa do ponto de vista da empresa, do cara... “po vou construir um banheiro e tal, agora eu sou obrigado a construir um banheiro para um pai levar a menina!” Sendo que deve ter meia dúzia... não não! (sim é verdade, é verdade... não tem demanda nesse sentido né?) (Age, Mamilos 36)

A mesma lógica domina a reflexão sobre a licença paternidade, que, sendo de cinco dias (ou vinte, em alguns casos¹³⁶), impõe obstáculos ao exercício da parentalidade aos homens-pais nos primeiros dias de vida da criança recém-nascida. A despeito das perdas de direitos que a classe trabalhadora tem sofrido ultimamente, observa-se que ainda existem espaços para a luta no âmbito legislativo, pois, conforme Family Talk & 4 Daddy (2022):

¹³⁶ Cf. Family Talk & 4 Daddy (2022, p. 07): “Com o Programa Empresa Cidadã, existe a possibilidade de estender em 60 dias as licenças maternidade e, em 15 dias, licenças paternidade. Empresas tributadas com base no lucro real podem obter a dedução do imposto de renda do valor pago às extensões de licenças. Sendo assim, chega-se a um total de 180 dias de licença maternidade e 20 dias de licença paternidade”.

No Brasil, existem 131 projetos referentes à ampliação de direitos para as licenças destinadas ao cuidado em tramitação no Congresso Nacional, dentre os quais 67 referentes à licença maternidade, 51 à paternidade e 13 à parental (p. 10).

Entendemos que a legislação reflete interesses e a cultura de uma sociedade. “As normas sociais, culturais e jurídicas brasileiras, associadas ao conceito tradicional de masculinidade, atuam como estruturas que sustentam a desigualdade de gênero” (Idem, p. 35).

Assim, em diversos níveis de discussão, temas como a guarda de filhos, trocadores em banheiros masculinos, banheiro familiar nos espaços públicos e privados, licença parental, legislação trabalhista que apoie e incentive o cuidado parental igualitário, políticas públicas de incentivo às relações igualitárias no cuidado parental e doméstico, espaços para os filhos de funcionários das empresas, jornadas de trabalho mais flexíveis, serviços de creche, acessibilidade/cidades acolhedoras para pais e crianças (calçadas acessíveis para facilitar andar com carrinhos de bebê pelas calçadas, por exemplo) etc. são alguns exemplos de discussões a serem travadas para que a cultura seja alterada.

Uma das convidadas observou que a paternidade não é encarada pelos homens-pais em seu aspecto coletivo, ao contrário da maternidade. Faz uma reflexão usando como exemplo a realidade que ela encontrou durante a pandemia:

(...) no início da quarentena eu vi muitas mães super cansadas, super exaustas, equilibrando um milhão de pratinhos... tentando de maneiras coletivas... compartilhar materiais, dividir dicas, tentar acolher uma à outra sobre aquilo que estava acontecendo né... sobre como é difícil você estar com uma criança e tendo que performar no trabalho... tendo que performar na casa... e tudo isso... eu não vi, na verdade, nenhum amigo com essa postura! Nenhum amigo-pai com essa postura... seja de pensar numa questão mais coletiva, de exigir que as empresas ou qualquer tipo de emprego exigisse menos dos pais, uma performance menor dos pais durante a pandemia... porque não dá para performar do mesmo jeito que a gente estava performando antes... E também... não compartilhando isso com outros pais... era tudo de uma maneira muito individual né... às vezes compartilhando um meme, fazendo uma gracinha em relação a isso... mas nunca num sentido coletivo né... de se ajudar, de entender aquilo de uma maneira mais sistêmica... por quê os homens ainda estão nessa questão de expor e exercer a paternidade deles de uma maneira tão individual ainda né? Quando a gente sabe que muitas das soluções vão vir de um olhar coletivo né, de soluções coletivas... (Nana Lima, MEMOH 18 II)

Reflexão semelhante foi feita quando Pedro de Figueiredo (MEMOH 18 II) evidenciou o quanto existem os movimentos de mães (“Mães pela diversidade”,

“Mães da Praça de Maio”...), e não existem os movimentos de pais reivindicando algo. A partir desta provocação, Isabela Del Monde explica que

[a questão é] somente puxada por mães, porque só a mãe que cuida né... (...) a gente está falando de estrutura... mas majoritariamente são as mães que cuidam... então, é a mãe que sabe qual é a implicação de não ter escola né... qual que é a implicação de perder um filho, porque se você não tem vínculo afetivo também com aquela criança, evidentemente a elaboração da sua dor e a sua dor é muito distinta, né, da mãe que criou e está abalada, dos dias cuidando etc... (...) é necessário que haja um amadurecimento emocional, eu acredito, por parte dos homens para serem pais... é... um amadurecimento emocional para a existência como um todo né... mais reflexão, mais elaboração... é... mais conversa... e para a paternidade a mesma coisa. (...), eu acho que se a gente tivesse vocês juntos nessa luta... tudo seria muito melhor... (...) é necessário que os homens comecem a se compreender como parte né... e não como uma peça que é conduzida... é... pelos desejos das outras pessoas, né? A mãe dele quer ser vó... ele vai ter filho... é uma companheira quer ter filho... todos os amigos tiveram filho... está chegando nos 40 anos, não tem filho... melhor ter filho! São todas as motivações que parecem bastante tortas né? Para a grandeza dessa decisão... (MEMOH 18 II)

A reflexão, a implicação e a participação de homens-pais em âmbito pessoal auxilia no movimento mais geral de modificação da cultura, das leis etc.. E o movimento mais geral viabiliza e promove aquelas ações de mudanças pessoais. Para isso, é necessário que homens estejam mais presentes em ações coletivas e políticas, em conjunto com as lutas das mulheres.

Este caminho auxilia na viabilização do que diz a CF88 (Art. 227¹³⁷) e o ECA (Art. 4^o¹³⁸) sobre a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado para a efetivação do direito da criança à proteção integral. O engajamento individual de homens-pais, quando visa à proteção dos filhos (os próprios e dos outros), pode auxiliar para lançar luzes sobre a (des)responsabilidade do Estado.

Assim, esta temática possibilita pensar na potencialidade de os serviços públicos, as empresas, a legislação, as políticas sociais etc. criarem espaços de acolhimento para os homens e para as mulheres que exercem o cuidado e poderem dar estruturas para que possam desenvolver esse cuidado com qualidade. Afinal,

¹³⁷ “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

¹³⁸ É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

para pensar e refletir sobre paternidades é preciso também refletir e pensar sobre as instituições e o acesso a direitos.

3.7. Violência

Esta temática perpassou os episódios dos podcasts quando discutiram sua interlocução com as relações de geração, de sexo/gênero e sobre educação (o uso de violência como instrumento de educação dos filhos), e também falou-se sobre violência policial e relações etnico-raciais. Houve relatos sobre a incidência da violência em seus corpos (ou de seus irmãos e mães) entendidas como resultado da construção de um modelo de homem, em contraposição ao modelo de mulher.

Esta divisão do mundo [valorização do que é masculino/de homens e desvalorização do que é feminino/de mulheres], esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências: violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens à custa das mulheres (WELZER-LANG, 2001, p, 461).

Para os convidados dos podcasts, não se sustenta mais, na sociedade contemporânea, a necessidade do uso da violência para fins educativos, tratando-se, portanto, de uma questão superada, e que deve ser combatida em diversos níveis (familiar, comunitário, social etc.). Pois reconhecem que crianças e adolescentes possuem uma condição (peculiar, conforme o Art. 6º do ECA) de pessoas em desenvolvimento, e é dentro deste parâmetro, inclusive, que os filhos precisam ser respeitados.

Por outro lado, reconhecem que muitas pessoas das gerações anteriores sofreram ou presenciaram violências, como método educativo e corretivo, e, em razão disso, carregam as marcas da dificuldade em agir de outro modo (não violento/agressivo) — reproduzindo a violência nas relações intrafamiliares. Ademais, o uso da violência era prática corriqueira, que colocava a criança (essa pessoa em desenvolvimento) em um lugar de subalternidade, de objeto de intervenção.

[referindo-se a uma geração anterior] (...) todo mundo batia, todo mundo tinha salvaguarda para bater no corpo da criança. O padre batia, a professora podia bater, o tio podia bater, o avô podia bater, então, bater (Cris: eu apanhei de todo mundo – risos) (...) você podia bater numa criança se ela fizesse uma birra na loja de brinquedos, você podia bater na criança no corredor do shopping center... então quando você tem uma sociedade que normaliza isso, e que coloca todo mundo igualitário nessa possibilidade de acessar o corpo da criança, é, realmente perde-se a referência do que é violência e do que não é violência... ou a partir de onde a minha ação passa a ser uma ação violenta... não se tinha esse critério, né? Então acho que isso está sendo construído agora nessa geração... acho que isso é um movimento revolucionário, né? A gente já conseguiu, a duras penas (...), começar a fazer uma discussão sobre o corpo da mulher, que não pertence ao homem, mas a gente ainda não tem uma discussão na mesma ordem de que o corpo da criança não pertence ao adulto. (Alexandre, Mamilos 209)

Disso depreende-se que é preciso mudar a representação ideológica que se tem sobre a criança. Historicamente, conforme Maria Amélia Azevedo (2015), tal representação foi transmitida, “tanto no nível do senso comum, quanto no nível de teorias científicas sobre infância” (p. 44), como estando em condição peculiar de desenvolvimento e, por isso, em uma condição de inferioridade.

Saffioti (2004) define violência como “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (p. 17). Portanto, ela afeta a vida da pessoa como um todo, sua subjetividade e comportamento. A violência intrafamiliar contra crianças se revela, então, como aquela cujo autor é a pessoa que deveria proteger — exercer a proteção e o cuidado.

“É óbvio que a sociedade considera normal e natural que homens maltratem suas mulheres, assim como que pais e mães maltratem seus filhos, ratificando, deste modo, a pedagogia da violência” (SAFFIOTI, 2004, p, 74). Com a intenção de superar essa pedagogia, um participante refletiu sobre a sua insegurança de, ao não usar de violência com os filhos, se estaria educando corretamente.

(...) então eu tento ser tão paciente com os meus filhos que às vezes eu tenho medo de se eu estou protegendo demais ou se eu estou na verdade não educando o suficiente de tanto que eu quero não ser uma referência assim de força, de violência. (Renato, Mamilos 209)

Fica claro, então, que quando a parentalidade surge no horizonte ou já está em exercício, a pessoa pode se colocar na atitude questionadora sobre aquilo que poderia ou não reproduzir das experiências que teve na vida. E é nesse movimento de questionar-se que a pessoa pode agir para reproduzir ou superar aquilo que

entende como negativo, injusto, desigual etc.. Trata-se de um movimento sempre carregado de dúvidas, incertezas e inseguranças, portanto humano, pois o caminho está sendo trilhado no dia a dia, na rotina, no cotidiano.

(...) nós homens somos socializados de uma forma a naturalizar as nossas violências... as violências que a gente recebe e as que a gente pratica... esta, para mim, é a maior chaga da socialização masculina: você perder o direito de se indignar e construir uma saída não violenta para a violência. Desde o primeiro momento você é instado a bater no colega que te bate, porque senão você vai apanhar em casa, né? Quando você apanha do pai em casa ele fala: “dói mais em mim do que dói em você”... então, quando o pai fala uma frase dessa constrói-se uma confusão mental na cabeça da criança, porque ela está assim “olha eu estou sentindo muita dor mas está doendo mais nele eu tenho que ficar calado, né?” A criança tem um senso de justiça límpido e esse tipo de mensagem na cultura vai construindo um silenciamento no coração desse menino que vai fazendo essa violência ser normalizada (...) e aí a gente vai perpetuando esse ciclo infernal de provocar humilhação, vergonha e medo, que são as três chagas da violência (...) Muitas vezes não é a nossa intenção, a gente acha que está fazendo um ato de amor... (Intervenção de Cris Bartis: tô te batendo porque eu te amo, eu to te batendo para te corrigir) isso aí... é isso aí né? O autoritarismo coloca a violência como uma prática educativa. (Renato Kaufmann, Mamilos 209)

Observa-se a violência presente e enraizada na sociedade, normalizada nas relações interpessoais. As consequências na vida das crianças são diversas e prejudiciais. No contexto da educação no interior da família, o uso da violência para corrigir os supostos desvios dos filhos (sempre conforme os critérios e moral do adulto) gera confusão nas crianças — pessoas em condição peculiar de desenvolvimento — refletindo em sua vida, crescimento, entendimento sobre a realidade e as relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Meu filho vai ter nome de santo.
Quero o nome mais bonito.*

...
Eu moro com a minha mãe. Mas meu pai vem me visitar.

...
*Você me diz que seus pais não lhe entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer?*

(Pais e filhos — Legião Urbana — Dado Villa Lobos / Marcelo Bonfá / Renato Russo)

Mesmo tendo sido bem orientado a caminhar pelos caminhos do aprofundamento das temáticas abordadas, estando dentro do mais antigo (e com melhor reconhecimento) Programa de Pós-Graduação na área do Serviço Social — que viabiliza o aprofundamento qualificado de qualquer tema —, e tendo os professores da banca de qualificação sinalizado aqueles caminhos, sinto que não consegui manter-me firme sem sofrer alguns ferimentos.

Esta experiência valeu para aprender sobre o rigor científico, sobre as lutas políticas e sobre as contradições da vida. Se não fui capaz de evitar o caminhar pelas veredas da defesa da experiência do exercício da paternidade participativa, humildemente reconheço que não foi por falta de consciência de que existem outras defesas mais radicais e críticas, foi por não pisar o mesmo solo que sustenta (e possibilita fecundar) a consciência sobre as contradições da vida.

Assim, este espaço reservado para as considerações finais busca apresentar algumas reflexões e propostas que surgiram no decorrer do caminho trilhado pela pesquisa. Caminhamos de mãos dadas (eu, a orientadora e o/a leitor/a), levando e sendo levados, fazendo o caminho caminhando¹³⁹. Não vislumbramos reflexões conclusivas e nem seria nossa proposta, pois tudo está em construção.

Apresentamos o debate sobre as paternidades, construídas social e historicamente, para além do que está posto no senso comum (a ausência paterna como dado principal), ou no seu inverso, o exercício do cuidado cotidiano de filhos. Mas buscamos refletir sobre as relações envolvendo gerações (avô – pai – filho), sexo/gênero, raça/etnia e classe, contemplando, inclusive, a perspectiva de que a

¹³⁹ Ferreira Gullar, nos Poemas Portugueses (4), diz que “Caminhos não há, mas os pés na grama os inventarão”. Cf. <<http://www.culturapara.art.br/opoema/ferreiragullar/ferreiragullar.htm>>

paternidade seja um dispositivo que atravessa diferentes instituições, como a família, o Estado, a cultura, a justiça, a ciência etc..

O exercício da paternidade através de uma participação mais ativa nas atividades de cuidado da prole e da casa, que historicamente tem um significado inferior, por serem atribuições femininas/de mulher, representa uma espécie de avanço — derivado do legado feminista. Ao passo que o fenômeno dos homens que se aproximam do mundo¹⁴⁰ (atribuído às) das mulheres — o cuidado —, possibilita o entendimento em nível societário de que seu exercício não pode mais refletir ou promover as relações sociais de opressão de um sexo pelo outro. Isso não quer dizer que o ingresso de homens neste âmbito sirva para retirar as mulheres desse lugar — o que seria uma opressão/dominação a mais — mas para dividir essas responsabilidades, que historicamente foram delegadas a elas sem que, até recentemente, tivessem direito (ou que tivessem esse direito limitado pelas violências impostas pelos homens) de reclamar por terem sido colocadas neste lugar.

Buscamos evidenciar esta realidade, e isso pode servir, inclusive, para ampliar o entendimento de que a geração, manutenção, criação, educação etc. de crianças é uma responsabilidade da sociedade e do Estado, pois é ela que sempre se beneficiou do serviço prestado pelas mulheres — serviço este não (ou mal) remunerado, não reconhecido e que impõe limites ao desenvolvimento pessoal de cada mulher, visto que dificulta o acesso à educação, cultura, trabalho etc., atividades estas que dependem eminentemente de tempo para serem desenvolvidas.

Por meio da utilização da mídia (contemporânea) podcast como campo de pesquisa foi possível pensá-la como (re)produtora de paternidades — assim como as outras mídias e instituições (família, igreja, ciência, direito, Estado etc.). Isso se

¹⁴⁰ Aqui, nos referimos ao entendimento de Welzer-Lang (2001, p.463), quando trata do movimento culturalmente construído de afastamento do menino do mundo das mulheres e das crianças: “Aprender a jogar hockey, futebol ou base-ball é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e portanto eu quero me distinguir do oposto (ser uma mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças.”

mostrou como um desafio, especialmente por não ser muito utilizado no Serviço Social para fins de pesquisa.

Sobre a mídia, compreendemos que o ato de ouvir é mais fácil do que o de ler, e isso justifica o uso do podcast como uma mídia caracterizada como de fácil uso — mais fácil que os vídeos, por exemplo. A realidade pandêmica que vivenciamos de 2020 em diante possibilitou um aumento das interações virtuais, por vídeo e áudio. Por vezes, essas interações foram negativas, por serem cansativas e sem a troca de afeto que ocorre no contato presencial. O conteúdo advindo dos podcasts, assim como dos vídeos — e ao contrário do que ocorre com a leitura (que possibilita mais tempo para refletir e pensar sobre o que está escrito) — favorece a transmissão de um conteúdo pronto, que limita a criatividade, inserida na lógica do consumo (do tipo *fast-food*). Por outro lado, pode ser usada para instigar ou promover discussões.

Podemos dizer que o conteúdo apresentado nos podcasts selecionados possibilita apreender as discussões mais gerais que envolvem o debate contemporâneo sobre as paternidades — tanto no que diz respeito às questões práticas do exercício, mas também em debates mais aprofundados (conforme pode ser visualizado no Apêndice B). Neste debate, o exercício da parentalidade baseado na figura do homem-pai tradicional é desestimulado, ou seja, se propõe a superação dessa figura, através da substituição de um modelo por outro — do pai atuante, independentemente do tipo de parentalidade (biológica, adotiva, solo, afetiva etc.) que participa ativamente da vida da prole.

Fica claro que os fundamentos desta mudança não se encontram em uma mudança individual de cada homem-pai, ou em um despertar coletivo espontâneo para novos comportamentos mais participativos em relação ao cuidado dos filhos ou das atividades domésticas. Trata-se, certamente, do resultado das lutas das mulheres por equidade, pois, ao questionar o lugar da mulher na sociedade e em casa, questionaram o lugar dos homens também.

Podcasts voltados para pais, bem como episódios que falam sobre paternidade, auxiliam para criar novas imagens desse lugar de cuidado dos filhos no qual cada vez mais os homens estão se colocando, ou sendo colocados. Não se trata de colocar o homem num suposto “espaço feminino/de mulheres”, pois

A associação do homem cuidando do seu bebê à imagem da mãe parece dizer muito mais da falta de imagens masculinas exercendo esse papel, como lembram Colman e Colman (1995), do que propriamente de uma efeminização da paternidade (SUTTER & BUCHER-MALUSCHKE, 2008, p. 81)

O patriarcado é produzido e reproduzido nas relações cotidianas, e mesmo que isso ocorra há muitos séculos, não significa que ele não é passível de sofrer fissuras. E o debate sobre paternidades se encontra nesse espaço que possibilita a ampliação das rachaduras que o patriarcado possui. Afinal, no exercício da paternidade, homens-pais são co-participantes desse movimento de produção e reprodução de novas e antigas formas de ser homem e ser pai.

Uma reflexão que surgiu a partir das discussões sobre o patriarcado na atualidade é que ele dita o papel masculino do homem provedor, responsável pela manutenção da família nuclear e, também, que o patriarcado legitima a sobrecarga das mulheres no processo de educação e de gestão da vida doméstica. Porém, existem milhões de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento e, a partir de nossa experiência profissional — tanto no Judiciário como no SUAS — observamos que com outras crianças o nome no documento até existe, mas é só, pois a participação na sua manutenção é nula, evidenciando duas faces do abandono paterno. Se o patriarcado dita um mínimo de participação na vida do filho — mesmo que só na manutenção material, o que legitima o abandono, o não pagamento de pensão alimentícia? Não sendo o patriarcado, o que seria? Pela complexidade da questão e pelo caminho metodológico empregado em nossa pesquisa, não lançamos luzes para buscar responder essa questão, apesar de compreendermos a importância disso.

Muitas práticas relacionais ainda reatualizam a dinâmica do patriarcalismo, e a paternidade é uma condição privilegiada tanto para a reprodução dessa dinâmica como para a sua superação. Então, mesmo num sistema tão estruturado de opressão, é possível que — no âmbito das relações — haja mais igualdade, mesmo que em momentos e em circunstâncias pequenas do cotidiano, pois também é através de pequenas rachaduras que as grandes estruturas são abaladas — e oxalá um dia possam ruir. Consideramos o exercício de uma paternidade de modo mais participativo, em um nível micro, como um dos instrumentos — assim como as lutas

das mulheres, as antirracistas, as dos trabalhadores, etc., em nível macro — capazes de produzir ou aumentar essas fissuras.

Concordamos com Fernandes (2011) quando diz que “apesar de mães e pais trocarem papéis na criação de seus filhos, há, ainda, uma manutenção dos privilégios socialmente atribuídos para o gênero masculino” (p,113), haja vista a existência, dentre outros, dos “pais-de-selfie” como um fenômeno que valoriza a paternidade mas apenas para “ficar bonito na foto”. Por isso é importante que a cultura geral, as leis e a sociedade como um todo impliquem os homens no cuidado de sua prole.

“Não estamos a falar de uma época de mudança, mas definitivamente de uma mudança de época. Esta pequena contribuição quer oferecer fissuras para este momento” (SILVA, 2020, p. 44), afinal, o caminho já está sendo trilhado, pois, conforme Family Talks e 4 Daddy (2022), “a sociedade brasileira se projeta como predominantemente moderna, tendo superado alguns conceitos tradicionalistas sobre o lugar das mulheres e homens quando viram mães e pais” (p. 41).

As reflexões sobre paternidade encontradas na pesquisa reconheceram a existência de um modelo que ainda está em vigência, mas também direcionaram para um movimento de que não se sustenta a sua reprodução nos dias de hoje. O modelo de homem-pai a ser superado é aquele marcado pela possibilidade de ausência; pela desresponsabilização do homem quanto às atividades domésticas ou de cuidado com o filho; pelo reforço do pai como provedor, como incapaz de realizar tarefas de cuidado e como autoridade do lar. Ou seja, as reflexões trazidas visaram à desnaturalização de certos papéis sociais arraigados na sociedade, na cultura e nas instituições, e direcionam para a superação desses papéis.

A sociedade se beneficia do trabalho desempenhado no interior das famílias — de reprodução da vida, para garantir a produção social. E, sendo assim, a sociedade deve estar implicada na valorização¹⁴¹ desse trabalho, atenta às transformações e tensões existentes nas relações familiares. Porém, questionamos se esta almejada valorização pode ocorrer no interior do sistema econômico vigente, pois a desigualdade e a exploração o fundamentam.

¹⁴¹ Federici (2019), dentre outras coisas, aborda sobre o movimento pela remuneração dos trabalhos de cuidado e domésticos — Campanha internacional Salários para o Trabalho Doméstico.

Na pesquisa nos episódios e com os produtores de podcasts voltados para pais foi possível encontrar propostas de exercício de uma paternidade/parentalidade que corresponde à superação daquela visão que naturaliza o papel de pai provedor, de relações assimétricas entre o par parental (quando se trata de um par), e também em relação à prole — inclusive indicando métodos de criação não violenta ou com apego, por exemplo.

Oportunizou-se entender, na pesquisa, que quando uma pessoa se depara com a possibilidade/oportunidade de vivenciar a parentalidade, também coloca-se diante do questionamento sobre aquilo que poderia ou não reproduzir das experiências que teve na vida. E é nesse movimento de questionar-se, é que a pessoa pode agir para reproduzir ou superar aquilo que entende como negativo, injusto, desigual etc.. Trata-se de um movimento sempre carregado de dúvidas, incertezas e inseguranças¹⁴², pois o caminho está sendo trilhado no dia a dia, na rotina, no cotidiano.

Então, nos satisfazemos positivamente com os achados nas pesquisas (bibliográfica, análise de conteúdo e entrevista com produtores de podcasts), pois nossa pergunta primordial era vinculada à dúvida sobre qual seria a contribuição do debate contemporâneo sobre paternidades na mídia podcast, através dos podcasts e episódios selecionados, para a superação do modelo tradicional de homem-pai.

A partir dessa satisfação positiva, poderíamos pensar sobre a possibilidade e a viabilidade desse conteúdo acessar ou atingir o maior número de pessoas possível, para que pudesse provocar as reflexões necessárias para lançar as sementes da mudança societária almejada. Quando se pensa sobre este tema, parafraseando Azevedo (2015), é importante considerar que “todas as pessoas, enquanto históricas e sociais, são parcialmente determinadas (pelas variáveis que as influenciam), mas são, também, criadoras de mundos e transformadores de realidade” (p, 48). Nesse sentido, como produtores de conteúdo e pais, os

¹⁴² A paternidade possibilita a reflexão na vida de homens, em diversos âmbitos — que perpassam aspectos ontológicos, econômicos, práticos, relacionais, objetivos, subjetivos, etc.: Como manter esse filho? Vai dar conta? A sociedade está preparada para receber esse filho? A sociedade vai respeitá-lo? O que fazer quando não se é preparado para o cuidado desde a infância? Como trocar fralda? Será preciso alguma ajuda? Quem pode ajudar? Quem é a rede de apoio? Manifestar amor implica em perda da 'masculinidade'? Que masculinidade é essa? Cuidar de criança o tornará menos homem?

podcasters pesquisados se enquadram nesse perfil de pessoas interessadas em provocar alterações na realidade, pois produzem, discutem, divulgam e repercutem os debates sobre as paternidades.

Por isso que, na construção do projeto de pesquisa, pensou-se inclusive em defender a ideia da existência de um movimento de pais participativos. Porém, com o aprofundamento da temática, o conceito que melhor atendeu às expectativas foi o de “bolha”, e não de movimento social de pais participativos. Há, em curso, uma movimentação de homens-pais que buscam refletir e mudar a realidade de ausência na vida dos filhos ou de relações desiguais, mas que ainda não se assemelha a um movimento de pais.

Porém, considerando que os avanços e retrocessos convivem no mesmo tempo e espaço na sociedade, nossa satisfação com os achados é relativa, pois o debate promovido (nos episódios e nos podcasts sobre paternidade) sofre influências das condições materiais, sociais e históricas de seus promotores. Até porque, o debate encontrado em nosso campo de pesquisa (podcasts e podcasters) é determinado pelas condições materiais de vida dos seus atores/sujeitos. Nisto se insere um dos limites de nossa pesquisa: o perfil dos ouvintes de podcasts e dos produtores de podcasts voltados para pais. Os podcasters não são um sujeito qualquer, ou que se enquadre na média da população brasileira, trata-se de um sujeito que já tem questionamentos a respeito das relações sociais.

Considerando o pedido de sigilo das informações referentes a um dos produtores entrevistados e a impossibilidade de realizar a entrevista com um dos podcasters, a tabela a seguir mostra o perfil das pessoas que produzem os podcasts voltados para pais selecionados. Este perfil não reflete o perfil geral da sociedade, ao contrário, remete à camada média-alta da classe trabalhadora. Está bem vinculado ao perfil de ouvinte de podcasts, conforme levantamento¹⁴³ realizado na PodPesquisa de 2019, especialmente quando se trata das características referentes à renda, idade e escolaridade.

¹⁴³ O capítulo 2, precisamente o item 2.2.1, deste trabalho tratou deste levantamento e apresentou o perfil do ouvinte de podcast no Brasil.

Tabela 05 — Perfil dos produtores dos podcast selecionados

Quesitos	Perfil
Idade	entre 27 e 39 anos
Nº de filhos	de 1 a 3
Relação conjugal	homens casados com mulheres
Escolaridade	de graduação completa a doutorado
Faixa de renda	de 5 a 8 SM
Filiação	filhos biológicos
Raça/cor	preto/s e branco/s

Fonte: Dados coletados a partir de entrevistas. Elaboração do autor, 2022.

Evidenciar esses sujeitos nos fez pensar que não podemos deixar de lado (ou melhor, nos furtar da tarefa, quase obrigatória — pelos motivos adiante apresentados) as considerações a respeito do campo de pesquisa, os sujeitos da pesquisa e o perfil destes, em sua interface com o Serviço Social. Afinal, todo o nosso trabalho foi realizado no âmbito do PEPGSS da PUC–SP, e em momento algum ignoramos esta realidade, muito menos nos desligamos da intenção de contribuir com as discussões inseridas no âmbito da profissão.

O Serviço Social tem como objeto de trabalho a “questão social”¹⁴⁴, que é conceituada pela ABEPSS (1996) como as “manifestações das contradições do desenvolvimento do capitalismo monopolista” (p, 12). Nesse sentido, a população que mais sofre com os rebatimentos dessa realidade encontra-se nos estratos sociais de onde provêm as pessoas que são exploradas pelo capital e que vivem em situação de pobreza, sem acesso (ou com dificuldade de acesso) aos direitos fundamentais básicos, e ainda, onde aquelas contradições se manifestam mais fortemente, e por vezes mais incisivamente — onde e quando se evidenciam as desigualdades sociais mais claramente.

¹⁴⁴ Conforme Santos (2012), “nos textos de alguns dos mais significativos autores do Serviço Social brasileiro, frequentemente, a expressão encontra-se entre aspas, denotando um certo cuidado na sua adoção, que se explica não somente pela sua origem conservadora da expressão (...) Trata-se de afirmar a *existência real* não da “questão social” e sim de suas expressões” (grifo da autora) (p. 18)

Aquelas contradições se apresentam também imbricadas pelos marcadores sociais como classe, raça/etnia, sexo/gênero, geração etc.. E foi em consonância com esses marcadores, numa leitura a partir da construção social e histórica do debate sobre paternidades, que buscamos aproximar esta pesquisa com o Serviço Social.

Entendemos que a contribuição ora proposta está sujeita ao movimento interno da categoria profissional que considera aspectos da análise dos fundamentos da “questão social” no Brasil para além das relações sociais de classe, perpassando, também, as relações de raça/etnia e, no nosso enfoque, as relações patriarcais de sexo e sexualidade, manifestadas no exercício contemporâneo das paternidades (e em interação com as instituições), e que por elas são influenciadas. Pretendeu-se, com isso, apresentar reflexões sobre a paternidade com viés participativo para que, no exercício profissional, assistentes sociais possam considerar estas discussões e debates — auxiliando na superação da visão conservadora (que normaliza o modelo tradicional de paternidade) ainda presente no interior da profissão.

O Serviço Social tem atuado ativa e politicamente, dentre outras maneiras, através das bandeiras de luta do conjunto CFESS/CRESS, nas temáticas que envolvem as relações sociais de sexo/gênero. Trata-se de uma profissão hegemonicamente feminina e que tem acesso privilegiado ao cotidiano das famílias que atende. Este trabalho poderá contribuir na formação/atuação profissional, abrindo espaço para a reflexão dos profissionais sobre a paternidade fora dos padrões patriarcais vigentes na sociedade.

"O poder coletivo dos homens não é construído apenas nas formas como os homens interiorizam, individualizam e o reforçam, mas também nas instituições sociais" (Medrado, 2008, p. 826). A família é uma instituição em que assistentes sociais têm bastante contato, mas não só elas, as instituições que os empregam são, também, locais onde aquele poder coletivo se constrói e se reproduz. Eis aí motivos importantes para que os profissionais do Serviço Social possam discutir masculinidades e paternidades.

A pesquisa objetivou, ainda, integrar — mesmo que introdutória e singelamente — o arcabouço teórico-metodológico que alimenta a dimensão

técnico-operativa dos profissionais de Serviço Social, para que, no cotidiano profissional (lá no “chão da fábrica” dos CRAS/CREAS, Maternidades, setores técnicos dos fóruns, serviços de execução de medidas socioeducativas em meio aberto ou fechado, defensorias públicas, escolas/universidades, serviços de acolhimento de crianças e adolescentes, serviços de saúde que trabalham com planejamento familiar, conselhos de políticas públicas e de direitos, dentre tantos outros campos de atuação do assistente social) possam se aproveitar do conhecimento ora produzido para direcionar e alinhar suas práticas profissionais, pois entendemos que o trabalho que apresentamos considera os aspectos e os direcionamentos da dimensão ético-política defendida hegemonicamente pela categoria profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEPSS — Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. **Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social**. Rio de Janeiro, 1996. <https://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf>. Acesso em 13 abr 2022.

ABPod — Associação Brasileira de Podcasters. **Estatuto da Associação Brasileira de Podcasters**. Aprovado em 13 de maio de 2006. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/05/01_Estatuto_ABP_2006.pdf>. Acesso em 11 fev 2022.

ACQUAVIVA, Graziela. **Relações de gênero, moralidades e violência doméstica e familiar**. in: FÁVERO, E. T. (Org.). *Famílias na cena contemporânea: (des)proteção social, (des)igualdades e judicialização*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; **Nostalgia da infância, saudades do feminino: Em que momentos da vida de um homem o feminismo pode atuar para a construção de outras masculinidades possíveis**. In: BLAY, Eva Alterman (org). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

AGUAYO, Francisco; NASCIMENTO, Marcos. **Dos décadas de estudios de hombres y masculinidades en América Latina: avances y desafíos**. *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista latinoamericana*. N. 22, abr 2016, pp. 207-220

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. M. W. B. de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. de A. (orgs.) **Infância e Violência Doméstica: Fronteiras do conhecimento**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Versão digitalizada por Digital Source.

BARRETO, M. DO P. S. L. **PATRIARCALISMO E O FEMINISMO: uma retrospectiva histórica**. *Revista Ártemis — Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades*, n. 1, 20 dez. 2004.

BRAGA, Adriana. **Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais**. in: OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire; MENDONÇA, Maria Collier de. **Maternidade nas mídias**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 04 mar. 2022.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem : princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília : Ministério da Saúde, 92 p. : il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde), 2009. Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_integral_sau_de_homem_principios_diretrizes.pdf>. Acesso em 01 abr 2022.

BUTLER, Judith. **Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. In: Pensamento feminista: conceitos fundamentais. HOLLANDA , Heloisa Buarque de (Org). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213 - 230.

CARVALHO, Kelly M. Ayala de; SALDANHA, Gustavo Silva. **O som que o documento tem: o podcast e o princípio monográfico**. Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends. (2018) p.36-45. <https://brapci.inf.br/repositorio/2018/05/pdf_f527aad8ba_0000030216.pdf>. Acesso em 25 abr 2021.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. **Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2018. (Biblioteca Básica de Serviço Social, v.8).

CISNE, Mirla. **Feminismo e marxismo: apontamentos teóricos-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. Revista Serviço Social & Sociedade, n. 132, p. 211-230, mai/ago. 2018.

COSTA, Micaela Alves Rocha da. **Feminismo, gênero e serviço social: avanços, contradições e rebatimentos formação profissional**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Natal-RN, 2017. 183f

CUNHA, Thiago Defanti Werneck. **Novas masculinidades no contexto social familiar**. Anais V ENLAÇANDO... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30664>>. Acesso em 28 dez 2020.

DAVIS, Angela. **Women, race, and class**. New York: Vintage Books, 1983.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo: uma história a ser contada**. in: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25-47.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai: uma história da paternidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. Coleção Perspectivas do Homem — Volume 99. Série Ciências Sociais. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 9 ed. 1984.

FAMILY TALKS; 4DADDY. **Relatório Pesquisa Licenças Maternidade e Paternidade nas Empresas. Levantamento 2021 - 2022**. Coord. Acadêmica de Camila Pires, Fabián Echegaray e Regina Madalozzo, 2022. Disponível em <https://familytalks.org/wp-content/uploads/2022/04/relatorio_pesquisa_parentalidade_e_nas_empresas.pdf>. Acesso em 19 abr 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa. Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

_____. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2019.

FERREIRA, João Carlos. **Construção Social da Paternidade Participativa: (des)naturalização do lugar do homem e da mulher na reprodução das relações sociais** 130 f. Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais: Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, 2018.

FERNANDES, Luis Antonio Bitante. **Afinal o que querem os homens? Um estudo da masculinidade**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Araraquara - SP. Araraquara, p. 191. 2011.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de. **Maternidade nas mídias digitais: uma análise exploratória**. In: XVI PósCom PUC-Rio. Rio de Janeiro, 4-8/novembro/2019. Disponível em: <<http://poscom.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=7>>. ou <<http://poscom.com.puc-rio.br/media/poscom-2019-gts.zip>>. Acesso em 31 jan 2022.

FGVcia. **31ª Pesquisa Anual do Uso de TI nas Empresas 2020. Centro de Tecnologia da Informação Aplicada**. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas - EAESP/FGV. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u68/fgvcia2020pesti-ppt_0.pdf>. Acesso em 11 nov 2020.

FMCSV - Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco/** organizadores Gabriela Aratang Pluciennik, Márcia Cristina Lazzari, Marina Fragata Chicaro. -- 1. ed. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2015.

FONSECA, Cláudia. **A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA**. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/7BqFfPVPj5QjLfbVytX8DgQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12 jun 2021.

FONTES, Virgínia. Canal TV Boitempo. **POR QUE COMUNISTA? Live dos 300 mil com Mauro Iasi e Virgínia Fontes**. Youtube, transmissão ao vivo em 22 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vDQpCWHZvfl>>

FRASER, Nancy. **O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história**. p. 11-33. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais. Mediações: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 14, n. 2, jul./dez. 2009.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. **Ideias sem fio: Um panorama sobre podcasts no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, p. 75. 2015.

GAMA, Andréa de Souza. **Trabalho, Família e Gênero, impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

GARCIA, Camila Pereira F. **Os desafios de exercer uma paternidade participativa no cenário de consumo brasileiro**. Consumer Behavior Review, 3 (special edition), 38-54, 2019.

GNH — GERANDO NOVAS HISTÓRIAS 31: **Carga Mental**. Entrevistadora: Daiana Almeida. Entrevistadas: Ana Clara Fonseca e Elisama Santos. 09 ago. 2017. Podcast. Disponível em: <<http://gerandonovashistorias.com/gnh31-carga-mental/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. in: MINAYO, C. S (org). Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade (Série manuais acadêmicos). 2ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2019.

GORIN, Michelle Christof et al . **O estatuto contemporâneo da parentalidade**. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto , v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970201500020002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 abr 2021.

HEILMAN, B; LEVTOV, R; VAN DER GAAG, N; HASSINK, A; BARKER, G. **State of the World's Fathers: Time for Action**. Washington, DC: Promundo, Sonke Gender Justice, Save the Children, and MenEngage Alliance, (www.sowf.men-care.org), 2017.

IANNI, Otavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

IPEA — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Coabitação familiar e formação de novos domicílios nas áreas urbanas brasileiras**. Comunicados do IPEA n° 142, 2012.

INSTITUTO PROMUNDO. **A Situação da Paternidade no Brasil**. Rio de Janeiro, Brasil: Promundo, 2016.

_____. **A Situação da Paternidade no Brasil 2019: Tempo de Agir**. Rio de Janeiro, Brasil: Promundo, 2019.

LIMA, Lana Lage. SOUZA, Suellen. Verbete: Patriarcado. In: COLLING, Ana. TEDESCHI, Losandro. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Editora UFGD, 2019, p. 578-582.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, 1978. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf>. Acesso em 02 out 2020.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. 1. ed. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARÍN, Jorge Garcia. **Nuevas perspectivas transformadoras de las masculinidades: desde la ética del Cuidado**. In: SANTOS, D. F; CUNHA, T. R. A; DIAS, A. C. (Orgs.) *Entrecruzando saberes: Gênero, Sexualidade, Memória e Violência*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico**. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 145-158, 2000.

_____. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades**. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

_____. **Paternidade na adolescência: para além da prevenção**. 12 p. s.l; s.n; s.d. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-434353>>. Acesso em 31 mar 2022.

MENDES, Ana Cláudia Vasconcelos. **Processo de Produção e Reprodução da Violência Sexual: Uma Perspectiva do Serviço Social**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 83. 2019a.

_____. **A violência sexual como elemento da cultura e das sociabilidades: sua produção e reprodução**. in: Martinelli, Maria Lucia. et al. (Orgs). *A história oral na pesquisa em serviço social*. São Paulo: Cortez Editora, 2019b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade** (Série manuais acadêmicos). 2ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2019.

NASCIMENTO, Antonia C. O. **Educação Sexista: uma reprodução da ideologia patriarcal**. Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15913>>

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire; MENDONÇA, Maria Collier de. **Maternidade nas mídias**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora IUPERJ, 2004.

PERUCCHI, Juliana. **“Mater semper certa est pater nunquam”**: o discurso jurídico como dispositivo de produção de paternidades. Tese (Doutorado em Psicologia) — Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 244. 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de Gênero e História Social**. Revista Estudos Feministas [online], v. 17, n. 1, pp. 159-189, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100009>>. Acesso em 08 fev 2022.

PLUCIENNIK, Gabriela Aratang; LAZZARI, Márcia Cristina; CHICARO, Marina Fragata (Orgs). **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. 1. ed. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2015.

PNAD - Contínua/2018 - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movel_2018/Analise_dos_resultados_TIC_2018.pdf>. Acesso em 11 nov 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1 ed. (10ª reimp). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, violência**.— São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão Social”**: particularidades no Brasil. 1ª ed. Coleção Biblioteca Básica do Serviço Social, V. 6, São Paulo: Cortez, 2012.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 7. ed..São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Fábio Fabrício Pereira da. **Novas Parentalidades e Proteção à Infância**. in: COSTA, Francisco Pereira (Org). **A reinvenção das parentalidades: compreensões sobre família e vínculos parentais na agenda pública**. Porto Alegre - RS: Nova Práxis Editorial, 2020.

SOUZA, Teresinha M. S. **Patriarcado e Capitalismo: uma relação simbiótica**. Revista Temporalis, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufes.br/index.php/temporalis/article/view/10969>>. Acesso em 12 mar 2021.

SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. **Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa**. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, pp. 74-82, jan./mar. 2008.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que diria Heleieth Saffioti (1934-2010), a feminista marxista, pioneira, sobre os dias de hoje?** in: MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.). **Os desafios do feminismo marxista na atualidade**. 1. ed. Dossiê temático, Chapecó: marxismo21, 2020. Disponível em <<https://marxismo21.org/o-feminismo-marxista-na-atualidade>>. Acesso em 26 mar 2022.

THERBORN, Göran. **Sexo e Poder: a família no mundo (1900-2000)**. Tradução Elisabete Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.

THURLER, Ana Liési. **Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI?** Revista Sociedade e Estado. Brasília, v. 21, n. 3, p. 681-707. 2006.

VIEIRA, Helena. Canal Pausa para o fim do mundo. Aula **A Invenção da Heterossexualidade** com Helena Vieira. Youtube, 26 jan 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mt2dbhRYAE4&t=5s>>.

VIEIRA, Mauro Luís et al. **Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 36-52, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 abr 2021.

WELZER-LANG, Daniel. **A Construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Trad. Miriam Pillar Grossi. Estudos Feministas, Ano 9, 2/2001.

YAZBEK, M.C. **O significado sócio-histórico da profissão**. In: CFESS/ABESS(Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/Abepss, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABRAMIDES, Maria Beatriz; DURIGUETTO, Maria Lúcia (orgs.). **Movimentos Sociais e Serviço Social: uma relação necessária**. São Paulo: Cortez, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Coleção Persona. São Paulo: Edições 70, 1977.

BLAY, Eva Alterman (org). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BOSCHETTI, I; BEHRING, E. R. **Política Social. Fundamentos e história**. Biblioteca Básica de Serviço Social, v 2, São Paulo: Cortez Editora, 2 ed, 2007.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em 16 out 2019.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL - CFESS - **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 10ª. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, 2012. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf>. Acesso em 19 out 2019.

DONHA, Marcus Cezar. **O arquétipo do pai na cultura patriarcal: um estudo sobre a relação pai-filho e seus reflexos na subjetividade do homem atual**. 1998. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

FÁVERO, Eunice Teresinha. **Questão Social e Perda do Poder Familiar**. Série Temas - 5. São Paulo: Veras Editora, 2007.

_____. **O Estudo Social – Fundamentos e particularidades de sua construção na Área Judiciária**. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS (org.) O Estudo Social em Perícias, Laudos e Pareceres Técnicos: contribuição ao debate no Judiciário, Penitenciário e na Previdência Social. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GADOTTI, M. **Dialética do Amor Paterno**. Série Questões da nossa época - 105. 6 ed - rev e amp. São Paulo: Cortez, 2003.

IAMAMOTO, Marilda Vilela e CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 41. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MEMOH 10: **Manifesto**. Locutor: Pedro Figueiredo. Entrevistado: Marcos Nascimento. MEMOH, 06 ago 2019. Podcast. Disponível em: <<https://podtail.com/podcast/memoh/-010-manifesto/>>. Acesso em 14 out 2019.

MIOTO, R. C. T; CAMPOS, M. S; CARLOTO, C. M. (Orgs). **Familismo, direitos e cidadania. Contradições da política social**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. **Historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil**. 256 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, 2015.

OLIVEIRA, M. F. C.; MUZZETI, L. R. ; MICHELETI, L. I. S. ; LEO, A. M. C. **Dominação Masculina: A Construção Histórica Materializada em Herança Social e Cultural**. CAMINE: Caminhos da Educação, v. 9, p. 88-105, 2017. <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/2142/1967>>. Acesso em 19 out 2019.

PACHECO, Marta Isabel Rebelo. **A rádio na Internet: Do “on air” para o “online”. Estudo de caso do Serviço Público e o caminho para o futuro**. Universidade Nova de Lisboa — Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2010.

REZENDE, A. L. M. de; ALONSO, I. L. K. **O Perfil do Pai Cuidador**. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Harém., São Paulo, 5 (1/2), 1995.

SANTOS, S. J; VERÍSSIMO, C; NETO, M; MOURA, T; CARVALHO, A de S; GUIMARÃES, B. **A Situação da Paternidade Envolvida e Não-Violenta em Portugal**. Instituto Promundo, Promundo-Europa e Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2016.

SILVA, Ademir A. **A Gestão da Seguridade Social Brasileira. Entre a política pública e o mercado**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SOUZA, Paulo Fernando Pereira de. **Homens invisíveis: identidades de homens atendidos pelas políticas sociais de atenção às famílias em situação de vulnerabilidade social**. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SZYMANSKI, H. **Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança**. Revista Serviço Social e Sociedade, n. 71. São Paulo: Cortez, 2002.

YAMAGUTI, Alexandre Collarile. **Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna**. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

APÊNDICE A — LIVRO DE CÓDIGOS

As falas dos participantes dos podcasts selecionados foram inseridas nas seguintes Categorias Temáticas quando o conteúdo discutido se refere a:

1. Cuidado/Afeto	discussões, afirmações, questionamentos e experiências sobre o carinho, o tempo, o amor, a atenção, a educação, o afeto, o cuidado, a carga mental, as atividades desenvolvidas junto à criança e/ou em parceria com a/o/s companheira/o/s.
2. Gênero	questões afetas às relações sociais de gênero/sexo; sobre as disparidades existentes entre os sexos; sobre os papéis impostos pela sociedade para mulheres e homens; sobre as expectativas em relação às filhas/os; discussões nas perspectivas da afirmação, de questionar, de negação, de superação de visões que envolvem as relações sociais de sexo/gênero.
3. Paternidade/ Masculinidade	conceituação, afirmação, negação, superação dos tipos de paternidades e masculinidades; experiências vividas quanto às responsabilidades e opções na expectativa e vivência da paternidade, inclusive em relação ao trabalho, tempo e sentimentos.
4. Geração anterior	experiência da relação com o pai que a pessoa teve, e as discussões das influências dessa experiência quanto ao exercício da própria paternidade.
5. Raça	relatos sobre a expectativa ou experiência vivida quanto às questões envolvendo as relações sociais de raça; paternidade e filiação preta; relações interraciais.
6. Políticas Sociais/ Sociedade	relatos e questionamentos que envolvem a existência/inexistência e qualidade das políticas públicas; reflexões sobre serviços, ações, políticas e legislação voltadas à possibilidade (ou à falta) do envolvimento do homem-pai no cuidado de filhos.
7. Violência	relatos sobre a vivência de violências; reflexão sobre sua presença na e como instrumento de educação.

APÊNDICE B — LISTA DE EPISÓDIOS DOS PODCASTS VOLTADOS PARA PAIS

As informações constantes na lista fazem referência ao número dos episódios, e os dados de quando foi publicado, e o tempo do episódio (no seguinte formato: aaaa-mm-dd hh:mm:sss). A tabulação dos dados foi produzida pelo autor, no mês de setembro de 2021, a partir do site do aplicativo CastBox.



Episódios - Tricô de Pais - até set 2021

#001 - Como Nascem os Pais 2016-06-26 23:028	#019 - Bullying, Valentões e Encrenqueiros 2017-03-09 01:43:465	Tricô Talks 02 - Palavão 2017-12-07 11:14
#002 - Vida Social Pós Filhos? 2016-07-14 50:504	#020 - Maternidade Real 2017-03-23 02:02:042	#039 - Adultização da Infância 2017-12-14 01:37:221
#003 - Alimentação de Filhos, e de Pais Também! 2016-07-28 58:073	#021 - Papéis de Gênero - Vida de Pai: Eduardo Ribas 2017-04-06 02:02:221	Tricô Talks 03 - Papai Noel e Meritocracia 2017-12-21 10:591
#004 - Especial Dia dos Pais 1.0 2016-08-11 40:502	#022 - Parceria e Relacionamento Pós-Filhos 2017-04-20 01:40:104	#040 - Pai de Menino e Masculinidades 2017-12-28 01:54:103
#005 - O Pai e o Trabalho 2016-08-25 46:073	#023 - Férias e Viagens com Filhos 2017-05-04 01:39:161	Tricô Talks 04 - Brinquedos e Desapego 2018-01-04 12:39
#006 - Paternidade, Gestação e Parto 2016-09-08 58:313	#024 - Esp Dia das Mães com Ju Wallauer e Carol Patrocínio 2017-05-18 01:58:092	#041 - Pergunte ao Pediatra 2018-01-11 01:39:081
#007 - Exposição de Filhos 2016-09-22 01:06:284	#025 - Paternidade Pop feat. Marcos Piangers 2017-06-01 01:26:132	Tricô Talks 05 - Quantos "Não" Devemos Falar? 2018-01-18 13:25
#008 - Creches e Escolas 2016-10-06 01:15:035	#026 - Especial Dia dos Namorados 2017-06-15 01:35:092	#042 - Quando as Coisas Começam a Dar Errado 2018-01-25 01:36:322
#009 - A Hora do Sono 2016-10-20 01:31:175	#027 - Pai de Menina 2017-06-29 01:38:441	Tricô Talks 06 - Humilhação, Filhos e Empatia 2018-02-01 13:03
#010 - Festinhas de Aniversário 2016-11-03 01:45:145	#028 - Paternidade Afro 2017-07-13 02:06:291	#043 - Televisão, Desenhos e Filhos 2018-02-08 01:45:512
#011 - Sou Pai e Pronto! 2016-11-17 01:38:004	#029 - Expectativas 2017-07-27 01:26:271	Tricô Talks 07 - Carnaval com Filhos 2018-02-15 11:23
#012 - Palpites e Pitacos 2016-12-01 01:37:093	#030 - Especial Dia dos Pais 2.0 2017-08-10 01:41:061	#044 - Paternidade Afro 2.0 2018-02-22 02:13:24
#013 - Rabanada, Natal e Aquele Velhinho 2016-12-15 01:41:173	#031 - Ser Pai na Colômbia feat. Filipe Teixeira (ONDEM) 2017-08-24 01:31:371	Tricô Talks 08 - A Viagem do Víctor 2018-03-01 10:03
#014 - Retrospectiva Paterna 2016-12-29 53:062	#032 - Paternidade e Livros feat. Daniel Lameira 2017-09-07 01:25:062	#045 - Internet e Filhos feat. Luide Matos 2018-03-08 01:50:091
#015 - Necessidades Especiais e Vida no Exterior 2017-01-12 01:33:262	Trailer #1 2017-09-13 00:33	NOVIDADE! Podcast Novo: Coisa de Criança 2018-03-09 00:36
#016 - História de Avós 2017-01-26 01:26:012	#033 - Games, Jogos e Nerdcices feat. Didi Braguinha 2017-09-21 01:47:021	#046 - Ser Mãe é... feat. Sinuca de Bicos 2018-03-15 01:01:471
#017 - Influências Paternas 2017-02-09 01:38:102	Bônus - Nerdcices e Devaneios feat. Didi Braguinha 2017-09-28 44:301	#047 - Musicalização feat. Diego Vicente 2018-03-22 01:57:011
#018 - Empatia e Comunicação Não-Violenta 2017-02-24 01:39:403	#034 - Adoção feat. Agê Barros e Wagner Yamuto 2017-10-05 02:11:321	Tricô Talks 009 - Liberdades e Celulares 2018-03-29 13:231
	Episódio Extra - Vire um Apoiador Supimpa no APOIA.se! 2017-10-16 07:47	#048 - Autismo 2018-04-05 02:10:143
	#035 - Terrible Two feat. Tchulim e Thais Pontes 2017-10-19 01:36:452	Tricô Talks 010 - Sentimentos e Escola 2018-04-12 10:571
	#036 - Ciência e Filhos feat. Marcelo Guaxinim 2017-11-02 01:33:571	#049 - Fraldas, Desfralde e Elimination Communication 2018-04-19 01:42:281
	#037 - Saúde Mental do Homem feat. Frederico Mattos 2017-11-16 02:05:125	Tricô Talks 011 - Piolhos, Lêndeads e Outras Desgraças 2018-04-26 14:421
	Tricô Talks 01 - Medo, Fantasmas e Patrulha Canina 2017-11-23 10:481	#050 - Perdas e Lutos feat. Camila Goytacaz e Alan Bastos 2018-05-03 01:44:235
	#038 - Disciplina Positiva 2017-11-30 01:33:575	Tricô Talks 012 - Mentirinhas Mentirosas 2018-05-10 10:441
		Episódio Extra - Novidades para Apoiadores Supimpas! 2018-05-14 05:14

- Anúncios e Tamo Junto feat. Anne
2018-05-16 03:491
- #051 - O Pai e Seus Pais feat. Frederico Mattos
2018-05-17 01:34:494
- Teaser do Novo Podcast: Tamo Junto!
2018-05-21 01:53
- Tricô Talks 013 - A Bala Maldita
2018-05-24 10:51
- #052 - Humor e Paternidade feat. Minuto de Silêncio
2018-05-31 01:35:562
- Tricô Talks 014 - Ô Abre-Alas, AfroPail
2018-06-07 17:071
- #053 - Coleções e Consumismo
2018-06-14 01:28:36
- Tricô Talks 015 - Limites na Casa dos Outros
2018-06-21 16:56
- Cartinhas Supimpas - #053 - Coleções e Consumismo
2018-06-28 35:00
- #054 - Paternidade Trans feat. César Sant'Anna
2018-06-28 01:26:00
- Tricô Talks 016 - Demandas dos Filhos e dos Pais
2018-07-05 15:00
- Cartinhas Supimpas - #054 - Paternidade Trans feat. César Sant'Anna
2018-07-12 22:081
- #055 - Pai de Várias Gerações feat. Leo Lopes
2018-07-12 01:19:37
- Tricô Talks 017 - Berto Full Pistola com Amigos
2018-07-19 15:081
- Cartinhas Supimpas - #055 - Pai de Várias Gerações feat. Leo Lopes
2018-07-26 23:28
- #056 - Masculinidade Tóxica feat. Frederico Mattos e Leandro Gomes
2018-07-26 01:51:339
- Tricô Talks 018 - Ajudando os Filhos a Viver com o Diferente
2018-08-02 13:08
- Cartinhas Supimpas - #056 - Masculinidade Tóxica
2018-08-09 49:021
- #057 - Especial Dia dos Pais 3.0
2018-08-09 01:28:40
- Tricô Talks 019 - Fazendo os Filhos Falarem Sobre a Escola
2018-08-16 13:28
- #058 - Paternidade Homoafetiva feat. Bruno Vilas Boas
2018-08-23 01:44:036
- Cartinhas Supimpas - #057 - Especial Dia dos Pais 3.0
2018-08-23 27:511
- Tricô Talks 020 - Empatia na Prática e Autismo
2018-08-30 14:24
- Cartinhas Supimpas - #058 - Paternidade Homoafetiva
2018-09-06 30:081
- #059 - Linguagem e Fala feat. Fernando Maia (SciCast)
2018-09-06 01:13:273
- Tricô Talks 021 - Quando a Família Fica Doente
2018-09-13 17:43
- Cartinhas Supimpas - #059 - Linguagem e Fala
2018-09-20 25:551
- #060 - Vacinas feat. Dragões de Garagem
2018-09-20 02:06:011
- Tricô Talks 022 - A Hora de Escovar os Dentes
2018-09-27 14:50
- Cartinhas Supimpas - #060 - Vacinas
2018-10-04 22:011
- #061 - Pais Separados e Guarda Compartilhada
2018-10-04 01:42:102
- Tricô Talks 023 - Tédio e Ócio Criativo nas Crianças
2018-10-11 12:262
- Cartinhas Supimpas - #061 - Pais Separados e Guarda Compartilhada
2018-10-18 50:031
- Tricô Talks 024 - Comunicação Não-Violenta Na Real
2018-10-25 19:223
- #063 - Esperança feat. Alexandre Coimbra Amaral
2018-11-01 01:10:012
- Tricô Talks 025 - Meu Filho Me Deu Um Tapa na Caral
2018-11-08 12:502
- #064 - Paternidade Solo
2018-11-15 01:37:57
- Tricô Talks 026 - Morte, Pets e Baratas Voadoras
2018-11-22 15:14
- #065 - Relacionamentos feat. Elam Lima
2018-11-29 01:23:102
- Maya Chegou!
2018-12-03 02:04
- Tricô Talks 027 - Cometemos o Erro Clássico Justo na Terceira Filha
2018-12-06 17:31
- #066 - Maturidade Emocional feat. Frederico Mattos
2018-12-13 01:44:4413
- Tricô Talks 028 - O Causo dos Por Quês Infinitos e Tretas na Alimentação
2018-12-20 13:591
- #067 - Amizade feat. Estamos Bem?
2018-12-27 01:41:453
- Cartinhas Supimpas #066 - Maturidade Emocional feat. Frederico Mattos
2018-12-28 44:511
- Tricô Talks 029 - Pais Covardes no Street Fighter da Vida Real
2019-01-03 20:135
- Cartinhas Supimpas #067 - Amizade feat. Estamos Bem?
2019-01-09 22:18
- #068 - Criação com Apego
2019-01-10 01:24:2211
- Tricô Talks 030 - Férias Pra Que Te Quero
2019-01-17 16:48
- Cartinhas Supimpas #068 - Criação com Apego
2019-01-23 19:03
- #069 - Irmãos feat. Alexandre Coimbra Amaral
2019-01-24 01:21:446
- Tricô Talks 031 - Longe dos Filhos
2019-01-30 15:053
- Cartinhas Supimpas #069 - Irmãos feat. Alexandre Coimbra Amaral
2019-02-05 41:42
- #070 - Telas, Tecnologia e Filhos
2019-02-06 01:33:307
- Tricô Talks 032 - Material Escolar, Um Pesadelo
2019-02-13 19:482
- #071 - Maternidade Homoafetiva
2019-02-21 01:15:204
- Cartinhas Supimpas #070 - Telas, Tecnologia e Filhos
2019-02-22 24:201
- Presença - Mensagens na Garrafa T01E01
2019-02-22 11:142
- Tricô Talks 033 - O Único Pai na Reunião da Escola
2019-02-28 24:152
- Celebração - Mensagens na Garrafa T01E02
2019-03-01 07:211
- Cartinhas Supimpas #071 - Maternidade Homoafetiva
2019-03-06 16:39
- #072 - Depressão Masculina feat. Frederico Mattos
2019-03-07 01:15:1119
- Mar - Mensagens na Garrafa T01E03
2019-03-08 08:022
- Tricô Talks 034 - Desculpa, Tem Um Bebê no Avião
2019-03-14 15:261
- Acolhimento - Mensagens na Garrafa T01E04
2019-03-15 10:252
- Cartinhas Supimpas #072 - Depressão Masculina feat. Frederico Mattos
2019-03-20 35:112
- #073 - Mercado de Trabalho: O Que Você Vai Ser Quando Crescer?
2019-03-21 01:31:312
- Futebol - Mensagens na Garrafa T01E05
2019-03-22 07:08
- Tricô Talks 035 - Como Dar Notícias Ruins Para Seus Filhos
2019-03-28 18:584
- Aventura - Mensagens na Garrafa T01E06
2019-03-29 11:36
- Cartinhas Supimpas #073 - Mercado de Trab: O Que Você Vai Ser Qdo Crescer?
2019-04-03 28:51
- #074 - Paternidade e Religiosidades: Pastor Henrique Vieira
2019-04-04 01:22:375
- Sorriso - Mensagens na Garrafa T01E07
2019-04-05 08:402
- Tricô Talks 036 - Eva e Rei Leão
2019-04-11 17:431
- Avó - Mensagens na Garrafa T01E08
2019-04-12 14:111
- Cart. Supimpas #074 - Patern. e Religiosidades: Pastor Henrique Vieira
2019-04-17 22:52
- #075 - Babywearing feat. @paicarregadeiro
2019-04-18 01:18:363
- Tricô Talks 37 - Contando Histórias
2019-04-25 12:201
- Reprise Tricô de Pais - Influências paternas
2019-05-02 01:40:541
- Tricô Talks 38 - Trabalho, Filhos Doentes e Paizinho Pistola
2019-05-09 13:18
- Cartinhas Supimpas #075 - Babywearing feat. @paicarregadeiro
2019-05-15 20:35
- #076 - Alimentação, BLW e Introdução Alimentar feat. @paizinhonutri
2019-05-16 01:38:202
- Tricô Talks 39 - Eva Competidora
2019-05-23 11:162
- Cartinhas Supimpas #076 - Alimentação, BLW e Introd Alim feat. @paizinhonutri
2019-05-29 25:523
- #077 - Machismo na Cultura Pop e Gamer feat. Beatriz Fiorotto
2019-05-30 01:28:431
- Tricô Talks 40 - Sono do Piá - Vai Melhorar Algum Dia?
2019-06-06 25:053
- Cart. Supimpas #077 - Machismo na Cultura Pop e Gamer feat. Beatriz Fiorotto
2019-06-13 15:292
- #078 - Pai em casa
2019-06-13 01:24:295
- Tricô Talks 41 - As Mentiras dos Nossos Filhos
2019-06-20 16:492
- Cartinhas Supimpas #078 - Pai em Casa
2019-06-26 24:132
- #079 - Gênero, Coisa de Menino e Coisa de Menina
2019-06-27 01:25:461
- #080 - Pai e Drag Queen feat. Aretuza Lovi
2019-07-04 01:28:587
- Cartinhas Supimpas #079 - Gênero, Coisa de Menino e Coisa de Menina
2019-07-11 18:001
- #081 - Paternidade, Luto e Vida com Filhos feat. Paulo Pernambuco
2019-07-11 51:595
- Trico de Pais - Edição Surpresa
2019-07-12 11:545

- Tricô Talks 42 - Criança Não Namora, Evinhal!
2019-07-18 16:073
- Cart Supimpas #081 - Patern, Luto e Vida com Filhos com. Paulo Pernambuco 2019-07-24 28:311
- #082 - Saúde da Família feat. Bruna Silveira
2019-07-25 01:36:051
- Tricô Talks 43 - Qual o Limite da Empatia?
2019-08-01 16:516
- Poder do Colo - Especial Dia dos Pais
2019-08-02 01:34:2614
- Cartinhas Supimpas #082 - Saúde da Família feat. Bruna Silveira 2019-08-07 25:162
- #083 - Palavrão, Internet e os Cuspes pro Alto feat. Rita Lisauskas 2019-08-08 01:36:094
- Tricô Talks 44 - A Tática (Furada) do Victor para Limites 2019-08-15 25:494
- Apresentando: Conta Pra Mim?
2019-08-19 01:57
- Cart Supimpas #083 - Palavrão, Internet e os Cuspes pro Alto c/. Rita Lisauskas 2019-08-21 28:431
- #084 - Vida de Pai com Lázaro Ramos
2019-08-22 01:16:0110
- Tricô Talks 45 - A Prova Final da Arte Marcial da Disciplina Positiva 2019-08-29 14:273
- Cartinhas Supimpas #084 - Vida de Pai com Lázaro Ramos 2019-09-04 17:232
- #085 - A Família Negra feat. Jones Silveira
2019-09-05 01:35:103
- Tricô Talks 46 - Quando o Filho Quer Atenção Demais 2019-09-12 14:345
- Cartinhas Supimpas #085 - A Família Negra com Jones Silveira 2019-09-18 25:36
- #086 - Histórias Infantis feat. Fafá Conta
2019-09-19 01:45:094
- Tricô Talks 47 - Tricô Trip
2019-09-26 19:481
- Cartinhas Supimpas #086 - Histórias Infantis feat. Fafá Conta 2019-10-02 30:202
- #087 - Nóias da Maternidade e Paternidade feat. Camila Fremder 2019-10-03 01:24:4611
- Tricô Talks 48 - Tricô Quiz
2019-10-10 22:552
- Cartinhas Supimpas #087 - Nóias da Maternidade e Paternidade feat. Camila Fremder 2019-10-17 26:503
- #088 - Alegrias e Derrotas da Vida feat. Roberta Alcantelado 2019-10-17 01:06:255
- Tricô Talks 49 - Autonomia, Birra e Expectativa
2019-10-24 20:543
- Cartinhas Supimpas #088 - Alegrias e Derrotas da Vida feat. Roberta Alcantelado 2019-10-30 21:361
- #089 - Educação Sexual feat. Caroline Arcari
2019-10-31 01:38:4215
- Tricô Talks 50 - O Apocalipse Zumbi do Victor
2019-11-07 26:551
- #090 - Carga Mental feat. Mamilos
2019-11-14 01:15:5811
- Tricô Talks 51 - Queiroz em Defesa da Adolescência 2019-11-21 14:422
- Cartinhas Supimpas #090 - Carga Mental feat. Mamilos 2019-11-28 01:17:451
- #091 - Filhos Adolescentes e Rock Stars feat. Guga Mafra
2019-11-28 01:31:002
- Tricô Talks 52 - Apresentamos: Café Com As Pediatras
2019-12-05 31:09
- #092 - Aceitando Mudanças feat. Bárbara dos Anjos Lima 2019-12-12 01:07:143
- Tricô Talks 53 - A Birra da Bárbara
2019-12-19 25:532
- #093 - Nossas Sombras feat. Frederico Mattos
2019-12-26 01:20:3110
- Tricô Talks 54 - Dormindo Fora de Casa
2020-01-02 17:25
- Tricô Talks 054B - Update: No Que Deu a Dormida? 2020-01-04 03:40
- Cartinhas Supimpas #093 - Nossas Sombras feat. Frederico Mattos 2020-01-08 08:402
- #094 - Aumentando a Família feat. Samuel Gambini 2020-01-09 01:38:287
- Tricô Talks 055 - Problemas na Escola
2020-01-16 24:27
- #095 - Abandono Paterno feat. Pedro Afonso
2020-01-23 01:22:276
- Tricô Talks 056 - Férias com as Crias
2020-01-30 21:421
- Cartinhas Supimpas #095 - Abandono Paterno feat. Pedro Afonso 2020-02-05 24:54
- #096 - Desenvolvimento Cognitivo dos Filhos feat. Juliana Zucherato 2020-02-06 01:23:461
- Tricô Talks 057 - Metas para todo mundo
2020-02-13 34:43
- Cart Supimpas #096 - Desenv. Cognitivo dos Filhos feat. Juliana Zucherato 2020-02-19 33:001
- #097 - Ciência Começa em Casa feat. Daniel Filho
2020-02-20 01:13:002
- Tricô Talks 058 - Palpiteiros na Educação
2020-02-27 17:382
- Cartinhas Supimpas #097 - Ciência Começa em Casa feat. Daniel Filho 2020-03-04 19:07
- #098 - Respons. Afetiva e Relacionamentos feat. Fred Mattos 2020-03-05 01:46:3611
- Tricô Talks 059 - O Pai Que Começa a Trabalhar
2020-03-12 20:591
- Episódio Extra: Coronavírus
2020-03-14 10:05
- #099 - Relacionamentos e Tretas Entre Crianças #OPodcastEDelas2020 feat. Bárbara dos Anjos e Melissa Mendonça 2020-03-15 01:16:363
- Cart Supimpas #098 - Respons Afetiva e Relacionam feat. Frederico Mattos 2020-03-18 17:08
- #100 - É Alergia ou Frescura? feat. Laura Gomes e Marko Mello 2020-03-18 01:31:342
- #101 - Coronavírus: Fatos e Dados c/ Maíra Libertad #OPodcastEDelas2020 2020-03-18 01:03:47
- Apresentamos: Ideia de Criança
2020-03-23 10:482
- Tricô Talks 060 - A Troca de Turno da Guarda Compartilhada 2020-03-26 17:20
- #102 - Mulheres na Ciência feat. Natália Mota #OPodcastEDelas2020 2020-03-29 01:08:441
- #103 - Vídeo-Games São Vilões? feat. Daniel Lameira 2020-04-02 01:26:422
- Tricô Talks 061 - Desabafos de Uma Quarentena
2020-04-09 29:36
- #104 - O Mundo Bitá de Chaps Melo
2020-04-16 58:372
- Tricô Talks 062 - Seu Filho Se Porta Bem?
2020-04-23 22:102
- Saúde Mental na Quarentena com Frederico Mattos - Episódio Extra
2020-04-24 55:291
- #105 - Masculinidade Tóxica feat. Rita Von Hunty
2020-04-30 01:39:189
- Tricô Talks 063 - Coronga Update
2020-05-07 19:05
- Uma Mensagem Importante do Tricôzinho
2020-05-08 04:38
- #106 - Família Transdicionária Brasileira
2020-05-14 01:27:317
- Tricô Talks 064 - Harry Potter Sem Harry Potter
2020-05-21 28:113
- #107 - RPG e Storytelling com Filhos
2020-05-28 01:46:425
- Tricô Talks 065 - O Caso Infame da YouTuber Mirim
2020-06-04 24:311
- #108 - Jogos de Tabuleiro Modernos
2020-06-11 02:19:524
- Tricô Talks 066 - É Oficial: Estamos Velhos
2020-06-18 14:333
- Nós Estamos num Documentário de Paternidade com WILL SMITH!!! 2020-06-19 08:311
- #109 - Luta Antirracista
2020-06-25 01:15:094
- Tricô Talks 067 - O Fator Cagaço na Infância
2020-07-02 18:161
- #110 - Publicidade Infantil
2020-07-09 01:20:096
- Tricô Talks 068 - Nov. no Tricô, Hora do Banho, Nível do Victor e Espíritos 2020-07-16 19:241
- #111 - Medo de Dentista? Eu?
2020-07-23 01:52:171
- Tricô Talks 069 - O Paradoxo da Machadinha
2020-07-30 17:181
- #112 - Abolicionismo Penal, Castigo e Gravidez na Quarentena 2020-08-06 01:17:244
- Tricô Talks 070 - Pai Tem Que Ter Pinto?
2020-08-13 21:28
- #113 - Criança Viada feat. Duda Dello Russo
2020-08-20 01:05:283
- O Coisa de Criança Está Voltando - Vem Ai a Segunda Temporada! 2020-08-21 01:33
- Tricô Talks 071 - Berto Life Coronga Update
2020-08-27 27:201
- #114 - Pornografia e Sexualidade
2020-09-03 01:33:407
- Tricô Talks 072 - Eva Criminosa e Tricocô
2020-09-10 44:253
- Cartinhas Supimpas - O Retorno
2020-09-17 27:01
- #115 - O Grito da Masculinidade
2020-09-17 01:31:492
- Tricô Talks 073 - Vamos Ser Crianças!
2020-09-24 22:273
- #116 - A Humanização dos Cuidados com a Saúde
2020-10-01 01:47:242
- Crianças Contra o Tédio #01 - O Jogo da Lava
2020-10-02 20:101

Crianças Contra o Tédio #02 - Como Montar um Robô
2020-10-06 21:50

Tricô Talks 074 - Noah Voltou, Mimimi e Gordofobia
2020-10-08 22:022

Crianças Contra o Tédio #03 - A Caça ao Tesouro
2020-10-09 16:441

Cartinhas Supimpas #116 - A Humanização dos Cuidados com a Saúde 2020-10-15 30:184

#117 - Paternidade Preta
2020-10-15 01:37:304

Tricô Talks 075 - Eva na Roça
2020-10-22 28:11

#118 - Nunca Faça Isso Com os Filhos dos Outros
2020-10-29 01:39:253

Tricô Talks 076 - Tretas de Irmãos
2020-11-05 19:57

#119 - Sentimentos e Emoções
2020-11-13 01:28:161

Tricô Talks 077 - Barba, Cabelo e Bigode
2020-11-19 35:481

#120 - Pai de Primeira Viagem
2020-11-26 02:02:354

Tricô Talks 078 - Altas Confusões no Reino Unido
2020-12-03 23:551

#121 - As Dores e Delícias dos Irmãos
2020-12-10 01:39:271

Boas Festas! Adeus 2020, Olá 2021!
2020-12-17 02:18

REPLAY #89 - Educação Sexual feat. Caroline Arcari 2020-12-25 01:39:042

REPLAY #93 - Nossas Sombras feat. Frederico Mattos 2021-01-02 01:21:302

Cartinhas Supimpas #118 - Nunca Faça Isso Com os Filhos dos Outros 2021-01-06 16:54

#122 - Cartas De Um Terapeuta Para Seus Momentos De Crise 2021-01-07 01:29:561

Tricô Talks 079 - Metas, Jejum e Barata
2021-01-14 23:051

Cartinhas Supimpas #120 - Pai de Primeira Viagem
2021-01-20 38:282

#123 - Enquanto Viver Sob o Meu Teto
2021-01-23 01:41:051

Tricô Talks 080 - O Coach Quântico Nutritivo
2021-01-28 29:34

#124 - Passividade, Tolerância e Comunicação Não-Violenta 2021-02-04 01:29:151

Tricô Talks 081 - O Fator VDM
2021-02-11 29:40

Cart Supimpas #122 - Cartas De Um Terapeuta Para Seus Momentos De Crise 2021-02-17 24:291

#125 - Desilusões
2021-02-18 01:29:093

Tricô Talks 082 - A Ilusão do Controle e o Autoritarismo 2021-02-26 33:00

Cartinhas Supimpas #123 - Enquanto Viver Sob o Meu Teto 2021-03-04 18:53

#126 - Culpa
2021-03-04 01:45:563

Tricô Talks 083 - Comer com a Mão é Digno de Cancelamento? 2021-03-11 19:283

Cartinhas Supimpas #124 - Passividade, Tolerância e Comunicação Não-Violenta 2021-03-17 21:02

#127 - Os Tabus da Masculinidade
2021-03-18 01:34:023

Tricô Talks 084 - Temperos Aleatórios da Vida
2021-03-25 21:21

#128 - O Chato da Roda
2021-04-01 01:43:00

Tricô Talks 085 - A Religião da Eva
2021-04-08 29:071

#129 - Debates Sobre Paternidades
2021-04-15 01:56:25

Tricô Talks 086 - Os Pequenos Cuidados de Cada Dia
2021-04-22 21:40

#130 - Hipocrisia Paterna
2021-04-29 01:29:52

Tricô Talks 087 - Berto Returns
2021-05-06 31:29

#131 - Maternidade Possível
2021-05-13 01:43:07

Tricô Talks 088 - A Chegada do Tadeu
2021-05-20 22:14

Cartinhas Supimpas #127 - Os Tabus da Masculinidade
2021-05-26 34:25

#132 - Como Não Enlouquecer em Casa com Filhos
2021-05-27 02:09:00

Tricô Talks 089 - A Hora da Troca da Fralda
2021-06-03 51:44

#133 - Masculinidades em Discussão
2021-06-10 01:57:18

Tricô Talks 090 - Tricôzinho com Anos em Festa!
2021-06-17 01:14:47

#134 - Pai Adolescente
2021-06-24 01:17:00

Tricô Talks 091 - The France Brothers
2021-07-01 46:05

#135 - CNV e Conversas Corajosas feat. Elisama Santos
2021-07-08 01:30:36

Tricô Talks 092 - Covid é Cringe?
2021-07-15 39:32

#136 - Histórias de Parentalidade
2021-07-22 01:08:40

Tricô Talks 093 - Cheia de Manias, Toda Dengosa
2021-07-29 33:44

Tricô Talks Extra - Pai é Quem Te Ensina a Caminhar
2021-08-03 40:12

#137 - Especial Dia dos Pais - Pai na Pandemia
2021-08-05 01:48:59

Tricô Talks 094 - Ajudando Filhos a Dormirem Sozinhos
2021-08-12 29:56

#138 - Toda Família Existe
2021-08-19 01:06:32

Tricô Talks 095 - A Mentira Tem Perna Curta?
2021-08-26 33:40

#139 - Perdas e Luto - Alexandre Coimbra Amaral
2021-09-02 01:34:46

Tricô Talks 096 - O Problema do Rato
2021-09-09 41:20

Aviso Importante!
2021-09-14 03:00

#140 - A Paternidade do Gigante Leo
2021-09-16 01:53:47



Episódios - Entre Fraldas - até set 2021

#001. Quando nos tornamos pais (Entre Fraldas)
2016-06-19 19:50

#002. Homens não sabem cuidar de bebês (Entre Fraldas) 2016-06-27 28:11

#003. Mamada ou Cagada: Crossfit, Barack Obama leitor e Proibição de Cesárea (Entre Fraldas) 2016-06-27 28:10

#004. O poder do "Não" (Entre Fraldas)
2016-07-07 34:10

#005. Princesas Disney e as histórias que contaremos para nossas filhas 2016-07-17 36:07

#006. 10 Conselhos que nunca recebemos (Entre Fraldas) 2016-07-25 33:37

#007. Mamada ou Cagada: O filho de Pavlov e Pokemon Go (Entre Fraldas) 2016-07-31 34:59

#008. Homens na Educação Infantil (Entre Fraldas)
2016-08-07 38:45

#009. Esporte, jogo ou brincadeira? (Entre Fraldas)
2016-08-22 38:45

#010. Quando ensinamos preconceitos aos nossos filhos? (Entre Fraldas) 2016-08-28 38:45

#011. Mamada ou Cagada: Cantigas (Entre Fraldas) 2016-09-04 33:06

#012. Filhos e Tecnologia (Entre Fraldas)
2016-09-11 38:07

#013. O primeiro mês do bebê e da mamãe (Entre Fraldas) 2016-09-18 33:38

#014. Ideb e a Escolha da Escola (Entre Fraldas)
2016-09-25 38:15

#015. Mamada ou Cagada: Tudo bem chorar, caso mineiro e sala de aula invertida (Entre Fraldas) 2016-10-03 30:37

#016. Visitando um recém-nascido (Entre Fraldas)
2016-10-09 37:06

#017. Muito Além do Peso (Entre Fraldas)
2016-10-16 37:10

#018. Prematuridade e UTI Neonatal (Entre Fraldas) 2016-10-23 38:39

#019. Entre Vista: Daniel Anand e o YouTube Kids (Entre Fraldas) 2016-10-30 50:48

#020. Mamada ou Cagada: Meditação na Infância, Privacidade na Adolescência e Nome Neutro (Entre Fraldas) 2016-11-07 36:56

#021. Pequenas Escolhas Grandes Problemas (Entre Fraldas) 2016-11-13 36:27

#022. Escoteiro, Sempre Alerta! (Entre Fraldas)
2016-11-21 52:36

#023. Heróis Marvel e as histórias que contaremos para os nossos filhos 2016-11-28 48:44

#024. Mamada ou Cagada: Alfabetização, Pensar com o Corpo e Meninos de Saia 2016-12-04 44:30

#025. Refeições em Família (Entre Fraldas)
2016-12-12 45:13

#026. Mentira ou Fantasia? (Entre Fraldas)
2016-12-18 45:19

- #027. 2016: Primeiro Ano Entre Fraldas (Entre Fraldas) 2016-12-25 45:43
- #028. Mamada ou Cagada: Laços, Peppa Pig e Shakira (Entre Fraldas) 2017-01-01 34:42
- #029. Férias! (Entre Fraldas) 2017-01-08 36:18
- #030. Pai tem que fazer de tudo (Entre Fraldas) 2017-01-15 49:10
- #031. Biblioteca da Criança - Parte 1 (Entre Fraldas) 2017-01-22 49:09
- #031b. Biblioteca da Criança - Parte 2 (Entre Fraldas) 2017-01-24 34:11
- #032. Pequenas Escolhas Grandes Problemas 2 (Entre Fraldas) 2017-01-29 43:36
- #033. Internet Segura (Entre Fraldas) 2017-02-05 48:32
- #034. Mamada ou Cagada: Aristóteles, Primeira Classe e Lego (Entre Fraldas) 2017-02-12 42:43
- #035. Hora do Recreio: Desenhos Educativos (Entre Fraldas) 2017-02-19 50:07
- #036. Bloquinhos Infantis de Carnaval (Entre Fraldas) 2017-02-26 45:13
- #037. Mamada ou Cagada: Mãe de Barba, Mulher Maravilha e Emma Watson 2017-03-05 44:01
- #038. Inglês para Crianças (Entre Fraldas) 2017-03-12 51:13
- #039. Hora do Recreio: Músicas Infantis (Entre Fraldas) 2017-03-19 47:06
- #040. Histórias que Contaremos para Nossas Filhas: Bela Adormecida 2017-03-26 59:39
- #041. Mamada ou Cagada: Lógica, Coco e Heróis (Entre Fraldas) 2017-04-02 44:00
- #042. O Menestrel vai ser Papai (Entre Fraldas) 2017-04-09 42:26
- #043. Hora do Recreio: Filmes Baseados em Livros Infantis (Entre Fraldas) 2017-04-16 50:05
- #044. Entre Vista: Pâmela Machado, uma neta de Lobato (Entre Fraldas) 2017-04-23 49:07
- #045. Mamada ou Cagada: 13 Reasons Why (Entre Fraldas) 2017-04-30 01:10:07
- #046. Na Trilha com a Criançada (Entre Fraldas) 2017-05-08 46:13
- #047. Hora do Recreio: Brincadeiras (Entre Fraldas) 2017-05-14 54:00
- #048. Entre Vista: As massinhas de Marcelo Xavier (Entre Fraldas) 2017-05-21 43:13
- #049. Histórias que contaremos para nossas filhas: a Bela e a Fera (Entre Fraldas) 2017-06-03 58:18
- #050. Mamada ou Cagada: Arminhas, Livros Eróticos e Luana Piovani 2017-06-04 51:26
- #051. Como ajudar meu filho a estudar (Entre Fraldas) 2017-06-11 56:40
- #052. Hora do Recreio: Quadrinhos para crianças, com Rodney Buchemi do MDM 2017-06-19 57:34
- #053. Entre Vista: as Caixinhas de Guilherme Reis (Entre Fraldas) 2017-06-25 39:08
- #054. Mamada ou Cagada: Pais Atraentes, Direitos Humanos e Netflix 2017-07-02 56:54
- #055. Jogos Analógicos para Crianças, com João Carvalho do Decréptos 2017-07-09 59:43
- Fralda Extra. O que Magic e RPG nos ensinaram (Entre Fraldas) 2017-07-16 26:21
- #056. Hora do Recreio: Programas da TV Cultura (Entre Fraldas) 2017-07-20 57:51
- #057. Entre Vista: Educação Pela Música com Ana Cristina (Entre Fraldas) 2017-07-23 47:54
- #058. Criança adoece se ficar com vontade (Entre Fraldas) 2017-07-30 51:19
- #059. Mamada ou Cagada: Pai Adotivo, Hora Certa e Resistência (Entre Fraldas) 2017-08-06 51:40
- #060. Capitão Fantástico, com os Podcrastinadores (Entre Fraldas) 2017-08-12 59:48
- Trailer (Paternidades) 2017-08-16 02:58
- #061. Hora do Recreio: Feito em Casa (Entre Fraldas) 2017-08-21 49:48
- #062. Inatismo e Aprendizagem, com Altay Lino do Naruhodo! (Entre Fraldas) 2017-08-27 57:06
- #063. Mamada ou Cagada: Brinquedo Emprestado, Publicidade e Ensino Religioso 2017-09-04 53:42
- #064. Entre Vista: Lá vem História, com Bia Bedran (Entre Fraldas) 2017-09-10 49:29
- #065. Hora do Recreio: Jogos de Mesa (Entre Fraldas) 2017-09-17 56:58
- #066. Entre Vista: Papai Supimpa, com Change do Melhores do Mundo 2017-09-24 49:21
- #67. Mamada ou Cagada: Grávida Armada, Calçado Ajustável e Homem Nu 2017-10-01 50:45
- #68. Vacinar, para quê? - com Átila Iamarino, Nerdologia / Nerdcast 2017-10-08 01:12:53
- #69. Hora do Recreio: Podcasts para Pais 2017-10-15 44:13
- #70. Hora do Recreio: Detetives do Fusca Azul | #PodosferaUnida 2017-10-20 33:55
- Paternidades - O Circo: Encontros (s01e01) 2017-10-29 26:20
- #71. Mamada ou Cagada: Veganismo, Aniversário e Mãe Egoísta - com Danilo Medeiros do Digitalminds 2017-11-05 55:10
- #72. Terremoto no México: Seu filho está preparado para emergências? 2017-11-12 45:08
- #73. Hora do Recreio: Literatura Negra Infantil 2017-11-19 56:35
- #74. Entre Vista: John Ulhoa do Pato Fu e a Música de Brinquedo 2017-11-26 48:47
- #75. Mamada ou Cagada: Smartwatch, Suco e YouTube, com Piangers 2017-12-03 46:48
- #76. Força de Pai 2017-12-10 48:44
- #77. Hora do Recreio: Filmes de Natal 2017-12-18 33:10
- #78. Entre Vista: o verdadeiro Papai Noel 2017-12-25 38:16
- #79. 2017: Segundo Ano Entre Fraldas 2018-01-01 49:24
- #80. Crianças e Animais de Estimação, com Laços Podcast 2018-01-07 57:59
- #81. Hora do Recreio: Para ver de novo com as crianças, com Fernando Caruso 2018-01-14 59:54
- #82. Entre Vista: Chaps Melo e o Mundo Bitá 2018-01-21 37:08
- Paternidades - O Circo: Famílias (s01e02) 2018-01-28 26:30
- #83. Mamada ou Cagada: Exposição, B e Black Mirror, com Balaio de Pais 2018-02-04 58:04
- Hiperativo #9. Por favor senhor Google 2018-02-07 13:21
- #84. Escola Plural e a Progressão Continuada, com GizCast 2018-02-11 59:57
- #85. Hora do Recreio - Desenhos protagonizados por meninas 2018-02-18 55:40
- #86. Entre Vista: Kiko Mistrorigo, o criador de O Show da Luna e Peixonauta 2018-02-25 47:40
- #87. Mamada ou Cag: Beijo na Boca, Aula de Inform. e Barriga de Aluguel 2018-03-04 52:52
- #88. Arkangel: limites da superproteção dos filhos, c/ Rede Geek e PodProgramar 2018-03-11 01:18:27
- #89. Hora do Recreio: Filmes do Miyazaki, com a Jujuba do Miçangas 2018-03-20 57:22
- #90. Recontando uma História 2018-03-25 18:25
- #91. Mamada ou Cagada: Melhores amigos, ovo de páscoa e ama de leite 2018-04-01 47:55
- #92. Entre Vista: Irene Bertachini encanta o mundo 2018-04-10 38:06
- #93. Hora do Recreio: Steven Universe, com Meteoro Brasil 2018-04-22 01:02:02
- #94. Entre Vista: a Guerreira Viking Rebeca Prado 2018-04-29 49:36
- #95. Paternidade de Palco 2018-05-06 51:02
- #96. Mães não têm tempo livre 2018-05-16 36:20
- #97. Mamada ou Cag: INSS, Sêmem e S Bullock, com Renan Cirilo (NaTrilha) 2018-05-20 56:23
- #98. Hora do Recreio: Viva, A Vida é Uma Festa 2018-05-27 35:21
- #99. Mamada ou Cagada: Racionais, Greve e Sinal Vermelho, com Filipe Mendonça (Chutando a Escada) 2018-06-03 01:01:33
- #100. Entre Vista: Episódio 100 2018-06-10 01:00:00
- #101. Entre Vista: A Mãe Solo Thaiz Leão 2018-06-18 01:04:48
- #102. Escola Forte não é Escola Brava 2018-06-24 57:52
- #103. Crianças e a Cultura do Futebol 2018-07-02 55:59
- #104. Mamada ou Cagada: Instituto Homem, Turma da Mônica e Crianças Refugiadas 2018-07-08 44:50
- #105. Hora do Recreio: Canais do YouTube 2018-07-15 43:40
- #106. Entre Vista: Weber Lopes e o Pé de Sonho 2018-07-22 44:39
- #107. Mamada ou Cagada: Van Gogh, Facetime e Cavalinho Rabiscado 2018-08-05 59:28
- #108. Alienação Parental 2018-08-13 01:18:47
- #109. Hora do Recreio: Pais Vacilões dos Desenhos 2018-08-20 41:44
- #110. Entre Vista: Wagner Yamuto criador do Matraquinha 2018-08-27 42:58
- #111. Mamada ou Cagada: Boletim escolar, fiver parties e polícia materna 2018-09-04 52:20
- #112. Museus: a importância da memória na formação da criança 2018-09-09 57:49
- #113. APAE e o trabalho excepcional 2018-09-17 52:13
- #114. Hora do Recreio: Brincadeiras Sensoriais 2018-09-23 43:33

- #115. O que eles pensam sobre educação? 2018-10-03 01:37:41
- #116. Mamada ou Cagada: Para Casa, YouTube Educativo e Homeschooling 2018-10-07 41:14
- #117. O Papel do Professor 2018-10-15 33:25
- #118. Relação Fraternal | #PodosferaUnida2018 2018-10-21 38:53
- #119. Literatura e Tolerância 2018-10-28 56:44
- #120. Mamada ou Cag: Halloween, Poluição e Doutrin. Comunista, com AfroPai 2018-11-06 52:28
- #121. Entre Vista: Inclusão Escolar com Maria Teresa Mantoan 2018-11-13 48:50
- #122. Hora do Recreio: Instrumentos Musicais 2018-11-20 44:23
- #123. DadTalks 2018-11-25 12:26
- #124. Mamada ou Cag: Cça Multada, Escola com Censura e Papai Noel Negro 2018-12-06 52:21
- #125. Jogos Eletrônicos para Crianças 2018-12-09 01:11:55
- #126. Ajudando seu filho a traçar metas de Ano Novo 2018-12-17 50:21
- #127. 2018: o terceiro ano 2019-01-07 52:38
- #128. Entre Vista: Daniel Munduruku: indígenas e o tempo para as crianças 2019-01-13 47:48
- #129. Educação Religiosa, com Cristiano Barba 2019-02-05 01:11:51
- #130. Mamada ou Cagada: Pai Irrelevante, Escola no Bosque e Maratona Infantil 2019-02-10 48:21
- #131. Hora do Recreio: 35 coisas para as crianças fazerem antes da adolescência 2019-02-20 38:30
- #132. Entre Vista: Danilo Battistini, O Contador de Histórias 2019-02-24 55:11
- #133. Mamada ou Cag: Internet das Coisas, Racismo e Exp às Telas (ao vivo) 2019-03-05 42:31
- #134. Hora do Recreio: Brincadeiras Africanas, com Debora Alfaia 2019-03-11 54:06
- #135. Conversando com crianças sobre tragédias 2019-03-19 55:27
- #136. Lidando com as birras 2019-03-27 40:45
- #137. Mamada ou Cagada: Momo, Pulseira do Sexo e Masturbação 2019-04-01 48:41
- #138. Maternidades: Perspectivas Históricas e Antropológicas 2019-04-08 01:00:00
- #139. Paternidade LGBTQIQA (HQ da Vida) 2019-04-22 59:43
- #140. Hora do Recreio: Brincadeiras de 0 a 2 anos (Entre Fraldas) 2019-04-28 30:42
- #141. Mamada ou Cagada: Boletim Escolar, Pocoyo Autista e Pedro II 2019-05-08 58:28
- #142. Papeis de Gênero em Desenhos Animados (Entre Fraldas) 2019-05-12 01:14:49
- #143. Hora do Recreio: Brincadeiras de 2 a 5 anos (Entre Fraldas) 2019-05-20 33:30
- #144. Criando Filhos Nativos Digitais (Entre Fraldas) 2019-05-29 40:40
- #145. Mamada ou Cag: Jogo Nutricional, Desfile de Adoção e Menos Homem 2019-06-09 41:20
- #146. Pequenas Escolhas, Grandes Problemas 3 (Entre Fraldas) 2019-06-20 49:15
- #147. Hora do Recreio: Brincadeiras de 7 a 11 anos (Entre Fraldas) 2019-06-30 39:25
- #148. Mamada ou Cagada: Previdência, Pelúcia e Oasis (Entre Fraldas) 2019-07-19 59:08
- #149. Hora do Recreio: Brincadeiras 12+ anos (Entre Fraldas) 2019-07-31 45:33
- #150. Homem pra Cuidar (Entre Fraldas) 2019-08-05 46:17
- #151. Gratidão (Entre Fraldas) 2019-08-11 34:44
- #152. Mamada ou Cagada: Hologramas, Desenhos e Cocô na Calça 2019-08-20 42:26
- #153. Hora do Recreio: Divertida Mente (Entre Fraldas) 2019-08-26 57:00
- #154. Mamada ou Cagada: SuperCientistas, Conselho Tutelar e Pânico na Maré (Entre Fraldas) 2019-09-03 47:21
- #155. Donos de Casa (Entre Fraldas) 2019-09-11 34:05
- #156. Donos de Casa: sobre filhos e unicórnios (Entre Fraldas) 2019-09-17 38:09
- #157. Quando o filho não volta pra casa (Entre Fraldas) 2019-09-24 22:24
- #158. Hora do Recreio: Parques Nacionais (Entre Fraldas) 2019-10-01 54:36
- #159. Mamada ou Cagada: Psicólogos nas escolas, notificação e Instagram 2019-10-06 53:31
- #160. Crianças na Cozinha (Entre Fraldas) 2019-10-15 49:42
- #161. Entre Vista: Fábio Yabu (Entre Fraldas) 2019-10-20 50:22
- #162. Hora do Recreio: Experiências Científicas, com o Manual do Mundo 2019-10-30 50:19
- #163. Mamada ou Cagada: Vício em trabalho, mães cientistas e dois pais 2019-11-03 47:10
- #164. Entre Vista: Tiquequê (Entre Fraldas) 2019-11-10 51:49
- #165. Entre Vista: Gisele Domenici e a garota que não gostava de legumes 2019-11-17 33:09
- #166. Testes Genéticos (Entre Fraldas) 2019-11-24 50:51
- #167. Mamada ou Cag: Ex de Seleção, Menino de Vestido e Amor de Mãe 2019-12-01 55:51
- #168. Precisamos conversar sobre Violência Sexual, com Sheylli Caleffi 2019-12-08 50:54
- #169. Hora do Recreio: Jogos Matemáticos (Entre Fraldas) 2019-12-18 42:52
- #170. Uma reflexão sobre felicidade e tempo junto (Entre Fraldas) 2019-12-26 08:31
- #171. 2019: Quarto ano Entre Fraldas 2019-12-31 47:12
- [REPLAY] Paternidades - O Circo: Encontros (s01e01) 2020-01-12 26:20
- [REPLAY] Paternidades - O Circo: Famílias (s01e02) 2020-01-19 26:30
- Paternidades – O Circo: Riscos (s01e03) 2020-01-27 33:22
- Paternidades - O Circo: Escolas (s01e04) 2020-02-10 24:51
- #172. Mamada ou Cag: Coleira Infl, Modem de Férias e Instagram da Filha, com Ira Croft 2020-02-26 34:43
- #173. A vida em quarentena (Entre Fraldas) 2020-03-23 45:50
- T01E01: Os colegas do meu filho já sabem ler e ele não, o que devo fazer? 2020-03-27 03:36
- #174. Despesa Básica (Entre Fraldas) 2020-03-30 51:41
- T01E02. Devo premiar meu filho pelo bom rendimento escolar? (DADTalks) 2020-04-02 04:01
- #175. Mamada ou Cagada: aulas virtuais, filho fumante e arco íris 2020-04-06 01:05:08
- #01. Cerveja com Corona (Espetinho Internacional) 2020-04-06 01:45:54
- T01E03. Devo matricular meu filho em uma escola pública ou particular? 2020-04-09 04:34
- #176. Educando os filhos na quarentena 2020-04-13 50:32
- T01E04. As crianças de hoje já nascem sabendo usar o celular? 2020-04-16 03:29
- #177. Hora do Recreio: Frozen (Entre Fraldas) 2020-04-19 32:46
- #178. Mensalidades Escolares durante a Pandemia (Entre Fraldas) 2020-04-28 58:52
- #179. Estudos e Concentração (Entre Fraldas) 2020-05-04 45:38
- T01E05 - Quem Foi Paulo Freire? (DADTalks) 2020-05-07 04:12
- #180. Mamada ou Cag: Qualid de Vida, Videoconf e Dia das Mães 2020-05-13 52:00
- #01. Coração de Poeta (Histórias de Pai) 2020-05-15 04:18
- #181. Aquisição da Fala (Entre Fraldas) 2020-05-18 01:09:16
- #02. Primeira Palavra (Histórias de Pai) 2020-05-23 04:47
- #182. Hora do Recreio: O Hobbit (Entre Fraldas) 2020-05-25 44:06
- #03. Felicidade é um vinho a mais por dia (Histórias de Pai) 2020-05-28 04:40
- #183. Mamada ou Cagada: Bel para meninas, EaD e She-ra (Entre Fraldas) 2020-05-31 42:18
- #4. Extraordinariamente Ordinário (Histórias de Pai) 2020-06-04 03:26
- #184. Educação Ambiental (Entre Fraldas) 2020-06-08 48:03
- Histórias de Pai #5. A Gaita e o gosto de açúcar 2020-06-11 04:25
- #185. Entre Vista: Marco Aur e as cantigas de roda (Entre Fraldas) 2020-06-14 48:49
- Histórias de Pai #6. A Dança 2020-06-18 04:43
- #186. Hora do Recreio: Dois Irmãos (Entre Fraldas) 2020-06-22 48:36
- Histórias de Pai #7. Fazendo Arte 2020-06-25 03:36
- #187. Criar filhos tolerantes é o bastante? - com João Carvalho) 2020-06-30 01:02:49
- #188. Zoo, saco de feijão e Mel Lisboa 2020-07-06 47:00
- T02E01 - Por que meu filho pede para contar sempre a mesma estória? 2020-07-09 03:55
- Por uma criação antirracista (Entre Fraldas) 2020-07-13 45:11

DADTalks T02E02. Qual é o melhor método de alfabetização 2020-07-16 04:50

Hora do Recreio: Curtas de Animação (Entre Fraldas) 2020-07-21 32:49

DADTalks T02E03. O uso de celulares pode prejudicar a visão do meu filho? 2020-07-23 04:05

Como pensar a volta às aulas? 2020-07-27 49:13

T02E04. O quanto a motivação pode influenciar no desempenho escolar (DADTalks) 2020-07-30 03:51

#192. Como pensar a volta às aulas: riscos de contágio (Entre Fraldas) 2020-08-03 33:13

T02E05. Porque você deveria comprar um despertador para seu filho 2020-08-06 04:22

#193. Mamada ou Cagada: Castigo bíblico, pais canadenses e engraxate 2020-08-11 35:05

T02E06. Por que devo levar meu filho a escola? (DADTalks) 2020-08-13 04:23

#194. Como pensar a volta às aulas: medos e ansiedades 2020-08-17 57:52

T02E07. Meu filho já sabe ler, devo pedir para avançá-lo de ano? (DADTalks) 2020-08-20 04:01

#195. Entre Vista: Hélio Ziskind 2020-08-23 45:40

T02E08. Qual o tempo de concentração de uma criança ou adolescente? 2020-08-27 03:59

#196. Mamada ou Cagada: Regras para Crianças, Gravidez aos 10 e TikTok 2020-08-31 47:59

T02E09. Por que escolher uma escola inclusiva? (DADTalks) 2020-09-03 10:12

#197. Crianças Vegetarianas (Entre Fraldas) 2020-09-14 01:08:42

T02E10. O que são fases da alfabetização? 2020-09-18 05:16

#198. Alienação Parental (Entre Fraldas) 2020-09-21 53:39

T02E01. O Pirata no Aeroporto (Histórias de Pai) 2020-09-24 04:31

#199. Hora do Recreio: 35 atividades para fazer em casa com as crianças 2020-09-28 55:08

#200. Desfralde (Entre Fraldas) 2020-10-05 55:08

[replay] #68. Vacina, para quê? - com Áttila Iamarino 2020-10-11 01:07:21

T02E02. Roubando Docinhos 2020-10-15 03:50

[replay] #62. Inatismo & Aprendizagem (Entre Fraldas) 2020-10-19 58:57

T02E03. O Menino Sem Anjo 2020-10-29 04:53

HdP T02E04. Guerra Geral e Irrestrita Pelo Sono 2020-11-12 04:32

#201. Como conversar com as crianças sobre dinheiro? (Entre Fraldas) 2021-01-31 26:25

#202. Como planejar a mesada? (Entre Fraldas) 2021-02-07 21:34

#203. Como ensinar as crianças a guardar dinheiro? (Entre Fraldas) 2021-02-14 17:02

#204. Como guardar dinheiro para o futuro das crianças? (Entre Fraldas) 2021-02-21 16:10

#205. Como ensinar sobre consumo consciente? (Entre Fraldas) 2021-03-01 24:58

Por que ler para uma criança? 2021-03-15 16:33

Qual a relação da literatura com outras narrativas? 2021-03-22 21:45

Como formar crianças leitoras? 2021-03-29 25:40

O que ler para uma criança? 2021-04-12 27:26

Mamada ou Cagada: Escola Essencial, Gravidez no Esporte e Tatuagem Alheia 2021-05-03 30:55

Isolamento Social e Tempo de Tela 2021-05-17 19:03

Redes Sociais na Educação à Distância 2021-05-24 28:27

Inclusão Digital 2021-06-07 30:46

Mamada ou Cagada: Filhas Homônimas, Loki e Pai do Ano 2021-07-19 24:12

Rotina 2021-08-18 44:24

Mamada ou Cagada: Cabelo Raspado, Jogos Online e Artista Mirim 2021-09-27 36:04



Episódios - Afro Pai - até set 2021

Trailer - AFROPAI
2018-06-07 00:39

001 - O Famoso Lugar de Fala
2018-06-11 43:37

E-mails e Reações T01E01
2018-06-18 19:31

002 - Pra não fugir da raia
2018-06-25 52:27

E-mails e Reações T01E02
2018-07-02 18:41

003 - Gestação e Parto
2018-07-09 56:27

E-mails e Reações T01E03
2018-07-16 20:23

004 - E o relacionamento, como fica?
2018-07-23 01:00:32

E-mails e Reações T01E04
2018-07-30 12:52

- Especial Dia dos Pais
2018-08-12 39:02

005 - E o relacionamento, como fica? Parte 2
2018-08-13 52:48

E-mails e Reações T01E05
2018-08-20 28:05

006 - Ser pai e dar certo na vida
2018-08-27 45:57

E-mails e Reações T01E06
2018-09-10 21:00

007 - Hoje é dia de festa
2018-09-17 48:24

008 - ELE NÃO!
2018-10-01 35:42

009 - O Homem Negro
2018-11-12 01:44:58

010 - Nossas influências
2018-11-26 01:18:13

011 - O negro e a educação
2018-12-10 39:38

012 - Balanço de Natal
2018-12-24 01:33:56

013 - Sobrevivência
2019-01-07 01:31:19

014 - Quem te perguntou?
2019-01-21 01:52:00

015 - Representatividade
2019-02-04 01:15:41

016 - Pega aí seu planner
2019-02-25 01:57:50

017 - Carnavaliza!
2019-03-11 01:31:21

018 - #OPodcastÉDelas
2019-03-25 01:09:42

019 - No Divã
2019-04-08 01:14:25

020 - 80 Tiros
2019-04-22 01:28:55

021 - Mães pela Diversidade
2019-05-06 01:14:33

022 - Colorismo
2019-05-20 02:11:12

023 - No Divã 02
2019-06-03 51:34

024 - A Namorada da minha mãe
2019-06-24 01:02:14

025 - Brincar é poder
2019-07-08 01:37:46

026 - A Cor do Lucro
2019-07-29 01:45:40

027 - Como os Nossos Pais
2019-08-13 01:34:54

Teaser Afropai S3
2020-10-09 02:21

028 - A gente voltou!

029 - Abandono Paterno
2020-10-28 01:18:06

030 - Saindo da realidade brasileira
2020-11-11 01:51:40

031 - Prematuridade
2020-11-25 01:29:39

032 - Ancestralidade Africana
2020-12-09 01:18:25

033 - Sankofa
2020-12-23 01:33:33

034 - Nossa casa, um refúgio
2021-02-10 01:05:55

035 - O Mundo Fantástico para Crianças Pretas com Jim Anotsu 2021-02-24 01:31:32

036 - Personalidades pretas que amamos
2021-03-10 01:03:18

037 - Birra
2021-03-24 01:08:31

038 - Branquitude e anti racismo com Thiago Queiroz (Paizinho, Virgula!) 2021-04-07 01:15:09

039 - Carga mental na pandemia com Tadeu França 2021-04-21 01:07:00

040 - Mãe preta incrível com Andressa Reis 2021-05-05 01:06:35

041 - Filho criado com vó com Thiago André (História Preta) 2021-05-19 01:09:19

042 - Criação antirracista com Entre Fraldas 2021-06-02 01:14:05

043 Paranoias 2021-06-30 01:03:37

044 - Alimentação infantil com Rhubia Araújo 2021-07-14 01:25:09

045 - Meu cabelo e eu com Ismael Carvalho 2021-07-28 01:16:26

046 - AfroPais 2021-08-08 43:41

047 - AfroPais pretos com Podcast Pais Pretos 2021-08-25 01:13:17

048 Fora da rotina não há salvação 2021-09-22 59:30



Episódios - Balaio de Pais - até set 2021

Episódio Piloto - Referências 2016-08-04 50:40

Episódio #01 Toma que o filho o teu 2016-08-12 01:09:45

Episódio #02 - Expectativas 2016-08-23 59:25

Episódio #03 - Praticando as Teorias 2016-09-19 01:29:44

Episódio #04 - Mamãe tá na roça, papai foi cozinhar 2016-10-06 01:02:01

Episódio #05 - Caminhos Do Balaio 2017-05-20 01:05:42

Episódio #06 - AGRESSIVIDADE 2017-06-05 55:043

Episódio #07 Consumismo 2017-07-24 01:20:42

Episódio #08 AGRESSIVIDADE adulta 2017-09-13 01:13:451

Episódio #09 Coisa de Menina Coisa de Menino? 2017-10-11 01:12:111

Balaio Escuta #01 2017-11-01 01:25:281

Episódio #10 Mentiras 2017-11-17 01:17:45

#11 Escala Hilbert de Paternidade 2017-12-13 54:45

Episódio #12 Brincar 2018-01-31 01:04:041

BALAIO ESCUTA 02 Contando Os Dias 2018-02-26 51:20

13#BALAIO DE PAIS_PATERNIDADE AFETIVA 2018-03-28 01:34:001

BALAIO ESCUTA 03 CARGA MENTAL 2018-05-15 01:33:151

14# BALAIO DE PAIS_ALIMENTACAO 2018-07-02 01:12:542

#15 BALAIO DE PRETOS 2018-07-19 01:26:11

#16 BALAIO DE PAIS - TELAS 2018-09-05 01:13:11

BALAIO DE PAIS#17 2018-10-30 01:52

#18_SEGUNDO FILHO 2018-11-08 01:13:07

BALAIO DE PRETOS 2 2018-11-30 01:07:35

#19 Sono 2019-03-11 01:12:

BALAIO SESC CONSOLAÇÃO 2019-04-16 01:15:40

A SOMBRA DO PAI 2019-05-19 01:23:58

22# Pais com Limitações Físicas 2019-06-19 01:21:

23#Eu Sei o Que é Melhor Pra você 2019-07-08 44:361

24# BALAIO MASCULINIDADES 2019-08-08 01:04:052

Carreiras 2019-09-12 47:361

#26 INDIVIDUALIDADE 2019-11-07 57:181

PUERPÉRIO 2020-03-12 55:381

28-Relatos da quarentena-01 2020-06-08 01:02:031

Criação antirracista 2020-07-29 06:42:461

#30 CUIDADO 2020-11-06 01:06:36

#31 SAÚDE DO HOMEM 2021-06-24 59:04

#32_MUDANÇAS 2021-09-03 01:07:49

ANEXO A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: **Paternidades em debate nas mídias contemporâneas**

Pesquisador Responsável: Rafael Candeloro Campoi

Nome do participante:

Você está sendo convidado para participar do Projeto de pesquisa intitulado “Paternidades em debate nas mídias contemporâneas” de responsabilidade do pesquisador Rafael Candeloro Campoi.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que responda este email, seguindo o que consta no item 9 deste Termo. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo (Re)Conhecer o fenômeno das paternidades por meio do conteúdo e alcance do seu debate contemporâneo nas mídias sociais, em particular em podcasts. Procura, dentre outras coisas, identificar como ocorre o debate sobre paternidades veiculado pelo podcast que você produz.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista semiestruturada (cujas questões norteadoras encontram-se em anexo a este e-mail) de duração de cerca de uma hora, que ocorrerá por meio de um encontro online através de uma plataforma virtual (possivelmente o Microsoft Teams) que será gravado para fins de sistematização de informações, guardado o devido sigilo.
3. Durante a execução da entrevista poderão ocorrer riscos de instabilidade da rede de internet que poderá causar a necessidade de interrupção da entrevista e sua realização em outro momento.
4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão em nível de produção de conhecimento sobre o tema abordado, e sua colaboração irá enriquecer a pesquisa, fazendo ampliar o debate no meio acadêmico sobre Paternidade, e o conhecimento sobre a mídia podcast.
5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância no decorrer da pesquisa a qualquer momento.
6. Sua participação não implica em riscos. No entanto, caso sinta algum desconforto em relação ao conteúdo da entrevista, você pode desistir de participar, a qualquer momento.
7. Haverá um momento em que você poderá indicar o modo que gostaria de ser tratado na apresentação da pesquisa (Dissertação de Mestrado), e caso desejar, seu nome será mantido em

sigilo, assegurando sua privacidade. Se desejar terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação.

8. As informações coletadas serão utilizadas única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

9. Se você estiver de acordo com este termo, responda por e-mail com a seguinte mensagem: Concordo em dar entrevista para a pesquisa "Paternidades em debate nas mídias contemporâneas", sob responsabilidade de Rafael Candeloro Campoi, mantendo minha identificação sob sigilo. [ou: autorizando minha identificação na pesquisa como... — identificar o modo, com o nome ou pseudônimo].

Nome:

RG.:

Data:

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Rafael Candeloro Campoi, pesquisador responsável pela pesquisa, telefone: -----, e-mail: -----, com a pesquisadora Eunice Teresinha Fávero - orientadora, -----, com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, Campus Monte Alegre localizado na Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015-001, Fone (Fax): (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br.

ANEXO B — PARECER — COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

PARECER

PROJETO DE PESQUISA DE MESTRADO:

Título: Paternidades em debate nas mídias contemporâneas

Aluno: Rafael Candeloro Campoi

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Teresinha Fávero

O projeto de pesquisa de mestrado de Rafael Candeloro Campoi, sob orientação da professora Dra. Eunice Teresinha Fávero, se insere na área de concentração "Política Social", em sua linha de pesquisa "Serviço Social, Políticas Sociais e Movimentos Sociais", com interfaces com as demais linhas de pesquisa dessa área, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social.

Como objetivo geral, buscará "(Re)Conhecer o fenômeno das paternidades por meio do conteúdo e alcance do seu debate contemporâneo nas mídias sociais, em particular em podcast". Especificamente, pretende: - Analisar o debate sobre paternidades em produções veiculadas na mídia podcast; - Identificar o alcance social do conteúdo sobre paternidades veiculado em podcasts; - Contribuir com a sistematização do debate sobre a temática com vistas à socialização no meio profissional do Serviço Social.

A metodologia será prioritariamente qualitativa, fazendo uso de estudos bibliográficos e documentais; da análise de conteúdo de episódios de podcast selecionados a partir de programas voltados à temática; e de entrevistas semiestruturadas, por meio virtual, com produtores de quatro podcasts voltados ao público paterno, com maior número de episódios produzidos – cujas respostas também serão submetidas à análise de conteúdo, com base em categorias analíticas articuladas ao referencial teórico adotado, assim como categorias que poderão emergir da própria pesquisa de campo.

A pesquisa obedecerá às normas e princípios éticos na sua aplicação, com submissão ao Comitê de Ética da PUCSP. Entre outros procedimentos, todas as entrevistas serão realizadas após ciência e concordância dos participantes, mediante TCLE.

A pesquisa proposta atende demanda e interesse do PEPGSS e da universidade, respondendo a uma lacuna do próprio programa e do Serviço Social em geral, sobre estudos com foco em paternidades e masculinidades. Tanto a temática como o uso de mídias sociais como fontes de pesquisa revelam a originalidade desse debate para o Serviço Social.

O aluno cumpriu todos os créditos exigidos e teve seu projeto aprovado no exame de qualificação, cuja banca destacou a originalidade, relevância e atualidade do tema, assim como recomendou a ampliação do diálogo com a literatura crítica feminista.

Frente ao exposto, manifesto parecer favorável quanto ao mérito acadêmico do projeto de pesquisa do mestrando Rafael Candeloro Campoi, a ser submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

São Paulo, 16 de junho de 2021.



Profa. Dra. Graziela Acquaviva



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Paternidades em debate nas mídias contemporâneas

Pesquisador: Rafael Candeloro Campoi

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51151721.2.0000.5482

Instituição Proponente: pontificia universidade católica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.092.841

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social (PEPG em SSO), vinculado à Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Rafael Candeloro Campoi, sob a orientação da Profa. Dra. Eunice Terezinha Fávero.

As informações citadas, no corpo do presente PARECER CONSUBSTANCIADO, nos campos: Apresentação do Projeto; Objetivo da Pesquisa; & Avaliação dos Riscos e Benefícios; foram extraídas do arquivo PDF denominado: "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1777009.pdf Informações" resultado do preenchimento das 6 (seis) etapas do processo de submissão do presente PROTOCOLO DE PESQUISA via sistema integrado nacional Plataforma Brasil.

O supracitado documento informa que "A proposta desta pesquisa é a de conhecer o debate sobre paternidades, por meio da mídia podcast. Para tanto, construiremos o cenário das bases patriarcais nas quais a sociedade contemporânea encontra-se alicerçada, visto que existem muitas práticas relacionais que reatualizam a dinâmica do patriarcalismo, neste cenário será possível refletir sobre dois aspectos relevantes da discussão sobre as paternidades. Propomos conhecer (1) as discussões sobre as masculinidades e sobre a paternidade como uma condição privilegiada

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

tanto para a reprodução dessa dinâmica patriarcalista quanto para a sua superação; e (2) as diversas transformações socioculturais no sentido de uma igualdade de gênero (conquistas importantes dos movimentos feministas ao redor do mundo), que também repercutem na forma de agir de muitos homens, dentre os quais aqueles que se tornam pais (biológicos, adotivos, afetivos, solo etc.), de modo que tais repercussões reverberam na possibilidade de um exercício da paternidade que não seja moldada por aquelas práticas patriarcalistas. Para tanto, partiremos de uma diferenciação conceitual da paternidade dita tradicional, em oposição àquela que chamaremos de participativa. Em diversos espaços, acadêmicos ou não, é possível observar a existência de muitas adjetivações em relação à paternidade, tais como: acolhedora, afetiva, afetuosa, alternativa, atenta, ativa, consciente, cuidadosa, efetiva, engajada, envolvida, equânime, esclarecida, esforçada, integrada, integral, lúcida, nova, participativa, positiva, presente, protagonista, responsável, sensível, significativa. A despeito de ainda encontrar forte resistência no âmbito individual (dos que se tornam pais) e mais amplo (da sociedade como um todo), supõe-se que a paternidade participativa seja um fenômeno carregado de possibilidades de superação de práticas baseadas em padrões patriarcais vigentes. Por óbvio que ele por si só não carrega a capacidade de acabar com todas as práticas patriarcalistas, pois entende-se que este fenômeno - homenspais comprometidos com o exercício da paternidade - é derivado de movimentos anteriores e muito mais amplos (Feminismo, discussão sobre gênero, masculinidades, direitos das crianças e adolescentes etc.), e sendo assim, com eles pode construir uma sociedade diferente. E, em outro nível, no âmbito das pessoas envolvidas nas relações parentais e familiares, existem possibilidades de qualificação das relações interpessoais: a criança (filho/a) poderá receber mais cuidado e atenção - o que possibilitará um desenvolvimento mais qualificado; o outro adulto da relação (o par parental) se beneficiará com a divisão mais equânime das tarefas envolvendo a criança e a vida doméstica; e a própria pessoa que exerce a paternidade pode livrar-se das amarras sociais patriarcalistas e machistas, que atravancam possibilidades relacionais mais humanas. Pode não ser muito, mas também não é pouco dentro do movimento de manutenção das conquistas e avanço das lutas. Isto posto, nossa pesquisa abordará a perspectiva de que atualmente não se pode ignorar o uso das tecnologias de comunicação e informação para iniciar e fazer reverberar discussões e ações sobre diferentes temas. O mundo digital na contemporaneidade se constrói e se consolida como um instrumento de poder para influenciar as pessoas, em seu modo de agir, se expressar e até mesmo para escolhas de valores que regem a vida cotidiana. Por isso, foi escolhido o campo da internet para a pesquisa, especificamente os podcasts que produzem conteúdo sobre paternidades. A contemporaneidade tem como um de seus aspectos o rápido desenvolvimento das

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

tecnologias e a inovação acelerada destas - tais processos são repletos de contradições e possibilidades. Assim, entende-se a internet, de modo geral, e a integração das mídias e o uso das redes sociais, de modo específico, como uma modalidade bastante difundida para integrar pessoas, ideias e ações. Neste aspecto, o podcast, concebido no início do século XXI (e portanto ainda novo, se comparado com outros meios de comunicação), também é uma mídia carregada daquelas contradições e possibilidades, pois é usado para a criação e divulgação de conteúdo dos mais diversos, e cresce a cada ano em número de produtores de conteúdo (podcasters e programas) e consumidores/ouvintes. Segundo a Associação Brasileira de Podcasters - ABPod (2019), existem mais de 2000 programas de podcasts brasileiros ativos. Os temas são variados, e dentre eles selecionamos três podcasts que tratam exclusivamente sobre paternidades com perspectiva anti machista e anti patriarcalista: Tricô de Pais, Entre Fraldas, AfroPai e Balaio de Pais - a este grupo denominaremos de "podcasts voltados para pais". Existem alguns que, dentro de sua programação, fizeram episódios isolados tratando sobre o tema "paternidade", como é o caso do MEMOH (cuja temática mais geral é sobre masculinidades) e o Mamilos (que, com um viés jornalístico, trata sobre todos os tipos de tema). A pesquisa será realizada no âmbito desses seis podcasts: os quatro voltados para a produção de conteúdo sobre paternidade especificamente, ou seja, os voltados para pais, e os dois que produziram episódios isolados sobre o tema, mas que não produzem conteúdo específico sobre paternidade. Nestes, analisaremos o conteúdo dos episódios, e naqueles podcasts voltados para pais realizaremos entrevistas semiestruturadas com seus produtores/proprietários para obter informações sobre o podcast de modo geral, e sobre o alcance do podcast. Acreditamos que há muito o que avançar sobre a temática das paternidades, no viés anti machista e anti patriarcalista, de modo que as frentes de avanço devem ser estendidas para além das redes sociais, como aquelas de advocacy para qualificação de políticas públicas (como os debates sobre licença parental, trocadores em banheiros masculinos, saúde do homem, paternidades atravessadas por interseccionalidades, participação do pai no pré-natal etc.) e aquelas que envolvem o âmbito das relações familiares. Sabe-se que o profissional do Serviço Social tem acesso privilegiado a estas e nas diversas políticas públicas atuam no cotidiano da população atendida, por isso entende-se que esta profissão pode se apropriar das discussões contemporâneas sobre paternidades para não reproduzir em seu trabalho os padrões patriarcais vigentes na sociedade."

Introdução:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

A interlocução dos temas "Paternidades" e "Mídias Contemporâneas" que estamos discutindo no âmbito do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP desde sempre nos foi apresentado como um desafio, pois são temas pouco trabalhados no referido Programa, especificamente, e no Serviço Social como um todo. Por outro lado, preservamos o esforço em estabelecer conexões com temas que hoje são caros à realidade de trabalho da categoria profissional, como aqueles que envolvem a superação do patriarcado e suas práticas, e aqueles sobre gênero - e, em certa medida, também sobre raça/etnia e classe.

A escassez de material sobre o tema se revelou plenamente quando foi feita a pesquisa exploratória sobre Paternidade na seara do Serviço Social.

Esta pesquisa consistiu em consultar no Catálogo de teses e dissertações da CAPES os descritores "Paternidade", "Paternidades" e "Paternidade Ativa". Como resultado da pesquisa, encontramos apenas 18 produções acadêmicas no âmbito de Programas de Pós-Graduação em Serviço Social (um de doutorado e 17 de mestrado) que possuem em seu título, palavras-chave ou resumo o descritor "paternidade", dentro do lapso temporal de 1988 a 2020. As inferências iniciais da pesquisa são:

Ainda é incipiente o número de pesquisas voltadas ao conhecimento sobre as paternidades dentro do Serviço Social. Porém, no âmbito das Ciências Humanas (Direito e Psicologia, principalmente) a discussão é consideravelmente maior;

Destacamos uma produção que discute as paternidades na perspectiva ético-política que imprimimos em nossa pesquisa.

Isso transformou o desafio de realizar a pesquisa em um empenho/esforço para contribuir para as discussões, revelando que dentre as motivações

possíveis para sua realização a escassez de pesquisas voltadas aos temas no âmbito do Serviço Social congrega elementos de cunho pessoal (como posso contribuir para a discussão), profissional (a produção pode colaborar com a superação de práticas profissionais com viés patriarcalista) e teórico (a análise sobre o tema se embasa em uma perspectiva teórica marxista). Entendemos que congregar este aspecto (da escassez) com o

campo de nossa pesquisa (Mídias contemporâneas) imprimimos uma carga maior de novidade à nossa proposta - tanto a temática como o uso de mídias sociais como fonte de pesquisa revelam a originalidade desse debate para o Serviço Social.

Inicialmente, a dinâmica de apreensão da temática se deu de forma dialética e complementar entre as dimensões que serão apresentadas,

evidenciando que "a relação entre o pesquisador e o seu campo de estudos se estabelece

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

definitivamente" (MINAYO, 2009, p.13). A dimensão pessoal, se refere ao fenômeno do exercício da paternidade a partir do planejamento, nascimento e criação do meu filho Francisco. Este processo demandou certas pesquisas exploratórias para identificar um "tipo" de paternidade com a qual eu me identificasse e que pudessem (as pesquisas exploratórias) me ajudar a não reproduzir a paternagem que recebi de meu pai e a que percebia na sociedade. Por isso, as buscas foram em diversos âmbitos, incluindo a mais básica e popular de todas: o Google. Este processo conduz a um caminho repleto de termos, conceitos e propostas bastante positivas, e que remetem a um certo fervilhamento de vida, mesmo que restrito a uma espécie de "grupinho" que propõe iniciativas das mais variadas que intentam ampliar o exercício de relações parentais mais qualificadas em diversos âmbitos (individual, familiar, comunitário, social e societário).

A segunda dimensão se refere às diversas possibilidades de construção do nosso exercício profissional, quando, na atuação como assistente social judiciário na Comarca de Taquarituba/SP, percebemos que em meio ao cotidiano profissional e processual há muitos pais que (não) são interessados em participar ativamente na vida dos filhos, quando muitos homens têm que ser instados judicialmente a colaborar com a vida de seus próprios filhos (em Ações de Regulamentação de Visitas ou Alimentos, por exemplo), ou quando, ao contrário, alguns ingressam com Ação de Guarda para chamar a responsabilidade para si (em Ação de Guarda Compartilhada ou Unilateral paterna). A partir dessa realidade abriu-se diversas possibilidades de renovação do modo de atuar profissionalmente.

Sou um homem-pai trabalhador do Poder Judiciário, um ambiente institucional majoritariamente masculino, reprodutor de relações sociais específicas de classe, raça e gênero/sexo, porém, minha inserção nesta instituição se dá através de uma profissão (um cargo) que, em sua maioria, é formada por mulheres. Na atuação profissional, que demanda, muitas vezes, "escolher um lado" (entre as condições sociais de uma ou outra parte do processo, por exemplo), tenho que estar frequentemente atento para não reproduzir opressões, colocando pessoas em lugares opressivos, que

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

são determinados por práticas estabelecidas pelo patriarcado, pelo capitalismo, pelo racismo, pelo machismo etc.

Um exemplo disso é quando não questionamos as visões muitas vezes presente no judiciário, na sociedade e entre profissionais do Serviço Social,

de que a mulher tem seu lugar como uma cuidadora natural, ou quando são minimizadas as atitudes de pais que não participam da vida dos filhos -

como se o lugar do homem, ao contrário do da mulher, não fosse o de cuidado. O presente trabalho será um contributo importante para esta

realidade, para possibilitar a análise mais aprofundada da paternidade em suas ausências e presenças, suas bases sociohistóricas, e em suas

possibilidades de construção de relações diferentes, cujo direcionamento ético-político pretendemos inserir no horizonte da emancipação humana.

Esta dinâmica não se limita à atuação profissional no judiciário, mas pode extrapolar para outros campos de atuação, especialmente aqueles que

realizam trabalho social com famílias e em Rede (atuação no Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes - SGD).

A terceira dimensão da apreensão da temática e da motivação por realizar esta pesquisa é teórica, visto que, as buscas pelo exercício da

paternidade participativa (que rompa com práticas patriarcalistas) tem suas razões mais profundas, baseadas numa construção histórica e social da

paternidade, e esse movimento sofre e promove influências na dinâmica social. Observamos, a partir dos achados preliminares deste projeto, que há

uma contraposição entre a Paternidade Tradicional (concebida apenas como provedora, machista, patriarcal etc.) e a Paternidade Participativa (que

busca ser caracterizada por ser ativa, participativa, responsável, presente, consciente etc.). Isto revela que o exercício desta possibilita o avanço da

possibilidade de superação da ordem estabelecida - em conjunto com as questões mais ampliadas, como as demandas feministas, relações sociais

de sexo/gênero, justiça social, as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos (e não como objeto), ampliação/qualificação das Políticas

Sociais voltadas à família etc.

Neste sentido, pesquisar sobre a temática nos levou a um exercício de aprofundamento do conhecimento sobre a ontologia do ser social (a partir do

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

sociólogo Gyorgy Lukács) para localizar a paternidade a partir de sua descoberta num determinado estágio de desenvolvimento da humanidade

(fundamentado nos estudos de Friedrich Engels), demonstrando que ela é, assim como a família e no âmbito dela, construída social e

historicamente. Outros temas também são aprofundados, como o patriarcado enquanto sistema de dominação e desqualificação das mulheres; o

movimento de mulheres pela superação do patriarcado, em meio ao sistema capitalista - que contraditoriamente oprime e viabiliza a luta de

mulheres por liberdade; as discussões sobre gênero, que viabilizaram o debate sobre masculinidades, e dentro dele, sobre paternidades.

A quarta dimensão diz respeito à experiência acadêmica, que a despeito de parecer se tratar de algo estritamente pessoal, ela revelou como a

construção do conhecimento é eminentemente coletiva, tanto no que se refere ao que poderemos contribuir, mas principalmente como as outras

pessoas com quem convivemos nesta trajetória contribuem com este projeto de pesquisa e sua posterior execução. Isso tudo não foi livre de

desafios também. Desde há muito tempo relutei em me aventurar na vida acadêmica em razão da distância geográfica dos programas de pósgraduação. No primeiro ano após a conclusão da graduação em Serviço Social na UNESPAR/Apucarana-Pr, ensaiei o ingresso no Mestrado em

Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, porém, devido às condições de trabalho e alguns caminhos que a vida apresentou, fui

trabalhar na Região do Norte Pioneiro do Paraná, distante física e materialmente dos centros de produção de conhecimento. Somente 10 anos mais

tarde, já em Taquarituba-SP e sob influência de uma colega que mostrou que é possível superar os obstáculos da distância (314 Km em 5 horas de

viagem de ônibus), consegui me submeter ao processo seletivo de 2019/2 do PEPGSS da PUCSP, e ingressar no primeiro semestre de 2020.

O ano de 2020 foi marcado pelo início do contexto pandêmico e a necessidade de afastamento social, impondo para a vida acadêmica o

distanciamento entre as pessoas e o ensino remoto/virtual, situação repleta de desafios e contradições. Outra realidade desafiadora foi a

continuidade das medidas de cortes orçamentários e ataques à Ciência e produção científica no Brasil engendradas pelo Governo Bolsonaro -

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

claramente descompromissado com o avanço da Ciência - que nos afetou no início do ano letivo com a concessão extemporânea das bolsas

CAPES que já nos haviam sido atribuídas. Tais medidas nos afetaram pessoalmente e afetam sobremaneira o PEPGSS-PUCSP, que apesar de ser

de excelência corre riscos de descontinuidade se tal política se mantiver.

Por fim, salientamos o caráter complementar de todas estas dimensões, visto que separá-las fez parte de um esforço pedagógico para apresentá-las.

Dito isso, consideramos importante apresentar o início da trajetória de nossa pesquisa, que, a partir de algumas pesquisas exploratórias, informais e

iniciais, obtivemos a percepção de que nos últimos anos muitas ações, reuniões, encontros, seminários, eventos e programas de podcast ou do

Youtube sobre paternidade ocorrem com certa frequência, o que nos remeteu a buscar entender os conteúdos transmitidos e o alcance desses fenômenos e estratégias.

Partindo do pressuposto de que nenhuma pesquisa é neutra (MINAYO, 2019, p. 13), acredita-se que tais questões precisam ser consideradas e

analisadas, de modo a, inclusive, servir de fundamento para novas ações (políticas, inclusive), que conduzam ao rompimento da bolha, auxiliando

para a superação do modelo tradicional, patriarcal e machista tanto de masculinidade e conseqüentemente o de paternidade. De modo que, com o

avanço societário, no futuro, adjetivar a paternidade (de ativa, participativa, responsável, dentre outros adjetivos) já não terá mais sentido.

Terezinha Souza (2015) define o patriarcado "como o poder que o homem exerce por meio dos papéis sexuais" (p. 476), e este poder é manifestado

de diversas formas através das opressões ao longo da história. De modo que o patriarcado, enquanto uma construção histórica, se vale das

diferenças culturais, históricas, de classes e raça/etnias, porém, a autora também evidencia o caráter reativo intrínseco às manifestações de

opressão:

a cada nova forma na qual essa opressão se expressa, novas vozes surgem para combatê-la, às vezes equivocadas, às vezes acertadas; nesse

quadro, entre perdas e retomadas, a opressão ganha a maioria das batalhas, embora sempre se levantem vozes, solitárias ou coletivas, de

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

mulheres (e, mesmo que minoritárias, até de homens) para combatê-la (Idem, 2015, p.476).
Uma das manifestações dessa opressão é evidenciada no trabalho reprodutivo da vida cotidiana que, historicamente, é trabalho das mulheres, e não remunerado, mas é fundamental para produção da mão de obra capitalista e para a própria reprodução no sistema. A inserção massiva das mulheres no campo da produção capitalista, sem que houvesse uma modificação nas relações sociais e familiares, possibilitou escancarar a opressão e exploração das mulheres. Assim, é possível observar em um dado contexto histórico o surgimento de movimentos contestatórios à essa opressão/exploração. Os movimentos de mulheres e feministas trouxeram à tona o debate sobre os papéis sociais de homens e mulheres, ou seja, o debate pelo qual emergiu o termo gênero. Isto implicou em discutir o masculino e as masculinidades e, por consequência, as paternidades. As discussões sobre o conceito de gênero abarca grandes problematizações e polêmicas, de ordem conceitual, teórica e política, e também, são consideradas relativamente recentes (CISNE, 2012, apud. COSTA, 2017, p. 63). Basicamente, o termo possibilita a compreensão sobre a construção social com base nas diferenças biológicas entre homens e mulheres e permite aprofundar a análise das relações de poder entre estes sujeitos. O sistema sexo/gênero é analisado com o viés da necessidade de se "desnaturalizar as prescrições e práticas sociais atribuídas a (e incorporadas e naturalizadas por) homens e mulheres, consideradas marcações masculinas e femininas" (MEDRADO & LYRA, 2008, p. 815). Sendo assim, é possível entender que as conquistas que as lutas das mulheres alcançaram no sentido de uma sociedade mais justa levaram a propostas de mudanças nas condições de vida tanto de mulheres como de homens. Isso abriu espaço para que as masculinidades também fossem problematizadas, a partir da crítica da dita "masculinidade hegemônica" - que, como visto, não é natural, e sim construída social e historicamente. Uma consequência dos debates sobre as masculinidades, para além do desenvolvimento teórico e enriquecimento da produção de conteúdos, é a convocação e o envolvimento dos homens em atitudes e comportamentos mais equitativos. E em

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

meio a estes estudos, onde a paternidade era frequentemente analisada a partir da ausência paterna (apontada nos muitos estudos das áreas do Direito e da Psicologia, mas também nos poucos da área do Serviço Social) propomos pesquisar o incentivo à presença paterna na vida dos filhos, a partir do debate que ocorre nas redes sociais, especificamente na mídia podcast, sobre a paternidade participativa. MINAYO (2019, p. 12), ao tratar da historicidade das Ciências Sociais, aponta para o direcionamento dado para nossa análise: (...) cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica têm alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações. Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem o futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo. Portanto, a provisoriamente, o dinamismo e a especificidade são características de qualquer questão social. (grifo nosso) Deste modo, no decorrer da história da humanidade o modo de garantir tanto a produção como a reprodução de novas pessoas foi se modificando, sofrendo interferências de diversos âmbitos (cultura, temporalidade, localidade, são dimensões muito relevantes para a compreensão das interferências apontadas). O excerto apresentado acima destaca a importância do influxo das comunicações para traçar elementos comuns na passagem da experiência de vida numa mesma época histórica. E é sobre essas comunicações, marcadas pelas características de nosso tempo, que se percebe a tentativa de disseminação da noção e prática da Paternidade Participativa em redes sociais. A transmissão de conteúdos diversos através de diferentes meios de comunicação não é novidade na história da humanidade, e já se desenvolveu em vários âmbitos. A mídia podcast é um desses meios, um dos mais recentes, inclusive (desenvolvido, sob as bases de outros meios mais antigos, como o rádio, o computador e a internet, apenas no século XXI). A paternidade também não é novidade, muito menos aquela marcada pelas

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

relações patriarcalistas. Porém, com o avanço das lutas dos movimentos feministas e das discussões sobre relações de gênero, bem como com a ampliação dos direitos das crianças e adolescentes e os avanços das políticas voltadas às famílias da classe trabalhadora, o patriarcalismo tem sido rebatido frontalmente, de modo que Göran Therborn (2006, p. 113) afirma categoricamente que "o patriarcado, o direito do pai, foi o grande perdedor do século XX".

A mídia podcast tem sido usada para transmitir conteúdo sobre o exercício de uma parentalidade mais equânime, com conteúdo voltado para e produzido por pais. Realizaremos uma pesquisa que pretende analisar o conteúdo de alguns episódios selecionados que tratam do tema paternidade numa perspectiva que se propõe a ser diferente da tradicional e, também, realizar aproximações sobre o alcance social dos podcasts selecionados que são voltados para pais.

Neste sentido, os podcasts analisados buscam questionar a paternidade tradicional, entendida como aquela com demarcações rígidas de atuação ou comportamento no âmbito do cuidado da prole, e também da casa/do lar. Tais demarcações são determinadas pelas relações sociais construídas em bases patriarcalistas e machistas, ou seja, nos ditames que definem o que é papel de/do homem e de/da mulher no âmbito doméstico e familiar.

E como não é possível desvincular o pesquisador de sua pesquisa, da mesma forma que não é possível retirar o chão que pisamos, nossa contribuição será com a produção de um trabalho marcado pelo horizonte temporal acadêmico em nível de mestrado, o qual tem potência de reverberar (mesmo que indiretamente) no universo profissional do Serviço Social.

Hipótese:

A proposta em questão trata-se de pesquisa qualitativa, portanto, não utilizará de Hipótese.

Metodologia Proposta:

Realização de pesquisa exploratória, bibliográfica e documental sobre o Estado da Arte relativo à

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: comelica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

produção acadêmica sobre Paternidade no âmbito do Serviço Social a partir do Repositório da CAPES.

Realização de pesquisa bibliográfica para conhecimento sobre a história e construção social da Paternidade; sobre Patriarcado; sobre Gênero; sobre Masculinidades; e sobre a mídia podcast.

Análise do perfil socioeconômico dos ouvintes de podcasts construído a partir da PodPesquisa realizada em 2019 pela ABPod (Associação Brasileira de Podcasters).

Pesquisa exploratória em um agregador de podcast para levantar a quantidade de episódios produzidos com o descritor "Paternidade", ordenando por ordem de atuação (quantidade de episódios produzidos).

Transcrição dos episódios selecionados ("A Nova Paternidade" e "O Homem Pai" do Mamilos Podcast e "Paternidades" - dividido em duas partes, do

Memoh) para viabilizar a análise de seus conteúdos.

Coleta de informações através de entrevista virtual semi estruturada com os produtores dos quatro podcasts selecionados, que são voltados para pais, e análise dos resultados - a modalidade virtual se dá em razão do contexto pandêmico e orçamento limitado da pesquisa.

Desfecho primário:

Estima-se que a presente pesquisa irá contribuir com o debate sobre paternidades e mídias contemporâneas; com a identificar a produção de conteúdo sobre Paternidade Participativa veiculado em podcasts; e contribuir com a sistematização do debate sobre a temática com vistas à socialização no meio profissional do Serviço Social.

Tamanho da Amostra no Brasil- 4

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

(Re)Conhecer o fenômeno das paternidades por meio do conteúdo e alcance do seu debate contemporâneo nas mídias sociais, em particular em podcasts

Objetivo Secundário:

- Analisar o debate sobre paternidades em produções veiculadas na mídia podcast;
- Identificar o alcance social do conteúdo sobre paternidades veiculado em podcasts;

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@puccp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

- Contribuir com a sistematização do debate sobre a temática com vistas à socialização no meio profissional do Serviço Social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Durante a execução da entrevista poderão ocorrer riscos de instabilidade da rede de internet que poderá causar a necessidade de interrupção da entrevista e realização em outro momento.

Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância no decorrer da pesquisa a qualquer momento. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

Benefícios:

Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão em nível de produção de conhecimento sobre o tema abordado, e sua colaboração irá enriquecer a pesquisa, fazendo ampliar o debate no meio acadêmico sobre Paternidade, e o conhecimento sobre a mídia podcast.

Os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.841

1. Folha de Rosto - OK;
STATUS = APROVADO

2. TCLE - OK;

2.1 DETALHAMENTO DA Não PENDÊNCIA: O TCLE do pesquisador está claro e preciso fornecendo todas as especificações e esclarecimentos necessários aos sujeitos pesquisados sobre os objetivos e o desenlace da pesquisa.

STATUS = APROVADO

3. Ofício de Apresentação - OK;

STATUS = APROVADO

4. Projeto de Pesquisa - OK;

STATUS = APROVADO

5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;

STATUS = APROVADO

6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

STATUS = APROVADO

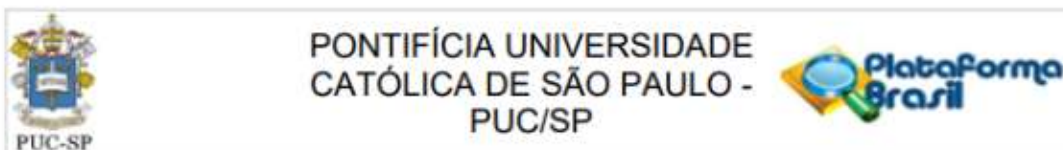
Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.841

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1777009.pdf	20/08/2021 10:49:06		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ProjetoParaComiteDeEtica.pdf	20/08/2021 10:33:52	Rafael Caneloro Campoi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa_PlataBrasilVersaoFinal.pdf	20/08/2021 10:33:39	Rafael Caneloro Campoi	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_AssinadaPorTodos.pdf	19/08/2021 19:10:14	Rafael Caneloro Campoi	Aceito
Outros	oficio_apresentacao_RafaelCaneloroCampoi.docx	19/08/2021 11:30:11	Rafael Caneloro Campoi	Aceito
Declaração de concordância	ParecerComiteRafaelCaneloroCampoi Assinado.pdf	19/08/2021 11:23:10	Rafael Caneloro Campoi	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 09 de Novembro de 2021

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br